

— Elysanna Louzada —

# HERDEIROS DO TRONO

VOL. I



 ASES DA  
LITERATURA

**Herdeiros do Trono**

**– Livro I –**

**Elysanna Louzada**

*Coordenação Editorial*

**Lycia Barros**

*Diagramação*

**Bruno Ferreira Serrano**

**Renato Passos de Oliveira**

*Capa*

**Hugo Breves**

*Revisão*

**Viviane Almeida**

**Dados internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**

Lou886 Louzada, Elysanna.

Herdeiros do Trono / Elys

São Paulo : Edito

2013.

352p. ; 16x23.

ISBN 978-85-915572-0-2 (

1. Ficção brasileira. 2. Literatura br  
I. Título.

CDD B869

Bibliotecária Responsável: Amanda Araújo de Souza Carvalho CRB 7/6351

## Sumário

Prólogo

Capítulo I

Capítulo II

Capítulo III

Capítulo IV

Capítulo V

Capítulo VI

Capítulo VII

Capítulo VIII

Capítulo IX

Capítulo X

Capítulo XI

Capítulo XII

Capítulo XIII

Capítulo XIV

Capítulo XV

Capítulo XVI

Capítulo XVII

Capítulo XVIII

Capítulo XIX

Capítulo XX

Capítulo XXI

Capítulo XXII

Capítulo XXIII

Capítulo XXIV

Capítulo XXV

Capítulo XXVI

Capítulo XXVII

Capítulo XXVIII

Capítulo XXIX

Capítulo XXX

Capítulo XXXI

Capítulo XXXII

Capítulo XXXIII

Capítulo XXXIV  
Capítulo XXXV  
Capítulo XXXVI  
Capítulo XXXVII  
Capítulo XXXVIII  
Capítulo XXXIX  
Capítulo XL  
Capítulo XLI  
Capítulo XLII  
Capítulo XLIII  
Capítulo XLIV  
Capítulo XLV  
Capítulo XLVI  
Capítulo XLVII  
Capítulo XLVIII  
Capítulo XLIX  
Capítulo L  
Capítulo LI  
Capítulo LII  
Capítulo LIII  
Capítulo LIV  
Capítulo LV  
Capítulo LVI  
Epilogo

## **Primeira Parte**

*"Há sempre uma razão, embora não haja nenhuma explicação."*

Adélia Prado

## Prólogo

E aquele mundo se chamava Petra.

No início era o nada. E do vazio o Criador concebeu a vida. Da energia cósmica do universo, Petra foi moldada. Doze reinos nasceram para serem governados por um único rei e uma única rainha. Justiça, amor e obediência às Leis da Criação — esses seriam os requisitos necessários aos governantes do Reino Unido, e enquanto essas virtudes permanecessem intactas, Petra seria um lugar de paz.

Assim foi durante muitos anos. Mas infelizmente a tentação recaiu sobre a rainha, que perdeu sua fé. Movida pela ambição do poder, ela tentou violar o Vale Sagrado, roubar a essência divina para se tornar uma deusa e dessa forma se igualar ao Criador.

O rei lutou contra ela na tentativa de salvar Petra, ameaçada de ser destruída em consequência de sua desobediência. Em uma batalha épica, em que milhares de inocentes pereceram, a Primeira Rainha foi derrotada. O grande rei clamou pelo perdão e o Criador teve compaixão da raça humana. Os homens e os anões foram poupados.

Uma aliança foi firmada entre o Pai Criador, o Primeiro Rei e seus fiéis cavaleiros. A espada que eliminou o mal de Petra foi abençoada e lacrada em um baú chamado de Arca da Aliança. O artefato foi escondido e os leais cavaleiros, entre eles, homens e anões, tornaram-se Defensores da Aliança. A eles foi dito que enquanto os descendentes do Primeiro Rei, os legítimos herdeiros do trono, governassem Petra, a unidade entre os doze reinos seria mantida. Esses cavaleiros também foram advertidos que, uma vez que o coração humano sucumbira ao mal, ele sempre vagaria por Petra. Somente aqueles cuja fé fosse inabalável ficariam protegidos das forças malignas, mas os que fossem fracos estariam à mercê da influência nefasta da Primeira Rainha.

As crônicas da Criação foram escritas em detalhes pelos bravos que lutaram ao lado do rei na primeira batalha e em outras que foram consequência da primeira. Mais tarde, os feitos foram compilados em um livro, conhecido como os Testamentos dos Primeiros Cavaleiros.

Milênios se passaram e as histórias dos Cavaleiros Sagrados, aos poucos, foram sendo tomadas como narrativas fantásticas. Os homens modernos passaram, cada vez mais, a acreditar somente no palpável, no material, e por isso o conteúdo heroico das crônicas — agora conhecidas por alegorias ou parábolas — tornava-se irreal ou inimaginável: o mar que se abriu para dar passagem aos cavaleiros, que libertavam um povo escravizado pelo mal, gigantes caminhando pela terra e sendo derrotados pelos menores dos guerreiros, um rei cuja sabedoria seria maior do

que todo o tesouro da coroa, um profeta engolido por uma baleia para ascender espiritualmente e reavivar na memória dos homens os desígnios da Criação. Tudo isso, nos tempos modernos, era metáfora para a maioria das pessoas.

De todas as tradições deixadas pelo Primeiro Rei e seus cavaleiros apenas uma permaneceu intacta: todo monarca de Petra precisava sagrar-se cavaleiro para ser coroado. Por isso, havia uma única instituição no Reino Unido que atravessou os milênios, inabalável: a Academia de Cavaleiros, uma escola militar que selecionava os mais bravos jovens para servir aos reis e rainhas de Petra.

## Capítulo I

A taberna, onde aconteciam as lutas clandestinas de boxe, ficava na periferia de Tamísia. O bar, frequentado exclusivamente por mestiços, era famoso por organizar disputas entre pugilistas amadores. Essas lutas aconteciam uma ou duas vezes a cada mês e, invariavelmente, envolviam consideráveis somas em moedas de dágoras.

Os lutadores viam nessas disputas — em que as regras oficiais do boxe eram, muitas vezes, negligenciadas —, uma oportunidade de se obter um bônus salarial que permitiria certas regalias, como uma refeição com carne de búfalo por, pelo menos, um mês inteiro.

Naquela noite, em especial, o que estava em disputa na arena não era o almoço ou o jantar de alguma família, mas o destino de três jovens mestiços, cujo único sonho era tornarem-se cavaleiros.

No centro da arena estavam Tommy e um sujeito truculento apelidado de Montanha.

Tomás Fernandez, ou Tommy como gostava de ser chamado, era o campeão juvenil de boxe da Escola Preparatória de Tamísia, irmão de Isabel e melhor amigo de Pedro e Eloise Pontes. O rapaz era um lutador nato: ágil, forte e dono de um gancho de direita que poucos suportavam receber e continuar de pé. Mas se alguém imaginasse que, naquela noite, ele estava lutando em favor de uma causa própria se enganaria. Tommy resolvera desafiar Montanha única e exclusivamente em prol da irmã e dos amigos que sonhavam com a Academia de Cavaleiros.

Pedro apostara suas parcas economias na vitória de Tommy, na esperança de que assim conseguisse dágoras suficientes para custear as despesas do Torneio de Bravura, a competição que selecionava os jovens aptos a se tornarem aspirantes a cavaleiros.

— Ei, Fernandez! Hoje você volta para casa sem os dentes da frente — Montanha provocou.

— Você vai sair daqui chorando feito uma mulherzinha. — Tommy devolveu a intimidação.

— Uhhhh! — A horda de apostadores ao redor do ringue gritou eufórica com a audácia do jovem desafiante.

Nenhum dos frequentadores conhecia a perícia de Tommy como lutador. Para os homens, que brandiam suas canecas de vinho, excitados, a luta seria encerrada por nocaute em que Montanha derrubaria o rapaz inexperiente com menos de cinco socos.

Os oponentes inclinaram o pescoço para a direita e para a esquerda, sacudiram os ombros e agitaram as mãos para aquecer o corpo.

— Vai até lá e aja com inteligência. Seja rápido. E desvie dos golpes. Faça-o cansar — Pedro encorajou o amigo, ainda que entendesse pouco do papel de orientador. — Você é

nossa última esperança — acrescentou em seguida.

Tommy o encarou de um jeito que dizia: “Nem precisa lembrar”.

O gongo soou. Os lutadores avançaram. Montanha investiu, um gancho de direita seguido por um soco de esquerda que deslocariam a mandíbula de Tommy se ele não tivesse escapado das duas investidas.

Montanha era um lutador competente, especialista na arena da taberna Cabeça de Búfalo, porém naquela noite sua agilidade e equilíbrio estavam alterados por muitas canecas de vinho. Esse era um fato interessante, pois um homem embriagado não deveria aceitar um desafio em um ringue de boxe. Mas o fato era que, no caso de Montanha, a quantidade de músculos era proporcional ao tamanho de seu ego. Sendo assim, quando o rapaz de dezenove anos provocou o homem com o dobro do seu tamanho para uma luta, ele aceitou, encorajado pelo excesso de autoconfiança. Cego por sua própria arrogância, Montanha, nem por um minuto, cogitou a possibilidade de Tommy ser um boxeador.

A corda que delimitava as fronteiras do ringue era composta por uma horda de homens bêbados que berravam em desagrado diante da falta de ação na luta. A maior parte deles apostara que Tommy cairia antes do quinto golpe. Montanha havia desferido dois sem sucesso e agora o oponente mais jovem fazia uma dança que envolvia um movimento gingado para confundir o mais experiente.

— Derrube logo esse frangote! — Um dos bêbados gritou e seu hálito, que fedia a álcool e a ovos cozidos, propagou-se acompanhando o som da sua voz rouca.

Montanha se irritou com o comentário. Ele estava tentando derrubar o *frangote*, mas o filho da mãe não parava quieto. Os olhos do brutamontes faiscavam e os punhos travados se comprimiram esperando, angustiados, o momento glorioso em que um deles esmurraria o rosto do moleque “dançarino”.

E o momento veio. Dois socos simultâneos acertaram Tommy, um “no pé do ouvido” e outro no queixo.

Montanha levantou os braços pedindo o grito da plateia enlouquecida. A taberna girou e, por alguns segundos, a visão de Tommy ficou turva, mas ele não se deixou abater, nem pela força dos socos nem pela pressão de uma torcida que lhe berrava insultos. Tommy cuspiu e uma mancha de sangue se formou no chão.

*Eu vou vencer.*

Quando se aprumou e armou o punho, Montanha bateu as mãos contra o peito como um gorila selvagem e disse:

— Vem.

E Tommy foi. Mas foi com inteligência e em vez de mandar um soco direto, como parecia

que faria, o rapaz fez uma finta de corpo e desferiu um cruzado de esquerda. Não era o seu golpe mais potente, porém serviu para elevar seu moral na luta. Então a disputa ganhou velocidade. O público gostou.

Aproveitando o bom momento, Tommy investiu uma, duas, três vezes seguidas. Acertando a base da orelha esquerda, o maxilar, no lado direito e, por fim, o supercílio de Montanha.

Os gritos agora se dividiam. Novas apostas eram feitas simultaneamente ao desenrolar da luta.

Montanha se recuperou e atacou Tommy. Direita, esquerda, direita, esquerda, soco direito, esquerda e direita novamente. O jovem desviou-se dos cinco primeiros golpes, mas os dois últimos o acertaram.

Ambos os lutadores sangravam e, aparentemente, os dois estavam debilitados, mas era Montanha quem mais sentia. Havia bebido e comido demais antes da luta. Afinal, tomara o desafio do jovem lutador como um ato de tolice e sua arrogância o fizera acreditar que venceria com facilidade. De fato, se Montanha fosse um homem sábio, saberia que não existe vitória antes que ocorra a batalha.

Tommy avançou. Acertou o oponente duas vezes seguidas nos flancos, fazendo-o se contorcer de dor. Mas o gigante invencível só caiu de vez depois de dois belos ganchos de direita, que foram um espetáculo à parte.

E o que aconteceu depois disso ficaria gravado na memória do pugilista amador: Pedro lhe ergueu os braços e a plateia ovacionou o estreante.

— Por conta da casa. — O dono da taberna Cabeça de Búfalo ofereceu aos rapazes duas canecas de vinho quando eles alcançaram o balcão do estabelecimento.

— Aos seus punhos! — Pedro segurou o próprio copo no ar.

— Eu continuo achando que essa ideia de ser cavaleiro é uma grande bobagem, mas se é a Academia de Cavaleiros que vocês querem, brindemos a isso.

As canecas se chocaram. Eles beberam um gole farto e apoiaram as vasilhas na madeira suja que separava o espaço entre o atendente e o salão. Pedro ignorou o comentário enquanto se certificava de que a renda seria suficiente para custear a viagem de três pessoas.

Tommy não simpatizava com a instituição que servia aos doze Estados do Reino Unido de Petra. Seu pai, Diogo Fernandez, um dia fora um cavaleiro e a história desse homem com a cavalaria havia terminado de maneira humilhante.

A rua mal iluminada do Cabeça de Búfalo ficava em uma região ainda não loteada de Tamísia. E não fosse a agitação da taberna, tudo que se poderia ouvir num raio de um quilômetro era o piar das corujas instaladas nas imensas árvores, que margeavam a estrada de chão batido, à medida que a madrugada avançava.

Ao passo que Pedro e Tommy se adiantavam, uma névoa baixa encobria o conjunto de prédios alguns metros à frente. As construções formavam o complexo industrial que fornecia a maior parte dos empregos da cidade. No galpão mais afastado confeccionavam-se cordas de mais de cinco tipos de fibras naturais. Ao lado deste, funcionava uma confecção de lonas utilizadas nos grandes navios fabricados no estaleiro que ficava na zona portuária de Tamísia. Ainda compunha o complexo, duas tecelagens, uma oficina que reformava praticamente todas as carruagens da cidade e uma ferraria.

Ao todo, mais de trezentas pessoas trabalhavam ali. Talvez por isso o Cabeça de Búfalo estivesse sempre cheio, porque, à exceção dos proprietários das fábricas e dos encarregados, os demais funcionários do conglomerado eram mestiços.

Já se anunciava a esquina próxima, que levava ao centro da cidade, quando a marcha silenciosa de Pedro e Tommy foi interrompida por gritos que soaram abafados pelas construções. Eles se entreolharam por alguns segundos como se duvidassem do que ouviam, mas antes que tivessem a certeza de que o som estranho era fruto de uma imaginação cansada, escutaram novamente: uma voz entrecortada que, agora, se distinguia como um pedido de socorro.

Pedro e Tommy adentraram o complexo manufatureiro com cautela. O lugar parecia deserto, a fumaça branca soprada pela madrugada deixava o ambiente com um aspecto sepulcral. O pedido de ajuda cessou e por alguns instantes eles consideraram novamente a possibilidade de terem ouvido demais. Então Pedro gritou para descobrir se havia realmente alguém precisando de ajuda.

— Aqui — uma voz rouca respondeu. — Por favor.

Os jovens seguiram a direção do som e, alguns metros à frente, nas proximidades da casa de ferros, viram um rapaz caído e, aparentemente, sem condições de andar. Ele sinalizava com um braço erguido com dificuldade.

Eles se aproximaram e, no momento em que o fizeram, reconheceram o jovem: André, um aluno da Escola Preparatória de Tamísia, da turma de esgrima de Eloise, a irmã gêmea de Pedro.

O estado do rapaz era alarmante. Com as costas apoiadas no portão da ferraria, tentava, em vão, com uma camisa rasgada, estancar o sangue que escorria de dois cortes, um na maçã do rosto e o outro na têmpora.

— Cara, o que aconteceu? Foi atropelado por um búfalo?

— Um só não, Tommy. — O jovem ferido respondeu com a voz falhada. — Foram três para ser exato — completou depois de tossir duas vezes. Havia marcas de chutes em seu estômago, o que provavelmente provocara ferimentos internos.

— Isso aqui é o que eu estou pensando? — Pedro perguntou com uma expressão de revolta.

André assentiu.

— Gazares.

A distinção entre gazares e mestiços era puramente étnica. Os primeiros descendiam das famílias cujas raízes genealógicas se originavam dentro das fronteiras territoriais do Estado de Gazara, um dos doze reinos do Reino Unido de Petra. Já os mestiços descendiam de imigrantes.

— Três contra um — Tommy rosnou.

— Eles só agem na covardia — Pedro completou, ao mesmo tempo ofereceu apoio para André levantar.

Tommy acompanhou o movimento de ajuda. Não foi preciso perguntar nome dos agressores. Os dois sabiam que o bando de Estéfano estava envolvido em mais esse ataque.

O rapaz em questão era filho do primeiro-ministro do Estado de Gazara e também estudava na Escola Preparatória. Clandestinamente, comandava uma gangue que coagia os mestiços a abandonar a instituição. Estéfano Talmai era a extensão exata da política extremista do pai, Heron.

O primeiro-ministro ganhara as eleições com a plataforma “Gazara para os Gazares” e desde então colocara em prática suas promessas de campanha, dentre as quais dividir as instituições de ensino: gazares e mestiços deveriam estudar em escolas separadas. As únicas unidades que permaneceriam mistas seriam as escolas preparatórias para a Academia de Cavaleiros. Em todo o reino de Gazara havia apenas três dessas instituições e uma delas ficava em Tamísia.

— Consegue andar? — Tommy perguntou quando aprumaram o colega ferido.

O rapaz fez que sim com a cabeça, evitando falar.

— Onde você mora, André? — Pedro quis saber ao deixarem a fábrica.

— Do outro lado da cidade — ele respondeu com desânimo. Era um longo trajeto. Tommy e Pedro residiam na parte central de Tamísia. — Mas não precisam me carregar até lá — acrescentou.

— Não esquentar com isso — Tommy falou num tom casual. — Você fica lá em casa, Isabel vai cuidar de você.

O trio demorou mais de uma hora para alcançar a Primeira Avenida. A alameda descansava do intenso movimento diurno de carruagens e pedestres. A via passava em uma

grande linha reta pelo centro financeiro e comercial de Tamísia. Era uma rua elegante, ladeada por árvores coloridas e pavimentada com pedra sabão. Em alguns trechos, os que ficavam perto dos cafés e confeitarias, havia assentos de madeira ao canto das calçadas.

A dois quarteirões estava o modesto consultório médico de Beatriz Fernandez, mãe de Tommy. E, seis blocos adiante ficava a casa dos Fernandez, uma construção modesta de dois andares, que era vizinha ao sobrado onde os Pontes moravam e que, por sinal, estava vazio naquela noite. Eloise e Pedro costumavam dormir na casa dos amigos quando sua mãe, Laura, estava fora da cidade.

— Bel! — Tommy bateu à porta do quarto da irmã enquanto Pedro acomodava André no sofá da sala. — Bel!

— Ah... oi... Elô. Tem um rapaz lá embaixo... É o André...

— O que tem ele?

— Parece que uns gazares o atacaram...

— Ele está bem?

— Um pouco machucado, mas vai sobreviver.

— Vou acordar Isabel. A gente desce num minuto.

Eloise poderia ter feito sozinha os curativos em André, mas sabia que Isabel iria se interessar em ouvir o relato do colega. As duas lideravam um pequeno movimento estudantil que espalhava panfletos pelos corredores da Escola Preparatória de Tamísia criticando as ações segregacionistas do primeiro-ministro e encorajando a resistência da dignidade mestiça. Os artigos anônimos saíam uma vez a cada mês e nos últimos meses haviam começado a causar burburinho na instituição.

“Não queremos mestiços na Academia!”

Assim os agressores se despediram de André, abandonando-o à própria sorte. Machucado e impossibilitado de andar sozinho, ele provavelmente ficaria caído até o momento em que os funcionários das manufaturas chegassem para um novo turno de trabalho.

— Que idiotas — Isabel desabafou, finalizando o último curativo.

— A Academia recebe alunos dos doze Reinos. São doze etnias diferentes — Eloise emendou o discurso no momento em que desceu as escadas de madeira que ligava os dois pavimentos do sobrado. Ela fora buscar lençóis e um travesseiro para André se acomodar no sofá. — Será que esse pessoal não tem noção do absurdo que estão falando?!

— Eles nos odeiam — André afirmou com pesar.

— Mas você não vai desistir da Academia, vai? — Eloise perguntou, percebendo uma nota de tristeza na voz do colega esgrimista.

— Eu não tenho alternativa...

— André! — Isabel sobressaltou-se. — Você não pode ceder à pressão. Quer dizer, eu

sei que está todo machucado, mas você pode ser mais cauteloso quando sair às ruas. Sei lá, parar de andar sozinho, por exemplo.

— Não tem a ver apenas comigo. — O rapaz encarou o chão antes de continuar. — Eu sou o mais velho de seis irmãos. Meus pais trabalham para os gzares. Se eu não ceder, eles perderão o emprego. E... — André hesitou por um momento — eles disseram que, se mesmo assim eu insistir, pegarão a minha irmã.

— Desgraçados! — Pedro rosnou.

— Eles não seriam nojentos a esse ponto — Eloise contrapôs.

— Estéfano é um covarde, mas não seria capaz de ordenar esse tipo de violência — Isabel emendou.

— Eu não tenho essa certeza. A ameaça que me fizeram não parecia um blefe. Eles se mostraram bem seguros do que diziam.

O problema era que o tempo livre de André era ocupado com o trabalho. Por um intervalo de horas seus irmãos pequenos ficavam em casa guardados apenas por sua irmã de quinze anos. Ou seja, à mercê de um agressor mau-caráter o suficiente para atacar uma menina e quatro crianças. O que, em se tratando da milícia estudantil, não era uma possibilidade difícil de acontecer.

Três dias se passaram e André não retornou à escola, nem mesmo para pedir a transferência de curso ou despedir-se de seus amigos.

Os extremistas implacáveis haviam vencido. Mais uma vez.

## Capítulo II

O vento que vinha do nordeste impregnava o ambulatório de Beatriz Fernandez com cheiro de sal. Costumeiramente, a maresia não alcançava a região central da cidade, mas naquele dia as correntes marítimas impulsionavam o ar de maneira mais intensa.

As portas do consultório estavam abertas. Embora a médica e a enfermeira, Laura Pontes, estivessem viajando a trabalho, o funcionamento do local, referência para a população carente, era garantido por Isabel e Eloise. As duas, além de prestar os atendimentos primários que um curso técnico de enfermagem permite, garantiam a regularidade da distribuição gratuita de extratos naturais, cuja técnica de manipulação Beatriz aprendera com seu antigo professor, Semil Arzu, quando este ano ocupava uma cadeira de mestre na Escola Estadual de Medicina de Dravos.

O entardecer aproximava-se e o cheiro do oceano, que em geral era um tranquilizante natural para Isabel, naquele dia mal estava sendo apreciado pelos sentidos aflitos da jovem. Na recepção do ambulatório ela encarava as horas, que insistiam em se arrastar deixando seu estado emocional em um nível crítico que beirava a agonia.

*Por que a Eló é tão teimosa? Tommy e Pedro tinham que ter ido com ela...*

*“Vai chamar muita atenção”* Ela imitou a voz da amiga em uma teatralização mental.

Estavam a um dia da distribuição mensal dos panfletos clandestinos e a surra no mestiço André não seria nada em comparação ao que a gangue covarde poderia fazer com os líderes da panfletagem escolar.

Eloise, que se encarregara de buscar a remessa de papéis, deveria ter voltado há um bom tempo.

Isabel, colada ao batente da porta e com os olhos fixos na esquina, via o alaranjado do pôr do sol começar a desaparecer e com ele o tênue fio de equilíbrio que a sustentava, impedindo-a de correr até a taberna de seu pai e pedir ajuda a Tommy. Ou a Pedro, que trabalhava nas proximidades.

Então, ela surgiu. Vinha a passos largos, com um semblante chocado. A pele branca estava ainda mais pálida, o cabelo negro alvoroçado e o peito ofegante. Eloise não trazia consigo a bolsa que levava para esconder os panfletos.

Isabel gelou.

O homem que fazia a impressão dos papéis era um viúvo aposentado e de saúde debilitada.

— Entre, menina — o idoso falou com a voz rouca de sempre. Ele viu a garota da janela do prédio em ruínas que dividia com outros cinco moradores em igual condição.

A construção ficava em uma rua estreita e abandonada, que no passado ligava a Primeira Avenida à região em que residiam os moradores mais ricos de Tamísia. A passagem, agora em desuso, fora substituída por uma ponte cuidadosamente projetada para encurtar as distâncias percorridas pelos influentes moradores até o centro da cidade. O caminho, que antes era varrido todos os dias por funcionários públicos, tornara-se um amontoado de lixo e o lar de muitos ratos e baratas.

Eloise abriu a porta do prédio, que rangeu profundamente. Trazia consigo uma bolsa a tiracolo na qual esconderia o maço de mil folhas que estavam prontas.

A escada torta, que se mantinha de pé mais à custa de teimosia do que por qualidade estrutural, estava logo à frente. A jovem subiu os degraus até o terceiro andar. O lance, muito íngreme, era o principal motivo pelo qual o idoso não saía de casa.

— Como o senhor está? — Ela perguntou depois de abraçar o homem que parecia o avô que ela nunca conhecera.

— Estou bem, minha querida — ele respondeu e indicou uma cadeira antiga para Eloise sentar.

— Temos um morador novo — disse enquanto girava a chave na tranca da porta. Falou como quem conta a última novidade do ano. — Mas não é um velho chato igual a mim — continuou seguindo em direção à pia da cozinha.

O apartamento não possuía divisões, exceto para o banheiro. Por isso o quarto, a cozinha, a sala e a gráfica improvisada ficavam num mesmo ambiente.

— O senhor não é chato — Eloise o repreendeu com um sorriso sincero, observando-o despejar um líquido preto em uma xícara de asa quebrada. A garota se afeiçoara a ele verdadeiramente depois que ela e Isabel passaram meses levando medicamentos para o idoso enquanto ele se recuperava de uma pneumonia que quase lhe ceifara a vida.

O velho lhe estendeu a xícara fumegante.

— Eu sei que você gosta.

— O senhor fez café? — Ela se surpreendeu. O pó torrado era um item caro na lista de compras de alguém que vivia com as dágoras contadas.

— Foi o meu novo vizinho quem me deu. Ele é um jovem muito simpático e atencioso. Da mesma maneira que você e Isabel. Gostaria que ele estivesse aqui para apresentá-los.

— Fica para outra vez. Hoje estou com um pouco de pressa.

— Algum problema? — Ele notou a feição preocupada de Eloise.

Sim havia. Mas ela mentiu.

— Não é nada, é só falta de tempo mesmo — disse e provou o café. — Está ótimo, forte como eu gosto.

— Obrigado, minha cara. Gostaria que pudéssemos conversar, contudo não vou atrasá-la. Aqui estão. — O tipógrafo experiente já estava com o material separado e embalado, de acordo com as especificações das clientes.

Eloise escondeu os volumes na bolsa, mas antes retirou uma folha de amostra para admirar o trabalho.

— Está perfeito — ela elogiou com um sorriso amplo. Em seguida dobrou o papel e colocou-o no bolso da saia comprida. — Vou tentar voltar amanhã com Isabel para uma visita sem pressa — acrescentou por fim.

A jovem deixou o prédio carcomido pela ação do tempo sem olhar para trás. Seu coração estava apertado e a consciência afetada pela lembrança do que acontecera com André. Tomou o caminho de volta para o ambulatório num passo ligeiro e teria sido novamente pontual na chegada não fosse um encontro inesperado e nada agradável que fez seu estômago se contorcer.

Por dois segundos ela pensou em correr na direção oposta, mas já estava na parte mais afastada e delgada da rua quilométrica. Eles a alcançariam com facilidade e a fuga denunciaria a culpa.

*Estou perdida.*

— Ora, ora, ora! — A voz forçadamente melosa de Estéfano soou de maneira repugnante.

*Que agradável surpresa.*

O gazar sorriu um sorriso nojento e trocou um olhar desprezível com quatro de seus comparsas, que estavam recostados no muro lodoso da via estreita.

Eloise tentou não demonstrar que suas pernas vacilaram de repente.

— Não tenho tempo para conversa fiada — ela disse com firmeza. — Vê se me deixa em paz.

Atacar para se defender às vezes funciona... Às vezes não.

— Que modos são esses? — Estéfano disse num tom irônico que o deixava semelhante a um rato uniformizado com paletó e gravata. — Você costuma ser tão gentil com as pessoas... Por que insiste em me tratar mal?

O gazar não se referia apenas ao momento, mas à maneira como Eloise agia na escola: com indiferença profunda em relação ao cobiçado filho do primeiro-ministro. A posição política que o pai ocupava e as dágoras que possuía faziam de Estéfano uma celebridade na escola. Quase todas as garotas queriam agradá-lo.

— Estou atrasada. — Ela avançou dois passos, mas foi impedida de continuar porque o chefe da gangue se colocou em seu caminho. Os outros gazares se posicionaram de modo a bloquear o

outro lado da via.

— Por que tanta pressa? E por que me evita dessa maneira? Acaso tenho uma doença contagiosa? — Ele se movia tal qual uma serpente que deseja hipnotizar sua presa.

Eloise não gostou do sorriso malicioso que se formou no rosto dele. Suas entranhas gelaram.

— Engraçado encontrar você aqui — Estéfano continuou.

— Aqui vivem muitos mestiços que foram esquecidos pela assistência social do governo — ela atacou de novo.

Estéfano, entretanto, não se abalou.

— Tem razão. Inclusive um velho tipógrafo...

A menção fez a bolsa em que carregava os panfletos de repente parecer uma carga prestes a incendiar. *Ele sabe*. O pensamento foi desesperador.

Estéfano se aproximou de Eloise e cravou os dedos no braço dela de maneira violenta.

Com uma sacudida, ela estava a centímetros dos impiedosos olhos azuis que a encaravam faiscantes.

A jovem ficou sem reação.

— Eu sei o que você está fazendo aqui — o gazar murmurou. Os outros não ouviram.

Seu hálito desagradável fez com que Eloise sentisse ânsias de vômito.

— O que vai fazer? — ela sussurrou de volta, a voz trêmula transparecendo pavor.

— Acho que você já sabe. Se for boazinha comigo, esse assunto pode ficar só entre nós...

Ela se contorceu tentando se soltar. Foi inútil.

— Sabe — ele continuou —, sempre considere um desperdício você ser mestiça. Eu posso mudar isso, se concordar em ser minha...

— Ei! — Um grito grave e áspero atravessou a rua estreita.

Estéfano desviou os olhos de Eloise apenas o suficiente para conferir quem era o imbecil — definição dele —, que tinha a audácia de gritar com um *Talmi* naquele tom.

— O assunto aqui não é da sua conta — Estéfano rosou em resposta.

— Solte-a.

Por alguns momentos, o gazar não acreditou no que tinha acabado de ouvir. Sua expressão assumiu contornos de fúria.

Eloise estremeceu, ainda presa às garras do garoto.

— Agora! — A palavra foi uma ordem direta e soou mais perto do que antes.

O arrogante *Talmi* ainda tentou reconhecer o dono da voz, mas o misterioso sujeito trajava uma capa que lhe cobria todo o corpo, inclusive o rosto.

Estéfano acenou para sua gangue e eles se prepararam para deter o intrometido, que agora estava a poucos passos deles.

— Não! — Eloise gritou, apavorada com a possibilidade de uma pessoa ser espancada. — Pare com isso... — ela implorou, sentindo-se culpada pelo que iria acontecer ao sujeito.

O filho do primeiro-ministro não se comoveu. Embora fosse péssimo lutador, não via problemas em comprar uma briga, pois seus amigos, com físico de rinocerontes, faziam o trabalho sujo por ele.

— Não quero testemunhas — o líder ordenou quando seus agentes cercaram o homem encapuzado.

Eloise, de costas para a cena, se debatia inutilmente tentando se soltar. Mas o que o arrogante filho do primeiro-ministro não sabia era que, naquele fim de tarde, o desfecho de seus ataques seria diferente. E ainda que os brutamontes estivessem em vantagem numérica, cairiam antes de perceber onde haviam sido atingidos.

Sem que os atacantes notassem, o estranho sacou um bastão de madeira de dentro da capa e com três investidas precisas derrubou o primeiro. Um golpe na caixa torácica. Outro na perna. O último no pescoço. O gazar caiu inconsciente. Em questão de um minuto os outros três também jaziam no chão, possivelmente dois deles com a perna quebrada.

Estéfano, apavorado com a perícia do lutador, colocou Eloise à sua frente, como escudo. E não hesitou em retirar do bolso da calça uma adaga e encostar a lâmina afiada no pescoço da refém.

— Não chegue mais perto! — Estéfano ameaçou. — Não sabia que a mestiça aqui tinha guarda-costas — completou com desdém.

O rosto do homem ainda estava encoberto e Eloise achou que a estrutura física dele lembrava Diogo Fernandez, alto e de ombros largos. Mas seria impossível que o pai de Tommy a estivesse socorrendo, uma vez que ele estava fora da cidade na companhia de Beatriz e Laura.

— Se der mais um passo, o pescoço mestiço dela vai sofrer as consequências.

— Se fizer algum mal a ela, o seu pescoço gazar também vai sentir — o homem devolveu, sem se intimidar.

— Então, estamos num impasse — Estéfano rosnou de volta. — O que acha de baixarmos as armas ao mesmo tempo? — Propôs.

O sujeito de capuz não precisou aceitar proposta alguma. Antes que o Talmi pensasse em ouvir a resposta, ele lançou um dardo que acertou-lhe o braço. Não houve tempo de reação. Estéfano caiu inerte no chão imundo da rua.

Eloise ainda ficou em choque por alguns segundos, ouvindo o arrastar dos corpos para a penumbra no canto de uma das paredes úmidas que formavam o corredor do beco.

— Quem é você? — As palavras finalmente saíram da garganta pressionada pelo medo.

— Ninguém. — A voz era grave e inflexível.

— Você os matou? — Eloise perguntou apavorada.

Eles eram canalhas, quanto a isso não restavam dúvidas. Matar, entretanto contrariava todos os princípios de justiça da jovem.

— Não. Eles só estão desmaiados.

— Por que me salvou?

— Estava em perigo — respondeu ele como se o dissesse o óbvio.

— Como...? Eu nunca vi ninguém... Quer dizer... Eram quatro contra um. Eles nem chegaram a encostar a mão em você... E depois o Estéfano...

— São amadores — o homem disse num tom neutro. E virando-se para ela acrescentou apontando para a bolsa a tiracolo: — É melhor eu ficar com isso.

Atordoada, Eloise agarrou a alça da bolsa trazendo-a para junto de si.

— Eu sei o que você está carregando. Não é seguro continuar com esse pacote.

— Você é o novo vizinho?! — Ela se lembrou das palavras do velho amigo.

— Sou. Por favor, me dê os papéis.

O estranho segurou a alça da bolsa com as mãos cobertas por uma grossa luva de couro. Em seguida acrescentou:

— Não venha mais aqui. É arriscado. Eles já sabem do tipógrafo.

— Eu não posso simplesmente deixar de vir — Eloise contestou. — Não vou abandoná-lo.

— Ele não ficará mais aqui. Eu o levarei para um lugar seguro ainda hoje.

— Por quê? Quero dizer... Por que está nos ajudando?

— Digamos que eu simpatizo com a sua causa.

— Obrigada... — Eloise sussurrou e olhou para os cinco gazares caídos rente à parede.

— Não por isso. Um dia pode ser você a me salvar.

— Eu conheço você? — Eloise não sabia explicar, mas o estranho, de repente, lhe transmitiu uma sensação de familiaridade.

— Provavelmente não — ele disse e partiu sem dar a ela nova chance de réplica.

*Aquilo era real?!* Ela se perguntou enquanto a capa esvoaçante do misterioso salvador desaparecia na rua sem fim.

Eloise não prestou atenção em nada enquanto refazia o caminho para o consultório. Andava como se estivesse em um sonho onde as imagens se misturam formando um borrão irreconhecível. Dúvidas, ansiedade, medo, mas, sobretudo, culpa assomavam-se dentro de sua mente confusa. Agora o amigo estava em situação de perigo e seria obrigado a se mudar. Suas ações haviam prejudicado um homem inocente.

*Para onde ele vai? Quem vai cuidar dele agora? Será que ele tem algum parente e esqueceu-se de dizer? E, afinal, de onde surgiu esse vizinho? Por que tem tanto interesse em me ajudar? Bem... Talvez não esteja me ajudando. Provavelmente esteja protegendo o tipógrafo. Mas, então, por que me salvou? Ah... eu estava em perigo.*

Eloise era puro conflito. Por mais que ela tentasse organizar os fatos em sua cabeça, nada se encaixava. Nada fazia sentido. E no meio de toda essa crise de consciência, ela se deu conta de que, provavelmente, seu maior problema ainda estivesse por vir.

*Pelo Criador, o que eu vou fazer com Estéfano? Ou melhor, o que ele vai fazer comigo?*

— O quê?! — A surpresa de Isabel ecoou nas paredes do ambulatório fazendo as palavras tomar proporções de assombro.

— Exatamente o que você ouviu. De alguma maneira Estéfano descobriu sobre os panfletos.

— E agora? Nossa...! O que vamos fazer? E se ele resolver se vingar?

— Não sei. — Eloise encolheu os ombros. — Só não queria precisar contar isso ao Pedro...

— É bem capaz de querer tirar satisfação com Estéfano. E Tommy também não vai ficar quieto — Isabel completou prevendo um problema. — Mesmo assim, acho que devíamos contar o que aconteceu. Você foi ameaçada e agora está marcada. Além disso, precisamos justificar o sumiço dos panfletos. O que vamos dizer? Que você perdeu mil folhas de protesto?

— Mil não. Novecentas e noventa e nove. — Eloise retirou o exemplar que havia guardado no bolso da saia.

Isabel desdobrou o papel para ler o conteúdo.

— Este seria o melhor de todos.

Eloise não respondeu. A lembrança vagava pelo beco imundo. Passado o estresse inicial, sua mente divagava envolta em uma estranha sensação. Uma impressão, na verdade. Um efeito esquisito que teimava em suplantar as questões mais relevantes que o encontro no beco provocaria.

“Eu conheço você?”

“Provavelmente não.”

“Provavelmente” não era um “não” e era isso que atormentava a jovem. Porque ela tinha uma *real* sensação de que não era a primeira vez que alguém a salvava de uma situação de risco. Não era a primeira vez que alguém se oferecia, ainda que em desvantagem, para socorrê-la.

### Capítulo III

Era hora do almoço, o refeitório da Escola Preparatória de Tamísia estava abarrotado de alunos. Menos de vinte e quatro horas haviam se passado desde o surpreendente encontro de Eloise e os gazares na rua estreita e deserta, no dia anterior. A jovem ainda não havia se deparado com o grupo e temia pelo encontro, embora soubesse que dentro do prédio escolar ela tinha imunidade. Pelo menos ali as regras ainda eram obedecidas.

O número de mesas e cadeiras do local de almoço era insuficiente para abrigar os estudantes, por isso muitos se acomodavam pelo chão ou buscavam o pátio, onde se sentavam nos bancos espalhados pela grama. Felizmente, não estavam nos dias rigorosos do inverno, de modo que comer ao ar livre ainda era uma opção.

Pedro, Tommy, Isabel e Eloise eram os últimos da fila da refeição. Eloise estava tão distraída contando quantos alunos ainda havia à sua frente que não conteve o sobressalto quando dedos se fecharam de forma quase agressiva em seu braço.

— Precisamos ter uma conversinha.

As palavras, que saíram de dentes trincados de raiva, faiscaram discretamente próximo ao ouvido de Eloise, de modo que somente ela ouviu o que Estéfano disse.

— O que você quer? — Ela perguntou num sussurro.

— Só conversar. Não precisa ter medo de mim. Eu não mordo.

— Eu não tenho medo. Tenho nojo.

Ainda que estivesse com receio das atitudes de Estéfano, Eloise não foi capaz de conter as palavras nem o volume da voz. E infelizmente o desliz momentâneo chamou a atenção de quem ela mais desejava que ficasse alheio ao problema.

— Perdeu alguma coisa aqui, Estéfano?

Pedro se aproximou dos dois. Tommy ao lado dele, tão surpreso quanto o amigo.

— Não estou falando com você — o gazar rosnou.

Isabel trocou um olhar apreensivo com a amiga. A conversa chamou a atenção de todos. Estéfano raramente almoçava no refeitório e, quando o fazia, sentava-se na melhor mesa, cercado de amigos tão ricos e arrogantes quanto ele.

— Ele quer falar comigo — Eloise respondeu. — Está tudo bem, Pedro. Eu tenho mesmo que conversar com ele — ela disse para evitar um problema. Depois sacudiu o ombro para se livrar do toque repugnante.

— Não tem, não. — Tommy interpelou antes mesmo que Pedro reagisse à resposta.

Isabel foi rápida, metendo-se entre os garotos interpretando a postura subitamente agressiva

do irmão como um estopim para uma briga.

— Não sabia que tinha *outro* cão de guarda. — Estéfano desdenhou a atitude de Tommy destacando as palavras num tom aviltante.

O jovem Fernandez inflou o tronco como se prestes a explodir.

— Eu *quero* falar com ele — Eloise enfatizou a vontade para acalmar os ânimos.

— Tem certeza, Elô?

Eloise assentiu e seguiu Estéfano, que abriu espaço por entre os colegas admirados com o inusitado da situação. Os dois foram para a mesa dos gazares.

— Saíam. — Estéfano ordenou aos outros antes de se sentar.

Eloise sentiu vontade de sair correndo dali e voltar para a companhia do irmão, mas fez um esforço imenso e se acomodou do lado oposto de onde Estéfano estava sentado.

— Não sou idiota, Eloise — ele murmurou entredentes. — Sei que está panfletando.

— Você não tem provas.

— Tem razão. Não tenho provas... *ainda*. — Estéfano acentuou a condição como uma ameaça. — Quem era o guarda-costas que nos atacou?

— Não sei.

— Não sabe ou não quer dizer a verdade para proteger um amiguinho?

— Eu não faço ideia de quem ele seja. Mas você tem razão, mesmo que soubesse não diria, porque, com certeza, ele é alguém com mais caráter que você.

— Sabe o que é engraçado? — Estéfano ignorou o sarcasmo. Havia uma satisfação perversa em seus olhos. — Não estou com raiva.

— O quê? — Eloise perguntou, incrédula.

— Isso só aumentou meu desejo — ele disse e se aproximou de forma indesejada para acrescentar: — Quero você para mim.

— Eu não sou um objeto. E você é doente! — O estômago de Eloise reagiu com repugnância.

— Você é forte — ele continuou sem se importar —, determinada. E linda.

— Faltou acrescentar *mestiça* à sua lista.

— Não me importo com esse detalhe.

— Detalhe! Estéfano, você humilha e despreza as pessoas por serem mestiças e de repente isso se torna um *detalhe*.

— Seria inteligente ficar comigo. Posso protegê-la.

— Sei me defender sozinha. E não quero ficar com você.

— É exatamente isso que me fascina. É corajosa. Não se deixa intimidar por qualquer coisa, nem mesmo pelo fato de eu ser filho do homem mais poderoso de Gazara. Gosto disso.

— Você é louco.

— Muita coisa vai acontecer, Eloise. Estou oferecendo um sobrenome gazar a você. Posso burlar a lei e seus registros de mestiça desapareceriam no momento em que eu quisesse.

— Muito obrigada, mas dispense sua generosidade e o seu sobrenome.

— As coisas vão piorar para os mestiços. Se eu fosse você, pensaria na minha oferta enquanto há tempo. Sou sua melhor opção.

— É muita pretensão sua...

— Também sou paciente para esperar por algo que valha a pena. Ah, e não precisa se preocupar: ninguém vai encostar um dedo em você. Pelo menos enquanto eu *ainda* esperar a minha resposta — disse e saiu.

Pedro e Isabel haviam encontrado lugares em uma mesa que ficava próxima ao espaço onde os alunos empilhavam os pratos utilizados no almoço. Não era difícil imaginar por que os assentos estavam desocupados: a pilha de utensílios, impregnada com restos de alimento, eliminava boa parte do apetite.

Tommy, que desistiu da fila para observar o diálogo entre o gazar e Eloise, estava encostado na parede, de braços cruzados na altura do peito e com uma cara de extremo mau humor, quando a irmã de Pedro se aproximou.

— Não vai almoçar? — ela perguntou tentando parecer natural, como se o que acabara de acontecer entre ela e Estéfano fosse algo corriqueiro. Como se o fato de o gazar praticamente tê-la arrastado para uma conversa particular não fosse suspeito, levando em consideração o fato de André ter sido espancado havia menos de uma semana pelos capangas do filho do primeiro-ministro.

Tommy a seguiu fingindo aceitar com naturalidade a contradição, fingindo não estar louco de vontade de saber o que Estéfano queria com ela, dissimulando a vontade de esmurrar a cara “de engomadinho” do gazar e de proibi-lo de se aproximar de Eloise. Os nós dos dedos de Tommy estavam brancos quando ele se viu obrigado a segurar o prato de comida. E ele precisou de muito mais esforço para não partir o frágil objeto de cerâmica em suas mãos enormes cheias de raiva contida. Porque naquele momento tudo o que ele conseguia sentir era fúria, e não uma fúria comum, mas a pior delas: aquela que nasce do ciúme.

Sim, Tommy estava tomado de ciúmes porque ele estava amando. Amando a garota que era sua vizinha desde os 7 anos. A que almoçava com sua família todos os domingos, a que dormia no quarto de Isabel, a que pensava nele apenas como um irmão mais velho, a irmã do seu melhor amigo...

Dizer que Tommy não resistira à paixão, seria mentir. Ele tentou, arduamente, fugir do

sentimento que o pegou de surpresa. Não conseguia imaginar um namoro entre pessoas com personalidades tão distintas e com objetivos tão diferentes.

Ela queria ser amazona, ele desprezava a cavalaria. Eloise se preocupava com política e questões raciais, ele nem sequer lia o jornal. Ela era culta, ele um toco que fora reprovado por dois anos consecutivos na escola. Ela sensível, ele um bruto. Ela praticava esgrima, ele pugilismo. Ela seguiria para a Academia militar e ele para o Triângulo de Zarthan.

A lógica e a resistência, no entanto, dificilmente seriam capazes de impedir o que Tommy estava sentindo. Era algo tão arrebatador, tão intenso, tão desconcertante que chegava a doer, como se uma força invisível passasse o coração daquele rapaz no moedor de carnes toda vez que Eloise sorria para um garoto. E sempre que ela falava sobre a carreira na cavalaria ou a vontade de conhecer os doze Reinos de Petra a serviço da Academia — o que, sem dúvida era o pior de ouvir, pois significava a possibilidade de se afastar dela para sempre.

Então, ele cedeu. Ainda que por poucos meses estava disposto a viver o amor, embora soubesse que isso o condenaria a uma vida inteira cativo a esse sentimento impossível.

Pedro estava com um humor azedo quando Eloise e Tommy ocuparam os assentos vazios na mesa rejeitada pelos demais alunos.

— Muito bem — ele começou sem cerimônia —, você deve ter uma explicação, no mínimo, interessante para ter saído com aquele sujeito.

Eloise e Isabel trocaram olhares de hesitação.

— Tenho. Mas você precisa me prometer que vai ouvir tudo o que eu disser de boca fechada.

Pedro assentiu em silêncio, embora as palavras já o tivessem desagradado.

Eloise contou uma história editada mantendo o foco na aparição do estranho sujeito que atacara os gazares, que apenas *discutiam* com ela, e no inesperado pedido de namoro.

— Isso é até uma vantagem para mim — Eloise justificou. — Veja bem: Estéfano descobriu que *eu* era responsável pelos panfletos. Ele deveria estar furioso, mas não está. A fissura dele por mim vai nos livrar de uma retaliação.

— Eloise tem razão. Estéfano poderia se vingar, o que seria muito pior — Isabel concordou.

— Não sei. Não confio nesse cara. Para mim, ele não vai ficar de braços cruzados esperando uma resposta da Elô.

— Faltam apenas alguns dias para o término das aulas, até lá eu dou um jeito de fugir dele ou sei lá...

Pedro tinha razão. Estéfano não era uma pessoa comum. Aliás, o rapaz estava longe disso: o jovem Talmai era alguém acostumado a ter tudo. Mimado, arrogante, preconceituoso e possessivo seriam boas palavras para começar a definir o seu caráter. E se Eloise conhecesse a mente obsessiva dele, provavelmente seria mais cautelosa.

— E o tal sujeito que atacou os gazares? Tem certeza de que não sabe quem é? — Tommy quis saber.

— Tenho.

## Capítulo IV

O jantar distribuído sobre a mesa da cozinha dos Fernandez era uma refeição que incluía carne de búfalo assada, batatas com orégano, arroz, vegetais cozidos e banana caramelada com canela. O belo cardápio eram as generosas sobras do almoço servido na taberna de Diogo Fernandez que, na ausência do dono, era comandada por Joseph, o gerente da casa e Bertha, uma cozinheira fantástica, cujos pratos eram uma das razões para o intenso movimento do local.

— Isso aqui está ótimo — Tommy falou apontando o garfo para a enorme fatia de carne que havia no próprio prato. — Se dona Bertha fosse um pouco mais bem-humorada seria a mulher perfeita.

— Ah, qual é Tommy?! Então, a mulher ideal para você só precisa saber cozinhar e sorrir. Isso é bem machista — Isabel protestou.

— Eu não falei isso.

— Mas foi isso que deu a entender.

— Você é muito *cricri*, Isabel. Eu só disse que se ela fosse uma pessoa legal, seria perfeita.

Concorda comigo, Pedro?

— Com qual das duas afirmações? — ele perguntou com um sorriso provocativo, olhando para Isabel que estava sentada à sua frente. Ela o encarou com a expressão fechada. — Bom... eu acho que deveríamos resolver isso com uma corrida, o que acham?

Pedro trabalhava como cuidador dos animais do Petrolina Carros de Transporte, uma empresa de aluguel de coches. E vez ou outra convencia seu chefe, Amadeu Petroski, a lhe emprestar os cavalos de montaria que havia no Petrolina. Os animais de raça nobre eram os preferidos de Petroski, que, por diversas vezes, rejeitara montantes consideráveis em dólares pelos animais.

— Eu topo — Isabel respondeu empolgada.

— Para mim não vai dar.

— Está com medo, maninho?

— Não, Bel. Mas infelizmente eu ainda preciso terminar um trabalho para entregar amanhã na escola.

Tommy passava a léguas da definição “aluno responsável” e, invariavelmente, entregava seus textos com atraso. Não fosse seu carisma para estender os prazos com os professores, provavelmente seria reprovado mais uma vez.

— E você, Elô? — Isabel chamou a atenção da amiga estranhamente quieta.

— Eu o quê?

— Vem conosco?

— Para onde?

Eloise não estava apenas em silêncio, mas completamente dispersa. Não havia escutado uma única palavra do que fora conversado à mesa.

— Cavalgar... — Isabel esclareceu.

— Humm... Hoje não.

— Ótimo. Então, poderia me ajudar a terminar o trabalho? — Tommy pediu, animado com a possibilidade.

— Que trabalho?

A proposta de Tommy veio a calhar. Afinal, ainda que não soubesse, ele era o principal motivo do desassossego de Eloise.

Ela pensava em um recorte de jornal que, casualmente, encontrara nos pertences de Tommy.

Após um julgamento que se arrastou por dias, Diogo Fernandez, cavaleiro chefe da divisão de armamentos, foi condenado. As acusações que pesavam sobre ele eram de contrabando de armas que ele fornecia para os piratas que atuam na região de Zadoque.

“A investigação corria há mais de um ano”, disse o porta-voz da corregedoria da Academia. “Interceptamos um navio com cinco baús de cimitarras em um cargueiro que deveria transportar mantimentos a uma zona de conflito em Zadoque.”

O cavaleiro não conseguiu reunir provas suficientes que comprovassem sua inocência e

a Câmara Interestadual aprovou, por oito votos a seis, a condenação de Diogo Fernandez. A pena inclui cinco anos de reclusão na prisão militar, perda das insígnias de cavaleiro e confisco dos bens.

Diogo Fernandez acrescentou um capítulo infame à imaculada trajetória de sua família. Para quem não sabe, o cavaleiro era filho de Elizabeth e Rodrigo Fernandez. A primeira, uma renomada amazona que chefou a Guarda Palaciana. E o segundo, um importante comerciante, importador de açúcar do Triângulo de Zarthan...

— Então... vai mesmo me ajudar? — ele perguntou depois que Isabel e Pedro saíram.

— Claro. Podemos trabalhar aqui mesmo? — Eloise sugeriu.

— Você é quem manda.

Tommy subiu até o quarto para buscar o texto rascunhado no dia anterior. E enquanto saltava os degraus da velha escada pensava o quão sortudo ele era. Sem querer, havia matado duas lebres com uma única flechada: estava sozinho com Eloise e teria um texto decente para entregar no dia seguinte. Em teoria soava perfeito, simples e fácil. Na prática era como se o chão flutuasse sob seus pés deixando-o sem apoio.

Tommy que, via de regra, nunca precisara se esforçar por uma conquista, de repente estava tentando encontrar as palavras certas para impressionar uma garota inteligente. Eloise era suficientemente seletiva para não se deixar impressionar apenas pelo ar rebelde de Tommy, ou pelo seu cabelo crescido, ou pela barba ruiva por fazer, ou ainda pelos músculos que mal cabiam na camisa de uniforme do garoto com trejeitos de homem feito.

Quando voltou com o texto, o tinteiro e o livro, que era o guia do trabalho, Eloise estava acomodada em um dos bancos redondos de madeira que circundavam a mesa da cozinha. Ele puxou um assento e sentou-se ao lado dela, que ajeitou o cabelo liso para trás da orelha para ler o rascunho mal escrito que Tommy lhe havia entregado.

Silêncio...

Tommy ainda não sabia o que dizer. Um enorme vazio o bloqueava, como se sua cabeça estivesse imersa em um silêncio profundo, exceto por algumas frases que ele considerava constatações óbvias demais para serem pronunciadas em voz alta.

*Eloise, eu te amo. Sou louco por você. Sua voz, seu cheiro, seu sorriso me acompanham a cada minuto do dia...* Era o que ele pensava enquanto ela lia o papel. E continuou pensando depois que ela não perdeu tempo em explicar as alterações que faria no trabalho e começou a reescrever o texto.

*Ela é linda!*

— O que foi Tommy? — Eloise perguntou, avaliando a expressão dele.

— O que foi o quê?

— Você está me olhando de um jeito estranho...

— Impressão sua.

— Bom... Eu acabei.

— Já? Quero dizer... Que bom...

Aquele era o momento. Tommy sentiu que se não falasse, perderia sua grande chance.

Então ele falou.

— Vou sentir falta disso.

— De eu corrigir seus trabalhos de escola? — ela sorriu. Seus lábios, naturalmente rosados, aos olhos de Tommy estavam ainda mais perfeitos.

— Não. Vou sentir falta de nós.

Eloise, que havia começado a recolher o material escolar, parou.

— Tommy, sabe que não precisa ser assim. Quer dizer..., eu, Pedro e Isabel vamos continuar juntos. Por que não vem para o Torneio conosco?

— Lá vem você com essa história de novo...

— Não é história, Tommy. Você poderia ser menos teimoso...

— Eloise — ele se esforçou para manter o tom calmo, porque toda conversa sobre a Academia o irritava demais —, eu sou diferente de vocês. Não nasci para ser cavaleiro, detesto política e pouco me importa o futuro de Gazara. Sou só um cara comum, que leva uma vida comum.

— Mas seu pai gostaria que você se tornasse cavaleiro.

Tommy não entendeu a razão de ela *ainda* tentar convencê-lo. O período de inscrições para o Torneio de Bravura já havia passado.

— Elô, não quero, nem nunca quis mudar o mundo. Quando a situação aqui ficar ruim para os mestiços, vou mudar para Zarthan. E, sinceramente, eu não sei o que se passa na cabeça de Diogo Fernandez. Quero dizer... Ele foi expulso da Academia. E agora quer os filhos lá, sendo *empregadinhos* do rei?!

— Os cavaleiros não servem ao rei — ela contrapôs.

— O rei ou a Câmara Interestadual, que diferença faz?

Ela não respondeu. E ele imaginou que o assunto estivesse encerrado, mas se enganou.

— Preciso confessar uma coisa... — ela disse, hesitante. Os olhos encaravam o chão e ele percebeu que ela estava envergonhada e nervosa porque suas mãos estavam inquietas. — Eu fiz uma coisa, mas acho que você não vai gostar.

Ele brincou tentando amenizar o clima, de repente tenso.

— Pelo seu tom, parece até que cometeu um crime.

Ela riu sem humor.

— Prometa que não vai ficar furioso comigo — as bochechas ficando vermelhas.

A reação dela começou a assustá-lo. De repente, uma possibilidade horrível lhe ocorreu.

*Não... Ela não pode ter aceitado o pedido de namoro do imbecil do Estéfano.*

O rosto de Tommy entregou-lhe a suspeita. E ela insistiu na promessa de que ele não se zangaria.

— Tudo bem.

Mentira. Ele ficaria louco de raiva se ela dissesse que estava namorando o *gazar idiota* — palavras dele.

— Eu...

Eloise falou algo sussurrado e ininteligível. Tommy pediu que ela repetisse.

— Fiz sua inscrição no torneio.

E ele escutou a única sentença que não esperava ouvir naquela noite.

— Fez minha o quê?!

— Falsifiquei a sua assinatura e fiz a sua inscrição para o Torneio de Bravura.

— ...

— Você prometeu não se zangar...

Tommy começou a andar de um lado a outro na cozinha estreita como um bicho acuado.

— Desculpe, fui invasiva. Tentei voltar atrás, mas os formulários já haviam sido enviados.

Não sei o que passou na minha cabeça. Não deveria ter me metido na sua vida dessa maneira.

Fui egoísta.

O rosto penalizado de Eloise denunciava o tamanho do seu sofrimento e arrependimento.

— Tommy, por favor, desculpe-me. Olha, você nem precisa participar do torneio...

Eloise era puro desconforto, desconcerto e vergonha.

— Por quê? Por que me inscreveu na competição?

Os olhos negros de Eloise encontraram os dele e por alguns segundos eles se olharam sem que nada fosse dito.

— Queria que continuássemos juntos... Quero dizer, crescemos juntos, desde os 7 anos...

Somos praticamente... irmãos.

*Então é assim que ela me vê... Um irmão!*

Algumas horas depois de adormecer, Eloise acordou sobressaltada e ofegante. O cabelo emaranhado sobre o rosto dificultava a respiração. O travesseiro encharcado de suor dava a sensação de que o corpo inteiro estava molhado e a cabeça doía com se tivesse levado uma pancada.

Flashes vieram à sua mente. Cenas, a princípio, desconexas aos poucos tomaram a forma de um pesadelo horrível, assustador e estranho. Havia muitas árvores altas e de copas fartas. Uma floresta sombria, exceto por determinados trechos onde o sol penetrava no intervalo das folhas, formando cortinas de luz. Eloise percebeu que não protagonizava o sonho, muito embora fosse somente uma expectadora, era capaz de sentir todas as emoções da personagem principal, como se as duas, de alguma forma, estivessem conectadas.

Por entre as árvores havia uma menina, uma garotinha de cabelos negros e pele intensamente branca. Ela corria por entre os troncos altos da floresta. A sensação era de que estava sendo perseguida por alguma coisa muito ruim ou extremamente má porque o coração da pequena batia aterrorizado.

Eloise não conseguiu enxergar de quê ou de quem a menina fugia. No momento seguinte, um vulto se projetou ao longe e o cenário mudou bruscamente. A menina desconhecida, ainda mais apavorada, encontrava-se escondida em uma caverna úmida e escura, a pele clara recoberta de riscos vermelhos. A garotinha sentia um medo diferente. Não estava mais sendo perseguida. Agora temia não ser encontrada. Temia ficar perdida para sempre naquele lugar sombrio.

Isabel e Eloise estavam a minutos de fechar as portas do ambulatório, encerrando não apenas o dia de trabalho, mas também a função de substitutas de suas mães, pois elas e Diogo retornariam da viagem na manhã do dia seguinte. Isabel organizava o armário de suprimentos ambulatoriais do consultório, perguntando a si mesma se Beatriz teria conseguido comprar o material que estava em falta.

Na outra sala, no pequeno espaço destinado ao laboratório, Eloise conferia o estoque dos extratos manipulados. Os frascos, em sua maioria, vazios, denunciavam o aumento da frequência de pacientes que buscava pela assistência gratuita. Enquanto anotava os nomes dos medicamentos em falta, escreveu o nome da fórmula mais procurada no consultório, o que a remeteu a Semil Arzu, o grande médico anão, mestre orientador de Beatriz na Escola de Medicina, que havia sido noticiado como desaparecido havia pouco menos de um ano.

— Bel, sua mãe teve notícias sobre o sumiço do doutor Arzu? — Eloise perguntou depois que terminou de listar os itens que deveriam ser manipulados.

— Ainda não — Isabel respondeu enquanto dava a segunda volta na chave para trancar o armário. — Mamãe disse que não tem mais esperança de que ele seja encontrado vivo — completou com pesar.

— Nossa, Bel, isso é horrível.

Enquanto fechava a porta do consultório, Isabel fez um comentário que envolvia a relação conflituosa entre homens e anões, mas o assunto não foi adiante, pois uma agitação incomum, subitamente, tomou a rua. As pessoas que passavam por ali apertaram o passo, atraídas por um som distante de vozes alteradas.

— Ei — Eloise abordou um moleque que abandonou o posto de engraxate para seguir o fluxo da agitação —, o que está acontecendo?

— Uma briga na rua.

Pelo menos umas trinta pessoas se acotovelavam em um círculo largo tomando completamente o espaço da rua. A via era uma das poucas, senão a última alameda

exclusivamente residencial que restara no coração da cidade.

O caos era grande. Protestos mal-educados e xingamentos soavam sem intervalo. Sons guturais dos lutadores se projetavam do círculo de expectadores que se acotovelavam para manter suas posições, como se estivessem disputando uma vaga para assistir a um grande espetáculo.

Isabel e Eloise se aproximaram cautelosas, pensando em localizar Pedro e Tommy entre os curiosos, afinal os dois deveriam tê-las encontrado meia hora antes para acompanhá-las de volta a casa. Foi quando ouviram duas vozes familiares, que ecoaram seguidamente como dois rosnados animais.

Tommy e Pedro.

— Eles só podem ter enlouquecido! — Eloise se enfureceu.

— Isso *não* é loucura, é *burrice* mesmo — Isabel completou com igual fúria.

Sem se preocupar em distribuir empurrões e cotoveladas, as duas abriram espaço entre os instigadores da briga.

A cena excedia às expectativas. No meio do espaço reservado à disputa estavam seis rapazes se esbofeteando na proporção de quatro contra dois. Os dois em questão eram, de fato, Pedro e Tommy. E os outros eram gazares, os mesmos que estavam no beco no dia em que Eloise fora buscar os panfletos.

— Vamos apanhar feio — Pedro resmungou.

— Não reclame. Foi você quem começou — Tommy disse em resposta.

— Pedro! Tommy! — Eloise gritou o mais alto que conseguiu.

Mas os dois não escutaram o chamado.

— Alguém tem que parar isso antes que a guarda apareça — Isabel falou, o desespero saltando da sua voz.

Infelizmente, no momento em que a frase foi dita, o atrito dos cascos dos cavalos ecoou na via estreita. Quatro oficiais da Guarda Montada apontaram em uma das extremidades da rua. Os homens, do alto de seus cavalos imponentes, marcharam rumo à confusão com uma expressão de extremo desagrado.

Não foi preciso mais que cinco minutos para a turba de expectadores desaparecer. Mestiços e gazares correram como quem foge para salvar a própria vida. As janelas, que segundos antes lembravam camarotes teatrais, foram cerradas com igual rapidez. Ninguém queria se envolver com a polícia. Mas naquele dia o oficial no comando não estava preocupado em perseguir os desocupados que pararam para acompanhar a briga. Tudo o que aquele homem queria era terminar seu turno de doze horas de trabalho — o que, na verdade, era para ter ocorrido quinze minutos antes.

Contudo, os gritos que vinham da rua, ordinariamente silenciosa, interromperam o trajeto do policial que rumava para o departamento. Funcionários públicos costumavam ser exigentes quanto ao horário de encerramento do expediente, por isso aquele oficial estava duplamente irritado.

— VOCÊS NÃO TÊM O QUE FAZER?! — o oficial esbravejou contra eles quando seu cavalo bufou na nuca de Pedro.

Mestiços e gazares foram escoltados até o Departamento da Guarda. Os primeiros de maneira rude, como se fossem bandidos que tivessem acabado de assaltar velhinhas indefesas. Os segundos, com cortesia, como se fossem as próprias vítimas do assalto.

Eloise, recostada na parede descascada de um prédio, ao lado de Isabel, viu o irmão e o amigo serem amarrados a cordas grosseiras que estavam ligadas à sela de dois cavalos. Atordoada, ela pensava desesperadamente em uma maneira de livrar Pedro e Tommy da confusão em que haviam se envolvido. Com os pais fora da cidade tudo se complicava ainda mais.

— Vamos!

— Para onde? — Isabel perguntou.

— Ainda não sei, mas precisamos sair daqui.

Quando alcançou a Primeira Avenida, no entanto, Eloise notou que a situação era ainda mais preocupante. A agitação incomum no centro da cidade a fez lembrar de que era véspera do evento comercial que movimentava praticamente todo o Reino de Gazara: o leilão no Mercado da Pedra.

Tamísia era um importante entreposto comercial, senão o maior de Gazara. Uma cidade portuária de localização estratégica, que recebia comerciantes estrangeiros vindos principalmente dos reinos do Catre e de Kabza. As trocas mercantis ocorriam com frequência semestral. Movimentando cifras na casa dos milhares de dágoras, o leilão dava a Tamísia o status de cidade de maior importância econômica para o reino.

Por isso, a possibilidade de encontrar uma pessoa disposta a ajudar dois mestiços na véspera do evento comercial mais importante do ano era remota. Mas foi no momento que antecede o desespero que a sorte parou ao lado de Eloise.

— Carona, meninas?!

Era Bernardo, um homem de estatura mediana e cabelos grisalhos, que igual a Pedro trabalhava no Petrolina Carros de Transporte.

— Sim, claro — Eloise respondeu, sentindo a oportunidade que lhe aparecia.

— Estão indo para casa? — ele perguntou, gentil.

— Humm, na verdade gostaríamos de ir ao Petrolina — Eloise respondeu.

— Pedro já saiu a essa hora — ele informou, deduzindo que ela estaria à procura do irmão.

— Eu sei, mas eu quero falar com o senhor Petroski.

Eloise e Isabel subiram na parte traseira da carruagem de dois lugares e Bernardo deu a partida.

## Capítulo V

Amadeu Petroski, chefe de Pedro, era um homem rústico e de meia-idade, que falava alto e comia coxas de peru com as mãos. Vestia sempre o mesmo tipo de roupa: calça de cor preta, blusa de cor clara e um suspensório à mostra. Não era dado a luxos. Os cabelos pretos deixavam sempre a impressão de que precisavam de corte, da mesma maneira que a barba farta, igualmente desarrumada. Estrangeiro, natural do reino do Catre, viera para Gazara na época em que não havia restrições quanto aos imigrantes. Embora pouco apreciado pelas tradicionais famílias abastadas de Tamísia, Petroski era suportado pela conveniência que cofres abarrotados de dágoras oferecem.

O crepúsculo ganhava as ruas da cidade. Os postes começavam a ser acesos e, aos poucos, as luzes iam ganhando força para contrastar com o esplendor da noite. Ao longo da avenida, o movimento nas hospedarias, pensões e hotéis era notável: pilhas de malas e valises se acumulavam nas portas da mesma forma que hóspedes se acotovavam nos saguões de entrada. Carregadores se esforçavam para manter o fluxo do perímetro de entrada, enquanto os funcionários da recepção se desdobravam para fazer o registro dos clientes.

O trânsito fluía arrastado, interrompido a cada quilômetro para o cruzamento de pedestres e foi somente depois de uma hora que o leiteiro do Petrolina Carros de Transporte se anunciou imponente.

Fundado por Amadeu Petroski havia mais de vinte anos, a empresa de transporte era o maior e mais famoso negócio de aluguel de veículos da região.

Bernardo parou a carruagem em frente à recepção. O pequeno saguão do prédio estava cheio e barulhento, com sotaques estrangeiros se misturando aqui e ali. Um vozerio de difícil compreensão.

Petroski estava no canto mais retirado do salão, acomodado em uma poltrona e acompanhado de mais seis homens com feições semelhantes à dele. Todos tinham uma caneca de cerveja à mão e falavam num tom exageradamente alto. Em dias de leilão, o comerciante gostava receber os passageiros — a maioria seus conterrâneos e amigos de longa data, para aproveitarem o raro momento de “jogar conversa fora”.

Naquela noite todos reclamavam dos problemas para atravessar a fronteira. Apenas compradores e vendedores cadastrados e com histórico de bom movimento financeiro conseguiam entrar em Gazara.

— Só é bem-vindo quem vai recheiar os cofres públicos. — Um homem moreno e de cavanhaque, sentado ao lado de Petroski, disse, com ares de zombaria.

Eloise e Isabel pararam próximo ao grupo, hesitando em interromper a conversa.

— Gazara não pode taxar nossos produtos com impostos tão altos — disse outro amigo de Petroski.

— Temos que fazer uma representação na câmara contra isso — replicou um terceiro.

— Burocracia não vai dar em nada — Petroski opinou, descansando a caneca de bebida na mesa de centro que lhes servia de apoio. Foi quando viu Eloise.

O homem enorme levantou e ela suspeitou que ele ficara ainda mais alto. Naquele instante, Eloise considerou uma péssima ideia ter ido falar com o patrão de Pedro. Mal conhecia o homem! Se havia trocado duas ou três frases com ele, havia sido muito. E agora ali estava ela, a pedir um favor que só um pai seria capaz de fazer por alguém.

— Boa noite, senhorita. Está procurando o seu irmão? Ele já saiu, faz umas duas horas — Petroski disse por dedução.

— Na verdade...

— Bernardo! — ele a interrompeu para chamar o funcionário que acabara de entrar no saguão.

A voz grossa projetada entre a mistura de sons no salão soou quase agressiva. Eloise, desacostumada com os modos do estrangeiro, considerou novamente a possibilidade de ir embora.

— Amanhã teremos um dia daqueles! — Petroski falou com o condutor que, depois de contornar as pessoas, conseguira alcançar o chefe. — Preciso que esteja aqui bem cedo, às cinco, por conta de dois clientes importantes que chegam no primeiro trem.

Bernardo acenou em concordância, coçou a sobrancelha com o indicador e saiu imaginando que tipo de figuras ilustres seriam seus passageiros no dia seguinte.

— Então, em que posso ajudar? — Petroski perguntou voltando-se novamente para Eloise.

— Bem... É que... Pedro está com um problema... — ela disse, vacilante.

— O que foi que o garoto aprontou?

Eloise contou, em poucas palavras, o que havia acontecido, terminando por explicar que precisaria de alguém para representar Pedro e Tommy no Departamento de Polícia, já que os pais estavam ausentes.

— Sinceramente, eu não sei o que faço com seu irmão. Parece que tudo que eu falo entra em uma orelha e sai pela outra! — O homem trovejou.

Eloise estremeceu com o tom, mas percebeu que a manifestação da frustração de Petroski era semelhante ao sentimento que ela própria tinha quando tentava aconselhar o irmão.

— Amigos — o dono do Petrolina se voltou para o grupo de estrangeiros com quem conversava anteriormente —, preciso resolver um problema. Mas, em uma hora ou duas estarei de volta para continuarmos a conversa de onde paramos.

Os homens acenaram levantando as canecas em resposta. Com certeza continuariam ali até que Petroski retornasse da empreitada. Antes de deixarem o Petrolina, no entanto, o dono do estabelecimento passou em seu escritório particular.

— Esperem por mim no meu carro — ele falou, à porta do gabinete. — O veículo fica na estrebaria. Vão por aqui. — Ele indicou um corredor que dava acesso aos fundos da construção e depois entrou no escritório particular.

Era do conhecimento do comerciante que o chefe da guarda costumava tratar com violência os mestiços que ocupavam suas celas lúgubres. Por isso ele sabia que se não fosse rápido e eficaz, Pedro e Tommy seriam covardemente surrados naquela noite.

Petroski foi até um armário de madeira que ficava no canto da sala, tirou uma chave do bolso da calça e abriu a porta maciça do móvel de cor cereja. Um cofre ocupava todo o espaço interno da peça. Felizmente, o comerciante não havia depositado o montante apurado naquele dia no Banco Central de Tamisia. Ele sacou várias moedas de ouro e outras tantas de prata, encerrou-as em uma bolsa pequena de couro e guardou-as no bolso da calça.

— Vou deixá-las em casa antes de seguir para o departamento. Uma delegacia não é lugar para moças direitas — Petroski acrescentou antes que elas protestassem. — Ah, também preciso do Documento de Identificação deles.

O papel em questão tratava-se de um registro obrigatório exigido a todos os mestiços residentes no reino de Gazara.

No piso gelado de uma cela inóspita dois jovens exalavam um odor desagradável de suor e sangue. Pedro estava notadamente abatido e desolado. Olhava através de uma abertura no alto da parede do cubículo da prisão. Dali, uma lua minguante o encarava, tenaz, como uma foice olha para um capinzal momentos antes de ceifá-lo. A imagem severa desencadeava uma sucessão de pensamentos terríveis, acompanhados pela última frase que o gazar, a quem Pedro dirigira o primeiro soco, dissera depois de pagar a fiança e ser liberado do departamento de polícia:

— Pode dar adeus ao seu sonho idiota de se tornar cavaleiro.

Se houvesse um processo e uma condenação por lesão corporal, Pedro e Tommy jamais poderiam entrar na Academia dos Cavaleiros, pois a instituição não aceitava jovens com registro negativo na polícia. Por isso o sorriso vitorioso no rosto do gazar quando cuspiu a ameaça na cara de Pedro.

— Ei, *mestiços!* — o carcereiro mal-encarado gritou no corredor. O chefe mandou buscar vocês.

O funcionário destrancou a cela com um sorriso sádico notado apenas por Tommy, uma vez

que Pedro estava absorto em seus pensamentos punitivos. Os dois não eram os primeiros e nem os últimos mestiços tratados com repulsa pelo funcionário. O curioso, no entanto, era que o próprio carcereiro era um deles, mestiço, mas agia como se não fosse. Possivelmente por isso conseguira manter o emprego público. Ou talvez porque desempenhasse uma função à qual nenhum gazar quis se sujeitar.

— Andem!

— Tommy — Pedro murmurou enquanto atravessavam o corredor sombrio da prisão. — Desculpe ter metido você nesse problema.

— Se não arrepentasse aquele gazar idiota, eu mesmo teria feito isso.

— Calem a boca! — O homem que os escoltava rosou.

A porta do gabinete do comandante se abriu e os rapazes foram empurrados para dentro com brutalidade.

— Vocês têm cinco minutos. — O chefe falou com o homem alto e de aparência pouco convencional. Em seguida abriu a gaveta da sua mesa, retirou um volume generoso de dágoras e colocou-as no bolso interno do paletó.

Embora a figura daquele homem fosse difícil de passar despercebida, Pedro não notou de imediato o patrão no canto mais escuro do gabinete.

— E lembre — o comandante encarou Petroski —, eles passam a noite aqui. Ilesos — acrescentou, como se a palavra lhe amargasse a boca. — Se os gazares apresentarem queixa formal, não há nada que eu possa fazer para arquivar o caso. E quero os documentos deles ainda hoje.

— Isso já está sendo providenciado — Amadeu Petroski falou sem se sentir intimidado pelo policial, que saiu do gabinete.

— Têm ideia da confusão que armaram?

Petroski era assíduo frequentador da taberna de Diogo Fernandez, conhecia o antigo cavaleiro o suficiente para se dirigir dessa forma ao filho dele.

— Vocês deram uma surra no sobrinho do primeiro-ministro — ele continuou, sem lhes dar chance de réplica. Furioso, reagiu exatamente como um pai reage quando os filhos agem sem medir as consequências dos próprios atos. — Sabem o que isso significa? Retaliação! Têm ideia do poder de influência do irmão de Heron Talmai? Eles podem até fechar o ambulatório de dona Beatriz.

— Mas isso é ilegal... — Pedro murmurou.

Melhor seria se tivesse ficado com a boca calada.

— Sabe o que separa a legalidade da ilegalidade, Pedro?! — Petroski falou dando voltas na sala do comandante. — Datas! — emendou com rispidez. — As datas de aprovação da vontade dos que controlam o poder. Você acha que os Talmai vão engolir o que fizeram? Se eles de fato

quiserem, a lei pode estar sendo redigida neste momento. — O rosto do homem estava tão avermelhado que lembrava um balão prestes a explodir. — Por que essa briga começou, afinal?

— Eles disseram umas coisas... — Pedro começou.

— Umas coisas! — Petroski repetiu a expressão com fúria. — QUE COISAS?!

Pedro então relatou as ameaças. Interessante foi que, enquanto contava, as palavras provocativas não pareceram tão perigosas quanto no calor do momento, quando o sangue fervera movido pela falta de bom senso juvenil. Pedro começou a se sentir envergonhado lá pelo meio da narrativa. Embora as palavras da ameaça indecorosa de Estéfano, transmitida por seu primo, ainda lhe causasse náuseas.

“Não adianta sua irmã se esconder, correr ou mesmo arrumar um guarda-costas. Ela será *minha* no final das contas.”

— Chantagem, Pedro — Petroski concluiu. — Em vez de socar o gazar, você deveria ter contado isso para Diogo Fernandez. Ele saberia o que fazer. E, francamente, você acha que uma briga de rua intimidará Estéfano Talmai?

— Ah! — acrescentou, depois de um minuto calado. — Torça para que os gazares não apresentem queixa. O que eu acho difícil, devo acrescentar.

Petroski trouxe notícias de Pedro e Tommy quando foi apanhar os documentos de identidade dos dois na casa dos Fernandez. Eles seriam libertados ao amanhecer, mas, se houvesse uma queixa formal, responderiam a um processo em que provavelmente sairiam culpados.

Eloise afundou-se no sofá da sala dos Fernandez imaginando qual seria a reação de sua mãe diante dos fatos. Ela ficaria indignada com o comportamento inaceitável do filho ou aliviada por, enfim, vê-lo distante da Academia de Cavaleiros? Laura Pontes era declaradamente contrária à escolha dos filhos de seguir a carreira militar. A instituição, na opinião dela, estava sujeita à vontade do rei, Edgar Belmonte, por quem ela nutria profunda antipatia e desprezo.

Em geral, na casa dos Pontes, não se discutia política. Contudo, diante da aproximação do período de inscrições para o Torneio de Bravura, o assunto foi inevitável. E o que Eloise mais estranhou em todas as conversas foi a inconsistência dos argumentos de sua mãe. Laura não concordava com o governo tirânico do rei e criticava a postura do monarca, principalmente ante o movimento separatista no reino de Zadoque, mas por outro lado coibia a vontade dos filhos de querer fazer algo em prol de Petra.

Isabel estava na cozinha jantando e a sala silenciosa permitia que Eloise conseguisse se concentrar em suas ações da hora anterior, quando procurava o documento de identidade de Pedro em sua casa. Não fosse a necessidade urgente de encontrar o tal registro, Eloise nunca

teria invadido a privacidade dos aposentos de sua mãe. E também jamais encontraria a caixa antiga, corroída pelo tempo, onde estavam não apenas os documentos, mas também uma inusitada fotografia, enlaçada com uma tira de couro a um livro antigo.

Naquele momento Eloise se sentia extremamente egoísta porque não conseguia deixar de pensar o quão providencial fora sua busca. O que ela, entretanto, nem imaginava era que seu achado, improvável e perturbador, seria uma das chaves que abriria as portas de um passado que Laura trancara havia mais de dezoito anos.

Fortes batidas na porta provocaram um sobressalto tão intenso em Eloise que a poltrona onde estava sentada tremeu com o movimento brusco.

— Quem é? — ela quis saber antes de abrir a porta.

— Sou um mensageiro, trago um recado do senhor Talmai.

Eloise estremeceu à menção do nome. Um homem de feições humildes, cabelo escasso e roupas surradas estava de pé no batente da porta da sala dos Fernandez. Na mão direita, contrastando com os ossos proeminentes, um envelope de linho branco onde, cuidadosamente entalhado, estava o brasão da família Talmai. Ele deu o papel requintado a Eloise, dizendo que precisava levar a resposta de volta ao patrão.

— O senhor pode sentar, então. — Uma Eloise atônita e confusa apontou a cadeira de fibras de vime que ficava na varanda da casa.

O homem agradeceu a gentileza com o rosto iluminado. Estava habituado a ser tratado com desdém e arrogância na casa onde trabalhava, por isso, mesmo uma simples manifestação de educação, era capaz de comover o mensageiro.

A porta ficou entreaberta enquanto Eloise, voltando-se para a privacidade do cômodo, rasgou com fúria o lacre púrpura do envelope.

— Quem é? — Isabel perguntou, intrigada com a visita inesperada àquela hora da noite.

— Você nem vai acreditar — Eloise respondeu num misto de suspense e assombro.

*Estimada Eloise,*

*Acredito que tenha tido tempo suficiente para pensar em minha proposta. Devo confessar que não tenho o hábito de ser tão paciente. Mas acredito que serei recompensado em breve.*

*Ah, sinto muito pela situação lamentável com seu irmão. Gostaria muito de poder ajudá-lo. Contudo, meu primo está decidido a formalizar a queixa. Uma lástima. A Academia de Cavaleiros perderá um valeroso soldado.*

*Cordialmente,*

*Estéfano Talmai*

— Ele está chantageando você! — Isabel constatou, chocada com a baixeza da atitude do gazar.

— Mais que isso, Bel — Eloise disse sem acrescentar nenhum tipo de emoção à voz. — Ele armou para Tommy e Pedro serem presos. Tenho certeza. O que Haziél Talmai estava fazendo *andando* pelo centro da cidade? Esses gazares não saem a pé nas ruas, a não ser que tenham algum interesse.

— E agora?

Eloise não precisou responder, seu rosto deixou claro o que faria.

— Você não está pensando em...

— Aceitar a proposta do gazar? Estou sim — ela confirmou a suspeita.

— Isso é loucura, Elô. Estéfano não presta.

— Eu sei. Mas parece que está disposto a tudo por mim.

— Sim. Isso só prova que ele é maluco — Isabel falou com notas de desespero na voz.

— Eu não tenho alternativa. Pedro também não. Ele está na prisão por minha causa. E se eu ficar aqui parada, vou arruinar o futuro do meu irmão — Eloise concluiu, já procurando um tinteiro para escrever a resposta para o gazar. — Não se preocupe, Bel. Eu tenho um plano.

Isabel leu atentamente cada palavra que a amiga pôs no papel e teve certeza de que ela estava se arriscando demais, embora não pudesse negar que se tratava de um bom estratagemas.

Isabel estava certa em sua inquietação. Estéfano era perigoso, poderoso e, principalmente, imprevisível. Três características que, combinadas em uma mesma personalidade, deveriam ser tomadas com cautela. E quando se brinca com fogo, corre-se o risco de se queimar.

Embora estivesse pernoitando nos Fernandez desde que Laura viajara, naquela noite, Eloise gostaria de poder voltar para conferir o conteúdo da caixa misteriosa que ela retirara do aposento de sua mãe.

Isabel já havia pegado no sono quando ela desceu as escadas do pequeno sobrado para se acomodar no sofá da sala. Estava inquieta demais para dormir. Manipular o gazar seria um jogo complicado e perigoso, ela sabia. Um arrepio de repulsa percorreu sua pele quando pensou na possibilidade de ser obrigada a beijá-lo, abraçá-lo, andar de mãos dadas pelas ruas de Tamisia...

*Liberte Pedro e Tommy que aceito seu pedido de namoro*, era sua resposta.

— Tudo de que preciso é de uma semana — falou para si mesma tentando se convencer de que conseguiria iludir o gazar durante esse tempo. Seria o fim do ano letivo. Depois disso, Eloise estaria livre, só tornaria a ver Estéfano no Torneio de Bravura. E lá não seria obrigada a pagar nenhuma dívida.

Estava quase amanhecendo quando Eloise conseguiu pegar no sono, mas melhor seria se não tivesse dormido. As poucas horas de descanso, porém foram turbulentas, revervando-lhe o mesmo pesadelo que sonhara havia alguns dias. Esse, no entanto, mais detalhado.

A menina não corria sozinha na floresta desconhecida. Havia um garoto com ela. Os dois, muito assustados, contornavam os troncos das árvores avantajadas. Seus pés socavam o chão em baques surdos e urgentes.

Corriam de mãos dadas. As cores, branca e negra, contrastavam com a floresta intensamente verde.

— Mais rápido! Ele está nos alcançando! — O pedido do menino soou apavorado, o que deixou a menina ainda mais amedrontada.

Eloise percebia que ele tentava manter a garota a salvo como se aquele fosse o seu único objetivo. A cena era angustiante. Eloise queria ajudá-los, mas não conseguia chegar até os fugitivos, sendo obrigada a assistir ao espetáculo sinistro porque era incapaz de se livrar da floresta medonha. Presa a um mundo surreal e terrível, ela ainda captava todas as emoções que os dois pequenos sentiam: angústia, medo, ansiedade e tudo o mais que alguém pode experimentar quando está escapando de um assassino.

Eloise acordou no chão frio da sala.

— Você está bem? — Isabel perguntou parecendo apreensiva.

— Sim... O quê... Ah...?

— O que houve? Você estava gritando.

Confusa, Eloise percebeu que estava no carpete da sala e que a cabeça pesava uma tonelada.

— Pesadelo... O pior que já tive na vida — disse depois de se sentar no sofá.

— Deve ter sido bem ruim mesmo. Você está com uma cara péssima — a amiga acrescentou.

— Ah, obrigada. Acho que Estéfano deveria me ver assim. Talvez desistisse de mim — ela zombou de si mesma.

Eloise colocou pó de café no coador que estava sobre a pia e jogou a água quente. O aroma, na opinião dela, era inebriante. Isabel, no entanto, preferia chá e enquanto preparava uma infusão com ervas indicadas para o despertar matinal perguntou à amiga:

— O que está acontecendo, Elô? Quero dizer, além desse problema com Estéfano e a prisão dos meninos? Você tem andado estranha ultimamente: mais calada, pensativa, às vezes acho que nem presta atenção quando falamos com você.

— Bel, você se lembra da sua infância?

— Claro. A maior parte dela, passamos juntas — ela respondeu, embora confusa com a questão.

— Não... Eu quero dizer antes disso. Antes de nos conhecermos — Eloise insistiu.

— Tenho algumas lembranças sim. Imagens vagas de lugares, de algumas pessoas... Mas por que está me perguntando isso?

— É estranho... Eu e Pedro não nos recordamos de nada. É como se a nossa vida tivesse começado quando viemos para Tamísia.

— Talvez isso seja normal. Vocês tinham sete anos quando vieram para cá, não é?

— É... Quando mamãe fala da nossa vida em Zaah, parece que está se referindo a outras pessoas. Nada do que ela diz me parece familiar. Eu não consigo fazer nenhuma referência do que ela conta. É como se não houvesse coisa alguma guardada na minha memória... Às vezes tenho a impressão de que não tenho um passado.

— Será que não está exagerando um pouco? Sei lá... Você está se referindo a um tempo do qual a maioria das pessoas se esquece.

— Não sei, Bel. Você mesma disse que tem flashes. Nem mesmo isso eu tenho. Tudo o que tenho são páginas e páginas em branco... — Eloise encolheu os ombros e bebeu um gole do seu café. — Queria ter conhecido meu pai...

— Talvez seja isso, Elô. Talvez esteja buscando uma lembrança que não existe, por isso não consegue se lembrar de nada. Seu pai morreu antes de vocês nascerem, como poderia ter alguma recordação dele?

— ...

## Capítulo VI

A luz da manhã começara a brilhar havia pouco, mas ainda que fosse cedo, Tamísia já abria as portas para receber o maior dos eventos comerciais da região: o Leilão do Mercado da Pedra.

As ruas, abarrotadas de pessoas ansiosas por fechar grandes negócios, abrigavam exatamente a soma duplicada da população local. Naquele único dia, que se repetiria somente dali a seis meses, Tamísia era uma cidade cosmopolita em que ninguém estava interessado em diferenças étnicas, mas sim nas dágoras que ficariam na cidade. Situação conveniente, para não dizer sórdida: mestiços não eram bem-vindos, mas suas moedas sim.

Tommy e Pedro saíram da prisão com um aspecto deplorável. Hematomas no rosto, olheiras profundas, cabelos desgrenhados, roupas sujas e amassadas somavam-se ao cansaço, às dores musculares e ao cheiro de suor. Os pés se arrastavam nas calçadas de pedra de Tamísia rumo a uma Casa de Pães que ficava no caminho de casa. Com os últimos centavos do bolso compraram um pão de batata “dormido”. Era mais barato.

Sentados na calçada do comércio eles viram os coches de aluguel do Petrolina fazendo suas primeiras corridas.

Pedro respirou lentamente, imaginando o patrão duplamente irritado: primeiro por ter sido convocado por Eloise para comparecer ao Departamento de Polícia — o rapaz deduzira que a irmã fora a responsável por pedir a ajuda —, e segundo porque ele estava atrasado para o trabalho.

Em dias de leilão, Pedro era responsável pelo rodízio das zebras que puxavam os carros. Petroski, cuidadoso com seus animais, não permitia que as “gracinhas” trabalhassem mais que quatro horas diárias. As zebras, fêmeas, sem exceção, eram dóceis e Pedro gostava de lidar com elas tanto quanto com os cavalos. Sua única restrição era a montaria. As gracinhas de Petroski eram as melhores em puxar coches, porém péssimas em carregar pessoas no lombo.

Tommy chegou à taberna uma hora depois de sair do distrito policial. Estava de banho tomado, o cabelo ruivo penteado para trás, como o pai exigia para o trabalho. As roupas, impecavelmente limpas, estariam encardidas até o fim do expediente.

A boa fama do estabelecimento mantinha a frequência de clientes sempre alta, principalmente no dia do Leilão do Mercado da Pedra. Ali era servido o melhor pernil de porco, a mais saborosa costela de búfalo, o hidromel mais envelhecido e duas qualidades de doces que levavam qualquer um ao delírio: damasco com calda de chocolate e torta de maçã com canela. Tudo preparado pelas mãos habilidosas de dona Bertha.

Estrangeira, a senhora de cintura farta, pernas curtas e voz aguda chegara a Tamísia havia pouco mais de seis anos, quando começou a trabalhar para os Fernandez. Ordinariamente apresentava um temperamento tranquilo, mas em dias como aquele em que a rotatividade dos fregueses triplicava, a mulher se transformava em algo semelhante a um ouriço atirando reclamações em qualquer pessoa que se atrevesse cruzar seu espaço proibido de trabalho: a cozinha.

— Joseph!

Tommy ouviu o berro de dona Bertha no momento em que cruzou o salão da taberna.

— Aquela garota que você arrumou ainda não apareceu. Dê um jeito nisso! — ela emendou com uma voz estridente e nervosa.

— Era só o que me faltava. Aguentar o mau-humor da Bertha. Ainda bem que você chegou — ao ver Tommy Joseph falou aliviado. — Sem Diogo aqui hoje, nem sei o que vamos fazer.

— Ele ainda não voltou?!

Diogo Fernandez deveria ter desembarcado em Tamísia no primeiro trem da manhã. Por isso Tommy ficou surpreso, mas também aliviado. Não seria necessário encarar o pai momentos depois de ter saído da prisão. Era certo que Diogo ficaria transtornado ao saber que o filho estava prestes a ser acusado formalmente por agressão.

— Podemos chamar as garotas para ajudar — Tommy sugeriu como medida de emergência.

Eloise e Isabel entraram pela porta dos fundos que dava acesso à cozinha. Àquela hora as mesas já estavam sendo ocupadas e a presença de duas jovens bonitas num ambiente tipicamente masculino chamaria a atenção de clientes indiscretos que têm por hábito cumprimentar moças que sequer conhecem.

Ajudar Bertha na cozinha estava longe de ser um bom programa para o sábado. Da última vez que as duas invadiram o território da cozinheira as consequências foram desastrosas: molhos queimados, legumes mal picados, ingredientes trocados.

— Ou aceita as duas, ou ficará sozinha hoje — Joseph estava dando um ultimato a Bertha quando Eloise e Isabel romperam pela porta dos fundos.

— Já aprenderam a diferença entre um cogumelo venenoso e um silvestre? Se ainda não souberem, me avisem. Não queremos matar ninguém hoje — a cozinheira disse assim que colocou os olhos nas ajudantes.

Com uma recepção dessas, quem precisa de bom-dia? Joseph virou as costas esperando não voltar mais à cozinha naquele dia caótico.

— O que vamos fazer? — Isabel perguntou antes que a mulher robusta emendasse um falatório que poderia incluir todos os erros que elas já haviam cometido naquela cozinha.

— Para começar, descasque dez cebolas brancas — indicou à Isabel. — E você — apontou

para Eloise —, dez cebolas roxas. Piquem em cubos pequenos. E coloquem em vasilhas separadas.

Isabel revirou os olhos.

*Cebolas!*

— Ela é sempre assim? Mal-humorada? — Eloise cochichou com Isabel enquanto enxugava os olhos, que já ardiavam por causa do legume.

— Na maior parte do tempo. Ela é bem esquisita. E rabugenta. Não sei como o meu pai a aguenta.

— Talvez porque ela seja a melhor cozinheira de Tamísia — Eloise brincou.

Faltando pouco mais de uma hora para o início do leilão, a taberna parecia um labirinto de pessoas e mesas. O bar era uma verdadeira balbúrdia com todos os fregueses falando alto e ao mesmo tempo. Tommy mal conseguia escutar os pedidos.

— Os senhores pediram três doses de hidromel, um copo de suco de hortelã e um cálice de pata de búfalo? — Tommy perguntou a cinco clientes que ocupavam a mesa mais próxima da porta.

— Cinco doses de hidromel, rapaz. Onde está com a cabeça? — um dos homens falou impaciente.

— Desculpe — Tommy falou educadamente enquanto pousava os três copos sobre a mesa.

— Volto em um minuto.

O filho de Diogo esvaziou a bandeja, entregando os pedidos ao mesmo tempo que anotava novas solicitações num ritmo intenso.

Os homens com a língua solta pela bebida falavam de tudo: mulheres, dágoras, interesses mercantis, política, guerra civil, transformando a taberna em um microcosmo de Gazara e dos Estados mais próximos, Catre e Kabza.

— Souberam do assalto em Adraa? — um homem perguntou em tom de alarde.

— Não — respondeu o outro, à esquerda dele.

— Foi ontem, às oito da noite.

— Ainda bem que despachei meu lote em um trem cargueiro — comentou um terceiro, aliviado.

— Pegaram algum criminoso desta vez? — um quarto homem perguntou.

— Nada. A mesma história — o portador da notícia comentou. — Desapareceram como fumaça — afirmou e tomou de uma só vez sua dose de pata de búfalo. — Antes de a guarda chegar, é claro. A coisa está ficando feia. Estão falando em contratar segurança particular e armada. Também houve assalto no último leilão. Ninguém está satisfeito com tanto prejuízo — acrescentou em volume ainda mais baixo.

— É verdade Bartolomeu? Teremos mesmo os avestruzes do Gândara? — Um sujeito interrompeu a divagação do amigo para abordar o leiloeiro que atravessou a porta naquele momento.

— Bom-dia para vocês também — foi só o que Bartolomeu Dias respondeu.

Homem de poucas palavras, pragmático, não passava informações privilegiadas a nenhum dos participantes do leilão.

— Olá Bartolomeu — Joseph cumprimentou o freguês de longa data no instante em que ele alcançou o balcão. — O que vai ser hoje?

— Queijo do reino. Bertha fez aqueles pães amanteigados?

— Acabou de sair uma fornada.

— Então, eu quero três.

— Está mais preocupado do que costuma ficar — Joseph observou enquanto o servia.

— Isso está ótimo — Bartolomeu elogiou após comer um pãozinho inteiro com duas mordidas. — Vocês têm a melhor cozinheira de toda Gazara. — O homem fez uma pequena pausa na qual terminou o segundo pão e emendou um terceiro. — E quanto à minha inquietação... hum... o queijo também está delicioso. — Antes de voltar a falar fez um sinal com a mão para Joseph se aproximar dele. — Vai haver um lote de avestruzes — segredou. — As aves vermelhas dos anões...

— Eu conheço a raça — o gerente disse enquanto arrumava uma cesta de pães para outro cliente.

— É verdade, Joseph. Desculpe. Eu sempre esqueço que você morava no Catre. — Preciso de um cálice de bebida — o leiloeiro pediu em seguida. — A mais forte que tiver.

— Sugiro hidromel, mas não costuma beber antes dos leilões. O que houve?

— Não são quaisquer anões que trouxeram o lote de avestruzes, meu amigo. Vou ter um dia miserável. Pode me servir mais queijo? A última vez que estive com os Amyr foi há mais de quinze anos, um verdadeiro pesadelo. Era o meu quinto leilão como leiloeiro principal. Acho que já contei essa história, não?

— Ah, já. É a sua favorita.

— Pois é. Rash e Onur Amyr. Duas criaturas mal-humoradas...

Joseph já não prestava atenção, perdera a conta de quantas vezes já ouvira o relato.

— Até breve, Joseph. Volto, às três, para almoçar. Diga a Bertha para guardar damascos com calda de chocolate para mim, ando sonhando com eles há dias!

— Bons negócios, Bartolomeu.

— Boa sorte seria mais adequado para hoje — o homem lamentou-se mais uma vez.

Tommy ficaria na taberna até que o último freguês se cansasse de beber e comer. Até lá,

esperava sinceramente que o pai chegasse para ajudá-los a, pelo menos, limpar o salão. Por sorte, a taberna fechava as portas quando o Cabeça de Búfalo, o bar da periferia, abria as suas. Desse modo, os bebedores teimosos tinham aonde ir sem reclamar muito.

## Capítulo VII

Pedro atravessou o saguão do Petrolina seguindo direto para o escritório de Amadeu Petroski.

— Entre — uma voz grave ribombou em resposta à batida na madeira, sem mesmo se importar com quem estava falando.

Pedro encontrou o chefe acomodado na cadeira, atrás da mesa de trabalho, absorto em analisar os registros da semana. O homem mal notou a presença do jovem funcionário.

— Humm... — Pedro raspou a garganta se fazendo anunciar.

Petroski levantou os olhos negros sem mover a cabeça. O olhar foi severo. Seria penoso escutar o que Pedro repetira para si mesmo durante a noite em claro no chão frio da prisão, embora tivesse consciência de que merecia o despontamento do chefe.

— Senhor... — ele se sentiu na obrigação de começar a falar. — Obrigado pelo que fez por mim ontem. Se não fosse o senhor...

— Hoje você não estaria com todos os ossos no lugar — Petroski o interrompeu de maneira abrupta.

— Eu... humm... deveria ter me controlado.

— Deveria mesmo — Petroski disse num tom seco, mas não rude ou exasperado, contrariando a expectativa de Pedro. — Desde que chegou aqui há três anos pedindo um emprego, percebi que era diferente dos garotos comuns. — O homem deixou a escrivania e posicionou-se frente a frente ao jovem. — Você tinha garra, coragem e um sonho. Eu não precisava de ajudantes naquela época. Mas eu o contratei. E sabe por quê? Eu vi em você o filho que eu nunca terei — a voz de Petroski, de repente, embargada. — Eu o acolhi na esperança de que o garoto mestiço e pobre conseguisse realizar o grande feito de se tornar um cavaleiro. Tentei guiá-lo e aconselhá-lo como faria com meu próprio filho.

Pedro sentia-se a mais miserável das criaturas. Talvez se Amadeu Petroski estivesse gritando, as palavras não ferissem tanto. Ele jamais imaginou que o homem de modos rudes, que costumava falar aos berros, pudesse ser tão comovente.

— Ontem, quando eu fui àquele distrito, eu estava enfurecido. Mas no momento em que saí de lá, o único sentimento que tive foi de tristeza de vê-lo deixar o próprio sonho escapar a troco de nada.

— Desculpe.

— Peça desculpas para si mesmo. Agora vá — Petroski disse retomando seu tom habitual. — Temos muito trabalho hoje.

No meio da tarde, Pedro imaginou que seu expediente estava perto de acabar. Um chamado

de Bernardo, entretanto, acabou com a expectativa dele. O experiente condutor, o mesmo que dera carona para Eloise e Isabel na noite anterior, estava com problemas com o coche que conduzia. Algo que envolvia uma peça do arrieio das zebras. Nada que uma simples troca de coches não resolveria. O problema, contudo, era que não havia nenhum carro reserva, por isso Pedro foi obrigado socorrer o condutor.

O largo do Mercado da Pedra era um espaço amplo, coberto por pedras basálticas cuja disposição imitava as inúmeras velas dos navios que chegavam e partiam todos os dias do porto de Tamísia. O bellissimo calçamento, um ponto turístico da cidade, fora encomendado por Gazares aos artistas calceteiros da cidade de Dravos. Em dias de eventos comerciais, no entanto, os desenhos gigantescos ficavam ocultos pelos inúmeros veículos de transporte que ficavam estacionados ali.

Bernardo, impaciente, andava de um lado a outro do amplo estacionamento, estranhando a demora do socorro para o carro avariado.

Algumas carruagens começavam a partir anunciando o fim do leilão.

— O que aconteceu, garoto?

— Tive que vir andando — Pedro explicou enquanto secava o suor que descia pelas têmporas. — Não havia mais um único transporte no Petrolina. E os bondes para essa região estão todos lotados.

— Você trouxe a argola substituta?

Pedro, exausto, limitou-se a acenar com a cabeça. Bernardo repôs a peça avariada com precisão e rapidez, bem a tempo de deixar tudo perfeito para receber os clientes, que ele avistou a uma distância de cem metros.

— Se quiser uma carona para casa, a hora é essa. — O motorista apontou para o assento duplo do condutor. — Não saia daí — advertiu assim que Pedro se acomodou.

Os coches do Petrolina eram, em sua maioria, divididos em partes distintas. A primeira divisão, um retângulo fechado na face traseira, nas laterais e no teto. O outro compartimento, onde iam os passageiros, era totalmente coberto, contando apenas com duas janelas discretas nas portas laterais. Dessa maneira, se quisessem, podiam circular por toda a cidade sem serem vistos.

— Parece até que você está esperando o primeiro-ministro sair desse leilão! — Pedro brincou com a maneira excessivamente cautelosa de Bernardo.

— Antes fosse, meu amigo. Antes fosse...

— Quem são seus passageiros, afinal? — Pedro quis saber.

— São dois clientes muito recomendados por Petroski. Uma dupla de poucas palavras. Já conheceu algum anão? Povo esquisito...

— Pessoalmente não — Pedro respondeu —, mas Beatriz Fernandez, a mãe de Tommy, foi

aluna de um médico anão. E embora as relações entre as duas raças, nas últimas décadas tivesse se tornado conflituosa, Pedro tinha boas referências daquele povo.

— Bem, esses aí são os primeiros que conheço. Talvez haja outros menos antipáticos — Bernardo concluiu com desânimo.

Incomparavelmente inteligentes, os anões eram os idealizadores das principais invenções modernas: trens, balões dirigíveis, sistemas de segurança — inclusive os que tornavam o Banco Central inviolável —, além de uma sorte de coisas.

— Abaixa aí — Bernardo ordenou.

— Eu tenho que me esconder? — Pedro se surpreendeu.

— É melhor não arriscar. Eles foram taxativos quando disseram que não aceitariam outro condutor além de mim.

Pedro se encolheu entre a aba lateral do tecido de lona que revestia a divisória do condutor do coche.

— Banco Central — um dos anões falou.

— Boa tarde para vocês também — Bernardo murmurou comandando uma ordem de partida.

A cidade ainda estava excessivamente cheia e ficaria assim até a noite quando o último trem apitasse ou a última embarcação zarpassse. Via de regra, a uma boa rodada de negócios sucedesse uma generosa comemoração.

Nas casas que recebiam a elite eram servidos jantares regados a bons vinhos e espumantes. Nessas mansões, a conversa girava em torno de mercado financeiro, Câmara Interestadual, ações parlamentares... Já a celebração dos bons negócios nas tabernas era acompanhada de bebidas de baixo custo e alto teor alcoólico, comida farta, piadas pouco inteligentes e música. Muita música.

Uma hora depois de deixarem o Mercado da Pedra, Pedro avistou a ladeira que levava ao Banco Central, uma subida considerável. A instituição financeira ficava na parte mais antiga de Tamísia, a cidade alta. Lá, no topo da colina urbana, metade das sólidas construções era visível: a estação de trem, com seus arcos imponentes e colunas trabalhadas em granito; a biblioteca pública, com suas inúmeras janelas retangulares, que abriam espaço para a luz e o calor; a Escola Preparatória que descansava livre dos seus mais de mil alunos e o porto, no qual sempre estavam atracadas pelo menos três embarcações de grande porte.

O coche de aluguel alcançou o ponto alto da ladeira depois de trepidar bastante sobre as pedras irregulares do pavimento.

O prédio do Banco Central lembrava um gigantesco forte. As paredes grossas tinham mais de quarenta centímetros de espessura, as janelas ficavam a um metro do solo e eram protegidas por

espessas barras de ferro. Havia apenas uma porta de acesso para os três andares. Qualquer pessoa que desejasse entrar ou sair era revistada. E cada cliente era pessoalmente acompanhado por um funcionário da instituição durante seu tempo de permanência no lugar. Os cofres, Pedro sabia, ficavam no subterrâneo, e para se chegar a eles havia um complexo esquema de segurança.

A carruagem estacionou no espaço reservado aos clientes. Pedro se encolheu novamente na divisória do condutor.

Rash e Onur Amyr rumaram ao portão do prédio do Banco Central. Bernardo os acompanhou carregando uma valise com um brasão de ouro incrustado no couro escuro. Pedro observou o desenho: um lírio, a letra “A” e uma espada.

Ele saltou do coche assim que os anões entraram no prédio e ficou um bom tempo observando o movimento no cais: os navios cargueiros abarrotados de mercadoria que saíam de Tamísia na manhã seguinte e os marinheiros que se desdobravam para deixar os barcos em condições de zarpar. As luzes começavam a acender aqui e ali contrastando com a escuridão ainda tímida.

Bernardo sinalizou e Pedro entendeu que os passageiros deveriam estar retornando.

— Estação Pretória — Pedro ouviu o anão identificado como Rash falar.

O trânsito continuava ruim e os suntuosos arcos de bronze da estação se anunciaram somente após uma longa hora de corrida. Bernardo, no entanto, levou o que pareceu uma eternidade para alcançar a área de embarque e desembarque de passageiros.

Assim que o veículo foi estacionado entre duas colunas, que sustentavam os pilares arqueados do teto, os anões pagaram a corrida e desceram. Pedro os observou seguir o fluxo de pessoas rumo ao trem que partiria dali a trinta minutos. Fosse um dia qualquer, os irmãos Amyr, certamente, não passariam despercebidos na multidão, mas como estavam num momento atípico de leilão, ninguém achou a presença deles digna de nota.

O coche ainda estava estacionado quando um trem chegou de Dravos, o que provocou novo engarrafamento, pois alguns condutores decidiram esperar na esperança de arrematarem os últimos passageiros do turno.

Pedro, entediado e cansado, concentrou sua atenção nas pessoas que desembarcavam dos vagões. Foi nesse momento que observou descerem, do terceiro vagão do comboio, duas mulheres trajando um casaco escuro, acompanhadas de um homem, igualmente discreto. Esperando por eles, os anões Rash e Onur Amyr.

Os cinco tomaram a direção da alfândega em grupos separados, de modo que um observador menos atento que Pedro não perceberia que estavam juntos.

Seria uma cena corriqueira, não fossem as pessoas que desceram da primeira classe daquele trem: Laura Pontes, Beatriz e Diogo Fernandez.

O grupo incomum entrou na sala reservada do despachante aduaneiro e a porta foi fechada.

O coche que Bernardo dirigia ganhou a Primeira Avenida. O movimento das ruas já havia amansado. Seria questão de minutos para alcançarem o Petrolina. Contudo, nas imediações do Hospital Geral de Tamísia, uma mulher, carregando uma criança no colo, atravessava o pátio rumo ao pronto socorro. Era a esposa de Bernardo.

— É o meu filho! — O condutor se assustou e brecou o coche num único puxão.

Pedro, percebendo o nervosismo de Bernardo, ofereceu-se para levar o carro, ainda que não tivesse licença de condutor. Mas talvez por estarem a menos de três quilômetros do Petrolina, dessa vez, e apenas dessa vez, não haveria transtornos no caminho.

E a corrida, de fato, foi calma. A recepção no Petrolina, porém, foi bastante turbulenta. Amadeu Petroski despedia-se de amigos que só voltaria a encontrar no ano seguinte quando Pedro emendou os últimos metros do percurso. Os breves minutos de adeus foram suficientes para ele notar que Pedro estava no lugar de Bernardo.

O jovem viu os olhos do patrão se estreitando em desagrado, ainda à distância de metros. E teve certeza de que ele viria a seu encontro no barracão onde os coches ficavam guardados.

— HÁ ALGUMA EXPLICAÇÃO PARA ESTAR NO LUGAR DE BERNARDO?! – Petroski trovejou.

Pedro acabara de descer do coche estacionado dentro do galpão. A construção abrigava em torno de trinta veículos pequenos e vinte carruagens. As paredes divisavam com a estrebaria, onde ficavam as zebras e os quatro cavalos de raça.

— O filho de Bernardo está no hospital. Estávamos passando em frente ao pronto socorro quando ele viu a esposa levando o menino — Pedro explicou.

— Será que o que eu falo para vocês entra em um ouvido e sai pelo outro? Você não tem permissão para dirigir um coche. E se a Guarda de Trânsito parasse você?!

Pedro não tinha resposta. Ele havia se esquecido daquele detalhe de extrema importância no momento em que se oferecera para levar o carro.

— Eu espero dizer isso pela última vez: ninguém tem permissão para conduzir um coche do Petrolina sem habilitação de condutor, entendeu, Pedro?

— Sim, senhor.

— Assim eu espero.

Pedro ficou quieto. Estava errado, de novo.

O rapaz destrelou as zebras do coche e seguiu se arrastando para o galpão dos animais. Exausto, faminto e com uma vontade indescritível de estar em casa, guardou as zebras nas baias

e encheu o cocho com uma mistura de cor verde-folha, um tipo de ração concentrada. As gracinhas estavam tão esfomeadas quanto ele. Divisando com a baía das zebras, ficava Alvorada, o cavalo que Pedro sempre montava.

— E aí amigão? Saudades do nosso último passeio? — Pedro disse passando a mão na pelagem entre os olhos do equino.

Alvorada respondeu com um relinchar curto e um aceno de cabeça. Àquela altura, Pedro estava com a sensação de que suas pernas corriam o risco de desmontar a qualquer momento. O expediente já havia encerrado e não havia ninguém no Petrolina, exceto o vigia noturno que trabalhava ao portão da estrebaria.

— Noite, menino Pedro — o homem que somava muitos anos de experiência acenou quando o jovem passou.

Pedro respondeu sinalizando um adeus com a mão.

As ruas estavam escuras e caladas — afora o eco distante dos latidos dos cachorros vadios — mas não solitárias. Aqui e ali porções isoladas de moradores de rua formavam o que se poderia chamar de *porção incômoda da sociedade*. Uma pequena legião de maltrapilhos que se amontoavam nos becos mais sujos e viviam das sobras retiradas furtivamente das latas de lixo das casas mais abastadas da cidade.

Pedro alcançou o portão de casa, que estava destrancado, contrariando as normas de qualquer manual de segurança residencial. Ele entrou e fechou o cadeado. Seguiu para a porta dos fundos e enfiou automaticamente a mão no bolso direito da calça, onde sempre colocava a chave daquela entrada.

Uma onda de desânimo percorreu o corpo sem forças. Procurou dentro dos outros bolsos e nada. Foi então que lembrou, com imensa infelicidade: as chaves estavam no bolso da calça que jogara no chão do quarto naquela manhã. Não adiantaria chamar por Eloise, ela estava na casa de Isabel. Na verdade o próprio Pedro deveria estar lá não fossem os impressionantes contratemplos daquela noite.

Ele mirou o tapete que antecedia a entrada da cozinha enquanto pensava em uma alternativa. Poderia seguir até os Fernandez, esmurrar a porta e acordar a casa inteira. Era uma possibilidade, mas não faria isso. Eloise, Isabel e Tommy haviam trabalhado tanto quanto ele naquele dia de cão. Pedro conhecia bem a rotina da taberna de Diogo Fernandez no período do leilão.

Foi quando se lembrou de que sua mãe já havia chegado de viagem.

Mas antes que Pedro tivesse a chance de se anunciar na esperança de que Laura o ouvisse e destrancasse a porta dos fundos, ele ouviu sons. Ruídos vindos do interior da casa.

O primeiro sentimento foi de alívio. Laura estava acordada. O conforto, entretanto, seria temporário. Em poucos minutos Pedro descobriria que a cena que ele presenciara mais cedo na estação não era nada, se comparado ao que veria naquele instante.

Uma luz tremulante atravessou a fresta da porta de madeira que dava para a área dos fundos, vozes femininas e o ranger metálico do portão, que divisava com a rua, chegaram até Pedro.

Sem entender a razão, mas apenas seguindo a um apelo instintivo, ele se ocultou na escuridão da pequena horta, no quintal de fundos.

— Pensei ter deixado o cadeado aberto — era a voz de Diogo Fernandez.

— Não tem problema — uma segunda voz masculina respondeu.

Diogo e o homem rumaram para o lugar onde Pedro estivera menos de um minuto antes. A porta da cozinha se abriu em seguida.

— Eduardo. — Beatriz saudou a pessoa que acompanhava seu marido e os dois se abraçaram como amigos de longa data.

À luz da penumbra foi impossível que Pedro identificasse o homem, ele só conseguiu distinguir a pele clara, os cabelos pretos e a estrutura corporal imponente.

*Talvez seja um parente distante dos Fernandez, supôs.*

A porta se fechou num baque surdo antes que Pedro sáísse do abrigo clandestino e anunciasse sua presença. Mas a primeira frase que atravessou as frestas generosas da porta o impediram de se revelar.

— Rash não precisava ter vindo à Tamísia — Laura falou, indignada.

— Você se negou a ir até ele — o forasteiro disse, em contraponto.

— Eu não sou obrigada a obedecer às ordens dele.

— Ele só queria conversar.

— Não. Rash e Onur queriam me coagir ao me levar ao Gândara.

— Eles só queriam que você se lembrasse da sua história... — Desta vez quem pontuou foi Diogo.

— Minha história! — A voz de Laura aumentou alguns decibéis. — Você quer dizer o meu pesadelo, a minha tragédia, a minha desgraça. — Ela estava visivelmente descontrolada.

— Acalme-se, Laura. — Beatriz Fernandez disse num tom apaziguador.

— Não pretendo me acalmar. Eu já disse a vocês que a minha decisão já estava tomada.

— Quantas pessoas morrerão à custa da sua escolha? — Eduardo a acusou, incapaz de se conter.

— Cada um tem sua parcela de contribuição. Eu já tive a minha — acrescentou com uma

frieza e uma indiferença que Pedro desconhecia.

A conversa começou a assumir proporções alarmantes.

— Até quando vai nos culpar? — Eduardo falou como quem sente uma mágoa profunda.

— Não é o momento para isso — Diogo interveio.

— Existem outras maneira de detê-la — Laura afirmou de maneira ríspida.

— Você sabe as consequências disso. Estamos tentando evitar uma guerra.

As palavras de Eduardo confundiram Pedro.

— A guerra virá de qualquer maneira — Laura disse com uma inflexibilidade cruel.

— Está sendo egoísta. Não reconheço mais em você a mulher que foi no passado.

— Ela foi sepultada há muitos anos, Eduardo.

— Essa atitude não muda o que aconteceu. Você continua viva. Pare de viver no passado e olhe o que tem à sua frente.

— E o que tenho à minha frente, Eduardo?

Um silêncio constrangedor, que antecede a uma cuidadosa escolha de palavras, se fez presente.

— A esperança, a vida.

— Não perca a sua fé, Laura — Beatriz disse como um apelo.

— Minha fé?! Ela partiu com ele naquele dia desgraçado.

— A decisão não é mais sua — Eduardo sentenciou. O efeito daquelas palavras foi o mesmo que o da pólvora atirada ao fogo.

— Não ousem contar a eles! — Laura explodiu. — Vocês não têm o direito de acabar com a vida que me restou. Eu o proíbo, Eduardo! Se fizer isso, esqueça que um dia me conheceu. São *meus* filhos, entendeu? *Meus!* Pare de querer assumir um papel que não é seu, e nunca foi.

A porta da cozinha se abriu num rompante e não fosse o calor daquela discussão alterar a percepção das pessoas, Pedro seria descoberto.

Eduardo saiu de maneira intempestiva da casa.

— Ela está assustada — Diogo amenizou.

— Não podemos mais esperar. O médico está desaparecido. Você sabe tão bem quanto eu o risco que isso representa para ela e para os gêmeos.

— Eu sei... eu sei... Só dê a Laura mais algumas semanas. Se ela concordar, será mais fácil. Evitará que sofra novamente. Eles ainda estão seguros.

— Se ela continuar se recusando a contar, eu mesmo os levo até Rash.

Eduardo desapareceu de vista e Pedro soube que o homem havia partido porque ouviu o tilintar de ferros do portão que divisava com a rua. Apreensivo, Diogo Fernandez tomou o mesmo caminho pouco tempo depois. Beatriz, no entanto, ainda ficou com a amiga que precisava de

consolo para recuperar o prumo. Embora a porta estivesse aberta, Pedro não foi capaz de ouvir o que as mulheres conversaram.

Beatriz deixou a casa visivelmente afetada pela preocupação. Laura a acompanhou até os limites do pequeno jardim que decorava a frente do sobrado onde moravam. Quando voltou, a mãe de Pedro parecia um farrapo. O rosto mais branco do que o normal contrastava acentuadamente com o cabelo negro, que caía-lhe até a altura dos ombros. Lágrimas silenciosas desciam pela sua face amargurada. Ela, que não tinha por hábito chorar, fechou a porta e desapareceu, enfim, do campo de visão do filho.

O orvalho que caía estava gélido e àquela altura já havia ensopado a roupa de Pedro. Mas o rapaz mal notara o frio, não depois de tudo o que acabara de escutar. Talvez, se estivesse mais atento a si mesmo, perceberia que seu corpo o jogaria num sono profundo, ali mesmo, ao relento.

## Capítulo VIII

Laura subiu os degraus da escada que levava ao segundo pavimento do sobrado. As tábuas velhas e desgastadas rangiam sob o efeito do movimento. Quando alcançou o corredor que a levaria ao seu aposento, ela parou diante do quarto dos filhos. Os olhos correram a mobília num ritual triste e melancólico. Tudo era simples: os lençóis que cobriam as camas eram desbotados; os livros da escola, de segunda mão; os travesseiros, mirrados; os armários, que guardavam as poucas peças de roupa, ameaçavam cair. Mas ela não trocaria a vida modesta por todo o tesouro dos cofres do rei.

Nesse interim, Laura mediu a ironia da própria vida. Durante dez anos ela tentara matar o passado que a corroía por dentro feito uma doença silenciosa, lutando para esquecer que um dia esse passado voltaria para roubar novamente tudo o que amava. Laura sabia que seu prazo se esgotaria, mas houve um momento, ainda que breve, em que ela acreditou que o futuro pudesse ser revogado, que a sombra do passado se dissiparia e a deixaria, senão reconstruir uma vida, pelo menos colar os estilhaços do que sobrara. Mas então seus filhos disseram que se tornariam cavaleiros e a ilusão acabou.

Mesmo diante de seus esforços para mantê-los longe da Academia, Eloise e Pedro buscavam seguir o curso de vida que Laura desejava afastar deles. O passado voltava, inexorável, para cobrar a dívida que ficara perdida na memória.

Dezoito anos antes, em algum lugar no coração da floresta de Zaah...

*Chovia torrencialmente. Os pingos ressoavam feito tambores anunciando a batalha. O telhado do velho chalé resistia bravamente ao vento, que uivava tão feroz quanto um lobo. Uma mulher mordida um pedaço de lençol para não trincar os dentes.*

*— Aguenta firme — a médica disse.*

*Um grito lancinante cortou o ar.*

*— Não empurre ainda. O cordão... ainda não desenrolei... Só mais um pouco. — A voz de Beatriz beirava o desespero. — Quase lá...*

*Enquanto isso, Fernanda, a assistente da médica, se revezava enxugando o suor da doutora e da paciente. Ambas transpiravam litros.*

*— Consegui! Graças ao Deus Criador! — Beatriz agradeceu pelo milagre. — Empurre Laura. Quando vier a contração, use toda a sua força. Mais toalhas. — Havia sangue até na altura dos*

*cotovelos da médica.*

*Laura ofegou, as mãos se agarraram ao lençol, seu corpo se enrijeceu. Um grunhido de dor seguiu-se à pressão descomunal para empurrar o bebê.*

*— Ótimo. Mais uma vez.*

*— Não consigo — sussurrou entre lágrimas.*

*— Consegue sim — Beatriz a encorajou.*

*E de novo os dedos de Laura pareciam garras no tecido branco, mas desta vez o esforço foi acompanhado de um choro. Não de tristeza e sim de uma vida.*

*— Uma menina!*

*Fernanda envolveu a criança em um pano especialmente limpo, mas não houve tempo para felicitações. Quando Beatriz julgou o trabalho terminado, ouviu outro guincho desesperado. Laura ainda sentia contrações. Havia outro, inacreditavelmente. As mãos da jovem médica tremeram de pavor ao perceber que o segundo bebê estava virado. Os olhos encontraram os de Fernanda, que a encarava assombrada.*

*Como gostaria que Eduardo tivesse conseguido vencer a tempestade para trazer Semil Arzu para realizar o parto prematuro... O plano era que o professor da recém-formada Beatriz chegasse, na semana seguinte, para acompanhar o último mês de gravidez de Laura. As contrações, no entanto, vieram sem aviso. Rápidas e intensas. Contrariando todas as estatísticas de uma primeira gravidez, em menos de cinco horas o bebê estava a caminho do nascimento.*

*— O que está acontecendo? — Laura perguntou, desesperadamente assustada.*

*— Temos outra criança — a médica respondeu, tentando imprimir tranquilidade à voz. — Ela está sentada... Vai doer... Talvez, você... não sobreviva ao procedimento, Laura. Mas se não fizer, quem morre é o feto... Você precisa escolher...*

*— Salve meu bebê, Beatriz... Por favor! — suplicou, as palavras falhando.*

*— Fernanda! Preciso de mais toalhas e água morna.*

*Laura já não conseguia falar ou gritar. Apenas emitia alguns sons guturais indecifráveis à medida que Beatriz virava a criança, o que levou pouco mais de quinze minutos.*

*— Laura, respire. E empurre forte. Este precisa sair de uma só vez.*

*E assim, com um desejo incontrollável de mãe que anseia salvar vida do filho, Laura conseguiu. A segunda criança expandiu os pulmões num choro de sobrevivência.*

*— É um menino!*

*Era só o que precisava ouvir. Laura desabou na cama, inerte. O corpo parecendo sem vida, o sangue jorrando nos lençóis.*

*O médico experiente chegou momentos depois dos nascimentos e assumiu rapidamente a contenção da hemorragia, enquanto Beatriz cuidava dos gêmeos. Uma onda de gelo invadiu o corpo de Laura e ela pensou que seria o fim. Seu corpo, tomado de uma leveza extraordinária,*

*ficou entorpecido. Mas um baque violento no peito a trouxe de volta. Seus membros começaram a se debater, tremendo freneticamente, reagindo às sucessivas batidas dolorosas em cima do coração.*

*— Fique comigo! Não morra! — Os gritos aflitos não passavam de sussurros na mente dela. — Respire! Precisamos de você! — A voz masculina não era do médico, mas de alguém que o estava auxiliando.*

*Foi sua última lembrança consciente daquele dia.*

Eloise abriu o portão de casa tentando evitar o ranger provocado pela ferrugem que atacava o material. Ainda era cedo, as brumas da noite ainda não haviam se dissipado por completo, mas ela sabia que sua mãe havia chegado de viagem e queria vê-la. Por força do hábito, ela circundou os parques canteiros de flores que decoravam a frente da casa e rumou para a entrada dos fundos.

Foi quando ela o viu encolhido por entre as plantas rasteiras da horta.

— Pedro! — Ela levou a mão à boca, mas já era tarde. O grito o acordou como um despertador desafinado. Seu estado era lastimável: roupas imundas, rosto sujo de terra e o cabelo coberto com as folhas minúsculas do canteiro que lhe servira de cama.

Ele abriu os olhos com dificuldade e lentidão.

— O quê..?! — Eloise o observava, atônita.

Pedro tinha a sensação de que cada centímetro do corpo estava doendo.

— Uma mãozinha ajudaria...

— Ah...

Pedro se ergueu resmungando dois ou três xingamentos, que somente ele foi capaz de entender, enquanto seu corpo gemia, contrariado.

— Você dormiu aqui! Como? Por quê? Suas chaves?

— Bom-dia pra você também — ele disse numa voz rouca e cansada. — Dá um tempo, Elô. Preciso desesperadamente de uma cama.

Eloise ultrapassou os passos cambaleantes de Pedro e abriu a porta da cozinha para ele entrar e seguir para o quarto. Quando ela atravessou o corredor do sobrado rumo aos aposentos de sua mãe, Pedro já roncava alto.

— Foi tudo bem na viagem? — Eloise perguntou a Laura depois de um demorado e melancólico abraço.

— Sim — ela respondeu evitando os olhos da filha.

Mas Eloise conhecia a mãe o suficiente para perceber que havia algo errado. E

provavelmente foi essa percepção que fez Eloise guardar segredo sobre a descoberta feita no quarto da mãe durante a procura pelo documento do registro de nascimento do irmão.

Laura e Eloise estavam acomodadas na poltrona da sala quando Pedro apontou no alto da escada. Ainda havia um cheiro agradável de pão quente e café forte, preparado poucas horas antes de ele acordar. Laura lia, com desagrado, o *Diário de Gazara*, que havia chegado às primeiras horas da manhã. O destaque da coluna social trazia o exibido rei Edgar Belmonte, no jardim do palácio real, trajando um conjunto verde-oliva combinado com uma túnica revestida de cuidadosos bordados geométricos. Ao lado da fotografia, a legenda anunciava um baile de máscaras para comemorar o aniversário do soberano. A festa aconteceria no Salão de Cristal, sede do governo, em algumas semanas. Curiosamente o dia natalício do rei coincidia com a data em que seu primo, o príncipe Pietro Belmonte, fora assassinado.

Antes de se fazer notar, Pedro considerou a possibilidade de confrontar sua mãe sobre a conversa que ouvira. Queria explicações, é claro, e as exigiria se necessário fosse. Contudo, ele também tinha esclarecimentos a prestar. E foram essas explicações que o calaram naquela manhã.

Laura saudou o filho tal qual fizera com Eloise, como se não o visse há meses. Abraçou-o por longos minutos, penteou seus cabelos emaranhados com os dedos e acarinhou seu rosto. Para a mãe, o rapaz crescido continuava parecendo uma criança que necessitava de cuidados.

— Pedro, eu me esforço para proteger vocês de tudo e de todos. Mas, infelizmente, meu filho, sou incapaz de defender você de si mesmo.

Eloise contara para a mãe sobre a noite na prisão. Havia um tom marcante de desapontamento na fala de Laura. O que Pedro não sabia, entretanto, era que o sentimento estava mais ligado à conversa daquela madrugada do propriamente ao fato de ele ter sido preso. Por isso, as palavras o atingiram como uma chicotada. Encarar a decepção e o olhar melancólico de sua mãe foi mais difícil do que supunha.

Até mesmo Eloise, que estivera distraída com a leitura de um livro, notou a atmosfera angustiada. A tristeza de Laura era notável e comovente. Poucas vezes os filhos a viam naquele estado. Isso acontecia apenas uma vez a cada ano, na exata data em que o pai deles morrera, quando a mãe se isolava para reviver seus momentos de luto interminável. Esse dia, no entanto só viria dali a algumas semanas.

Eloise era quem mais se sensibilizava com a dor de sua mãe. Por vezes se oferecera para visitar o túmulo do pai, pensando que talvez a visita ajudasse a aplacar a tristeza. Laura, porém nunca demonstrara interesse, talvez porque soubesse que procurar uma lápide de pedra não

mudaria a dureza dos fatos e só a faria reviver os momentos de angústia que cercam um funeral.

Incapaz de se concentrar na leitura e sem conseguir disfarçar a angústia, Laura deixou o jornal de lado. Instantes depois se levantou, beijou os filhos, abençoou-os, como fazia sempre e saiu dizendo que iria à Confeitaria da Esquina comprar uma sobremesa para o almoço na casa dos Fernandez .

No jornal, que ficou sobre a poltrona, trazia, em destaque, na primeira página o título: “Gazara invadida pela criminalidade”. Uma linha abaixo das letras extravagantes a coluna semanal de Aava Carmel dizia: “Assaltos ou coação, página 12.”

Eloise passou as páginas do Diário até encontrar os textos.

*Sete assaltos foram registrados na última semana na região de Adraa.*

*“Fomos ameaçados. Agrediram meu marido (...) Não reagimos (...) Levaram tudo: dágoras, objetos pessoais...” disse uma das vítimas. Ainda muito abalada, a mulher preferiu não se identificar.*

*Não há pistas sobre os criminosos, que fugiram a cavalo. O chefe de polícia de Dravos falou exclusivamente ao Diário... “Dobramos o número de patrulheiros na região, mas a área é muito extensa. É difícil estar em todos os lugares ao mesmo tempo. Se pelo menos tivéssemos um dirigível, em apenas um mês cobriríamos do ar o dobro de quilômetros. Entretanto, enquanto isso não for possível, pedimos que a população siga as normas básicas de segurança: não viajar sozinho, principalmente durante a noite e, em caso de assalto, em hipótese alguma reagir.”*

A notícia policial encimava a coluna de Aava Carmel. A jornalista, uma mulher esguia, de cabelos negros cortados à altura da orelha, nariz proeminente e sorriso antipático, era uma das colunistas mais influentes de Gazara. Pertencente a uma família tradicional de gazares, Aava apoiava declaradamente as ações do primeiro-ministro Heron Talmai.

*“Desde que essa avalanche de assaltos começou, eu me pergunto quando estaremos seguros novamente. É inegável que as autoridades responsáveis em investigar o caso estão sendo, no mínimo, lentas. Nenhum criminoso foi preso, nem mesmo há pistas sobre eles. Parece que os assaltantes simplesmente desaparecem. Ou se enterraram na areia vermelha da região.*

*O mais espantoso nisso tudo são as estatísticas: todas as vítimas são gazares... Admira-me o fato de a polícia não se atentar a esse detalhe, que faz toda a diferença.*

*Fatos são fatos. Nada tenho contra os mestiços. Convivo bem com as diferenças. Meus empregados, por exemplo, são todos mestiços. Entretanto, não posso me eximir*

de esclarecer situações omitidas pelo chefe de polícia.

*Ouso afirmar que nós, gazares, estamos sofrendo uma grave perseguição. Somos reféns no nosso próprio reino, embora nossos ancestrais tenham levantado cada coluna desta terra. Criamos um paraíso porque nossos antepassados deram suas vidas na construção do grande e próspero Reino, por isso este espaço pertence a nós, legítimos descendentes desse povo corajoso e desbravador. Mas, infelizmente, a verdade é que não podemos usufruir de nossa própria casa. Estamos acuados e amedrontados porque Gazara não é mais dos gazares.*

*Gazara pertence, hoje, aos mestiços, que roubam nossos empregos, tomam as vagas de nossos filhos nas universidades, tomam nossos leitos hospitalares... Onde isso vai parar? Em pouco tempo os gazares serão minoria em seu legítimo território.*

*É por isso que uma vez mais eu louvo as medidas propostas pelo primeiro-ministro, Heron Talmai. Lamento apenas que as leis não tenham sido aprovadas por unanimidade dos parlamentares.”*

— Estúpida, ignorante, arrogante, dramática... Quem essa Aava Carmel pensa que é?

— Só uma das dez pessoas mais influentes do Estado — Pedro disse num tom casual enquanto voltava da cozinha trazendo uma fatia de bolo de milho na mão.

— Nossa! Qualquer hora você vai me matar de susto.

— Não sei por que lê isso, Elô. Sabe que o Diário é tendencioso.

— Essa mulher é absurda! — Ela trovejou, ignorando o comentário do irmão. — Ela não insinua mais. Está partindo para o ataque direto.

— O pior é que muita gente acreditada no que ela escreve.

— Acredita só não, Pedro. Aplauda. E, se quer minha opinião, a situação vai piorar ainda mais

— Eloise afirmou como uma certeza.

— Por que está dizendo isso? — ele estranhou a firmeza do argumento.

— Estéfano — ela murmurou.

— O que tem esse idiota? — Pedro bufou numa careta.

— Foi ele quem me disse que as coisas ficarão piores para os mestiços — explicou. — Aquele dia no refeitório... — Acrescentou o comentário como se o irmão estivesse confuso.

— Você não contou *isso* — ele a censurou.

— Como é que eu falaria sobre um assunto desses no meio do refeitório?

— Tá, mas e depois da aula?

— Eu esqueci — ela encolheu os ombros.

— Sei... Ele disse mais alguma coisa que tenha se *esquecido* de contar? — Pedro sinalizou

com ironia.

— Bem... Ele não me propôs apenas um namoro... — ela hesitou. — Estéfano sugeriu que eu trocasse de sobrenome.

— Como é que é? — Pedro explodiu. Suas mãos se fecharam automaticamente e socaram o braço da poltrona.

— Ele se propôs a alterar meus registros — ela continuou.

— Aquele cara é mais doente do que eu pensava... O primo dele não estava só me provocando no dia da briga. Estava dizendo a verdade quando disse que Estéfano faria de tudo para ter você. Ele armou a briga para fazer uma chantagem... Que idiota, até parece que você cederia.

— Na verdade... preciso confessar uma coisa...

Pedro sentiu o sangue ferver.

Mas nesse momento Tommy rompeu pela porta dos fundos, entrando de maneira pouco sutil, como apenas ele conseguia fazer. Invadiu a sala provocando um sobressalto em Eloise.

— Opa! Interrompi alguma coisa? — Mesmo Tommy, uma pessoa desligada, percebeu a tensão.

— Oi... não... nada — Eloise disfarçou.

— E aí?! — Pedro cumprimentou o amigo de maneira informal.

Quando Pedro, Eloise e Tommy chegaram à casa dos Fernandez, encontraram Isabel equilibrando uma pilha de pratos encimada por muitos talheres. Uma toalha de flores vibrantes, que lembravam o início da primavera, cobria a mesa de oito lugares. O móvel, que dividia o ambiente com a sala de estar, era utilizado apenas nas ocasiões em que as famílias estavam reunidas. Afora isso, os Fernandez almoçavam na estalagem e jantavam na pequena mesa da cozinha.

Enquanto Isabel distribuía os pratos e talheres sobre o tecido floral, Diogo se distraía com o jornal, mas a julgar pela expressão do seu rosto, a leitura provavelmente estava lhe causando náuseas. O destaque da manchete era o rei Edgar Belmonte, inimigo declarado da família Fernandez.

Edgar Belmonte fora um dos principais incentivadores da investigação que culminou com a expulsão de Diogo Fernandez da cavalaria. Como se isso não bastasse, o rei sugeriu aos primeiros-ministros da Câmara Interestadual que a fortuna do cavaleiro era fruto do contrabando de armas. E foi dessa maneira que a família Fernandez recebeu o golpe final. A Câmara votou e aprovou o confisco dos bens do cavaleiro. Tudo o que possuía depositado no Banco Central passou a pertencer ao Reino Unido de Petra.— Ele está uma fera comigo — Tommy murmurou, cutucando Pedro com o cotovelo.

— *Hipócrita* — o homem murmurou aborrecido, sem se dar conta de que não estava sozinho na sala.

— *Humm...* — Tommy raspou a garganta fazendo anunciar a companhia.

— Precisa de ajuda? — Eloise perguntou a Isabel.

As duas terminaram de arrumar os talheres, guardanapos e copos sobre a mesa, enquanto Pedro e Tommy disputavam o caderno de esporte desprezado por Diogo. Naquele momento, um apetitoso pernil exalava o aroma inconfundível do tempero da cozinheira da estalagem. E mesmo se alguém naquela casa estivesse sem apetite, o que não era o caso, mudaria de ideia. O cheiro de ervas e pimenta-do-reino combinados com o molho cítrico que regava a carne convenciam qualquer pessoa a comer.

— Então, contou a ele sobre o Estéfano? — Isabel perguntou à amiga.

— Ainda não — Eloise disse baixinho, encolhendo os ombros.

— Elô... Você está pensando em esconder do Pedro o que aconteceu? — Isabel sussurrou com um traço de desagrado na voz. — Estéfano é perigoso...

— Eu sei, Bel.

— Com licença, meninas — Beatriz falou numa voz urgente. Estava carregando uma bandeja redonda onde a carne de porco estava aninhada entre uma cama de farofa de frutas.

Laura veio em seguida trazendo duas tigelas generosas de salada ornadas com folhas de variados tons de verde, cenouras em tiras, abobrinha e beterraba que deixaram a mesa ainda mais colorida. Acompanhando os primeiros pratos vieram batatas coradas salpicadas de salsa, arroz branco, acrescido de minúsculos quadradinho de vagem e suco de amoras silvestres.

Embalados pelo ritual da refeição, as duas famílias sentaram-se à mesa e por alguns momentos esqueceram os problemas, as angústias, as dúvidas e os medos, como se vivessem um momento de trégua.

Mas, no meio da tarde, Pedro arrastou Eloise, sozinha, até sua casa.

— Estou esperando uma explicação...

— A briga na rua foi uma armação — Eloise começou, sem rodeios. — Estéfano planejou sua prisão e o Tommy acabou sendo envolvido só porque estava com você.

— Então o gazar está, de fato, fazendo uma chantagem... — Pedro concluiu furioso. — Mas você não cedeu, certo? — A pergunta saiu espremida entre os dentes trincados.

— Calma, Pedro. Eu só ganhei tempo. Precisamos pensar o que vamos fazer para livrar você e Tommy de um processo.

— O que você quer dizer com “ganhei tempo”?

— Estéfano é um canalha, eu sei. Mas, acredite ou não, ele gosta de mim.

Pedro a encarou perplexo e ao mesmo tempo assustado.

— Isso significa que ele vai me respeitar... Não vai me usar como faz com as outras garotas — ela completou.

— Eu não acredito! Você vai namorar aquele imbecil?! — Ele explodiu aos berros.

— Não! — Eloise gritou de volta. — Eu vou enrolar o Estéfano. Legalmente, os gazares têm cinco dias para formalizar a queixa contra vocês. É o tempo de que precisamos...

— Eloise, você acha mesmo que o filho do primeiro-ministro vai engolir ser enganado por uma mestiça? Ele vai revidar.

— Quando ele descobrir que eu o enganei, as aulas já terão terminado.

— Mas vai continuar morando em Tamísia... Você não pode ser tão ingênua a esse ponto... Estéfano não vai desistir de você... Além disso, ele pode encontrá-la no momento em que quiser.

De repente a raiva de Pedro se transformou em preocupação. E ele percebeu nos olhos sinceros e assustados da irmã que sua intenção fora, unicamente, defendê-lo.

— Eu sei... — Ela disse num sussurro. Os ombros encolhidos não mostravam arrependimento, mas um temor do que poderia acontecer.

— Vem cá. — Pedro a abraçou. — Vamos arrumar isso.

— Por favor, Pedro. Chega de brigas. Estamos tão perto do torneio...

— Eu não vou brigar. Fique tranquila. Ei, o que acha de dar uma corrida? A Filha do Vento contra o Alvorada?

— Só se o Geada e o Valente entrarem também — ela respondeu tentando parecer animada.

— Perfeito.

## Capítulo IX

O melhor lugar de Tamísia para se apostar uma corrida a cavalos era na companhia do mar. O oceano costeava a cidade em muitos quilômetros, mas em apenas alguns deles havia praia. A maior parte da encosta era composta por uma formação rochosa íngreme, que se assemelhava a uma imensa parede de pedras. Uma cadeia de montanhas belíssima, porém extremamente perigosa para os navegantes. No passado, muitos navios que se aproximaram atraídos pela beleza natural, foram surpreendidos por rochas submersas tão afiadas quanto a lâmina de uma espada. Tantos foram os naufrágios que a região ficou conhecida como a Encosta da Morte.

Com o crescimento da cidade, entretanto, um farol gigantesco foi construído na parte mais alta das rochas. Muitas cartas náuticas também foram escritas detalhando em minúcias o relevo oceânico daquela porção de mar. Por isso, atualmente, nenhum capitão tinha receio de aportar em Tamísia.

Filha do Vento, Geada, Alvorada e Valente corriam contra o vento da maneira que gostavam: vencendo o movimento do ar que tentava impedi-los de avançar, sentindo o cheiro salgado à beira-mar, batendo os cascos no solo duro que revestia a superfície da rocha costeira. Liberdade era o que sentiam quando estavam ali. Animais e cavaleiros gostavam de ouvir o choque ininterrupto das ondas ferozes contra a montanha implacável. O duelo de dois gigantes imortais.

A construção esguia de formas arredondadas, que orientava os navegantes, esperava pelos corredores no final da trilha. O farol de Tamísia ardia suas chamas dia e noite, vigilante e tenaz.

Filha do Vento, Geada, Alvorada e Valente chegaram emparelhados e não ficaram contentes quando seus companheiros de percurso lhes puxaram as rédeas. Os animais tinham uma natureza selvagem, principalmente a Filha do Vento. Se pudessem, os equinos cavalgariam dias sem descanso, compensando a inércia do estábulo onde viviam.

Na altura da encosta era possível avistar o porto de Tamísia em sua totalidade. O lugar repousava depois da semana de trabalho frenético. Só havia uma embarcação ancorada nas divisas da região: um navio de, pelo menos, trinta metros. No mastro, a bandeira do reino de Gazara tremulava agitada sob a vontade do vento.

Naquela hora, o sol e o oceano se encontravam anunciando mais um entardecer. Era uma imagem linda, principalmente se vista do alto. Pedro, Eloise, Tommy e Isabel ficaram às margens da rocha enquanto contemplavam o presente da natureza. Pedro estava calado e recusou o convite de Eloise para subir até o topo do farol. Isabel, que se afastou um pouco dos outros, mantinha os olhos fixos na amplitude. Em silêncio, embalada apenas pelo movimento das ondas no horizonte, ela pensava somente no que viria dali a algumas semanas: o Torneio de

Bravura, o grande objetivo de sua vida.

Geralmente os sonhos têm uma característica peculiar, às vezes até cruel. Quanto mais perto de se tornarem reais, maiores as emoções conflitantes que evocam. Naquele instante Isabel sentia-se confusa com tantos anseios contraditórios.

— Qual o problema, Bel?

Ela estremeceu ao som da voz de Pedro. Não havia notado a aproximação.

— Nenhum — ela respondeu recuperada do susto.

Pedro sentou-se ao lado dela na encosta, cruzou os braços sobre os joelhos parcialmente erguidos e contemplou o infinito do oceano imitando a postura da amiga.

— Sou seu melhor amigo, não? Acho que sei quando você está incomodada.

— Por que acha que estou incomodada?

— Amanhã chegam as cartas de inscrição do torneio.

Isabel ficou quieta.

— Você sabe que está pronta para a competição há meses — Pedro afirmou convicto. — Você é totalmente capaz de ser uma das campeãs. Ninguém que eu conheça treinou tanto. Se não for uma das dez vencedoras, nenhum de nós será.

Pedro estava certo e Isabel sabia disso. O problema das emoções em conflito é que há uma diferença entre *saber* e *sentir* a verdade.

— Gostaria muito de ter essa certeza — ela desabafou.

— Bel, você costuma ser injusta consigo mesma.

Novamente Pedro tinha razão. Isabel tinha por hábito julgar a si mesma sob uma ótica exigente, cobrando-se uma perfeição inalcançável.

— Não é uma questão de justiça, Pedro. Estou sendo realista.

— Discordo. Está sendo pessimista.

— Sabe quantas garotas sonham com a Academia?

Isabel referia-se ao número de vagas na instituição. Apenas cinquenta para cada Estado. E, de acordo com as estatísticas, apenas um a cada vinte inscritos eram aprovados.

— Muitas. Mas você e Eloise vão superar todas elas.

Isabel esboçou um sorriso de má vontade. Em seguida disse:

— Mas você não parece melhor do que eu. Está preocupado com a questão do Estéfano e a Elô?

— Também — ele respondeu enigmático.

— Sei...

— O que você faria se descobrisse que seus pais escondem um segredo? — Pedro perguntou ainda mais misterioso.

— Depende do segredo. Do quê ou de quem estamos falando exatamente?

— Minha mãe. Eu ouvi uma conversa muito estranha ontem de madrugada quando ela chegou de viagem.

— Quer falar a respeito? — Isabel era discreta e não insistiria, a menos que Pedro mostrasse interesse em dividir o problema, e essa era uma das características que ele mais apreciava. Isabel não era invasiva, sabia respeitar, como poucos, o espaço das pessoas.

— Sinceramente não sei... Por enquanto, nada do que ouvi faz sentido...

— Já tentou conversar com ela?

— Ainda não. Ela está bem zangada comigo. Além disso, não acredito que vá me falar a verdade se eu perguntar. O que eu escutei não foi pouca coisa... — Pedro confessou com desânimo.

E contou-lhe tudo que ouvira.

— Isso é sério, Pedro — Isabel constatou depois que se recuperou do choque da narrativa. — E quem é esse tal de Rash?

— Acho que seja o anão Rash Amyr. Eu o vi conversando com nossos pais na estação de trem. Sabia que eles vieram de Dravos na primeira classe?

— Chegaram de Adraa, você quer dizer — Isabel o corrigiu.

— Não. Eu os vi desembarcando do trem que veio da cidade de Dravos.

— Estranho, eu estava com mamãe quando ela comprou os bilhetes de terceira classe para Adraa. E você disse que eles se encontraram com Rash Amyr?

— Com ele e com o irmão, Onur.

— Você sabe quem são esses anões, Pedro? — Isabel já sabia a resposta, mas perguntou para ter certeza.

— Não tenho a menor ideia.

— Eles eram conselheiros do rei Afonso Belmonte.

— Como assim, conselheiros?

— Você deveria seguir as palavras de Eloise e se interessar mais por História. Em todo caso, o rei Afonso, tio do rei Edgar, foi o último dos Belmonte a ter um representante da família Amyr no cargo de Conselheiro Real. Aliás, os Amyr foram os últimos conselheiros. O pai do atual rei, o príncipe Ramiro, extinguiu o cargo.

— Bom... Eu ainda não entendi o que isso tem a ver com o fato de nossos pais estarem conversando com eles — Pedro afirmou, ainda confuso com a linha de raciocínio.

— Eu acho que esse fato pode, ao menos, dar uma pista sobre o tamanho do segredo que sua mãe está escondendo. Por que o tal Eduardo disse que levaria “os gêmeos” — Isabel sinalizou as palavras com aspas no ar — até os Amyr? O que a nobreza dos anões pode querer com vocês?

— Não sei, Bel. Mas depois que o assunto “noite na prisão” passar, eu vou descobrir.

Eles só voltaram da cavalgada depois que a noite caiu. A Primeira Avenida, sem movimento, era o retrato da cidade que repousava depois de um agitado evento comercial. Apenas vendedores de doces circulavam na praça, além de um ou outro casal de namorados que passeavam na calçada larga. Fora isso, somente o hospital e o ambulatório de Beatriz Fernandez estavam com as portas abertas.

A médica e Laura precisavam organizar o consultório, que voltaria ao atendimento regular no dia seguinte. Beatriz, inclusive, tinha de cumprir um compromisso agendado meses antes, uma visita a um vilarejo que ficava a oeste de Tamísia, uma região de extrema pobreza, onde os braços do Estado não alcançavam.

— Você não pode voltar para casa sozinha, Elô — Pedro argumentou quando chegaram ao Petrolina. — Tommy leva você.

— Mas, e os animais? Você precisa de ajuda para lavá-los.

— Eu fico com o Pedro — Isabel se ofereceu. — Eu gosto de dar banho no Valente — Isabel disse sorrindo enquanto aflagava o pescoço do cavalo, que respondeu com uma expressão de agrado.

— Então tá.

O céu estava particularmente belo naquela noite. As estrelas eram um convite à observação. As constelações que orientavam os navegantes naquela região pareciam mais intensas, desenhando com seu brilho prateado suas formas no firmamento.

De todos os astros, o conjunto que mais se destacava naquela hora era Kayla, uma constelação magnífica e imponente, um arranjo de doze estrelas que ficava a sudoeste de Tamísia. Formando o desenho de uma coroa de cor branca-azulada, Kayla fora escolhida para marcar, do céu, o espaço geográfico, em terra, que delimitava a sede do Reino Unido de Petra.

— Hummm — Tommy arranhou a garganta, rompendo o silêncio de alguns metros.

Eloise olhou para ele e preferiu antecipar o assunto. Já havia sido embaraçoso demais quando estavam no farol e Tommy a cercou sem coragem de tocar no nome do filho do primeiro-ministro.

— Eu sei que Pedro deve ter contado sobre a armação do Estéfano, então... o que quer saber sobre ele? — Ela foi direta para evitar o tipo de conversa que tivera mais cedo com o irmão.

— A respeito dele, nada. Quero saber de você. Não me leve a mal, mas eu preciso perguntar. Você sente alguma coisa pelo gazar? — Tommy foi igualmente direto, surpreendendo Eloise.

— Não... Claro que não. Estéfano é desprezível.

— Hummm.

— Também acha que fui uma idiota em achar que poderia enganá-lo?

— Eu não usaria a palavra idiota. Talvez ingênua seja mais apropriado. Mas o que mais me preocupa é a sua segurança.

— Obrigada por não me julgar. Obrigada pela preocupação. E... obrigada por estar bancando ser meu guarda-costas.

— Sempre às ordens.

Tommy deu um sorriso torto. Ele seria seu segurança particular todos os dias se ela quisesse.

— Bom... — Eloise parou de caminhar porque eles haviam alcançado o portão do sobrado dos Pontes. Geralmente, ela não se incomodaria em ser acompanhada pelo amigo. A situação daquela noite, entretanto, era atípica. — A gente se vê amanhã, então?

— Posso ao menos levar você até a porta? — Tommy perguntou tentando disfarçar a decepção de não ser convidado a entrar. — Quero ter certeza de que ficará em segurança.

— Sim, claro — ela respondeu um pouco constrangida por sua própria falta de modos.

Embora dissesse que estava com dor de cabeça, o motivo verdadeiro para ela retornar ao sobrado, sozinha, era abrir a caixa misteriosa que encontrara no quarto de sua mãe na noite em que Pedro e Tommy estavam no Distrito de Polícia.

Eloise caminhou até o quarto sentindo-se péssima pela frieza com que se despediu de Tommy. O cômodo, ficava ao lado do aposento de Laura e era pequeno. Abrigava uma cama, coberta por uma colcha de rendas; um armário de duas portas e uma estante de acabamento precário, que acolhia os livros de segunda mão que Eloise conseguira comparar para si. No chão, cobrindo algumas das frestas largas do piso de madeira, um tapete de retalhos coloridos.

Eloise pegou a caixa e se acomodou sobre o tecido multicor que cobria o chão, imaginando saber o que a aguardava: uma fotografia de sua mãe na juventude, um pouco mais velha do que a própria garota e um livro lacrado com tiras de couro.

As pessoas retratadas no papel antigo eram Diogo Fernandez, Laura e mais dois homens cuja fisionomia Eloise não reconheceu de pronto, embora os traços dos desconhecidos lhes fossem familiar. Os quatro, que exibiam um sorriso largo, vestiam o uniforme da Academia de Cavaleiros e posavam tendo a construção milenar do prédio da Escola de Cavalaria como pano de fundo. Muitas coisas passaram na cabeça dela, inclusive o fato de que Diogo Fernandez conhecia Laura desde a juventude.

Mas, dentro da caixa aberta, ainda havia um livro antigo que encarava Eloise como se pedisse para ser aberto. Eloise retirou o material e, ainda que temerária, desfez o laço e abriu a capa de veludo carmim.

Havia uma dedicatória numa letra desenhada.

*Laura,*

*A nossa história nunca terá um fim.*

*Com amor,*

*Pietro*

Eloise hesitou antes de continuar a leitura das páginas seguintes. O livro antigo era o diário de sua mãe.

*Passsei o feriado de Ação de Graças com Pietro. Mal acredito que finalmente achei meu lugar no mundo. Ainda tenho pesadelos com os dias de solidão no orfanato. Sei que prometi a mim mesma virar essa página da minha vida, mas a tristeza de não ter uma família e de crescer isolada nos limites dos muros da casa de abrigo ainda me perseguem. Todas nós éramos bem tratadas, mas faltava o essencial: o amor.*

*Ainda me lembro do esforço que eu fazia para agradar as famílias que nos levavam para passear aos domingos, mas a verdade era que eu era uma intrusa que ficava catando as migalhas de amor que sobravam.*

*Sei que isso é um passado distante. Eu só queria achar uma maneira de apagar de vez a dor e o vazio que me assombra de madrugada.*

*Quando estou acordada e a sombra tenta me atingir, penso em Pietro e instantaneamente me sinto forte outra vez. Ele está se tornando um vício, eu sei. Mas tenho certeza de que ele me ama tanto quanto eu o amo.*

Eloise não fazia ideia de como a vida dela no orfanato havia sido difícil. De repente, sentiu-se egoísta por ter se contentado apenas com as duas frases que a mãe dissera acerca da infância: “Cresci em um orfanato. Não conheci minha família.” A tristeza das palavras provocou um nó na garganta da jovem, que precisou de alguns minutos para virar a folha seguinte.

*Vamos passar as férias no Gândara. Depois do feriado, Rash e Onur nos fizeram prometer que voltaríamos. Pietro confirmou hoje a nossa ida.*

Isso foi uma surpresa, ainda que naquela época o trânsito de homens por aquelas terras fosse comum.

*Diogo e Beatriz vão se casar. É maravilhoso. Beatriz gostaria de primeiro concluir*

*os estudos na Escola de Medicina, mas Diogo insistiu e Pietro os incentivou, dizendo que o amor verdadeiro não pode esperar...*

*Infelizmente eu e Pietro ainda não poderemos ser vistos em público. Eu ainda não entendi bem o porquê, mas foi um pedido do próprio Rash.*

*O casamento foi para poucos convidados. Eduardo chegou atrasado e saiu antes da primeira dança dos noivos. Ele tem andado diferente nos últimos meses. Era meu melhor amigo quando cheguei à Academia e agora mal nos falamos. Sinto falta da companhia dele.*

A menção do nome em correspondência com a Academia reavivou a memória de Eloise, que retomou a fotografia. O homem, posicionado entre Diogo Fernandez e Laura, era Eduardo Colli.

Ela deixou o caderno sobre o tapete e caminhou até a janela do quarto buscando uma pausa. Abriu o trinco e moveu a aba retangular no sentido vertical.

A rua estava silenciosa. Ela correu os olhos nas calçadas e nada viu, além de um mendigo acomodado na calçada.

Eloise forçou-se a lembrar de todas as informações que possuía sobre Eduardo Colli. Repentinamente, alguns fatos tomaram foco. Alguns anos antes ele comandara os cavaleiros na Guerra dos Quinhentos dias, impedindo a invasão do reino de Naim pelo Exército Separatista de Zadoque. E depois da guerra, o que circulou nos jornais foi que o cavaleiro estava no comando das tropas especiais da cavalaria, um grupo de elite. Ele também era responsável pelo programa de ajuda humanitária dos Cavaleiros sem Fronteira e, além disso, recebera diversas condecorações por feitos honrosos.

— Então, Laura Pontes conhece o famoso Eduardo Colli... — sussurrou para si mesma.

É claro que Eloise também sabia que Rash Amyr fora conselheiro no reinado de Afonso Belmonte.

— Nossa...! Eduardo Colli e Rash Amyr... Isso não é qualquer coisa!

E ela também se perguntava por que Laura nunca contara isso aos filhos.

*Pietro me pediu em casamento. Hoje é o dia mais feliz da minha vida. Meu coração está tão disparado que acho que vai sair de dentro de mim a qualquer momento.*

...

*Rash e Onur fizeram questão de preparar a cerimônia aqui mesmo no palácio. Eu achei ótimo.*

*Eles me contaram sobre a Aliança. É tudo... tão... nem sei de que maneira definir o*

*que Rash me contou. Ele me disse que, antes de nos casarmos, eu preciso aceitar os termos da Aliança.*

*Pietro me falou do treinamento que ele fez aqui no Gândara.*

*Agora eu sei porque ele, Eduardo e Diogo eram, de longe, os alunos mais habilidosos da Academia.*

*Confesso que a história me assustou quando Rash disse que nossos filhos serão herdeiros desse legado e que também serão treinados. Espanta-me o fato de Beatriz ter aceitado a questão com tanta naturalidade, pois ao que me consta os filhos deles também receberão essa herança vitalícia.*

*Fiquei com medo sim. Ainda não sou mãe, mas é uma carga muito pesada e perigosa. Mas foi Pietro quem me acalmou. Como sempre, a presença dele me enchendo de vida e esperança.*

*A cerimônia do nosso casamento acontecerá em segredo. Pietro acha mais seguro assim. Agora eu entendo a preocupação deles.*

— Treinamento?! Herança?! Os filhos de Diogo e Beatriz?! Casamento secreto?! E quem, afinal de contas, seria esse Pietro?! O nome do meu pai era Pedro — Eloise constatou como se conversasse com alguém.

Eloise releu o texto inúmeras vezes antes virar a página seguinte na expectativa de encontrar alguma resposta para as perguntas que gritavam em sua cabeça. O que ela achou, no entanto, superou todas as expectativas. Foi como se ela tivesse caído da janela do quarto para um vazio infinito.

*Nem nos meus sonhos eu poderia imaginar uma festa tão linda e perfeita. Perdi a conta de quantas vezes Pietro disse que me amava. E de como eu seria, de longe, a rainha mais bonita que Petra já teve.*

*Ele me faz rir sempre que fala nisso. Vai demorar até eu me acostumar com meu novo nome. Laura Belmonte.*

Eloise sentiu as mãos suarem frias e soltou o diário num rompante. Ele caiu fechado, ocultando a fotografia antiga. Em seguida vieram os tremores, a náusea, dor de cabeça, tontura e, então, ela mergulhou na escuridão.

— Elô... Elô. Acorda... Você não pode dormir no chão...

— Eu.. eh... — Eloise ainda não abriu os olhos, mas sabia que Pedro estava ali. O quarto estava imerso na escuridão.

— Que horas são agora?

— Tarde.

— Mamãe?

— Na casa dos Fernandez. Ela e dona Beatriz estavam preenchendo uns formulários para o ambulatório... — Você está melhor? — Pedro quis saber, referindo-se à enxaqueca que ela alegara mais cedo.

— Estou.

Mentiu. Se tivesse a intenção de dizer a verdade, precisaria falar que o corpo inteiro estava dolorido, que os nervos estavam em frangalhos e que ficaria confusa durante um período indeterminado de tempo. Eloise ainda estava em choque e se negava a acreditar nas palavras do diário de Laura. Compreensível. Totalmente compreensível. Afinal, qual era a probabilidade de uma mestiça pobre descobrir, de repente, que era filha de um príncipe?

E não era qualquer príncipe...

Pietro Belmonte era filho de Afonso e Sofia Belmonte. Órfão aos dez anos, cresceu no palácio sob a guarda do Ramiro e sua esposa, Elba. Carismático, o jovem príncipe era ligado às massas, preferindo a companhia do povo à da elite, que conservava seus títulos de nobreza como se fossem troféus.

Teria sido o rei mais popular que Petra vira ascender ao trono. Herdeiro por sucessão legítima, ele assumiria seu lugar de monarca quando completasse sua formação militar na Academia de Cavaleiros. Uma antiga formalidade: todo rei e rainha de Petra deveriam trazer consigo o título de Cavaleiro ou Amazona.

Mas, antes que isso acontecesse, Pietro fora assassinado. Uma morte cruel e fria, que abalou todo ser vivente dos doze Reinos. E por ter sido um crime tão vil, o povo se revoltou contra o assassino confesso, Edmundo Aquiles, o homem encarregado da guarda pessoal do príncipe. A traição não foi perdoada e Aquiles acabou sendo assassinado na prisão logo depois do seu julgamento.

Como Pietro não havia se casado ou sequer deixado herdeiros, o trono passou a Ramiro Belmonte, que morreu meses depois de sua coroação. Então, seu filho, Edgar Belmonte, o atual rei, sucedeu ao pai.

Os anos que se seguiram à morte do amado príncipe foram chamados pelos historiadores de “Anos das Trevas”. Foi o período marcado pela grande guerra em Zadoque. O Estado, agora conhecido como a Terra do Fogo, autoproclamou-se independente do Reino Unido. Como a maior parte da população fosse contra a essa nova situação política, houve uma guerra civil que

os separatistas venceram, ainda que em minoria numérica, mas não sem antes promover um massacre violento contra os opositores.

## Capítulo X

As olheiras fundas e arroxeadas nos olhos de Eloise denunciavam os efeitos de seu estado de total abalo emocional. Não havia pegado no sono desde que Pedro a tirara do chão do quarto. Não bastassem as palavras do diário, ela ainda havia encontrado uma carta de despedida quando o guardou e a fotografia na pequena caixa para devolvê-los ao lugar em que estiveram durante anos: encerrados em um armário escuro.

*Laura, meu grande e único amor,*

*Preciso ir ao palácio. Embora Onur tenha me aconselhado a ficar no Gândara, confio no meu tio e não acredito que ele seja o articulador do acidente que vitimou meus pais.*

*Concordei em manter sigilo sobre o nosso casamento porque estamos em uma transição política muito delicada. E os nobres do Conselho Monárquico podem contestar minha credibilidade se souberem que me casei com uma plebeia. Um absurdo, claro! Não quero que se sinta culpada. Só estou dizendo isso para que compreenda meus atos. Tenho que acertar com tio Ramiro a transição do governo o quanto antes, dessa maneira serei capaz de apresentar minha família à Petra.*

*Eu não suporto mentiras, você sabe. A Ordem não consegue chegar a nenhuma conclusão definitiva. Não consigo mais esperar. Vou resolver isso ao meu modo.*

*Ficarei bem. A viagem é curta e Aquiles vai me acompanhar, a contragosto, mas vai. Quando Onur e Rash retornarem diga a eles onde estou.*

*Eduardo está a caminho do Gândara, confiei a sua vida a ele. Tenho certeza de que cuidará de você tão bem quanto eu. Fique com ele até o meu retorno e não faça nenhuma bobagem. Está grávida. Lembre-se disso.*

*Antes que sinta a minha falta estarei de volta.*

*Você me faz o homem mais feliz de Petra.*

*Para sempre seu,*

*Pietro Belmonte*

Eloise chorou copiosamente ao ler o texto. Um choro cheio de dor e pesar. Ela passou os dedos sobre o desenho das palavras: era a caligrafia do pai que ela nunca conhecera. Pouco importou a ela, naquele instante, se aquele homem era um príncipe, ou não. Os únicos fatos

relevantes eram Pietro ter amado Laura, como teria amado os filhos de maneira igualmente intensa, não fosse a morte prematura.

Na madrugada, Eloise abafou os soluços de tristeza com o travesseiro de penas. Ela não chorava apenas por si, mas também por sua mãe, pelo amor destruído e pela família roubada de forma cruel.

De manhã o peito ainda doía e ela desejou que aquilo fosse apenas mais um de seus pesadelos. Mas não era. A caixa antiga ainda estava sob os lençóis para lembrá-la da verdade.

Eloise foi até a janela, respirou o ar matinal e olhou para a rua vazia, exceto pelo mesmo mendigo que vira na noite anterior. Ela estava decidida a não contar nada a Pedro sobre suas descobertas, pelo menos não naquele dia. Em meio a tantos problemas, aquela manhã seria especial e Eloise desejava preservá-la ao máximo dos estilhaços da confusão que se anunciava.

Quando chegou à cozinha, com aparência de zumbi, Eloise se surpreendeu com a presença de Pedro, que ela imaginava estar a caminho da escola. Ele estava concentrado nas tarefas matinais, o que era um evento digno de nota para alguém que tem problemas até para colocar bananas para cozinhar.

— Devo estar febril ou coisa parecida — Eloise disse numa rápida sacada de bom-humor que a ajudaria a disfarçar a aparência. — Estou começando a delirar.

— Vou ignorar seu comentário, Elô, e receber isso como um elogio — ele disse enquanto arrumava os pães de batata na cesta para depois coloca-los sobre a mesa.

— Você fez tudo sozinho? E sem quebrar nada! — ela prosseguiu com a brincadeira numa tentativa desesperada de apagar de sua mente o nome: Laura Belmonte.

— Bom-dia para você também Eloise — Pedro disse. E foi só nesse momento que olhou para a expressão de sua irmã. — Nossa, Elô, você está com uma cara péssima.

— Eu sei — admitiu e deixou o corpo se acomodar num banco de madeira que estava próximo à cabeceira da mesa. — Dormi mal pensando nas cartas de inscrição para o torneio — disfarçou, com sucesso.

— Pois é... Chegam hoje, finalmente.

As aguardadas cartas de inscrição especificavam as modalidades de provas do torneio, dentre outros detalhes. Até a abertura dos envelopes, tudo o que os competidores sabiam de seus testes eram palpites baseados em experiência dos anteriores.

O prédio centenário da Escola Preparatória de Tamísia era uma combinação de ansiedade e impaciência: alunos falando alto e andando compulsivamente em todas as direções. Embora o sinal tocasse anunciando as atividades costumeiras, nada seguiria a rotina na instituição. A maioria dos estudantes esperava a tão aguardada inscrição para o Torneio de Bravura, enquanto

os outros esperavam as respostas das cartas de admissão nas mais de trinta escolas universitárias do Reino de Gazara.

— Atenção! — A voz do diretor ecoou no corredor principal do prédio de excelente acústica. — Os alunos que enviaram pedidos de admissão às universidades dirijam-se ao corredor oeste. Encaminhem-se às salas identificadas pela área de conhecimento pleiteada. Os professores os aguardam com suas respectivas cartas. Os estudantes que porventura não forem selecionados, por favor, venham até meu gabinete. E — esse era o anúncio mais esperado — candidatos à Academia de Cavaleiros, sigam para o corredor leste.

A escola voltou ao alvoroço. Frenéticos, os estudantes trocaram empurrões para encontrar suas rotas e garotas faziam fila na porta do banheiro para retocar a maquiagem. A vaidade das jovens era fácil de ser explicada. Correria, à boca miúda, que havia um *cavaleiro lindo* — palavras delas — no auditório.

Mas Isabel e Eloise não estavam preocupadas com isso naquele momento. Na verdade, sequer ouviram a fofoca feminina.

— Metade desse pessoal não vai conseguir — Eloise constatou, indignada.

— Esse sistema de cotas é ridículo — Isabel replicou, igualmente revoltada. Referia-se à política implantada pelo primeiro-ministro. — Os mestiços são a maioria da população. E só podem ocupar trinta por cento das vagas!

— Não sei como aprovam essas leis absurdas. — Pedro entrou na conversa.

Elas não haviam percebido que ele e Tommy as seguiam de perto.

— O que me irrita é que o rei não faz nada para impedir as loucuras do primeiro-ministro — Isabel continuou. — Os reinos nunca estiveram tão à deriva quanto agora.

— Essa inércia parece até um incentivo — Pedro emendou.

Eloise, que sentiu os ouvidos queimarem ao som da palavra rei, preferiu não emitir opinião sobre a monarquia, embora o assunto “política” fosse um dos que ela sempre debatesse.

— Mas essas leis são de intolerância racial. Quer dizer, ele está apoiando a divisão do Reino Unido. Não faz sentido. Seria algo como soltar uma espada no próprio pé — Pedro opinou. — Se estourar uma guerra étnica em Gazara, toda Petra será abalada. Não entendo porque a Câmara Interestadual ainda não interveio.

— Acontece que essas tais *leis* — Isabel acentuou a palavra com um tom de desdém — foram colocadas em votação no parlamento de Gazara e, infelizmente, aprovadas. Bem, pelo menos a maioria votou a favor. E, até onde sabemos, os direitos humanos não foram violados...

— Ah, você deve estar de brincadeira, Bel — Pedro disparou, revoltado. — Ser impedido de frequentar a universidade não é violação de direitos?!

— Tecnicamente, não, Pedro — Isabel baixou o volume da voz porque haviam chegado à

porta da sala onde os representantes da Academia de Cavaleiros estavam.

Havia uma fila de pelo menos uns trinta alunos aguardando a abertura do auditório. E o número aumentava a cada segundo. Era de se imaginar que a chegada das cartas de admissão causasse um verdadeiro alvoroço na escola, embora parte da histeria fosse causada pela presença de dois antigos campeões do Torneio de Bravura, hoje veteranos na cavalaria.

— Legalmente, eles não estão sendo impedidos de estudar — Isabel continuou, aos cochichos.

— Por que você acha que o diretor pediu para os não selecionados o procurarem no gabinete? Será feita uma lista de espera. Pela lei, esse pessoal é considerado excedente — ela fez um sinal de aspas com a mão —, e não excluído.

— Isso é nojento — Pedro comentou.

— Mas é a lei — Isabel foi taxativa.

— Ou seja, qualquer insanidade é permitida. Desde que dentro do *código*... — Pedro falou num tom de sarcasmo e indignação.

— A lei não é justa — Eloise criticou, finalmente entrando no assunto. — Não se esqueça de que os homens fazem as leis — ponderou. — Infelizmente, nossos legisladores são egoístas, costumam trabalhar em causa própria e não a favor da justiça e do bem comum.

— A sociedade dos anões, por exemplo — Isabel emendou —, pelo que se encontra nos livros, tem princípios mais justos. Além de ser infinitamente mais desenvolvida do que a nossa.

— Mas atualmente não são aceitos na Câmara Interestadual — Pedro completou.

As portas do auditório se abriram e uma horda de estudantes entrou, se acotovelando para tomar as primeiras cadeiras do imenso espaço. Uma pequena multidão de garotas, eufóricas para ver o “tal bonitão” — novamente palavras delas —, tomou as três primeiras séries de assentos.

Um tablado, que se elevava alguns centímetros do chão, ocupava o espaço central em frente ao palco. Nele, estava uma mesa coberta por uma toalha laranja, sobre a qual muitos envelopes estavam organizados em três pilhas de mais de um metro.

Acomodados à mesa, estavam os cavaleiros: um casal de campeões de, no máximo, vinte e cinco anos e uma amazona de meia idade. A mulher, de postura imponente, cabelos cortados abaixo da orelha e pele cor de amêndoa, dispensava apresentações. Ayla Benson era a figura austera, que dirigia a Academia com punhos de ferro.

— O que você está fazendo aqui, Tommy? — Isabel, que estivera distraída com a conversa a respeito da política, não havia se dado conta da presença do irmão.

— Perguntem a Eloise.

A jovem sentiu o rosto ferver antes de confessar. Mais uma vez ela se sentiu muito mal por sua atitude impulsiva.

— Eu fiz a inscrição de Tommy escondido.

Pedro e Isabel ficaram surpresos, quase chocados.

— E você aceitou?! — Isabel manifestou admiração.

— Um Torneio de Bravura não vai tirar pedaço de ninguém... Mas, não se empolguem... Isso não significa que eu queira ir para a Academia — Tommy fechou a questão.

— Abel Gomes. — Ayla Benson anunciou com sua aparência rígida.

Os futuros competidores seriam chamados pelos nomes, em ordem alfabética. O burburinho dos alunos de repente acabou. Quarenta nomes foram convocados antes que chegasse a vez de Eloise Pontes.

— Aqui estão. — O cavaleiro apresentou os envelopes.

As mãos de Eloise tremeram antes de pegar os papéis. E não foi nervosismo. Foi susto. Os olhos que estavam baixos, encarando os documentos, ergueram-se de súbito para mirar o homem.

Ela olhou por alguns segundos o rosto negro marcado por um cavanhaque bem desenhado, o cabelo raspado, que deixava as linhas do rosto expressivas, e os olhos da cor de um topázio que se destacavam como pedras preciosas.

*Essa voz...! Eu conheço... É a mesma da pessoa que me salvou.*

— Seus envelopes. — O cavaleiro repetiu a entrega com um sorriso gentil.

Os dedos hesitantes de Eloise agarraram o papel sem que ela desviasse a atenção do rosto que agora a olhava de volta, curioso.

— Eu conheço você? — Ela reuniu coragem e perguntou.

— É provável. Eu fui campeão do Torneio de Bravura, minha imagem circulou nos jornais de Petra — ele respondeu numa voz grave e apresentou o conteúdo dos envelopes pardos nas mãos de Eloise. — Esse pacote — ele apontou o primeiro sobrescrito — contém o documento oficial de identificação, que deverá ser obrigatoriamente apresentado no dia da competição. É pessoal e intransferível — ele enfatizou as últimas palavras. — Neste outro, estão as informações sobre a competição, incluindo local, hora e modalidades das provas.

A plateia feminina fez um *uhhhh* quando Arnon Colli começou a falar. E não era o fato de ele ser sobrinho do renomado cavaleiro Eduardo Colli que contribuiu para o entusiasmo. O que arrancou suspiros foi a beleza da estátua de bronze que se ergueu.

A palestra durou pouco mais de duas horas. A pequena conferência incluiu valiosas informações sobre controlar o nervosismo que antecede às provas, descansar adequadamente durante os dias de competição e, principalmente, não treinar no meio do torneio.

— Não cometam o erro de achar que podem aprender alguma técnica em meio a uma competição. Muitos aspirantes já foram eliminados pelo cansaço. No ano passado, por exemplo,

tivemos mais de cem casos de esgotamento físico. Competidores que desmaiaram ou até mesmo dormiram no decorrer dos testes. Sigam esses conselhos e alcançarão um resultado satisfatório. Lembre-se: não basta ser bom para se tornar um cavaleiro. Você precisa ser o melhor. Espero vocês em Dravos.

Foi assim que o cavaleiro encerrou sua preleção e a comandante da Academia retomou a palavra com um discurso firme.

— O Torneio de Bravura é uma competição milenar, que seleciona os mais bravos jovens para integrar a Academia de Cavaleiros.

“São três dias de provas, que devem ser tomados com seriedade e honradez. Quem estiver interessado apenas em se divertir em Dravos, é melhor que fique em casa. O torneio não é um acampamento de férias.

“A Academia de Cavaleiros, como todos sabem — Ayla Benson encarou os candidatos com um olhar austero —, é uma instituição interestadual composta por homens e mulheres dos doze Estados do Reino Unido de Petra e foi fundada com o objetivo de promover a paz, a igualdade e a justiça entre os povos. Por isso, desejamos receber jovens que, além da bravura, tenham respeito pela vida e fé no Deus Criador.”

“Precisamos de cavaleiros interessados na promoção do bem coletivo, no respeito mútuo entre os povos de diferentes raças e de diferentes etnias. Necessitamos de homens e mulheres dispostos a praticar a tolerância, a promover a dignidade do ser humano e com sincera vontade de se colocar a serviço da sociedade como um todo.”

“Não confundam a Academia com uma carreira de estrelato no meio militar. Não almejem o título de cavaleiro para se exibir na sociedade. Aqueles com valores honrados, ideais fraternos e fé serão bem-vindos. Os que não cultivarem essas ideias, no entanto, devem repensar sua escolha.”

Em outras palavras, não havia espaço para divisões étnicas dentro da instituição que Ayla Benson comandava. Uma mensagem direta aos gazares, que encheu de esperança e orgulho todos os mestiços presentes naquele auditório. Até mesmo o cético Tommy.

Os alunos seguiram para o refeitório depois das palestras, todos curiosos para abrirem seus envelopes.

Como estivessem no horário do almoço, os estudantes tomaram lugar na fila da refeição e ali mesmo abriram o envelope mais importante, aquele que guardava as instruções sobre as provas que disputariam em algumas semanas.

### ***Torneio de Bravura***

### **Informações Técnicas**

*Duração da competição: três dias*

*Modalidades das provas:*

#### Primeiro dia

*Montaria – Teste de caráter eliminatório. O competidor precisará atingir setenta por cento de aproveitamento, considerando o valor total da prova. Aqueles que alcançarem a pontuação seguirão na disputa. Os demais serão considerados eliminados.*

*Quatro espécies de animais estarão à escolha dos competidores: cavalos, avestruzes do Gândara, camelos do Catre e búfalos do Triângulo de Zarthan.*

#### Segundo dia

*Armas:*

*Categoria arco e flecha – Prova de caráter classificatório.*

*Será disputada no período da manhã.*

*Categoria lâminas – Disputa classificatória.*

*Os competidores terão três armas alternativas: espada de lâmina reta, sabre de lâmina curva ou adaga.*

*Ao final do dia, a pontuação das duas provas será somada e acrescentada aos números do dia anterior. Para continuar no torneio, o competidor precisará ter atingido a marca de setenta e cinco por cento de aproveitamento da somatória máxima das três provas juntas.*

*Importante: Os concorrentes poderão utilizar espadas pessoais. Basta cadastrá-la no momento em que apresentar o cartão de inscrição para os juizes no dia da competição. Se a arma estiver de acordo com as especificações acima descritas, serão aceitas. Caso contrário, o material apresentado ficará de posse da comissão organizadora até o final do torneio.*

#### Terceiro dia

*Prova de inteligência – Labirinto.*

*Os pontos do teste serão acrescidos da somatória acumulada. Os primeiros colocados, dentro do limite de vagas para cada Estado, serão aprovados.*

*Lembrando que o número de vagas é proporcional à população dos Estados e pode variar de um ano para outro.*

*Nota de Relevância:*

*A Academia disponibilizará transporte para os competidores residentes nos reinos de Canatra, Naim, Kedah, Salam, Catre, Zarthan e Kabza. Um dirigível partirá dos referidos Estados três dias antes do início da competição. Esses candidatos deverão apresentar o bilhete de embarque que está anexo à ficha de identificação.*

*Os competidores que moram em Caleb, Salim e Kadesh deverão seguir de trem. O bilhete de embarque está igualmente anexo ao documento de identificador.*

*Por questões de segurança, os candidatos de Zadoque serão transportados de navio. A embarcação ficará no Porto Zero de controle interestadual.*

*Os concorrentes que moram em Gazara ficarão responsáveis pelo próprio transporte.*

*Recomendamos que sejam feitas reservas nas hospedarias locais imediatamente. Ressaltamos que Dravos tem a estrutura necessária para receber todos os competidores, no entanto, para evitar transtornos, indicamos a reserva antecipada.*

A cozinheira começou a servir os alunos, com sua má vontade habitual.

— Isabel! — Uma voz melodiosa soou nas proximidades, mas como o tumulto fosse grande e a mistura de sons confusa, ela não conseguiu saber de onde vinha o chamado. — Aqui. — Uma garota loura, alta, cabelos que desciam em cachos até à cintura acenou.

— Amanda. — Isabel sinalizou de volta e sorriu de canto, encarando o irmão.

— O quê? — Tommy abriu os braços se fazendo de desentendido.

Amanda era da mesma turma de ginástica avançada que Isabel. Dona de uma das maiores fortunas do colégio, nunca fez segredo do seu interesse pelo irmão da colega. Mestiça, sim. A condição financeira, porém a deixava em território de neutralidade, onde os gazares não se metiam.

— Oi — Amanda disse ao se aproximar do grupo. — Que discurso, hein?

Amanda era daquele tipo de garota que arrancava suspiros masculinos onde quer que estivesse.

— Pois é... — Isabel esboçou uma resposta.

— Não acredito! Você *vai* competir? — Amanda se surpreendeu com os dois envelopes da Academia nas mãos de Tommy. Sua expressão iluminou-se com um sorriso sedutor.

— Eh, hum... Vou. — Tommy respondeu, notadamente desconcertado.

— Achei que não gostasse da Academia... — ela continuou, agora, ignorando os demais. Os olhos e a atenção exclusivamente dirigidos ao irmão de Isabel.

— Continuo não me importando em ser cavaleiro — ele afirmou com um leve desdém impregnado na resposta.

— Então... — Amanda tirou o cacho dourado que lhe caiu sobre os olhos. O movimento atraente espalhou notas adocicadas de essência de sândalo e limão silvestre. Eloise e Isabel sentiram-se nauseadas. Pedro e Tommy, ao contrário, pareciam hipnotizados. — Por que se inscreveu? — ela perguntou.

— Hã... bem...

— Eu fiz a inscrição dele — Eloise falou causando admiração.

— Você...?! — Amanda mirou Eloise de cima abaixo, como se dissesse: “você não me intimida”.

— A fila está andando — Eloise disse com desagrado na voz.

— Bom, isso não é uma despedida — Amanda falou voltando os olhos, que pareciam duas pedras de safira. Em seguida, numa atitude totalmente inesperada, beijou a maçã do rosto de Tommy. — É apenas um “nos vemos no torneio”. — E virando-se para Isabel acrescentou: — Boa sorte.

Tommy ficou inerte enquanto a garota se afastava. Estava tão surpreso quanto Eloise. Pedro e Isabel o encaravam esperando uma explicação.

— Não sei o que deu nela — Tommy disse por fim.

— Ah, tá. Ela não daria um *beijo* em você do nada — Eloise contrapôs.

— Não sabia que estava dando corda para a Amanda, Tommy — Pedro brincou e riu com uma expressão maliciosa.

— Amanda é linda, sim. E até simpática, mas se acha a perfeição em pessoa. O ego dela é infinito — Isabel disse.

— Querem parar...? Eu nunca alimentei as investidas da Amanda. Para falar a verdade, nem sei o que ela viu em mim. Além disso, ela não faz o meu tipo.

— Não!/? — Isabel exclamou num tom admirado. — Quase todos os garotos que eu conheço sonham em sair com ela. O que tem de errado com *você*?

— Nada. Amanda só não faz o meu tipo.

— E o qual é o seu tipo, amigo? Para mim, ela é perfeita — Pedro zombou.

Antes de responder, Tommy colocou o prato embaixo da concha de feijão que a cozinheira estava prestes a derramar no vazio.

— Eu prefiro as morenas — ele disse baixo.

— Vão ficar de papo o dia todo? — A cozinheira disparou para Eloise, Pedro, Tommy e Isabel que, visivelmente distraídos, estavam atrasando o trabalho da mulher.

— Ah, Tommy, você pode levar a espada que seu pai lhe deu — Pedro comentou depois que

se sentaram para comer.

— A Diana?

— Deu mesmo um nome para ela? — Eloise riu.

Diana era um belo exemplar de cimitarra, uma espada de lâmina curva, que se alargava na extremidade livre. O gume que se destacava na face convexa era ornado com entalhes de traços refinados. O instrumento era a típica arma utilizada na região de Zarthan e Tommy aprendeu a manejá-la sem dificuldades. Embora contasse com a experiência de cavaleiro do pai para guiá-lo, Tommy demonstrara, desde as primeiras aulas, uma habilidade inata para esgrima. O mesmo dom natural que mostrava nos ringues de boxes, Tommy tinha com a espada.

— Bom, a conversa está boa, mas preciso trabalhar — Pedro falou.

Embora oficialmente as aulas só terminassem no fim da semana, os estudantes que não tinham trabalhos pendentes já se sentiam livres. Esse era o caso de Pedro, Eloise, Isabel e Tommy.

— Você podia passar no Departamento da Guarda para ter certeza de que os gazares não apresentaram a denúncia — Isabel sugeriu.

— Farei isso.

## Capítulo XI

Quando chegou ao Petrolina, Pedro atravessou o saguão desejando apenas boa tarde aos condutores, que aguardavam por uma chamada de corrida, e seguiu para o galpão dos animais. Tinha muito trabalho: alimentar os animais, dar banho em cinco zebras que estavam de folga e escovar o pelo dos cavalos.

— E aí amigo? — Pedro disse ao se aproximar da baía de Alvorada.

O cavalo relinchou um cumprimento animado em resposta. Ele sempre ficava feliz na companhia de Pedro. Os dois tinham por hábito ter longas “conversas”. Embora a fala fosse unilateral, a julgar pela expressão de Alvorada, podia-se jurar que ele entendia cada palavra e respondia sempre com um sacudir de cabeça, ou um socar de patas no chão, um balançar de crinas. Ou, ainda, por mais estranho que pareça, o cavalo sinalizava com um olhar confidente.

Pedro escovou a pelagem branca do tordilho adulto enquanto dividia com ele suas angústias e esperanças sobre o Torneio de Bravura.

Tommy, Eloise e Isabel se sentaram em uma das mesas vazias da taberna de Diogo Fernandez. Àquela hora do dia o movimento era parco. Joseph, o gerente da casa, estava no balcão. Acostumado ao movimento, ele achava que a falta de serviço fazia as horas se arrastarem em uma lentidão irritante.

Diogo estava na cozinha anotando as exigências da cozinheira. O som da reclamação chegava ao salão da taberna.

— Os últimos damascos, Diogo, estavam quase passando... E você sabe que eu só trabalho com frutas frescas. Então, avise aquele feirante que, se ele aparecer por aqui com cara de bobo, trazendo uma dúzia de restos, será melhor que nem venha...

— Hoje Bertha está de mau-humor — Joseph comentou com os jovens recém-chegados.

— O que tem de bom para comer? — Tommy perguntou referindo-se a algum prato que habitualmente sobrava do almoço.

— Pudim de queijo com calda de goiabada — o gerente respondeu com uma expressão de cumplicidade. — Guardei um pouco para vocês.

— Obrigada, Joseph. — Isabel agradeceu quando o homem os serviu a iguaria.

— Ah, Eloise, eu já ia me esquecendo — o gerente falou levando a mão ao bolso da camisa, de onde tirou um envelope pequeno. — Laura passou aqui ainda há pouco e pediu que lhe

entregasse isso quando voltasse da escola.

— Obrigada — ela respondeu com naturalidade, embora estranhasse duplamente a atitude da mãe.

Laura não tinha por hábito utilizar lacres e, se Diogo estava na taberna, por que não deixou o papel com ele?

— Hum... Isso é fantástico — Tommy afirmou depois da primeira colherada.  
Eloise abriu o envelope.

*Filha,*

*Desculpe por partir sem me despedir. Vou visitar o túmulo de seu pai. Não se preocupe, estou bem. Só um pouco saudosa. Volto em poucos dias. Cuide do Pedro.*

*Amo vocês de todo o meu coração,*

*Beijos*

*Laura Pontes*

Eloise perdeu a cor do rosto quando terminou de ler a carta. Sentiu um aperto doloroso no peito, as mãos tremeram e, sem se dar conta, deixou lágrimas escaparem dos olhos.

*O túmulo do meu pai... Quer dizer, o túmulo do príncipe Pietro.* Ela pensou, arrasada emocionalmente. O jazigo da família Belmonte ficava a quilômetros, na sede do Reino Unido.

— Elô, o que está escrito aí? — Isabel perguntou, de repente apavorada com a reação da amiga.

Mas Eloise não conseguiu responder, apenas deixou o pedaço de pergaminho cair sobre a mesa.

— Pegue um copo de água para ela. — Isabel pediu a Tommy, igualmente assustado. — Aconteceu alguma coisa com sua mãe?

Ela acenou em negativa e empurrou o bilhete com a mão, trêmula, em direção à Isabel. Tommy já estava de volta com a água. Depois de ler a carta, Isabel entendeu que a reação da amiga vinha da menção sobre a morte do pai. O que ela não imaginava, no entanto, era que o pai de Eloise não era Pedro Pontes e sim Pietro Belmonte.

— Pai — Diogo vinha da cozinha com a lista de exigências de Bertha em mãos —, o senhor sabe que dona Laura viajou?

Pedro entrou em casa imaginando encontrar Eloise e Laura na cozinha preparando o jantar como elas costumavam fazer todas as noites. Mas o fogo estava apagado, não havia panelas

sobre o fogão e a mesa estava ainda como estivera posta pela manhã.

Pedro subiu as escadas ensaiando uma maneira de pedir à irmã que preparasse um prato de comida enquanto tomava um banho. Estava cansado e faminto. Mas Eloise tampouco estava no quarto e Pedro teria trancado a porta novamente se um objeto sobre a cama não tivesse lhe chamado atenção. A princípio, era apenas uma caixa antiga, mas um olhar mais atento revelou um brasão: um lírio, a letra “A” e uma espada. O mesmo símbolo que Pedro vira na pasta de Rash e Onur Amyr no dia em que Bernardo os levou até o Banco Central.

Impelido pela curiosidade ele abriu o objeto. E se Eloise reagiu aos prantos, Pedro reagiu ao conteúdo da caixa com um arroubo irracional de revolta e indignação.

Isabel estava sentada no sofá da sala ao lado de Eloise pensando na maneira inesperada com que o pai deixara a taberna naquela tarde. Instantes depois de ler a carta de Laura, Diogo anunciou que levaria um baú de medicamentos até um vilarejo próximo onde Beatriz prestava assistência médica à população carente. Isabel estranhou porque sua mãe não costumava sair para fazer atendimentos médicos sem levar todo o material de que necessitava para trabalhar.

— QUANDO IA ME CONTAR SOBRE ISSO?! — Pedro abriu a porta da casa dos Fernandez e entrou como um louco, tendo a fotografia e o diário de Laura em mãos.— ALIÁS, QUANDO É QUE ELES FALARIAM SOBRE ISSO?!

O som da fúria atraiu Tommy, que desceu as escadas do sobrado saltando os degraus.

— Eu encontrei isso no dia em que você e o Tommy foram presos, mas só consegui ler ontem à noite. Desculpe não ter lhe mostrado...

— Onde ela está, Eló? Mamãe vai ter que me explicar isso, *agora*.

— Sua mãe viajou — Isabel respondeu.

— O que está acontecendo aqui? — Tommy perguntou, mas foi ignorado.

— Ela não tinha esse direito. É a nossa vida! — Pedro não baixou o volume da voz. — E seu pai, Isabel, onde está?

— Foi até o vilarejo onde mamãe está atendendo. Eles voltam amanhã à tarde.

— O que foi, cara?! Eu nunca vi você desse jeito.

— Reconhece essas pessoas?

Tommy segurou a fotografia antiga e Isabel já estava ao lado dele no instante seguinte.

— Dona Laura, meu pai, o cavaleiro Eduardo Colli e... esse rosto... conheço de algum lugar...

— Isabel tentou buscar na memória as feições do homem que estava ao lado de Laura, mas foi Eloise quem esclareceu a dúvida.

— Esse aí é o príncipe Pietro.

Isabel e Tommy se entreolharam, chocados.

— Sua mãe conheceu o príncipe?

Pedro riu com sarcasmo em resposta à pergunta.

— Não só conheceu — a voz, ácida. — Ela se *casou* com ele.

— Como é que é?! — Isabel e Tommy perguntaram, simultaneamente assombrados.

— Isso mesmo que vocês ouviram: Laura Pontes se casou com Pietro Belmonte.

— Calma aí, Pedro. Você não pode dizer uma coisa dessas sem ter provas — Isabel ponderou.

— Você quer provas?! Elas estão aqui. — O irmão de Eloise apresentou o livro de cor rubra para a amiga.

Isabel olhou para Eloise, ainda incrédula, como se esperasse uma confirmação da amiga.

— É verdade — ela sussurrou.

— Então, dona Laura se casou com o príncipe antes de casar com o pai de vocês — Isabel falou, julgando que seria a conclusão mais plausível. Ou menos absurda.

— Você não está entendendo, Bel. O príncipe *é* o nosso pai — Eloise esclareceu com uma voz quase inaudível.

— Está tudo aqui. — Pedro passou o diário para as mãos de Isabel.

— Posso ler?

— Pode — Eloise respondeu. — Só lendo para entender o que estamos dizendo. E, de qualquer maneira, o texto também faz referência a vocês.

Isabel arrastou Tommy escada acima, e, em seu quarto, abriu o livro. Então, ela e Tommy entenderam a revolta de Pedro.

## Capítulo XII

*“Rash e Onur queriam me coagir ao me levar ao Gândara.”*

*“Eles só queriam que você se lembrasse da sua história...”*

*“Ela está assustada.”*

*“Não podemos mais esperar. O médico está desaparecido. Você sabe tão bem quanto eu o risco que isso representa para ela e para os gêmeos.”*

*“Eu sei... eu sei... Só dê a Laura mais algumas semanas, se ela concordar será mais fácil. Evitará que sofra novamente. Eles ainda estão seguros.”*

*“Se ela continuar se recusando a contar, eu mesmo os levo até Rash.”*

Pedro relatou a Eloise a conversa que ouvira no dia em que ela o encontrou dormindo ao relento à medida que as frases lhe vieram à mente, sem se preocupar em ordená-las, mas tentando ser fiel ao conteúdo delas.

— Por que mamãe está sendo pressionada a nos dizer a verdade? Por que ela está assustada? Quem é esse médico que está desaparecido? Qual é a ligação dele conosco? Ainda estamos seguros de quê? E por que o tal Eduardo Colli nos levaria até Rash Amyr? O que ele tem a nos dizer?

— Eu não sei Pedro. Eu sinceramente não sei.

Eloise explodiu em lágrimas. E, pela primeira vez, Pedro não foi capaz de consolá-la.

*“Os filhos de Diogo e Beatriz também têm essa herança vitalícia”.*

Isso era tudo em que Isabel se concentrava naquele instante. Havia uma herança e ela tinha certeza de que não se tratava de ouro.

A noite chegara havia algumas horas, e com ela uma tempestade inesperada, atípica daquela estação do ano. O vento guinchava do lado de fora, batendo com força nas portas e janelas como se quisesse derrubá-las. O frio, súbito, penetrava nas frestas da casa provocando arrepios imprevisíveis, causados pelo choque térmico entre o corpo quente e o ar gelado.

Pedro acendia a lareira. Isabel continuava no quarto. Eloise estava na cozinha preparando uma sopa de legumes quando Tommy entrou, sem saber que a encontraria sozinha.

— São as cebolas — ela justificou os olhos vermelhos e lacrimejantes.

Tommy ficou desconcertado. Além de não saber lidar com o choro de mulher, também

estava confuso sobre como deveria tratar Eloise.

*Ela é uma princesa agora*, ele pensou.

— Poderia me ajudar com os legumes? — Ela pediu, quebrando o gelo.

— Claro — ele respondeu tentando parecer natural, mas não conseguiu encará-la. Desviou os olhos quando ela lhe passou as batatas, a faca e o vasilhame onde colocaria os tubérculos descascados.

— E agora, como vai ser? Quero dizer, você é a princesa herdeira...

— Ainda não pensei nisso. Aliás, o título não faz a menor diferença para mim...

— Não faz...!

— Não. Desde que li o diário, eu só consigo pensar no assassinato do príncipe e em por que minha mãe nos escondeu tudo.

— Talvez porque essa história de monarquia tenha sido demais para ela.

— Não, Tommy, conheço minha mãe. Ela não é covarde. Tenho certeza de que houve um motivo muito forte para ela ter se escondido todos esses anos.

— Tem algum palpite?

— Não. Mas cada vez que penso nisso, fico assustada — ela desabafou com a voz trêmula. — Estou tão perdida... e confusa...

O rosto que Tommy costumava ver brilhando e enchendo sua vida de luz estava cheio de sombras.

— Ei — ele disse levantando o queixo dela com o polegar —, você não está sozinha.

— Estou com medo... — ela confessou baixinho, como se não quisesse que ninguém além dele ouvisse o que ela estava dizendo.

A chuva continuava castigando o telhado do sobrado, enquanto raios rasgavam o céu de Tamísia.

— Não precisa ficar com medo. Eu protejo você.

A reação dela foi inesperada. Eloise o abraçou com força feito uma criança apavorada. Ele demorou uns segundos para reagir, mas quando percebeu que deveria se mexer, passou seus braços acolhedores em torno dela. Era a primeira vez que Tommy via Eloise abalada daquela maneira. Em dez anos de amizade, pela primeira vez, ela estava sem chão. Desorientada. E fragilizada.

— Obrigada por ser meu amigo — ela disse, ainda aninhada ao peito dele.

*Amigo.*

Embora Tommy quisesse beijá-la, resignou-se ao fato de que um mestiço jamais teria ligação com um membro da monarquia, exceto pelos laços de amizade.

A sopa já borbulhava no fogo, impregnando a casa com um aroma delicioso e aconchegante. A lareira crepitava quando Isabel desceu as escadas do sobrado e viu um papel dobrado caído no chão, bem perto da porta da sala, como se tivesse sido passado entre a fresta da peça.

*Isabel,*

*Não me espere amanhã. O vilarejo está mais carente do que eu imaginei. É provável que eu fique até o final da semana.*

*Com amor,*

*Beatriz*

— Eu não acredito nisso! — Isabel soltou a frase num arroubo. Pedro sobressaltou-se. Estivera com a atenção voltada ao estalar da lenha e não notou a aproximação dela. — Você viu quando isso chegou?

— Não.

Contrariando sua habitual sensatez, Isabel abriu a porta e saiu num rompante. Do lado de fora, uma cortina de água se movia guiada por um vento feroz. O ar enraivecido soprava com tanta força que as gotas de água batiam, espetando como alfinetes o rosto da desatinada Isabel, como se quisessem castiga-la por estar ali.

Isso, no entanto não a deteve. Nem mesmo o raio que iluminou a noite escura a impediu de alcançar o portão que divisava com a rua.

Era impossível enxergar coisa alguma naquele dilúvio. E ainda que Isabel quisesse encontrar o portador do bilhete, ela não o acharia, pois ele havia sido deixado sobre a porta, antes de a tempestade começar.

Tommy e Eloise não encontraram Pedro e Isabel na sala, apenas um lastro de água que ia da porta até o andar de cima.

— O que deu em você? — Pedro perguntou com cara de poucos amigos.

Isabel tremia, enrolada a uma toalha.

— Eu é que pergunto o que deu em *vocês*?

Eloise e Tommy, seguindo o rastro no chão, encontraram Pedro e Isabel encharcados no banheiro.

— Isabel saiu feito uma louca na tempestade depois de achar um bilhete embaixo da porta —

Pedro falou enquanto tentava se aquecer com o roupão que pertencia a Tommy.

— Bilhete? De quem?— Estava escrito o nome da minha mãe nele, mas a assinatura não confere com a dela.

— Como assim, Bel? Você está dizendo que alguém escreveu uma carta e falsificou a assinatura da mamãe?— Eloise estava cada vez mais confusa.

— Exatamente. Eu conheço a letra dela, você sabe.

— Tá, mas o que estava escrito no papel?

— Que ela volta somente no fim da semana.

— Só isso?— Tommy achou estranho, sua mãe não costumava ser tão direta e objetiva.

— Só, mas não é o que estava escrito que me apavorou e sim a pessoa que escreveu.

— E quem foi?— Eloise perguntou, preocupada.

— Meu pai. O que não faz sentido. Quero dizer, ele saiu no meio da tarde, provavelmente chegou ao vilarejo no cair da noite, não haveria tempo de mandar uma mensagem de volta hoje, ainda mais com essa tempestade. A não ser que...

— A não ser que... — Pedro a incentivou.

— O bilhete tivesse sido escrito antes dele partir e que algum moleque de recado tenha colocado na soleira da porta.

— E por que ele faria isso?

— Meu palpite, Elô, é que meu pai tenha ido atrás da sua mãe. Essa história de levar medicamentos para o vilarejo me pareceu esquisita desde o início. O baú poderia ter sido enviado por um mensageiro. Além disso, ele saiu praticamente depois de ler a carta que sua mãe deixou.

— E acrescente a isso o fato de mamãe ter deixado uma carta lacrada para mim nas mãos de Joseph, enquanto poderia tê-la deixado com Diogo — Eloise emendou.

— Ela não queria que meu pai soubesse para onde estava indo.

— Ou que estava partindo. Somente Diogo poderia impedi-la de ir até o palácio. Se é que ela foi *de fato* para lá — Eloise concluiu com brilhantismo.

A chuva dava sinais de que acabaria tão rapidamente quanto havia começado. Não se ouvia mais o chapinhar dos pingos no telhado, nem o vento soprava uivando feito um lobo.

Pedro e Isabel vestiam roupas secas e se aqueciam tomando um prato de sopa de legumes, em frente à lareira, na companhia de Eloise e Tommy.

— O que vamos fazer agora? — Isabel perguntou entre uma colherada e outra do caldo de verduras.

— Esperar até que eles voltem — Eloise afirmou.

— Eu não vou ficar aqui de braços cruzados — Pedro contrapôs.

— Tem alguma ideia melhor? — Eloise replicou.

— Eu vou para o Gândara! — Pedro declarou erguendo-se num salto, deixando o prato de sopa vazio no chão.

— Como assim vai para o Gândara?! — Eloise se assustou, colocando-se igualmente de pé.

— Vou procurar os anões.

— De jeito nenhum.

— Pedro, isso é um despropósito — Isabel apoiou. — Você precisa esperar sua mãe voltar.

— E quando ela volta? Vocês duas por acaso sabem me dizer?!

— Não, mas a mãe de Isabel volta no fim da semana — Eloise argumentou.

— Volta mesmo? Elô, está acontecendo algo muito sério em torno de nós. Esqueceu tudo o que contei sobre a conversa que ouvi naquela noite?

— Que conversa — Tommy perguntou de repente, confuso.

— Depois eu explico — Isabel sussurrou.

— Bem, eu vou de qualquer maneira e vocês não podem me impedir — ele disse como quem fecha a questão. E deu alguns passos se afastando de Eloise.

— E como vai chegar ao Gândara se o seu documento de identidade está com o chefe da Guarda? — Eloise perguntou. Em seguida acrescentou com ironia. — Por acaso vai dizer que é o príncipe herdeiro?

— Eu não preciso pegar um trem para chegar ao Gândara — Pedro devolveu. — Existe outro caminho — acrescentou em seguida.

— É arriscado demais! — Isabel reagiu. A voz tremeu um pouco denunciando o nervosismo que ela queria esconder.

— Eu conheço boa parte do percurso — Pedro disse num tom natural, que destoava da situação.

— E nós também, por isso sabemos o quanto é muito perigoso — Isabel contrapôs.

— Não nessa época do ano. Além disso, eu e o Tommy acampamos com Diogo desde que eu tinha dez anos — Pedro garantiu com ares de superioridade.

— E isso dá a você o quê? Dois anos de experiência a mais que nós...? Porque desde os doze eu e Eloise acampamos *também*.

Tommy se eximiu em participar da argumentação, que ele definiu para si mesmo como “briga de cachorro grande”, ocupando-se de alimentar a lareira, que aos poucos se tornava um pequeno amontoado de brasas.

— Eu sei me virar. Não sou nenhum garotinho... — Pedro rebateu irritado.

— Então, você diria que essa viagem é segura...? — Eloise falou num tom quase conclusivo.

Pedro não entendeu qual era o objetivo da irmã. Porque se tivesse compreendido teria, senão

trocado, mas alterado o argumento.

— O trajeto é totalmente seguro — ele disse convicto, caindo na armadilha que Eloise havia preparado em segundos.

— Sem riscos... — ela falou como se estivesse concordando com o irmão.

— Não há perigo — ele confirmou, imaginando que havia vencido a disputa verbal.

— Então, eu vou com você — Eloise concluiu com um sorriso.

— Como é que é?! — Pedro se espantou com o desfecho inesperado.

E não apenas ele. Isabel encarou a amiga assombrada. Tommy largou o atizador da lareira, de maneira desajeitada, espalhando cinzas pelo chão.

— Nem pensar — Pedro trovejou. — É o seguinte, Eloise — ele continuou enfatizando a irritação na frase —, não vamos para um acampamento de férias. As trilhas são perigosas. Só conheço *parte* do caminho. E tudo o que sei do trajeto mais perigoso é teoria.

— Acontece, Pedro, que tenho tanto direito de ir quanto você.

— Bom, se formos falar de direitos... — Isabel arriscou um argumento.

Mas foi Tommy quem complementou a frase de modo inesperado.

— Nós vamos também.

— Ah... Vocês só podem estar de brincadeira! — Pedro se expressou abrindo os braços no ar. — Isabel, seja razoável. Vocês não têm resistência para uma viagem desse tipo. São três ou quatro dias cavalgando. E poucas horas de descanso — a voz era um misto de aspereza e impaciência.

— Nós cavalgamos tão bem quanto você — Isabel devolveu.

— Não estou me referindo à habilidade, mas sim à *resistência*. Como podem ser tão teimosas?

— Olha, Pedro, você não pode ir e simplesmente nos deixar para trás.

— E por que não?

— Por causa do Estéfano. Ele virá atrás da Elô para cobrar o cumprimento da proposta que ela aceitou.

— Quer saber? Que seja. Mas não venham reclamar depois. E quanto ao Estéfano, Tommy poderia muito bem ficar e tomar conta da Elô — ele disse como se esse não fosse o motivo de ele ter concordado com elas.

— Eu acho ótimo que tenham chegado a uma decisão... — Tommy, enfim, se manifestou. — Mas poderiam me responder onde vamos arrumar quatro cavalos para fazer a travessia?

## SEGUNDA PARTE

*"Cada vez que você faz uma opção está transformando sua essência em alguma coisa um pouco diferente do que era antes."*

C.S. Lewis

## Capítulo XIII

Pedro solucionou o problema do transporte. Por isso, naquele momento, eles se ocuparam em levantar um acampamento em duas horas. Se quisessem fugir sem levantar suspeitas, precisariam agir antes do amanhecer.

Isabel pegou a bolsa de lona grossa que utilizava nas incursões familiares. Era um material rijo e espesso, praticamente impermeável, perfeito para abrigar alimentos.

A maior parte da despensa dos Fernandez não ficava na casa, mas na taberna, nas prateleiras da cozinha de dona Bertha. O ambiente impecavelmente limpo cheirava às ervas aromáticas que a mulher utilizava para temperar os alimentos: alecrim, hortelã, manjeriço, erva doce, açafreão... uma verdadeira profusão para os sentidos mais apurados.

Na despensa da cozinha da taberna elas encontraram barras de amendoim, um quitute energético extremamente apreciado pelos jovens, biscoito de nata e queijos curtidos. Nas prateleiras mais altas do espaço, impecavelmente organizado, havia ainda de carne de búfalo pré-cozida que a cozinheira deixava especialmente reservada para servir clientes especiais. As partes nobres, macias e saborosas, eram perfeitas para assar facilmente sob o calor de uma fogueira.

Isabel e Eloise se serviram ainda pãezinhos de milho frescos, bolo de fubá, doce de banana cristalizado e frutas secas. Tudo calculado para ser consumido com folga nas nove refeições que fariam.

Elas também colocaram na bolsa a caixa de primeiros socorros que Beatriz mantinha em casa com um pouco de tudo que utilizava em atendimentos primários. E, como não fosse desperdício de espaço levar na bagagem material para curar ferimentos, Eloise e Isabel arrumaram os frascos de extratos naturais em um compartimento seguro da mochila.

Enquanto isso, Pedro e Tommy providenciavam o material necessário para montagem de um acampamento seguro: uma lona resistente capaz de ser transformada em uma barraca, cordas grossas em quantidade suficiente para a construção de um abrigo em campo aberto, uma bússola e um desenho geográfico da região.

Nos primeiros quilômetros atravessariam trilhas confusas pouco ou quase nada transitadas. Somente na segunda metade da viagem os caminhos eram marcados por rotas mercantis ou pelos passos dos nômades que viviam na inóspita Montanha Branca.

Tommy e Pedro conseguiram ainda quatro sacos de lona forrados com lã de carneiro, dentro dos quais costumavam dormir nos acampamentos com Diogo Fernandez. As bolsas enormes, isolantes térmicos perfeitos, dispensavam até mesmo a utilização de mantas.

Depois disso, Tommy e Isabel as próprias roupas, incluindo casaco de lã e luvas de couro de carneiro para atravessar a montanha. Isabel jogou sobre os ombros uma túnica verde-musgo que tomara emprestado do guarda-roupas de sua mãe. Amarrrou-a em um laço ao redor do pescoço e desceu a escada do sobrado. Tommy, igualmente coberto por uma capa de viagem, ainda trazia aninhada em uma cinta de couro a espada que Diogo lhe dera: Diana.

— Vamos? — Pedro os chamou esperando-os na porta.

Eloise já estava em casa escrevendo um bilhete para sua mãe explicando a ausência. Embora Laura estivesse fora da cidade, quando chegasse ela saberia que os filhos haviam descoberto a verdade e partido para a Península do Gândara.

Enquanto escrevia a nota, Eloise pensou em sua mãe e no pai, que ela gostaria de ter conhecido. E se lembrou da imagem de alegria, otimismo e esperança no rosto do casal apaixonado estampado na fotografia antiga. Foi pensando nos planos que seus pais teriam feito para a vida conjugal, que Eloise deixou a carta na escrivadinha do quarto de sua mãe e olhou o cômodo, vazio, imerso em uma escuridão marcante. O ambiente, calado, jazia sombrio como se jamais tivesse sido ocupado por alguém.

Quando terminou de se vestir, Eloise pegou a bolsa, avançou pelo corredor estreito, mas não desceu as escadas de pronto como fizera o irmão minutos antes. Por alguns instantes foi tomada de um saudosismo melancólico. Ela escutou os risos das brincadeiras de pega-pega que ainda ecoavam nas paredes antigas do sobrado. Ela viu as marcas nas portas dos quartos, onde ficara gravado o crescimento dela e de Pedro desde os sete anos. As lembranças pareciam se despedir de Eloise, como se aqueles fossem os últimos minutos que ela passaria ali. Os degraus rangeram devagar em resposta aos passos lentos da garota. O espaço vazio da sala ressoou o som agudo da madeira antiga de um jeito funesto. E um arrepio percorreu o corpo de Eloise em reação à melodia de mau agouro.

As ruas estavam caladas. A chuva intensa deixara vestígios notáveis. Havia galhos de árvores tomando as avenidas, terra cobrindo as vias pavimentadas e alguns telhados avariados. O estábulo do Petrolina, no entanto estava intacto. O galpão era uma sólida construção, projetada para suportar fortes vendavais.

Pedro indicou o caminho até a entrada de funcionários. O cadeado não estava fechado, provavelmente o vigia se abrigara da chuva.

Pedro empurrou a porta maciça. O movimento provocou um rangido alto no silêncio da noite, mas não acordou o funcionário, que dormia um sono profundo no canto menos iluminado do lugar, aninhado sobre uma cama de feno.

Os cavalos ficavam em um reservado especial no final do galpão. Pedro encontrou o

Alvorada acordado. O animal estava tentando se livrar de uma jovem aranha. O aracnídeo teimava em descer e subir em seu fio de seda pousando na ponta da orelha branca do cavalo. Uma atitude irritante, na opinião do bicho que aos poucos perdia a paciência com a vizinha, que morava metros acima, no telhado do galpão.

— Noite rapaz — Pedro saudou o cavalo.

O animal respondeu com uma bufada e um acenar de cabeça.

— Desculpe incomodar no meio da madrugada, mas estamos em uma emergência.

Alvorada se pôs em alerta como se entendesse cada palavra que Pedro lhe dizia.

— Bom garoto — ele elogiou, afagando o pescoço do animal que havia se chegado ao portão de madeira da baía.

— Impressionante — Isabel não se cansava de admirar o dom natural que Pedro tinha para lidar com os cavalos. — Eles parecem *mesmo* entender o que você diz.

— Mas eles entendem — Pedro acrescentou num tom natural.

Tommy trouxe as selas para junto dos boxes. Eloise e Isabel começaram a selar suas próprias montarias. Filha do Vento pareceu muito empolgada com o movimento. A égua, uma aventureira nata que gostava de liberdade, não era feliz vivendo presa no espaço limitado do estábulo. Como seu próprio nome sugeria, ela identificava-se com a brisa forte que corria nos campos abertos.

Pedro deixou uma nota ao vigia explicando o sumiço dos animais e assumiu a liderança da fuga.

A noite sem luar estava fria. Uma neblina densa acumulava-se nos becos e começava a tomar as ruas vazias com o avanço da madrugada. À medida que se afastavam da região central, as construções ganhavam novos contornos. Os sobrados bem edificadas eram substituídos por casebres mal-acabados. As construções, que recebiam seus moradores antes mesmo de ganharem contornos de casas, se multiplicavam na periferia pobre, retratando a condição de seus moradores miseráveis: o esqueleto à mostra era o espelho dos ossos proeminentes dos seus famintos ocupantes.

Quando passaram em frente ao Cabeça de Búfalo, Tommy, que nunca fora nostálgico, desejou que a taberna estivesse aberta para se despedir do lugar apropriadamente: tomando uma farta caneca de cerveja de trigo.

Ao lado dele Pedro tentava esconder a tensão velada, a fuga fora sua ideia, a responsabilidade pela segurança do grupo também seria. Quando a estrada principal se estreitou em uma linha tênue, a rota alterou-se a sudeste. O caminho, indicado pelo mapa e pela memória geográfica de Pedro, levava a um lugar ainda não povoado, um terreno em meio à mata nativa e sem trilhas demarcadas por rotas comerciais. A vegetação alta e espaçada facilitava o

deslocamento. E, ainda que estivesse escuro, seguiam em ritmo veloz porque os cavalos não demonstravam dificuldades para se orientar no escuro da floresta.

Se a cavalgada fosse diurna, os cavaleiros poderiam rever a beleza natural daquele lugar majestoso. Os pássaros coloridos que saudavam a luz com seus cantos alegres, os cervos que corriam livres de predadores e as plantas raras que viviam agarradas aos troncos das árvores. Uma alegre profusão de cores espetaculares.

Mas, se não tinham a visão monumental da vegetação, o cheiro agradável e intenso da mata regada pelo orvalho da madrugada lhes fazia companhia. As folhas, levemente úmidas, exalavam um perfume selvagem que agradava aos cavaleiros. Mas, sobretudo, aos equinos.

Filha do Vento, excepcionalmente satisfeita, sentia a liberdade correr em suas veias. Geada socava suas patas sentindo o próprio coração pulsando nos cascos, enquanto Valente seguia, à vontade, dando vazão à sua energia inesgotável e deixando-se dominar pela ascendência selvagem marcada em sua genética.

Alvorada, entretanto, na liderança do grupo, mantinha-se em permanente estado de alerta, concentrando-se nos sons dos animais noturnos, mesmos os mais distantes. O pio sábio de uma coruja camuflada. O rastro ligeiro de um roedor a caça de seu jantar ou o arrastar lento de uma cobra que acabara de engolir sua vítima.

Quando a madrugada começou a se despedir dos cavaleiros, a estrada alargada cedeu lugar a uma trilha estreita. O caminho delgado colocou os cavaleiros em fila indiana e os obrigou a substituir o galope ágil por um trote arrastado, o que deixou os animais entediados.

Quando o emaranhado de árvores foi se alargando, Pedro, Eloise, Tommy e Isabel contemplaram um espetáculo de rara beleza. O caminho deles cruzou com a rota migratória das borboletas monarcas, assim chamadas devido ao tom alaranjado — cor oficial da monarquia de Petra — que predominava em suas asas.

Os insetos, que estavam na metade da sua jornada de milhares de quilômetros, tomavam o chão tal qual um tapete vivo, e as folhas das árvores como frutos de uma colheita especial. Aquelas monarcas eram a segunda geração de uma família migratória e repousavam as asas cansadas a fim de ganharem forças para continuar o caminho que suas mães iniciaram.

Milhões daquela espécie estavam ali. Sem medo ou hesitações, os belos insetos rumariam para cumprir seu destino final. Seguras de si, as borboletas apenas descansavam. Embora conscientes de que aquela seria a primeira e única trajetória de sua curta vida, as bravas seguiam firmes porque conheciam, respeitavam e aceitavam o ciclo de suas existências. No momento em que os cavaleiros passaram, o céu se coloriu de laranja. As pequenas, cujo corpo não era mais que uma frágil composição, partiam novamente. Sob a luz do sol, elas brilharam em puro

esplendor.

O grande rio, que separava a planície da região montanhosa de Gazara, os aguardava pouco depois. Uma corrente de águas caudalosas formada pelo degelo natural da neve, que cobria as montanhas. Praticamente imóvel, a massa compacta de águas refletia a paisagem em seu entorno.

Pedro planejava atravessar o gigante gelado alguns quilômetros à frente, onde as águas eram rasas. Mas não calmas.

Não era a correnteza ou a frieza da água que o preocupavam, mas os caçadores que ocupavam a área naquela estação do ano: ursos famintos que acabaram de sair de seu longo período de hibernação. Eles tomavam as partes menos profundas para pescar seu alimento preferido, o salmão.

Seixos brancos se destacavam por toda a extensão que margeava as águas. Uma cobertura da cor da neve, intercalada por pequenas ilhas de gramínea sob a forma de tufo verdes brilhantes.

Os cascalhos estalavam sob os cascos dos cavalos e as cinzas da noite, iam desaparecendo trazendo uma sensação de segurança.

Pedro puxou as rédeas do Alvorada depois de alguns quilômetros no terreno de pedras. Eles apearam sobre os pedregulhos achatados, liberaram os cavalos do peso das bolsas, da incômoda embocadura e do arrieiro. Alvorada, Geada, Valente e Filha do Vento, embora não necessitassem do descanso, aceitaram de bom grado a parada. Estavam com fome e a gramínea fresca lhes pareceu extremamente apetitosa.

Enquanto Eloise e Isabel preparavam o desjejum, Tommy e Pedro foram reabastecer os cantis com água doce e fresca.

— Ei, cara, relaxa um pouco. Pedro esboçou um meio sorriso, embora mantivesse a tensão marcada na postura rígida. Ele não deixaria de se sentir responsável pela segurança do grupo em nenhum momento da viagem.

Eloise anunciou o café apontando para uma pedra grande e achatada onde os alimentos haviam sido dispostos.

— Bom, não sei quanto a você, mas eu estou faminto — Tommy disse dando duas leves batidas nas costas de Pedro.

— Grande novidade. Algum dia já perdeu o apetite?

Eles se acomodaram em torno da mesa improvisada que abrigava uma boa refeição de acampamento. Havia os pãezinhos de milho, broa de fubá, queijo e frutas secas.

— Humm... Vocês fizeram um ótimo trabalho aqui — Tommy disse ao se servir de um generoso pedaço de bolo. — Eu gostaria de ver a cara de dona Bertha quando descobrir que a despena dela foi assaltada — Tommy comentou achando graça da situação. — Eu não — Isabel

contrapôs. — Deixei um bilhete dizendo que levamos toda a comida para o vilarejo onde mamãe está clinicando como voluntária. Ela vai ficar furiosa comigo.

Assim que terminaram de comer, Pedro pegou a carta geográfica da região em sua bolsa e o desdobrou sobre a rocha branco-acinzentada. A rota da fuga estava demarcada. Um traçado vermelho saía de Tamísia e terminava no Gândara.

O caminho começava na floresta nativa que atravessaram durante a madrugada. Depois margeava em alguns quilômetros o grande rio, que era vizinho a eles naquele momento, seguindo para sudoeste até o ponto onde as águas eram mais rasas. O ponto de travessia estava sinalizado com um círculo. Ao lado do desenho geométrico, as palavras: perigo, ursos.

Uma vez na margem oposta, a rota avançava, planalto acima, rumo a uma perigosa cadeia de montanhas. Uma formação composta de dois picos gêmeos, morada dos nômades, e um terceiro, chamado de Montanha Branca, que era o maior deles e passava todo o ano praticamente coberto por um volume excepcional de neve. Antes de alcançar a cadeia rochosa, no entanto, Pedro planejou pernoitarem ao pé da montanha.

No dia seguinte a rota continuaria por um caminho estreito que serpenteava os três montes da cordilheira gelada. Uma linha escorregadia e traiçoeira.

— Temos que cruzar as montanhas durante o dia — Pedro alertou. — À noite a temperatura despenca. Além disso — ele acrescentou com notas de tensão na voz —, sempre há risco de nevascas. Então, quanto mais rápido passarmos aqui — apontou a linha tênue que flanqueava os picos —, melhor.

Saindo do relevo acidentado, o traço seguia até o próximo desenho geométrico. A segunda noite estava planejada para uma região conhecida com zona intermediária. O ponto de planície ficava entre o planalto gelado e uma área onde a temperatura se elevava vários graus. O trecho, ilhado entre contrastes naturais tão marcantes, se estendia por vários quilômetros até ceder espaço para o acidente geográfico mais peculiar de Gazara: as Ondas da Solidão Meio dia de cavalgada intensa, mais tarde, e, finalmente, chegariam à Terra dos Anões, na Península do Gândara.

## Capítulo XIV

Quando partiram, o sol da manhã já havia se firmado no céu fazendo as pedras miúdas cintilarem sob o efeito da luz resplandecente. O clima conspirava favoravelmente com a fuga. A brisa morna trazia uma sensação acolhedora e confortável. O verde intenso da floresta, que os acompanhava, passava como borrões. Em determinado ponto alargado da margem, duas raposas flanquearam o grupo presenteando-o com a beleza de sua pelagem colorida. O casal selvagem se certificava de que a toca, construída nas proximidades, não seria atacada e que a ninhada, nascida havia poucos meses, estaria a salvo de predadores indesejáveis.

À esquerda, igualmente ladeando os cavaleiros, o leito alegre do rio emanava intensidade. O gigante, que era o lar de uma variedade incrível de peixes, seguia tranquilo rumo ao seu destino derradeiro, o Golfo de Gad — uma porção de oceano que abrigava a península do Gândara e também banhava parte do litoral dos Reinos de Gazara, Catre e a ilha de Kabza.

Mais algumas horas de corrida e Pedro notou a mudança no leito do rio indicando que o local da travessia se aproximava. Pedras espaçadas brotavam da água, lembrando almofadas espalhadas pelo chão.

Pouco à frente, o atrito da corredeira nos seixos do leito do rio transformou-se num som semelhante ao de um riacho. A expressão de vida natural e a musicalidade da cavalgada traziam uma sensação de hospitalidade, como se a natureza aprovasse a presença deles.

Contudo, a aproximação da zona de travessia também significava que eles estavam no território de caça dos ursos. E ainda que não houvesse nenhum dos enormes mamíferos à vista, Pedro sabia que era prudente ser cauteloso naquelas terras.

Alvorada foi o primeiro a desacelerar e não gostou de mergulhar os cascos na água gelada. Bufou descontente já nos primeiros metros.

— Desculpe pelo banho frio, amigo — Pedro se desculpou.

O cavalo balançou a cabeça, como se aceitando o pedido de desculpas.

Valente e Geada também reclamaram da temperatura da água, mas foi a Filha do Vento que mais demonstrou tensão, talvez porque tenha sido a única a notar que o perigo os espreitava.

— Calminha, amiga. Você vai dar conta. — Eloise afagou o pescoço da égua encorajando-a a seguir adiante, mas a Filha do Vento continuava reticente e inquieta.

— O que está acontecendo com você?

Ainda que a égua fosse capaz de explicar a Eloise o alerta de seu instinto natural, àquela altura não seria mais necessário. Um urro feroz rasgou o ar. Um som medonho de um predador enfurecido. Um urso de mais de duzentos quilos avançou rio adentro com alvos definidos: Eloise

e a Filha do Vento.

Por alguns segundos a irmã de Pedro ficou paralisada pelo estrondo que antecipava um ataque mortal.

— Elô! — E foi Tommy quem a tirou do transe momentâneo.

O rapaz, alguns metros à frente, deu meia-volta no Geada e voltou para socorrer Eloise. Pedro e Alvorada vinham com ele. O urso se aproximava em velocidade espantosa e o tempo que a Filha do Vento demorou a reagir foi suficiente para deixar o predador a poucas passadas de distância.

— Vá para a outra margem! — Pedro gritou para Isabel quando percebeu que ela também estava voltando.

O urso continuava sua trajetória rumo à Eloise.

— Pedro! — Isabel gritou com notas de pavor na voz.

O rapaz olhou sobre o ombro e viu o impossível. Havia outro mamífero caçador na borda oposta do rio. Era uma emboscada. Tommy desembainhou Diana e partiu para enfrentar o urso que corria para atacar Eloise. Foi então que o estranho, o inusitado, o absurdo aconteceu com Pedro. Algo fantástico. Inexplicável. Incrível.

Em apenas alguns segundos Pedro entendeu o que estava acontecendo, embora mais tarde precisasse de mais de horas para conseguir explicar a alguém o que se passou na pequena fração de minuto. No pouco espaço de tempo, Pedro foi capaz de ver, sentir e ouvir o extraordinário.

Sem se intimidar ou se amedrontar com a presença dos animais em fúria, o líder ordenou a todos que parassem. Que ficassem quietos.

— Você ficou maluco?! — Tommy berrou, espantado com a ordem insana. — Eles vão nos retalhar!

— Não vão, não — Pedro garantiu em tom de ordem. — Confiem em mim, eu sei o que estou fazendo. Ela não vai nos atacar, só quer defender seus filhotes. O macho quer atacar as crias.

Tommy, Eloise e Isabel viram a ursa passar por eles e seguir para um embate direto com o macho, que vinha da margem oposta. O encontro foi violento. A ursa avançou armada de poderosa mandíbula e afiadas garras. O outro, igualmente letal, combatia com ela, tentando avançar o território, mas a fêmea o impedia.

— Como... sabia?! — Isabel exclamou, assombrada com a percepção de Pedro.— Olhem. — Pedro apontou para a margem de onde a ursa partira em disparada. Dois filhotes de aparência indefesa observavam, ansiosos, a luta corajosa que sua mãe travava para defendê-los.

— Acha que ela consegue? — Eloise perguntou, agora comovida com a atitude de valentia da fêmea.

Pedro afirmou que sim, sem tirar os olhos dos pequenos, cuja aparência era a de crianças

amedrontadas.

E se até aquele momento o comportamento dele não fosse surpreendente o bastante, sua próxima atitude seria. Sem aviso, ele partiu em direção à margem onde estavam os filhos da brava mãe, que ainda lutava pela segurança de sua família.

Isabel, Eloise e Tommy não o seguiram, pois ficaram presos naqueles instantes em que as pessoas se perguntam se o que está acontecendo é real... fantástico... ou as duas coisas ao mesmo tempo.

Pedro apeou do Alvorada, aproximando-se dos filhotes com cautela. Os bichos lembravam imensas bolas peludas com patas. O maior deles era uma fêmea de cor parda e expressão moleca. O outro, um macho, era igualmente marrom, mas expressava sofrimento nos olhos miúdos.

Tommy, Isabel e Eloise, num misto de choque e inércia, mal piscavam diante da atitude despropositada de Pedro e justamente por isso não perceberam que a mãe, disposta a morrer pelos filhos, vencera o embate e voltava para a margem segura.

No momento em que tudo aconteceu, Pedro não percebeu o quanto aquilo fugia dos padrões. Pedro sempre julgara natural sua ligação com Alvorada. Sempre achara normal conseguir interpretar a maneira de ele se expressar. E sempre tomara como corriqueiro o fato de o cavalo responder, de alguma maneira, as coisas que ele dizia. Afinal, ele convivia com Alvorada todos os dias.

O que não era normal, e ele tampouco classificaria como sendo anormal, era conseguir interpretar os modos de um urso selvagem. Mais que isso, Pedro conseguiu entender com perfeição cada gesto, cada som, cada olhar. Ele sabia que a mãe estava voltando antes mesmo de ouvir as patas pesadas correndo na água, pois foi capaz de *sentir* a presença dela. E quando Pedro se virou para olhá-la, percebeu o corpo cansado depois da luta, os batimentos cardíacos acelerados e a dor causada pelas feridas no focinho comprido e na orelha.

Tudo era tão claro e tão simples de entender que Pedro agiu guiado por esse instinto natural. Pegou o material de primeiros socorros na bolsa de suprimentos, na garupa do Alvorada, e colocou a maleta no chão, perto do filhote menor e o examinou.

O pequeno tinha um ferimento na para traseira que estava dificultando sua mobilidade: um rasgo profundo na pele, que causava uma dor intensa e que, se não fosse tratado, poderia causar uma infecção. Pedro queria cuidar do animal, mas sabia que precisava que a mãe autorizasse o tratamento.

Ele ainda estava agachado no momento em que sentiu o bafó quente da urso em sua nuca,

certificando-se de que ele não era uma ameaça à sua prole. Pedro se virou, ainda abaixado, com cautela, e os olhos negros e profundos do mamífero magnífico o encararam.

— Só quero ajudar — ele disse sem demonstrar hostilidade, mas respeito.

A fêmea compreendeu a sincera intenção e se acomodou ao lado da filha para acompanhar o procedimento. Pedro abriu a maleta de medicamentos e procurou entre os frascos um unguento antisséptico e outro anti-inflamatório e cicatrizante, ambos indispensáveis em acampamentos. Depois embebeu o líquido de limpeza em um chumaço de tecido.

— Vai arder um pouco, garotão — ele alertou antes de começar o procedimento.

Quando o pano tocou o corte aberto, o filhote tentou recolher a pata.

— Calminha, rapaz. Você é forte. — Mas Pedro o encorajou com uma expressão solidária. Ele fez a assepsia na ferida e passou a pomada que aceleraria o processo de cura.

A mãe urso o observava, atenta, ao mesmo tempo em que incentivava o filho a suportar a ardência causada pelos extratos.

— Pronto — ele disse tal qual um médico que termina de atender um paciente. Depois afagou de leve a base do pescoço farto de pelos do pequeno urso. — A gente se vê por aí.

— Você tem alguma explicação para o que aconteceu?! — Eloise era o retrato da perplexidade.

— Ainda não. Mas quando tiver, você será a primeira a saber — Pedro respondeu num tom de bom-humor e naturalidade, que, é claro, não combinavam com a cena de segundos antes. — É melhor darmos o fora daqui logo. O outro urso não é tão simpático e sociável quanto à minha amiga ali.

A água baixa do rio se moveu em ondas que se dispersavam ao longe. Os quatro cavalos, agora correndo velozes, terminaram a travessia das águas em pouco mais de cinco minutos. A margem oposta os aguardava para recebê-los em mais algumas horas de cavalgada antes de pararem para almoçar.

Os seixos que cobriam o chão foram se transformando em pequenos pedregulhos até desaparecerem por completo. A estrada de chão batido era compacta e só não estava totalmente desnuda por conta de uma gramínea baixa que a tomava nos flancos.

Eles pararam sob o abrigo das árvores que estavam se tornando menos adensadas. Até o início da trilha das montanhas, a floresta abundante se resumiria a apenas algumas dezenas de árvores espalhadas ao longo de uma vastidão de terras.

Pedro, mesmo depois do galope silencioso, ainda não se sentia capaz de entender como conseguira estabelecer contato com um urso selvagem. E igualmente não saberia explicar a maneira como interpretava a intenção dos bichos.

— Parece loucura, eu sei — ele confessou enquanto almoçavam. — Mas se eu me concentrar, consigo entendê-los tão bem quanto compreendo vocês. — Pedro apontou os animais que estavam arrancando, do chão, a dentadas, uma grama dura.

Foi quando notou que Valente estava ligeiramente incomodado. O pelo no flanco esquerdo tremia como os cavalos fazem quando moscas pousam sobre eles. Pedro apoiou, em um pedregulho, o graveto que lhe servia de espeto para assar a carne de búfalo, levantou e caminhou até o animal.

— Ele está com um espinho — Pedro explicou enquanto corria a mão na região torácica de Valente. — Achei. — Ele afastou os pelos de cor de amêndoa e retirou uma lasca fina encrustada na pele do cavalo.

Antes de retomar seu lugar embaixo da sombra da árvore, no entanto, Pedro retirou da bolsa uma das barras energéticas de amendoim e deu para Alvorada. O cavalo abocanhou o alimento de uma só vez, achando-o muito mais interessante do que a grama endurecida e velha que estavam comendo.

— Incrível! — Isabel se admirou.

— Pois é... — Eu sempre consegui entender o Alvorada. Mas era só ele — Pedro comentou, parecendo desconfortável com a nova descoberta.

De fato, ele estava assustado. Não é todos os dias que se encontra alguém que tem a capacidade de se comunicar com os bichos. Mais tarde, no entanto, Pedro descobriria que o dom vinha de seus ancestrais, os Belmonte, mas que nem todas as gerações de sua família eram agraciadas da mesma forma

Pedro aprenderia grandes lições com seu dom especial, a primeira delas, entretanto, seria, talvez, uma das mais significativas. Os bichos, assim como os homens, nascem bons, pois são obra da Criação Divina. Mas nem todos mantêm essa natureza de bondade e, com o tempo, alguns escolhem se tornar perversos e cruéis, exatamente como o urso macho que tencionava matar a família da fêmea corajosa. E, não, não era o instinto de acasalamento que o movia, mas pura e simplesmente o desejo de matar.

Quando as horas do almoço terminaram, Pedro e Isabel aproveitavam a sesta, enquanto Eloise estava com a Filha do Vento. Acariciando-lhe a cabeça com uma mão e com a outra segurava a parte abaixo da mandíbula. Filha do Vento, de fato, era um animal extraordinário, descendia da mais antiga linhagem de Petra e os traços de seus ancestrais eram marcantes em sua genética. Cabeça pequena, que ela mantinha sempre alta demonstrando força de personalidade, grandes olhos redondos e vivazes, pescoço finamente arqueado que se encontrava com espáduas inclinadas, lombo curto, que continuava em uma garupa quase na horizontal, adornada por uma cauda de fios longos e sedosos. Isso sem mencionar as pernas fortes, o andar

largo e os cascos duros como marfim. Filha do Vento era a expressão verdadeira de força e vitalidade, além de ser carismática e sociável.

A pelagem negra da égua brilhava com o reflexo da luz do sol provocando um imenso contraste com a pele branca de Eloise.

A poucos metros, Tommy observava a cena com o peito inflado num misto de paixão e dor. Ele sofria, pois o amor é um sentimento que nasce para ser livre e não para viver em segredo.

Tommy sabia que deveria parar de olhar para Eloise, mas simplesmente não conseguia.

O peito em brasas o feria, como se o torturasse. O sentimento, que vinha esmagando dentro de si, exigia sair, de uma maneira tão furiosa que parecia estar lhe perfurando os ossos e rasgando a carne do peito para reclamar a própria liberdade.

Tommy já tinha ouvido falar de dor de amor, mas sempre a tomara como uma metáfora exagerada de romancistas e poetas. Na verdade, sempre achou que gente apaixonada tinha cara de bobo. Mas lá estava ele, com expressão abobalhada, sentindo a tal dor que os apaixonados sentem quando não são correspondidos.

*Porcaria. Tinha que ser a Eloise? Com tanta garota bonita e disponível na escola, eu precisava me interessar pela minha melhor amiga? E se isso não fosse empecilho bastante, ela é a princesa herdeira do trono de Petra. Por que não fiquei com a Amanda? Seria tão mais fácil... Talvez eu fosse um daqueles caras que gostam de sofrer. E que passam a vida cultivando um amor platônico e impossível. É... talvez eu seja um masoquista mesmo. Se eu não posso ficar com ela, pelo menos ficarei perto dela.*

Pior do que saber que seu amor não era correspondido, era ter a certeza de que não estava à altura dele. Era exatamente o que Tommy pensava, que jamais um mestiço e plebeu poderia cogitar a possibilidade de namorar a princesa herdeira do trono do Reino Unido de Petra.

## Capítulo XV

A corrida vespertina foi fácil. Tranquila. E silenciosa. À medida que se aproximavam do entardecer, o cenário ia mudando gradualmente. A terra assumia um tom acinzentado, quase enegrecido, e era flanqueada por pequenas pedras de arestas afiadas à mostra. Uma vegetação baixa, desprovida de beleza, se misturava entre os pedregulhos.

No meio da tarde, os três picos nevados começaram a despontar timidamente no horizonte. Mas seria apenas nos últimos momentos do crepúsculo que a maior cadeia de montanhas de Gazara mostraria todo seu esplendor: três cumes de rocha cobertos por uma massa glacial incalculável. Se os viajantes alcançassem o ponto de pernoite com o sol ainda a pino, veriam o sol refletido na imensidão branca dos picos.

A verdadeira beleza daquelas montanhas, no entanto era conhecida por poucos, pois não ficava à mostra, mas sim abrigado dentro dos próprios picos: as cavernas. Muitas cavernas. Os nômades que viviam na face leste da cadeia rochosa talvez fossem os únicos que tivessem explorado todas elas.

Os nômades da montanha eram um povo muito antigo, que sempre viveu isolado. Protegidos em seus abrigos naturais, faziam daquele espaço gelado sua única terra. Raramente eram vistos perambulando nas cidades, o que acontecia somente quando precisavam trocar as pedras preciosas — frutos de uma atividade mineradora de subsistência. As pedras, de grande valor econômico, ainda atraíam a ganância de pessoas que não retiram da terra apenas o que lhe é necessário à sobrevivência. Todos, porém, que haviam tentado explorar indiscriminadamente os recursos naturais da região foram expulsos pela própria montanha. Avalanches, nevascas, ataques de animais selvagens, doenças causadas pelo frio extremo... Nenhum minerador resistiu.

Algumas cavernas chegaram a ser mapeadas, mas as que escondiam as preciosidades nunca foram encontradas, senão pelos moradores perenes da montanha. Esses, é claro, nunca revelariam a localização delas a ninguém.

À medida que o sol alcançava o poente, o terreno inclinava-se alguns graus no sentido vertical. A temperatura baixava na proporção exata do aumento da altitude. Seria uma noite fria e nostálgica, quando os jovens se lembrariam do último acampamento com Diogo Fernandez e de todas as técnicas de sobrevivência que ele se esmerara em ensinar aos jovens. Fazer uma fogueira, montar um abrigo a salvo de predadores noturnos, pescar utilizando lanças rudimentares, caçar animais de pequeno porte com arcos feitos com cipós, madeira flexível e hastes pontiagudas.

Pedro se encarregou de limpar a área onde a fogueira seria acesa. Recolheu algumas pedras

escuras e pontiagudas e as organizou de maneira circular no espaço limpo. Depois, procurou por musgo seco no entorno das rochas, arrancou parte da casca seca de uma árvore e os organizou no centro do círculo de pedras, enquanto Tommy trazia a madeira espessa que manteria o fogo aceso noite adentro. Os troncos, encontrados a menos de um quilômetro de distância, provavelmente eram o esqueleto de alguma árvore atingida por um raio. A ocorrência de tempestades era algo comum naquela região.

Enquanto isso, Isabel e Eloise cuidavam dos animais. Alvorada, Valente, Geada e Filha do Vento passariam a noite livres, como seus irmãos selvagens. E embora pouco satisfeitos com a vegetação insossa do lugar, os equinos ficaram felizes por estarem naquela empreitada na companhia de seus donos.

— Ah, e eles são nossos — Pedro dissera mais cedo quando pararam para o almoço. — Não me perguntem como e nem por que, mas o fato é que, de acordo com o Alvorada — ele ainda ficava constrangido em reportar algo que um animal lhe dissera —, eles foram comprados por Diogo Fernandez, e só depois levados ao Petrolina.

Tommy escolheu uma pequena encosta rochosa, que serviria de quebra vento, para montar a barraca.

Na base do pequeno rochedo ele fixou a lona de acampamento que pegara em sua casa. Com auxílio de pedras de médio porte, o tecido grosso ficou preso ao chão. Nas extremidades opostas amarrou cordas e fez com que as pontas fossem sustentadas por duas árvores. Desse modo, a parte traseira do acampamento estaria protegida com a barreira natural intransponível e a frontal ficaria a um metro do calor.

Foi o próprio Tommy quem também preparou a logística dos sacos de dormir. E embora estivesse convencido de que *não era bom o suficiente para Eloise*, posicionou sua cama de lã ao lado do dela.

Se não podia tocá-la, Tommy queria ao menos senti-la perto de si.

*Acho que estou gostando dessa coisa de sofrer*, foi o que ele pensou naquele momento. *As últimas migalhas que restam ao amante desenganado.*

Dramático, ele sabia.

Por último, Tommy colocara Diana ao alcance da mão direita e enquanto fazia isso não conseguia reunir a força de vontade necessária para tirar os olhos de Eloise. Era como se ela tivesse um campo magnético capaz de exercer um controle poderoso sobre a própria constituição física de Tommy. Uma atração à qual era difícil resistir.

A brisa fria levantava pequenas fagulhas na fogueira limitada pelas pedras dispostas em círculo. Os minúsculos pontos erguidos pelo vento viajavam em espirais coloridas para em seguida desaparecer no breu da noite.

Eloise, Tommy, Pedro e Isabel estavam agrupados em volta do fogo. A temperatura estava baixa. Cada um segurava um espeto de madeira, e em cada peça havia um pedaço generoso de carne de búfalo pré-cozida, assando sob o efeito do calor. Todos estavam cansados, mas antes de dormir Isabel quis saber como seria dividida a vigília noturna.

— Tommy e eu vamos nos revezar—

— Também podemos vigiar, Pedro — disse ela.

— Vocês precisam dormir.— E vocês dois também!

— Sim, mas a gente aguenta. — Acha que não vamos dar conta? — Isabel ofendeu-se com a recusa.

— Não é nada disso, Bel — Pedro estava sendo sincero.

— Então, o que é?

— O dia será difícil amanhã. Não haverá tempo para fazer nenhuma parada. Eu só quis ser cavalheiro.

— Sei... — Isabel bufou.

— Bel, por que não pode simplesmente aceitar o que estou falando? Eu só tentei ser gentil — Pedro se defendeu.

— Tudo bem, então, senhor gentileza — Isabel dosou a voz com ironia —, faremos quatro turnos.

Pedro não respondeu, apenas balançou os ombros abrindo mão do embate.

Tommy se ofereceu para o primeiro turno, Pedro ficou com o segundo, Isabel com o terceiro e, o último, seria de Eloise.

O céu estava limpo aquela noite. As estrelas cintilavam exibindo todo o esplendor de suas constelações. As mais próximas deles, entretanto, eram Kayla, que simbolizava os doze Estados de Petra, e Uryel, uma constelação formada por sete astros.

Os antigos diziam que Uryel representava a Criação do Mundo. As sete estrelas significavam o número de dias que o Deus Criador levou para construir a Terra. Muitos acreditavam. Os cétricos, no entanto, diziam que a História Sagrada da Criação era uma grande invenção dos próprios homens.

Do ponto onde estava no abrigo do acampamento, Isabel observava a beleza do conjunto de estrelas que sempre a fascinara, desde criança.

— Ainda acordada — Pedro disse ao se juntar a ela na barraca.

— Você já olhou para o céu? — Ela perguntou, sem tirar os olhos da imensidão.

— Deixe-me adivinhar — Pedro se acomodou no calor de seu manto de lã, que estava entre Isabel e o saco de dormir, ainda vazio, de Eloise. — Está olhando para Uryel.

— Ela está linda hoje.

— Você acha que é de lá, das estrelas, que o Criador olha por nós...?

— Também... Eu acredito que Ele esteja em todos os lugares, mas gosto de pensar que Uryel seja o símbolo do toque de Deus na Criação.

— Você acredita em destino, Isabel? — Pedro perguntou, de maneira filosófica, após alguns minutos de silêncio.

— Não.

— Não acha que seja destino o fato de estarmos aqui em busca de um passado que nos foi escondido?

— Estamos aqui porque escolhermos estar, Pedro. Ninguém nos pediu para viajar até a Terra dos Anões. — Isabel tirou os olhos do céu por uns instantes para olhar o amigo que também a encarava. — Eu acredito na liberdade. Não fomos criados para sermos escravos. Somos *filhos* do Criador — falou e de novo voltou sua atenção ao infinito do cosmo. — E justamente por isso — continuou —, temos o direito de escolher nosso caminho. Seja ele bom ou ruim.

— E quando é que escolhemos esse caminho? — Pedro também voltou a olhar para Uryel.

— Eu acho que a todo o momento...

Eles adormeceram antes que Eloise chegasse ao abrigo.

— Você não quer ir para a barraca? — Tommy perguntou a Eloise. — Está batendo queixo de tanto frio.

O irmão de Isabel estava alimentando a fogueira para ficar mais confortável no primeiro turno de vigília.

— Você pode me esquentar um pouco? — ela pediu com naturalidade.

Eram amigos. Ela poderia fazer um pedido dessa natureza.

— Posso — ele respondeu se acomodando ao lado dela no chão desnudo.

— Obrigada — ela enlaçou seu braço direito no esquerdo de Tommy e pousou a cabeça no ombro dele. — Estou sem sono — justificou, mas sua expressão era de abatimento.

— Você parece cansada.

Eloise ficou em silêncio contemplando o giro simétrico das fagulhas que se desprendiam da fogueira. Talvez fosse aflição, medo, cansaço ou a combinação de tudo isso que deixou Eloise com vontade de ficar mais tempo acordada. O corpo estava exausto, era verdade, mas a mente continuava em plena atividade.

— O céu está lindo hoje, não é? — Eloise puxou assunto com Tommy para afastar os pensamentos aflitos que criavam teorias pessimistas sobre onde sua mãe estaria naquele momento.

— Não reparei — Tommy respondeu com sinceridade.

— Olhe. — Eloise apontou os arranjos bem formados no infinito. — Uryel, Kayla, a Estrela Dara...

— Essa é a única que eu sei encontrar — Tommy interrompeu a enumeração num tom de bom-humor.

— É a estrela dos navegantes.

Dara era a bússola natural de qualquer navegante. O astro do norte, era o único avistado de todos os mares de Petra.

— Por que você deseja tanto ir para Zarthan? — Eloise perguntou de repente.

Tommy se surpreendeu com a questão inesperada.

— Meu lugar não é em Tamísia. E, para ser sincero, a cavalaria nunca foi uma opção para mim.

— Eu sei. — Eloise encolheu os ombros, arrependida por ter feito a inscrição de Tommy à revelia dele. — Mas não é só por isso. Quero dizer, existem outros Estados, outras cidades... Por que escolheu o lugar mais distante no mapa?

Zarthan, ou Triângulo de Zarthan, era, na verdade, um complexo de ilhas: três de grande porte e doze ilhotas. Somente as maiores eram habitadas. O conjunto menor era cercado por recifes, corais e tubarões, que já haviam afundado centenas de navios e matado milhares de marinheiros.

— Nunca pensei sobre isso. Por que eu escolhi Zarthan? Talvez porque seja a terra natal do meu avô. Ou talvez seja porque está no meio do mar... Não sei...

— Zadoque também está no meio do mar — Eloise brincou.

Tommy riu.

— É... talvez eu possa me juntar àqueles caras que trabalham nos navios que carregam uma bandeira preta com um crânio imenso no meio — Tommy emendou com a piada.

Zadoque, ou a Terra do Fogo, como era vulgarmente conhecida, era o lar de muita gente inescrupulosa: traficantes de armas, exploradores sexuais, estupradores, assassinos, ladrões...

O s piratas a que Tommy se referia atuavam na costa saqueando qualquer tipo de embarcação, comercial ou do governo do Reino Unido.

— É sério Tommy, por que tão longe...? — Eloise insistiu.

— Sempre quando penso em Zarthan, tenho a sensação de ser livre. Acho que é isso.

— Humm...

Ele sentiu o corpo dela relaxando aos poucos. Os braços penderam arrastando o tronco para

baixo. Sem interromper a chegada do sono, Tommy se certificou de que ela ficaria confortável até leva-la ao abrigo. Esticou as próprias pernas para improvisar um travesseiro, ao qual ela se adaptou naturalmente, e a cobriu com uma manta.

*Por que eu não a levo para a barraca? Por que eu ainda insisto em mantê-la tão perto? Ah! Já sei... Provavelmente estou me acostumando ao autoflagelo.*

Tommy ironizava seus pensamentos enquanto deslizava os dedos nas linhas suaves que desenhavam o rosto sereno da doce Eloise: o contorno dos olhos, as bochechas rosadas, o queixo perfeito, deixando, por último, a boca que ele tanto desejava beijar. Ao tocar-lhe os lábios, que se destacavam do rosto por um tom de rosa pálido, sua mão ficou em brasas. Ele quis beijá-la imediatamente, mas recolheu o braço antes que traísse a si mesmo.

A temperatura era angustiantemente baixa e Eloise estava na floresta. Corria desviando dos troncos grossos das árvores. Ele estava com ela, guiando-a. Precisavam encontrar um lugar seguro onde se esconder. Ela olhava para trás e tudo o que via era uma névoa densa e branca, que avançava furiosa na direção deles. Ela estava aterrorizada e cansada, não conseguia manter o ritmo da corrida. As pernas curtas não obedeciam mais. Então, ela caiu e ele foi obrigado a parar.

Nesse momento a névoa os alcançou, trazendo um pavor que Eloise nunca supôs existir. Ela acordou em uma caverna fria com ele ao seu lado, banhado em sangue e contorcendo-se de dor.

Um grito excruciante cortou o ar. Ele estava sofrendo e ela nem sequer sabia onde estavam.

“Você vai ficar bom”, ela dizia.

Mas ele não conseguia responder. O braço ferido e sangrando na altura do pulso o havia deixado em choque.

Eloise gritou por socorro até sua voz desaparecer e tudo à sua volta se transformar em uma mancha escura. Ela perdeu completamente os sentidos pouco depois disso.

Muito tempo depois, acordou com uma voz dizendo que ia ficar tudo bem...

— Eloise... — Tommy estava tentando acordá-la porque, de repente, ela começara a se agitar numa expressão angustiada. — Eloise! — repetiu num tom mais intenso e assustado. Além da agitação, ela também estava ofegante. — Elô!

— Oi...

— Você está bem? — ele perguntou, preocupado.

— Não... — ela respondeu, sinceramente, atordoada.

Quando ela abriu os olhos, duas lágrimas escorreram sobre suas bochechas rosadas.

— O que foi? Está sentindo alguma coisa? Quer que eu chame alguém? Isabel? Pedro? —

Tommy despejou as perguntas sem intervalo.

— Não. Foi só um sonho ruim.

Ainda deitada, ela esboçou um sorriso parco.

— Mas você está bem? — ele insistiu na pergunta.

— Sim...

Tommy sentiu-se mais tranquilo, mas então percebeu que estava a centímetros de Eloise. A respiração dela chegava a lhe beijar o rosto.

— Falta muito para o seu turno acabar? — ela perguntou.

— Não... Pouco menos de uma hora.

— Posso continuar aqui? É que... não quero voltar para o pesadelo.

— Claro.

*Eu gosto de sofrer!*

Eloise dormiu novamente depois de alguns minutos. Sua expressão estava serena, como se, agora, estivesse em um sono tranquilo. Ele a tomou nos braços para levá-la ao abrigo. Caminhou para a barraca, ajoelhou-se com cuidado e colocou-a na cama de acampamento.

Ainda abaixado ele afastou alguns fios de cabelo negro que caíram sobre o rosto de Eloise e olhou-a como se ela fosse uma rara obra de arte.

Foi então que o instinto falou mais alto.

Sem que Tommy percebesse, seu rosto se aproximou lentamente da boca de Eloise. E com suavidade os lábios se encostaram. Um toque sutil, fortuito e rápido.

Pedro assumiu a vigília pouco depois.

A madrugada foi quieta e afora o crepitar da madeira, nenhum som cortou a noite. Nem mesmo o pio de uma coruja alada.

## Capítulo XVI

Pedro apagou a fogueira, misturou os vestígios de carvão à terra e jogou, aleatoriamente, as pedras que circundavam o fogo.

O sol ainda não havia se levantado do seu esconderijo quando Pedro, Eloise, Tommy e Isabel partiram, protegidos por casacos de frio e luvas de couro. Começava a jornada no desconhecido planalto montanhoso e com ela a contagem regressiva para o momento que marcaria permanentemente a vida daqueles jovens.

Os cavalos tomaram seus lugares no caminho. A trilha, um fio estreito de estrada, erguia-se colada aos três incríveis maciços rochosos, tal qual uma serpente, acompanhando as ondulações e irregularidades do relevo. Ora pendendo para a direita, ora para a esquerda. Ou desaparecendo entre as nuances e reentrâncias das pedras gigantescas.

Pedro sabia que a média de velocidade seria baixa. A via tortuosa não ofereceria retas seguras para se emendar um galope. Passariam o dia alternando entre trotes lentos e rápidos, fato que irritaria os cavalos, principalmente Geada. E não só porque ele era adepto às corridas de velocidade, mas também porque já estava entediado com tanta calma. Não gostava de viver trancado no Petrolina e menos ainda de ser considerado um “cavalinho de passeio” — era assim que ele se autodenominava. Pedro ainda não sabia disso. Geada não fazia o tipo que trocava confidências.

Geada vinha de uma linhagem de cavalos nobres. Uma raça criada especialmente para servir aos melhores cavaleiros da Academia. O pai dele, o grande Nevada, dono de uma beleza estonteante, possuía pelagem marrom avermelhada e as ancas brancas sarapintadas com sua cor predominante. Carregava vários títulos de campeão em torneios e muitas medalhas de honra ao mérito, conquistadas em companhia de seu cavaleiro. Geada saíra ao pai. Tinha garra, coragem e determinação. Porém, ainda lhe faltava o cavaleiro.

Na primeira metade do trajeto, que se estendia até meados da segunda montanha, não encontrariam a terra congelada. A estrada sinuosa, uma terra socada e dura, era agarrada à rocha enegrecida e livre de qualquer vestígio de neve. A manta, que lembrava uma seda adornada de cristais, só apareceria quando se aproximassem dos contornos do terceiro pico: a Montanha Branca, a elevação mais elegante e bela de todo o conjunto.

Talvez, se estivessem em outra situação, guiados por alguém com experiência em travessias montanhosas, teriam a oportunidade de apreciar o espetáculo que a natureza lhes oferecia. Àquela altura era possível enxergar o grande rio que haviam atravessado seguir seu caminho buscando sua foz no Golfo de Gad. A grande massa de águas correndo quilômetros abaixo não

impressionava somente pelo tamanho, mas pelo reflexo grandioso das montanhas em suas águas. As grandes massas geladas que se espalhavam pelos cumes eram detalhadas com a perfeição de uma pintura a óleo. O desenho fazia jus ao capricho da natureza em espalhar a neve. A rocha cinza-grafite parecia adornada por um confeitiro profissional, o branco puro e intocado peneirado aqui e ali lembrava cristais de açúcar sobre um bolo de chocolate.

Em todo caso, eles não estavam ali por turismo. De fato, poucas pessoas em seu juízo perfeito fariam turismo num lugar mortal como aquele. Quem utilizava aquelas rotas precisava, necessariamente, conhecê-las muito bem, ou contratar alguém familiarizado com os caminhos para orientá-los.

Pedro, infelizmente, ignorou a seriedade da informação. Conhecer a natureza ambígua da região era fundamental para ter êxito na travessia. O clima era capaz de mudar de maneira drástica em períodos tão curtos que a expressão “de uma hora para outra” seria a mais exata descrição dos fenômenos naturais que aconteciam ali. E tudo começava sem aviso, de maneira traiçoeira. Apenas pessoas acostumadas com as montanhas sabiam reconhecer as sutis alterações que antecediam uma intempérie. E embora uma grande massa azul se espalhasse no céu das montanhas, talvez aquele dia não fosse o melhor para atravessá-las.

À medida que avançavam quilômetros acima, a temperatura ia revelando seu potencial de inimiga implacável. Ainda que os raios do sol fossem intensos e contínuos, nada era capaz de aquecer o ar cada vez mais frio.

Pouco depois disso, eles começaram a sentir os sinais físicos da altitude elevada. A baixa quantidade de oxigênio e a inexperiência do corpo com aquele tipo de ambiente acentuavam a sensação de cansaço. O ar gelado também contribuía para aumentar o desconforto. A impressão era de que as vias respiratórias estavam prestes a congelar.

Tommy, Eloise, Isabel e Pedro, o grupo seguia nessa ordem. O líder estava por último porque de tempos em tempos consultava o mapa e gritava as instruções para Tommy. Assim o ritmo era mantido, ainda que Pedro estivesse com a atenção voltada para a análise do percurso.

Já haviam passado por duas cavernas indicadas na carta geográfica, e de acordo com o desenho restava apenas uma terceira gruta, que ficava na altura da Montanha Branca, o último pico.

Por volta da metade do dia, o grupo estacionou alguns instantes para se alimentar. Pedro estava otimista em relação ao tempo de percurso e ao mesmo tempo receoso. Os quilômetros seguintes eram os mais perigosos. Neles, a trilha se alterava em um ângulo brusco para direita, assumindo a forma de um V, que acompanhava uma enorme saliência na rocha. O segundo monte avançava tantos metros que chegava a ocultar, por alguns quilômetros, a parte mediana do terceiro pico, tal qual uma irmã invejosa que deseja sobrepujar a grandiosidade da outra.

Continuaram o caminho, que se afinava tonando-se apenas uma linha tênue, parecendo se

projetar para fora da montanha. A altura naquele trecho era de causar vertigens. E a sensação ao percorrer a estrada era a mesma de quem se aventurava a subir em uma corda bamba de trapezista sem ter familiaridade com o exercício.

A intensidade do sol havia diminuído. Almofadões brancos tomavam o céu deixando apenas alguns retalhos de azul à vista.

Ao alcançarem a aresta pontiaguda do caminho, pensaram que venceriam a montanha. Mas foi então que ela mostrou sua verdadeira face: a serpente traiçoeira estava com o bote armado.

Uma neblina rala começou a baixar dos cumes nevados da Montanha Branca e Pedro sentiu a tensão de Alvorada quando o cavalo avistou a massa fina e branca que tomava o ar em direção a eles.

— Eu sei, amigo. Eu sei que tem alguma coisa errada. — Pedro afirmou isso baixinho ao pé da orelha de Alvorada. Não queria alarmar o grupo.

Talvez aquele fosse o momento de voltar, regressar à base e tentar uma nova travessia no dia seguinte. Mas nem Pedro, nem Alvorada saberiam disso. Eram inexperientes naquele tipo de terreno.

Então, quando a opção do retorno não seria mais possível, o tempo mudou drasticamente. As inocentes nuvens brancas, estacionadas gentilmente no céu, transformaram-se em almofadões da cor do carvão. A temperatura despencou. Ventos gelados rasgaram o ar e bateram sem piedade ou compaixão nos jovens aventureiros.

Tommy olhou para trás, temeroso. O cabelo ruivo, crescido um pouco abaixo da orelha, chicoteou-lhe o rosto atingindo os olhos, fazendo-os lacrimejar instintivamente.

— É o início de uma nevasca — Pedro respondeu, antecipando a fala do amigo.

— O que vamos fazer?! — foi Eloise quem perguntou em som de alarme.

— Temos que nos abrigar — o irmão devolveu. A alternativa lhe pareceu a única solução diante do inevitável.

Pedro retirou o mapa do bolso de couro na sela de Alvorada. O vento forte ameaçava partir o pergaminho ao meio, mas Pedro já sabia o que procurava, por isso a consulta foi rápida.

— Há uma caverna na Montanha Branca — Pedro ampliou a voz para que o som se projetasse contra o vento.

O grupo estava perto de deixar os limites do segundo monte.

— Estamos a uma hora de lá — acrescentou num segundo grito.

— Então, não podemos perder tempo — Isabel incentivou em tom conclusivo.

As rajadas de vento uivavam produzindo uma melodia agourenta. Os olhos deles ardiavam, atingidos pelo deslocamento de ar enfurecido. Minuto a minuto, enxergar ficava mais difícil.

A neve chegou quando estavam a meio caminho da entrada da caverna. Começou tímida.

Pequenas gotas de água congelada. Cristais minúsculos, como a cabeça de um alfinete, que ganhavam velocidade e força com a ajuda do vento. Os pequenos estilhaços feriam o rosto dos cavaleiros sem remorso, como se quisessem castigá-los por estarem ali. A sensação térmica era cruel.

Como se isso não bastasse, no espaço vazio que os ladeava os minúsculos grãos giravam em espirais ameaçadoras, lembrando-os de que o abismo estava pronto para recebê-los, caso cometessem algum deslize. Mas isso não era o meio e nem o fim da tempestade. Era apenas o começo da fúria assassina da montanha.

Não se via nada além de uma grande macha branca e a caminhada só prosseguiu graças ao instinto de sobrevivência dos cavalos. Pedro tinha certeza disso. E pedia ao Criador para que a hora que os separava da esperança de sobrevivência passasse logo.

Tommy, na ponta do comboio, mantinha uma das mãos erguidas protegendo a face. Esforçava-se ao máximo para manter os olhos abertos. Precisava encontrar a caverna que os abrigaria. Ele sabia que se perdesse a entrada seria o fim. Um doloroso e cruel fim.

— Encontrei a caverna! — Tommy berrou aliviado e olhou para trás pela primeira vez desde que assumira a responsabilidade de encontrar o abrigo.

Mas, um arrepio gelado de pavor percorreu sua espinha. Não havia sinal dos outros.

— Eloise! Isabel! Pedro! — Tommy gritou com toda a força de seus pulmões.

— Tommy! — era a voz de Eloise, que aparecia depois de um segundo angustiado de espera.

— Onde você está? — O som das palavras era um misto de aflição e medo.

— Estou vendo você. Fique parada. Vou até aí.

Ela estava a poucos metros dele, mas como estivesse se deslocando contra o vento, era incapaz de vê-lo.

Eloise sentiu um leve puxão nas rédeas quando Tommy agarrou as cordas no ponto abaixo do pescoço do cavalo.

— Onde estão os outros? — ele perguntou.

— Não sei. Está impossível de enxergar qualquer coisa. Eu nem sei como consegui achar você! — Ela estava assustada.

— Calma. Eles vão nos encontrar também. Entre no abrigo. Eu espero por eles aqui.

— Não. Eu fico com você.

Ela segurou com firmeza as mãos dele. Tommy percebeu que ela receava se afastar.

— Vamos ficar juntos, então. Isabel! Pedro! — Tommy emitiu o som grave e esperou uma resposta. No instante seguinte, alguma coisa soou, era um som baixo e agudo. Ele tornou a chamar. Outra réplica. Dessa vez mais clara. Era Isabel.

— Aqui! — Eloise balançou amplamente os braços na tentativa de serem notados. Funcionou.

— Onde está o Pedro?

Isabel balançou a cabeça em negativa.

— Certo. Vocês duas, entrem na caverna. Vejam se é segura. Eu vou atrás de Pedro.

— Mas...

— Sem “mas” — Tommy disse com firmeza em contraponto ao que Isabel nem chegara a dizer. — Apenas façam o que eu disse.

A gruta ficava abrigada entre uma das muitas reentrâncias da rocha, de proporções incalculáveis. A entrada era uma fenda triangular que rasgava o monte em mais de oito metros de altura.

A tempestade estava prestes a atingir seu ponto máximo. A neve já se acumulava no chão, tornando o caminho delgado ainda mais perigoso.

Eloise e Isabel, apavoradas, guardaram dentro de si o desespero que ameaçava tomá-las a qualquer momento e fizeram o que Tommy pedira. Entraram em um corredor de alguns metros de largura e poucos de comprimento.

A caverna, elas não sabiam, era imensa e cortava o monte de uma face à outra. Composta de várias câmaras, a gruta cuidadosamente abrigada no coração da rocha era uma armadilha para quem desejasse se aventurar pelos seus inúmeros salões. O acesso a eles se dava por passagens tortuosas e ziguezagueantes, que formavam um caminho confuso. Um conjunto de túneis construídos com capricho, ao longo de séculos, que tinha a forma exata de um labirinto.

Eloise e Isabel apearam e puxaram os animais pelas rédeas. Avançando com cautela, tatearam as paredes rochosas, guiadas por uma parca luminosidade.

O vento feroz não as alcançava ali, mas perceberam uma tímida corrente de ar, levando-as a deduzir que o caminho por onde entraram não era a única abertura da caverna.

O pequeno corredor se alargou em um salão suntuoso, cuidadosamente preparado pela natureza. O chão era cinza-chumbo e composto por sedimentos de rocha. Pedras que, de tão gastas pela erosão natural, já haviam se transformado em areia. As paredes acompanhavam a cor do solo.

Mas era o teto da caverna que deixava qualquer um boquiaberto. A superfície superior era tomada de gelo. E não era pouco. Eram blocos compactos, que se agarravam à pedra como se fossem nuvens no céu. Das almofadas transparentes pingavam gotículas de água. Abaixo de cada pequena queda d'água havia estalagmites acinzentadas.

Um espetáculo grandioso, que Eloise e Isabel não viram porque estavam praticamente no escuro. Tudo o que as exploradoras perceberam foi que estavam em um salão de tamanho razoável. Que o chão estava livre de neve. E que a temperatura era bastante confortável, em comparação ao frio da tempestade.

Então, Tommy apareceu guiando Alvorada. Pedro estava tombado sobre o pescoço do

cavalo. O corpo flácido era de quem estava desmaiado.

— O que aconteceu com ele?! — Eloise perguntou assombrada, o peito se contraindo em angústia.

Mas Tommy não saberia responder com precisão, pois encontrara Pedro já naquele estado. Ele desceu de Geada num salto e arrastou Pedro para fora da sela de Alvorada.

— Precisamos aquecê-lo! — foi só o que disse em voz de comando.

A partir dali tudo aconteceu rápido. Eles tiraram o casaco de Pedro e o colocaram dentro do saco de dormir. Os cavalos começaram a relinchar e a bufar descontroladamente. Tommy tirou a bolsa de Geada, jogou-a num canto e gritou com o cavalo, que se afastou, irritado com a grosseria do cavaleiro. E se Pedro estivesse consciente, Tommy saberia que Geada acabava de chamá-lo de estúpido, porque o que estava sendo interpretado como agitação, era na verdade um aviso. Um alerta!

Eloise deixou a companhia de Pedro e Isabel para amparar o súbito descontrole do amigo.

— Tommy, calma. — Ela segurou-lhe a mão ao dizer isso.

Pedro abriu os olhos naquele momento.

— Estamos na caverna. Está tudo bem... — Isabel informou, tentando parecer convincente.

Mas a montanha não gostou do que ouviu a jovem dizer. Violenta e impiedosa, ela atacou os intrusos sem lhes dar chances de defesa. No intervalo de duas batidas de coração, um estrondo parecido com um trovão rasgou o teto da caverna. E tudo pareceu acontecer em marcha lenta.

Isabel olhou apavorada para o Pedro. Em seguida para cima. Uma enorme pedra de gelo desprendia-se do teto com um único objetivo: atingi-los, como se ambos tivessem com uma enorme bola vermelha desenhada na testa indicando o alvo.

Num ato de puro reflexo, Isabel puxou Pedro num solavanco rápido. A pedra atingiu o chão espalhando estilhaços por todo lado. Infelizmente, o movimento não foi rápido o suficiente e Pedro acabou ferido na testa. E embora o golpe tenha sido de raspão, foi suficiente para fazer o sangue escorrer-lhe pelo rosto.

Tommy sentiu o coração bater em marcha lenta quando o som agourento do ataque se espalhou na caverna. E enquanto a pedra de gelo despencava sobre Isabel e Pedro, ele se atirou sobre Eloise num gesto desesperado de proteção.

Então, outros blocos furiosos despencaram do teto. Tommy ainda sentiu o peso esmagador quando foi atingido. O inferno branco os engoliu. O barulho ensurdecedor cessou tão rapidamente quanto havia começado. Um breu sombrio invadiu a caverna despedaçada e um silêncio fúnebre se apossou de cada canto do ambiente.

## Capítulo XVII

Isabel tateou o chão ao redor de si e percebeu que estava coberto de fragmentos de gelo, à exceção de uma pedra robusta a centímetros deles. Pedro, ao seu lado, estava inconsciente, mas respirava, embora tivesse um ferimento na cabeça e seu rosto estivesse molhado de sangue. Isabel examinou o próprio corpo em busca de avarias, mas afora a náusea provocada pelo cheiro do sangue e uma tontura leve, estava inteira.

Ela se afastou de Pedro e se ajoelhou apoiando as mãos no chão repleto de cacos de gelo. Engatinhou alguns metros até se deparar com uma barreira, provavelmente destroços do desabamento. Continuou apalpando as pedras geladas buscando um apoio para ficar de pé. Deslizou as mãos, protegidas com as luvas, por toda a extensão do que estava à sua frente, mas só o que elas encontravam eram blocos maciços. Então mapeou mentalmente a direção em que Tommy e Eloise estavam antes do desabamento. Seu coração se contraiu de dor. Colocou a mão na boca para reprimir o choro desesperado que sairia dela.

*Eles estavam aqui. Meu Pai Criador!*

Lágrimas mudas rolavam sem que ela as pudesse conter. Desesperada, Isabel perdeu a força nas pernas e caiu de joelhos aos prantos. Mas depois de alguns minutos a esperança de Tommy e Eloise estarem vivos a acalentou. Por isso, ela tentou se acalmar para conseguir chamar por eles. Mas antes pediu ao Criador que fizesse sua voz atravessar aquela montanha de gelo, e que, se eles estivessem do outro lado, que fossem capazes de responder. Concentrada na sua fé, ela gritou com toda a força que ainda havia nos pulmões.

— Tommy! Eloise!

Não houve resposta aos primeiros chamados, mas ela não esmoreceu. Continuou tentando. Uma. Duas. Três. Quatro... Dez... Quinze... Sua garganta já queimava com a intensidade dos berros quando ouviu uma voz ecoar em réplica aos seus apelos.

— Isabel. — Era a voz de Tommy.

*Obrigada, Pai.*

Ela sentiu um alívio impossível de descrever em palavras. E chorou de novo. Não de tristeza, mas de alegria por escutar novamente a voz do irmão.

— Você está vivo?!

— Não! Minha voz é apenas sua imaginação conturbada... — ele disse.

Ela riu. Se ele ainda conseguia fazer piada, era sinal de que estava bem.

— Você está bem?

— Teoricamente sim.

— Teoricamente?! — A voz de Isabel saiu esganiçada pela tensão.

— Tem alguns quilos de gelo tentando me esmagar, meu braço está preso e ainda estou com fome... Então, como definiria isso?

— Definiria como *vivo*. Já é um ótimo começo. Mas, e a Eloise?

— Está perto.

— Ela está bem? Por que não está me respondendo?

— Ela está respirando, Isabel. Eu posso ouvir. Como estão você e o Pedro?

— Eu estou bem. Nenhum ferimento. Mas o Pedro desmaiou. Pancada na cabeça.

— Você consegue nos alcançar?

Tommy perguntou e foi só naquele momento que ela percebeu a dor escondida na voz dele.

— Tommy, você está ferido!

— Não é nada. Vou sobreviver. Consegue chegar aqui ou não?

— Não dá. Há uma parede de gelo entre nós. Não consigo enxergar... Desculpe. — Sentiu-se péssima diante da própria impotência.

— Preste atenção, Isabel — ele disse num tom de seriedade. — Fique calma. Dá para aguentar até amanhecer. — Embora o ambiente estivesse extremamente frio, eles estavam com o corpo protegido com grossos casacos, botas e luvas, o que garantiria o mínimo de aquecimento.

— Tem certeza de que vão ficar bem?

— Tenho. Fique perto do Pedro e mantenha-se aquecida. Precisamos esperar até o amanhecer.

— Tudo bem. Qualquer coisa é só gritar.

Isabel fez o que Tommy sugeriu. Orientada unicamente pelo tato, cuidou do ferimento da cabeça de Pedro amarrando uma tira de pano para estancar o sangramento. Afastou o gelo e encontrou o chão de areia diminuindo a sensação de frio, uma vez que, com o desabamento, a caverna estava quase tão gelada quanto a tempestade que guinchava do lado de fora. Quando terminou o trabalho, Isabel percebeu tremores percorrendo o próprio corpo. O rosto ardia como se tivesse sido queimado pelo sol e o queixo começou a tremer pouco depois que ela percebeu isso.

Isabel, então, espremeu-se no pequeno espaço sobrando no saco de dormir de Pedro.

Foi difícil acomodar duas pessoas, mas quando, finalmente, conseguiu, ela o abraçou com força. Sobretudo porque estava aterrorizada. Embora as partes expostas do corpo reclamassem, acintosamente, castigadas pelo frio, era o medo de não conseguirem sobreviver que a apavorava.

— Isabel.

Seus olhos ainda estavam sem foco quando ela percebeu o som vacilante a centímetros de si. Pedro já estava acordado e seus braços a envolviam. O dia não havia amanhecido por completo. As cinzas da noite ainda vagavam pelo interior da caverna.

— Pedro! — Dizer o nome em voz alta foi sua primeira reação de susto. — Você está bem?

— Estou. Tem um martelo na minha cabeça... Mas, o que aconteceu? Por que estamos juntos? Quero dizer, dividindo o mesmo saco de dormir? — A voz dele soou nitidamente desorientada.

— Você não se lembra? Só um minuto, preciso sair daqui.

Enquanto Isabel abria a cama de lã, Pedro ficou em silêncio buscando resposta para sua própria pergunta. Foi então que ele levou a mão no lugar onde havia sido ferido e sentiu a bandagem que envolvia sua cabeça.

— A caverna... O teto... Eloise! Tommy! — Os olhos de Pedro varreram o espaço à sua volta e estacaram na parede que se formara depois do acidente. — Onde eles estão, Isabel?

— Eles estão bem — ela falou o mais rápido que pôde —, mas ficaram presos do outro lado. — Apontou para os destroços do desabamento, que somente agora era capaz de perceber: não era branco como neve, mas transparente como gelo.

Pedro se ergueu e correu em direção à barreira gelada berrando feito um louco

— Tommy! Eloise! É tudo minha culpa! Eloise, Tommy! Eu sou um idiota. Eloise, Tommy!

— Oi — Tommy respondeu.

A intensidade da voz dele era consideravelmente mais fraca em relação à noite anterior, mas Isabel preferiu omitir essa informação.

— Cara, você está bem? Cadê a Eloise?

— Estamos vivos — Tommy respondeu.

— Por que ela não responde?

— Ela está aqui. Vocês não estão ouvindo? — Tommy devolveu.

Isabel não soube explicar o porquê, mas achou que o irmão estivesse mentindo.

— Vamos tirar vocês daí...

Isabel percebeu pela expressão apavorada de Pedro que ele não fazia ideia de como resgatá-los. Foi então que lhe ocorreu uma lembrança.

— Pedro, a caverna tem outra saída! Quando eu e Eloise entramos, nós sentimos uma corrente de ar.

— Tem certeza?

— Absoluta.

— Tommy, vamos procurar a outra entrada da caverna. — Pedro projetou a voz para além dos blocos irregulares empilhados. — Fique aí até chegarmos — completou. O tom de Pedro era

um misto de excitação, pressa e ansiedade.

— Para onde mais eu iria?

Pedro e Isabel redirecionaram suas prioridades. Procurariam a outra passagem da caverna. E se ela não estivesse na face oeste do cume, desceriam a montanha e dariam a volta subindo pela face oposta.

Pedro e Isabel, felizmente, encontraram Geada e Alvorada na saída da caverna. Os dois abraçaram os animais sentindo a esperança renovada.

— Graças ao Criador, vocês sobreviveram. — Pedro disse a Alvorada quando partiram.

— Não estamos viajando sozinhos. — Pedro tentou parecer convincente. O perigo os rondava. — Nosso grupo está descendo a montanha.

— Você acredita no rapaz? — Um sujeito de face ossuda e de cabelos sujos caindo na altura dos ombros falou com sarcasmo.

— Está me parecendo que o casalzinho está desacompanhado — respondeu o outro, que era mais baixo e mais gordo do que o primeiro. As feições sinistras dos dois estranhos indicavam um tipo de perversidade latente.

— Essa é uma região muito perigosa, não sabiam? — Não era uma pergunta, mas uma ameaça direta.

Ambos os homens estavam armados e olhavam para Isabel e Pedro como caçadores encaram suas presas. De repente, o mais magro fez um sinal. Não houve chance de reação.

— Não! — Isabel gritou, desesperada. — Pedro!... — O homem o atingiu com o cabo da espada. Ele desabou sobre o Alvorada. — Socor...!

Isabel sentiu uma dor lancinante na nuca.

*É o fim*, ela pensou antes de a escuridão e o vazio tomarem sua consciência.

Tommy e Eloise esperariam eternamente por uma ajuda que nunca chegaria.

Isabel não saberia precisar a que horas acordou novamente. Suas mãos e pés estavam amarrados, uma mordaca nojenta comprimia sua boca e ela estava jogada de bruços sobre a sela de Valente. Foi difícil e demorado chegar a essa compreensão. O corpo entorpecido de Isabel levou algum tempo para lhe obedecer. Ela procurou Pedro com os olhos, tomando o cuidado de permanecer imóvel para não alertar os sequestradores de que estava consciente.

Pedro estava com olhar fixo nela.

Isabel piscou, tentando demonstrar que estava bem, mas ficou assustada com o estado físico

dele. Uma mancha carmim transbordava da faixa enrolada na testa. Um olho estava inchado e roxo, na nuca havia sinais de sangue coagulado e o rosto estava pálido e aterrorizado...

*Quando a vida de outra pessoa depende da sua própria existência, é mais fácil manter-se vivo. Eu vou resistir. Não por mim. Meu corpo está vazio de emoções. Mas, sim, por Pedro. Ele não suportaria me perder também. Não sentimos os maus tratos. Não há espaço para mais dor.*

## Capítulo XVIII

Tommy sentia a porcaria do braço doendo sem parar, embora fosse a única parte do corpo que conseguisse sentir naquele momento, além dos ossos sendo cortados pelo frio. Ele ainda não lembrava exatamente o que havia acontecido, por isso refez os últimos fatos: um tremor. Isabel salvando Pedro de ser esmagado por uma pedra. O desabamento do teto. Ele se jogando sobre Eloise. E depois a escuridão. Há quanto tempo isso teria acontecido? Minutos? Horas? Tudo estava tão quieto... A não ser por uma pequena centelha respiratória que vinha de algum lugar abaixo dele.

Era Eloise! Tommy não conseguia tocá-la ou vê-la no breu intenso.

Tentou se mexer, mas, quando virou-se de lado, notou o braço preso. Uma droga de pedra o comprimia. Foi então que Tommy avaliou a sua péssima situação: estava sobre um dos blocos gelados que desprendera do teto, apenas a parte esquerda de seu corpo tocava o gelo, metade das costas estava no ar.

*Caverna idiota! Se acha que vai me engolir, está muito enganada!*

Tommy bateu o espaço vazio com a mão que não estava sendo esmagada. A ponta do dedo médio tocou o rosto de Eloise. Ele se sentiu extremamente aliviado ao constatar que ela respirava.

— Eloise — ele murmurou, mas ela não respondeu. — Eloise. Eloise!

Ela estava desacordada. Talvez ferida! Ele sentiu uma urgência medonha para se soltar da pedra assassina, embora antes precisasse saber exatamente o que havia ao seu redor.

Tommy agitou o braço para o lado procurando mais destroços do desabamento, mas sua mão cambaleou no ar. Levantou a perna direita num ângulo de noventa graus para saber se corria o risco iminente de um bloco o esmagar e seu pé também encontrou o espaço vazio. Talvez sua situação não fosse tão devastadora quanto pensava.

— Tommy...

A voz de Isabel soou distante. Ele respondeu ao chamado.

Foi ela quem lhe disse que ele e Eloise estavam presos na outra face da caverna. E ainda que a informação tivesse piorado muito sua perspectiva, Tommy não comentou esse fato. Conversou com Isabel dizendo apenas o que ela precisava ouvir. A única certeza que ele tinha era de que aquele inferno gelado não o enterraria.

Tommy puxou o braço com força. Péssima ideia. Mil lanças perfuraram sua carne.

— Merrr...

Mas ele não conseguiu terminar a reclamação, porque ouviu um som, um gemido, na verdade.

— Eloise — ele disse, ainda ofegante pela dor.

— Oi.

— Como você está?

— Bem... — A voz dela falhou um pouco. — Onde estão os outros? — A pergunta saiu sussurrada.

— Do outro lado. O desabamento dividiu a caverna em duas. Mas, não se preocupe. Acabei de falar com Isabel e ela me garantiu que estão bem. Vou me soltar para chegar até você.

— Você está preso?

— Só o meu braço. Agora, por favor, fique quieta.

— Tá.

*Tudo bem... eu não tenho noção de como cumprir essa promessa. Mas eu vou cumprir. Ou morrerrei tentando. Teoricamente a segunda opção está mais próxima de mim no momento.*

Tommy precisava de uma força de tração na direção oposta para soltar o braço. Não foi preciso pensar muito para saber o que era necessário ser feito, e nas consequências disso para o seu corpo. Ele hesitou alguns segundos, antecipando mentalmente a agonia que o esperava depois do ato extremo. Então, prendeu o ar nos pulmões doloridos, canalizou toda sua energia, que não era muita no momento, e utilizando o próprio peso como força de tração chegou para o lado que estava livre de modo a deixar o tronco no ar.

Felizmente, seus cálculos foram precisos. Com um único solavanco ele se despreendeu. Contudo, como esperava, a articulação do ombro foi violentamente deslocada.

Tommy caiu no solo arenoso da caverna como um boneco de pano: sem forças e com os membros flácidos. A dor que sentiu ultrapassou qualquer medição da escala médica e foi impossível conter um urro de agonia. Por uns três minutos tudo ficou mais escuro do que já estava.

Tommy demorou a entender que sua mente havia apagado nesse tempo. Ele acordou com Eloise batendo em seu rosto.

— Já voltei. Pode parar de me bater agora.

— O que... você fez seu maluco? — A respiração dela estava tão pesada que a frase saiu lenta demais.

— Nada. Só me soltei. — Ele mordeu a mão para não berrar. Havia farpas circulando pelas veias do seu braço. Seu ombro esquerdo lhe matando de dor.

— Está... hum... machucado?

Eloise estava sofrendo, Tommy percebeu isso com facilidade.

— Estou ótimo — ele mentiu. — Precisamos nos afastar dessa parede de gelo. Consegue usar seus pés para dar impulso para trás?

— Hãhã.

— No três, OK?

O três em questão foi seguido por um duplo arquejo de dor. Eles escorregaram lentamente duas vezes. A cautela era para não bater a cabeça em mais uma pilha de blocos de gelo.

Pararam onde Tommy imaginou ser uma distância segura. Ele se ajoelhou, apoiando-se no braço direito, e imediatamente começou a tocar Eloise procurando o ferimento responsável pelo gemido de dor que ela emitira quando se deslocaram.

Ela segurou-lhe a mão e sussurrou baixinho.

— Obrigada.

— Você está machucada? — Ele perguntou, extremamente preocupado.

— Devo ter fraturado uma costela ou coisa parecida — Eloise respondeu com a perícia que seus conhecimentos técnicos lhe forneciam.

— É grave! — Ele ficou alarmado.

— Vou sobreviver. Mas, e o Pedro? Você falou com ele também?

Eloise não deixou escapar que ele mencionara apenas o nome de Isabel minutos antes.

— Falei com os dois — mentiu descaradamente.

*Estou ficando bom nisso.*

— Escuta, deve ser madrugada ainda — Tommy afirmou, ainda que estivesse perdido em relação à passagem de tempo. — Amanhã, quando conseguirmos enxergar, sairemos daqui e vamos encontrá-los. Por enquanto, vou tentar achar nossas bolsas.

Assim que terminou a frase, ele sentiu Eloise pressionar sua mão com mais força e percebeu que ela não queria ficar sozinha. Ele abaixou o rosto tentando encontrar o dela.

— Não demoro — prometeu.

Os lábios de Tommy inesperadamente tocaram a orelha dela. Eloise estremeceu ao toque e ao hálito quente, pois sua pele estava fria como o gelo ao redor deles.

Embora Tommy quisesse se afastar, não conseguiu. Havia ultrapassado o limite seguro da distância entre eles. E ainda que quisesse se conter, sua mão percorreu o desenho do rosto dela. Descendo pela nuca, acariciou o pescoço. Seria o momento perfeito para beijá-la.

*Que tipo de homem eu seria se me aproveitasse dessa situação? Ah, já sei. Um completo imbecil.*

— Já volto.

Tommy vagueou com cuidado para manter a referência de onde ela estava. Encontrou uma alça de bolsa nas proximidades. Metade do objeto, porém estava sob o gelo. Tommy, entretanto,

lembrou que havia deixado Diana dentro da mochila. Se aquela bolsa de acampamento fosse sua, poderia usá-la para triturar o gelo. Ainda que a adversidade e a dor fossem tamanhas, ele conseguiu enfiar o braço na abertura da sacola de viagem. Lá estava ela! Nem tudo estava perdido.

Tommy sacou a espada do espaço apertado, tirou a capa protetora e bateu a lâmina contra as pedras, gostando de poder agredir o inimigo natural que tentava matá-los.

Ele voltou ao encontro de Eloise com o ombro torturando-o impiedosamente.

— Achei minha mochila. Você já tem onde dormir.

— Como assim *eu*? — As palavras saíram num chiado. — E você?

— Só encontrei um saco de dormir. Não se preocupe comigo.

— ...grande sufici... nós... — ela protestou com a voz falhando.

Tommy colocou Diana perto deles, abriu a cama improvisada e puxou Eloise para dentro do saco de dormir. Antes que se afastasse, no entanto, ela o prendeu pelo punho.

— Há espaço... — ela insistiu, fazendo as palavras saírem compreensíveis.

Tommy não se opôs porque já havia notado que falar era algo que ela estava fazendo com extrema dificuldade. *Masoquismo está se tornando minha especialidade.*

Tommy acomodou-se junto a ela e não sobrou espaço entre os dois. Ele prendeu o braço que não estava machucado embaixo da cabeça e amarrou os dedos no cabelo para evitar abraçá-la. No momento em que conseguiu encontrar uma posição para o braço, entretanto, percebeu que Eloise estava tremendo.

*Eu gosto de sofrer!*

Tommy abaixou a mão e a abraçou para aquecê-la. Eloise se encaixou no tórax largo como se tivesse a medida exata daquele lugar de aconchego.

— Obrigada — ela chiou baixinho.

Ficaram em silêncio, embora acordados. Ela parou de tremer depois de meia hora.

— Você acha que eles estão bem mesmo?

— Tenho certeza — Tommy mentiu novamente.

Ela voltou ao silêncio.

*Tic tac...* Até pegar no sono, ele contou os minutos, julgando que a hora se arrastava de propósito só para irritá-lo...

## Capítulo XIX

Tommy despertou tentando mover o braço que ainda servia de apoio para a cabeça de Eloise e conseguiu fazê-lo sem que ela acordasse. Tocou a articulação machucada constatando que havia uma enorme bola no lugar do ombro e que a dor havia migrado também para a extremidade esquerda do tórax. Hesitou alguns breves segundos antes de se arrastar para trás e sair de dentro do saco de dormir. Alavancou o corpo com a ajuda das pernas e do braço que não estava podre. Um grunhido saiu de sua boca.

Mas foi no momento em que se sentou que Tommy viu: um homem estava próximo a eles, e Tommy não saberia dizer se a figura estava ali há um minuto ou há uma hora.

Ele pegou Diana, que estava pousada no chão ao seu lado, e pôs-se de pé, impulsionado pelo instinto. A adrenalina o ajudou a levantar superando a dor.

— Não faria isso se fosse você — o estranho falou.

O aviso soou como ameaça. Tommy não se intimidou, manteve a postura defensiva, embora o outro não se movesse. Com três passadas largas, Tommy encostou a ponta da espada no pescoço do sujeito.

— Seu braço está ferido. Essa não é a atitude mais racional a tomar — as palavras saíram num tom anormalmente calmo. O estranho parecia não temer qualquer movimento que Tommy viesse a fazer.

— Quem é você? E o que está fazendo *aqui*? — a ponta da lâmina pressionando a carne do oponente.

— Fique tranquilo. Estou aqui para ajudá-los.

— Conta outra! — Tommy ironizou a resposta. — Vou dar mais uma chance de responder a verdade. Caso contrário, adeus amigo.

— Esta é a verdade, mas acho que você não vai acreditar em nada que eu disser.

— Acertou! Então, se não se incomoda, pode dar o fora daqui — Tommy o ameaçou fazendo a espada avançar alguns centímetros.

— Eu não quero brigar. Quero *sinceramente* ajudar vocês.

— A troco de quê?

— De nada.

Eloise gemeu ainda dormindo. O estranho fez menção de ir em direção a ela, mas Tommy continuou mantendo a guarda, obstruindo a passagem, a expressão rigidamente tensa.

— Não seja infantil, deixe-me ajudá-los — o estranho reagiu, com pouca paciência.

— Quem é você?

— Meu nome é Arnon e...

— Diga Arnon — embora Tommy julgasse o nome familiar, interrompeu a explicação com sarcasmo. — O que o traz a esse buraco de gelo? Passeio? Mineração?

— Estou a trabalho. Sou um cavaleiro — explicou sem parecer pretencioso.

— Ah! Profissional dedicado — Tommy bufou. — Pode provar o que está dizendo?

— Naturalmente.

Arnon desembainhou a espada apoiando a lâmina em uma das mãos e o cabo na outra.

Gravado no metal estava o brasão da Academia de Cavaleiros.

— Que nobre! Poderia ter roubado essa espada de qualquer pessoa — Tommy acusou.

— Você é, de fato, teimoso. Não vê que vocês precisam de ajuda? Além disso, não estou pedindo para acreditar em mim — Arnon disse, impaciente.

— Tommy... — Eloise sussurrou e abriu os olhos devagar.

Os dois acompanharam o movimento.

— Ela está *ferida*? — Arnon não escondeu a preocupação.

— Lógico que está. Se ainda não percebeu, quase fomos enterrados por toneladas de gelo.

— Eu vou ajudá-la. — Arnon guardou a espada, deu a volta evitando Tommy, que insistia em ficar no caminho, e abaixou-se ao lado de Eloise.

— Eu também posso! — Tommy contrapôs colocando-se ao lado dela.

Eloise, no meio dos dois, encarou o cavaleiro, surpresa.

— Oi. Meu nome é...

— Eu... sei... quem você... é — ela disse com dificuldade.

— Sabe?! — O espanto saltou das palavras de Tommy.

— Ele estava na nossa escola. — Eloise explicou devagar.

Arnon estivera na Escola Preparatória de Tamisia acompanhando a diretora da Academia de Cavaleiros, Ayla Benson.

— Ótimo — o cavaleiro disse. E, sem perder mais tempo, perguntou com ar de preocupação.

— Eu posso examiná-la?

Tommy mirou o cavaleiro com cara de poucos amigos, sem se preocupar em esconder a antipatia, num arroubo de infantilidade.

— Sou capacitado para isso. Fui treinado no programa Cavaleiros sem Fronteiras para prestar primeiros socorros. — Arnon explicou com paciência, ainda que as explicações não fossem necessárias.

— Tommy — Eloise o encarou —, você não é socorrista. Eu preciso que alguém me examine.

Embora não tenha ficado satisfeito com a atitude confiante de Eloise, Tommy se afastou.

— Eloise — Arnon começou a falar, em tom formal —, você me permite abrir? — apontou para o saco de dormir.

— Sim, faça o seu trabalho — ela foi direta. Sem querer deixou transparecer o incômodo que a dor estava lhe causando.

Os dois perceberam. Tommy venceu a testa. Arnon também. O cavaleiro afastou o tecido deixando o corpo livre e começou o exame, narrando antecipadamente seus movimentos.

— Vou medir a sua pulsação — disse e pressionou o polegar no pulso dela. A pele negra dele contrastou com a cor extremamente branca de Eloise. — Normal.

Eloise olhou aquela nuance de cores e de novo achou que o cavaleiro era alguém familiar. Então, em um impulso de curiosidade, que superava a dor causada pelo movimento da fala, ela repetiu a pergunta que fizera a ele em Tamísia. Desta vez, no entanto a frase não soou como uma pergunta, mas sim como uma insinuação.

— De onde eu conheço você?

— Você já me perguntou isso... — ele disse.

A resposta a surpreendeu. Um cavaleiro veterano que se lembrava de uma conversa de menos de dois minutos com uma das centenas de candidatas com quem ele falara naquele dia.

— Eu pareço familiar? — ele disse como quem se diverte.

— Sim. Muito.

— Tenho um rosto comum.

— Não tem, não — ela rebateu. Mas foi suave.

E Arnon respondeu com as mesmas palavras usadas em Tamísia.

— Talvez possa ter me visto no *Diário*... Quando entrei para a cavalaria fui um dos campeões do torneio. Fizeram uma matéria... Sabe como eles são, adoram um sensacionalismo. Talvez eu os tenha decepcionado. — A expressão dele estava tranquila, porém contida. — Acho que a tal Rose Blackesperava algo mais da minha entrevista.

Eloise não conseguiu saber se a lembrança o divertira ou se desagradara.

— Também não gosto dela — endossou a opinião que ele deixou implícita. — Mas eu, como disse aquele dia, não acho... — Eloise parou de falar de repente porque alguma coisa pareceu lhe espetar por dentro.

— Dói aqui? — ele perguntou pressionando levemente os dedos na caixa torácica.

— Bastante.

— Em ambos os lados?

— Não, só no lado direito. Mas não acredito que a familiaridade venha de uma foto de jornal.

Tenho a impressão de que *conheço* você.

Ele não respondeu, apenas deu um sorriso torto.

— Preciso suspender sua blusa — disse voltando à seriedade do exame. — Desculpe... é o procedimento.

— Tudo bem — Eloise respondeu com naturalidade, embora estivesse constrangida.

Tommy estava a uma distância em que ouvia apenas sussurros do que diziam. Mas quando viu o caminho que o exame estava tomando, levantou de onde estava e se plantou ao lado dos dois como um poste mal-humorado.

O frio na pele parcialmente exposta provocou calafrios em Eloise e Tommy se assustou com o que viu. Não conseguiu evitar que suas sobrancelhas se unissem de preocupação.

Havia três grandes círculos, num horrível tom de roxo, na lateral do corpo dela.

— Está tão ruim assim? — ela notou a mudança na expressão deles.

— É só um hematoma — Arnon interveio. — Está dentro da normalidade. O exame vai ser rápido — Arnon prometeu percebendo que ela estava com frio. — Respire o mais profundamente que conseguir — ele pediu.

Ela fez conforme a instrução. Seus pulmões se encheram até a metade da capacidade, depois pararam. Eloise soltou um gemido, seu rosto se contraiu.

— O mesmo lado?

— Hahã.

— É onde estão os hematomas. Dói aqui? — Ele começou a pressionar cada osso do tórax.

— Não.

— Aqui?

— Não.

Arnon foi repetindo o procedimento até chegar ao ponto crítico.

— Ai!

— Desculpe. Mais uma.

— Ai!

— A outra.

— Ui!

— Em uma escala de zero a dez, como classificaria a intensidade da dor? Seja honesta. — Ele pareceu adivinhar que Eloise poderia mascarar os sintomas.

— Oito.

— Muito bem. Tommy, pode me ajudar a sentá-la? Segure-a assim. — Arnon passou o próprio braço embaixo da axila dela, proporcionando um apoio, de modo que o movimento afetasse minimamente a região torácica.

*Sujeitinho exibido!*

Tommy o ajudou com a parte boa do ombro, mas o movimento lhe causou uma nova onda de dores. Arnon percebeu, mas ficou quieto.

— Eloise, desde que cheguei você não tossiu. O que é muito bom, devo acrescentar. Mas por acaso chegou a ter alguma crise de tosse acompanhada de sangramento ou secreção?

*Falou o doutor-sabe-tudo.* Tommy não conseguia conter os pensamentos.

— Não.

— Ótimo. Vou checar seus pulmões. Não tenho um aparelho aqui, mas... Farei o que puder.

— Obrigada. Não queria causar tanto transtorno.

— Os pulmões não foram atingidos — Arnon concluiu depois de cobri-la novamente com a blusa. — Você deve ter duas ou três costelas fraturadas. O que diante das circunstâncias é excelente. O ruim é que esse tipo de fratura é bem desconfortável. Vai continuar doendo. Não há nada que possa fazer agora, além de enfaixar seu tórax para tentar amenizar o incômodo.

— Esse é o menor dos meus problemas. O que importa, mesmo, é que sobrevivemos. — Eloise lançou um olhar de gratidão a Tommy. — Tudo o que eu quero é sair daqui e encontrar...

Tommy balançou a cabeça negativamente para ela na tentativa de impedir que revelasse os planos futuros a um estranho.

Embora percebesse o corte abrupto na fala, Arnon foi discreto.

— Posso? — O cavaleiro apontou para um tecido que estava dentro do saco de dormir fazendo menção de rasgá-lo.

— Vá em frente — Tommy falou.

Ele fez uma longa faixa utilizando o pano cortado e, com a ajuda de Tommy, envolveu cuidadosamente toda a caixa torácica de Eloise.

— Muito apertado?

— Está excelente — Eloise afirmou. — Obrigada.

— Só fiz minha obrigação.

— Bom, agora é você. — Arnon olhou para Tommy.

— Eu estou perfeitamente bem.

— Tenho um palpite: dormência no braço, dor intensa, principalmente ao executar movimentos, rigidez. Avise quando perder a sensibilidade motora nos dedos.

— Tommy! Orgulho não vai ajudar agora. Como vai cavalgar nesse estado?

Tommy cedeu, porque a dor era mais insuportável a cada segundo. Tirou o casaco e a camisa expondo uma enorme bola arroxeadada no ombro.

— Vou erguer seu braço, quando doer dê um sinal. — Arnon foi educado, não simpático.

— AAAI! — Tommy soltou um urro dilacerado.

— Foi o que pensei.

— Você está bem, Tommy? — Eloise ficou preocupada. Foi até ele. Levantou com dificuldade, ainda que sob os olhares de reprovação.

— Não se preocupe, ele vai ficar ótimo — Arnon respondeu por ele.

*Quem esse cara pensa que é? Eu tenho boca, posso responder por mim mesmo.*

Arnon pegou o tecido que sobrara da faixa de Eloise e enlaçou um bloco de gelo com a tira de pano. O resultado foi uma correia passando por uma roldana imensa e irregular.

— Deite aqui — falou com Tommy. — Sua articulação está deslocada. Tenho que tracioná-la para colocar no lugar.

Tommy fez o que o outro pediu.

— Será um pouco desagradável — Arnon falou com uma expressão sinceramente solidária ao sofrimento do outro.

Eloise ajoelhou ao lado dele.

— Não devia fazer isso. Quero dizer, deveria estar sentada em algum lugar. E quieta, de preferência. — Tommy falou.

— Vou segurar sua mão — ela sorriu com delicadeza. Os dedos se entrelaçaram aos dele. Ela passou a mão livre pelo rosto do amigo afastando o emaranhado de cabelos ruivos e acariciando a barba por fazer. De repente foi como se a dor tivesse desaparecido por completo. — Você está suando frio, mas fique tranquilo, não vai doer nada. — As palavras eram suaves e lentas.

— Alguém já disse que é uma péssima mentirosa?

— Preciso treinar, então. Ando falando muito a verdade.

Enquanto isso, Arnon passou o lençol embaixo da axila de Tommy. A correia improvisada manteria a articulação no lugar certo para o procedimento. Com um aceno de cabeça ele sinalizou para Eloise. Ela entendeu o recado e manteve Tommy ocupado na conversa.

Num movimento rápido, preciso, mas extremamente doloroso, Arnon puxou o braço de Tommy, produzindo uma força contrária à da faixa. Ouviu-se um “clac” e no mesmo instante um berro medonho.

— Passou? — Eloise falou quando a expressão de dor acabou.

— Você... Estava me distraindo!

— Viu como estou melhorando? — ela respondeu à acusação com sorriso mal intencionado.

— Merece o troféu de enganadora do ano.

— Use isso. — Arnon entregou a ele uma tala improvisada. — Tente manter a articulação imóvel. Vai ficar dolorido um bom tempo, mas o inchaço vai diminuir logo. — Hora de irmos — disse e estendeu a mão para ajudar Tommy a se levantar.

— Obrigado — Tommy mostrou educação, não cordialidade.

Arnon dobrou o saco de dormir, guardou-o na bolsa, que não estava soterrada pelo gelo, erguendo-a em seguida para carregá-la nas costas.

— Vamos? Existe uma passagem que nos coloca na trilha leste da Montanha Branca. Uma caminhada, digamos, razoável. Vai ser um pouco desconfortável — acrescentou olhando apenas para Eloise.

— Sem problemas — ela disse.

— Se quiser, posso carregar você no colo.

*Ai já é demais!* A mente de Tommy gritou em desagrado.

— Não precisa, obrigada. — Eloise pareceu constrangida com tanto zelo vindo de alguém que mal conhecia.

O amontoado de gelo que por pouco não soterrara Tommy e Eloise ficou para trás nos primeiros metros de caminhada. Arnon estava guiando-os por entre as vias do imenso labirinto que era a gigantesca caverna.

Dobraram à direita alcançando uma câmara retangular de paredes rochosas à mostra. Era um salão alto e o único, até aquele momento, que não tinha almofadas de gelo no teto. Havia três opções de saída.

— Por ali. — Arnon indicou a mais estreita e afastada.

— Por que não as outras? — Tommy quis saber. A pergunta saiu num tom de desafio.

Arnon parou uns instantes e com uma paciência inesgotável explicou.

— Aquela — o cavaleiro apontou para o norte, onde estava a saída que provavelmente um leigo tomaria — leva aos labirintos no interior da caverna. E a outra — indicou a rota à esquerda dele — vai dar no mesmo salão onde estavam.

— Conhece bem a região. — A frase até poderia ser entendida como um elogio, mas o tom com que foi pronunciada não deixava dúvidas de que era uma ironia. — Como sabia que havia alguém dentro desta caverna? — Tommy continuou. — Quer dizer, como você mesmo disse, os caminhos são confusos. O que exatamente o trouxe ao ponto e que estávamos?

Tommy não fazia questão de esconder sua desconfiança.

— Encontrei um cavalo e uma égua selados perdidos *exatamente* no local para onde estou guiando vocês.

— Eles estão bem? — Eloise sentiu uma forte sensação de alívio ao saber que Filha do Vento e Geadá haviam sido expertos o suficiente para não se perderem.

— Sim, escaparam ilesos da montanha.

— Viu mais alguma coisa por lá? — Eloise jogou a isca para saber se o cavaleiro dava notícias de Pedro e Isabel.

— Sim. Vi rastros recentes de dois cavalos que seguiram adiante na trilha oeste. Vocês não

estavam sozinhos, certo? — o cavaleiro deduziu em seguida.

— Não. Meu irmão e minha amiga estavam conosco — Eloise confirmou a hipótese, ainda que sob o olhar de desaprovação de Tommy.

— Não devem estar longe.

— Eles vão dar a volta na montanha para nos resgatar — ela acrescentou.

— Podemos alcançá-los antes disso — Arnon se incluiu no grupo.

*E quem disse que você vai conosco?*

## Capítulo XX

Enquanto seguiam, as paredes da caverna foram se estreitando até se transformar em um túnel de dimensões reduzidas. O chão ainda era um misto de pedras pequenas e grãos esfarelados de rocha e o revestimento de gelo no teto voltava a aparecer, espesso e transparente.

Naquele ponto, Eloise percebeu que Arnon tinha razão quanto à caminhada ser dolorosa. O exercício acelerou o ritmo respiratório, de modo que quando seu diafragma se distendia para receber oxigênio deixava a sensação de que a carne sensível estava sendo pisoteada. E embora o sofrimento fosse constante e ininterrupto, ela não reclamou ou deixou que sua expressão denunciasse a dor, pois queria manter a velocidade da caminhada. Encontrar Isabel e Pedro era a única prioridade para Eloise.

A linha ziguezagueante da luz que entrava pela fenda mencionada por Arnon era visível ainda que a certa distância. Um sol caloroso lançava seus raios pela grande fresta irregular de maneira impetuosa.

Quando o calor banhou o corpo de Eloise, ela se ajoelhou no chão deixando a brisa da vida tocar-lhe o rosto. Os cabelos voaram na direção da corrente brilhando sob a luz do astro majestoso. Nesses minutos de contemplação, ela cerrou os olhos e fez uma oração muda de gratidão por terem sobrevivido. Um agradecimento sincero ao Deus Criador que lhes concedera a graça de escaparem ilesos.

Filha do Vento caminhou ao encontro de sua dona assim que Eloise abriu os olhos novamente. Geada também veio em direção a Tommy, porém mais contido, embora estivesse tão preocupado com ele quanto Filha do Vento estivera temerosa pela vida de Eloise.

— Oi garota! — Ela abraçou o pescoço da égua com sincera ternura. Filha do Vento retribuiu o carinho.

Era uma égua especial, sem dúvida que era. Aliás, que se faça justiça, os cavalos também eram inteligentes, fiéis e bravos. Dignos de acompanhar uma princesa, um príncipe e seus defensores: Tommy e Isabel. Não fosse a agilidade e a coragem de Isabel, o príncipe herdeiro provavelmente teria sido engolido pela montanha furiosa. E não fosse o ímpeto de proteção com que Tommy saltara sobre Eloise, ela também teria sido soterrada pela mesma pedra que esmagou o ombro dele.

— Oi... humm... Desculpe por ontem. — Tommy disse, um pouco desconcertado.

Geada mirou seu cavaleiro com seus olhos negros, que lembravam duas jabuticabas imensas. Se Pedro estivesse ali, Tommy saberia que Geada estava orgulhoso por ele ter salvado a vida de Eloise.

— E aí? — Embora Tommy não entendesse o significado do olhar, pressentiu que estava sendo avaliado. — Vai aceitar minhas desculpas por ter gritado com você, ou não?!

Geada soltou um relinchar sincero e Tommy deu leves tapas de carinho no flanco do cavalo.

— Obrigado.

*Isso não é nem o começo do que passaremos juntos, defensor!* Geada pensou, mas Pedro não estava ali para traduzir. E se estivesse, o cavalo não iria tão longe com seus pensamentos.

O cavalo de Arnon também estava ali. Um animal lindo, na opinião de Eloise, que depois de afagar Filha do Vento, observou-o atentamente. Ele tinha um pelo tão branco e uniforme quanto o de Alvorada. Tinha uma musculatura forte, mais desenvolvida que a de um animal comum, exaltando a força natural da raça que, Eloise reconheceu logo, era uma das mais antigas de que se tinha notícia em Petra.

— Gosta de cavalos? — Arnon notou o interesse.

— Muito — ela respondeu sem tirar os olhos do corcel. — Qual é o nome dele?

— Azah — afirmou e trouxe o animal para mais perto de Eloise.

— Belo nome — disse num sorriso. — Combina com o porte majestoso dele. — Olá, Azah.

Um ronco saiu do peito do cavalo em resposta. Ele gostou de Eloise e ela não precisou de Pedro para saber isso.

Contudo, se Pedro estivesse ali, diria que não foi apenas de Eloise que Azah gostou, mas também de Filha do Vento, a bela égua que acompanhava a jovem.

— Como é o nome dela? — Arnon perguntou enquanto afagava o pescoço da equina, que também pareceu simpatizar muito com o cavaleiro.

— Filha do Vento.

— Lindo nome. Foi você quem escolheu?

— Não.

— Posso? — Arnon pediu licença a Eloise para checar a sela da sua montaria.

— Por favor.

Ele afrouxou as amarras do assento para depois prendê-las novamente na posição correta. Depois conferiu o arreio, o freio, os cascós...

Tommy observava a cena com expressão de quem comeu comida estragada.

*Como é que Eloise pode ficar tão à vontade com esse cavaleiro metido?!*

— Não vai conseguir sozinha. — Arnon falou de maneira descontraída, adivinhando que Eloise estava avaliando uma maneira de montar a Filha do Vento.

O cavaleiro não esperou que Eloise pedisse sua ajuda. Abaixou-se apoiando um joelho ao chão e o outro articulando a perna num ângulo de noventa graus. Uma escada improvisada.

Embora se sentisse constrangida com tamanho zelo, ela aceitou o oferecimento. Apoiou um

pé na perna erguida do cavaleiro e o outro colocou no estribo, mas escondeu um arquejo de dor quando sua perna passou sobre a anca da montaria.

Com Eloise montada, Arnon pegou a mochila de Tommy e a prendeu na garupa de Geada. Em seguida, pediu licença a ele para conferir a sela. Tommy balançou a cabeça, consentindo de má vontade. E embora o assento estivesse frouxo e Tommy corresse o sério risco de cair do cavalo, literalmente, o agradecimento foi seco e formal.

Arnon também se ofereceu para ajudá-lo a montar. O rapaz, entretanto, recusou, mas arrependeu-se amargamente, pois montar Geada provocou a dor de mil farpas em brasa lhe perfurando a carne. Tommy mordeu a língua quase ao ponto de tirar sangue para não soltar um urro de dor, mas as gotas frias de suor que se formaram ao redor do rosto foram impossíveis de esconder.

— Está tudo bem, Tommy?

— Hum hum — respondeu com um som que mais parecia um gemido.

Arnon montou Azah e perguntou a Eloise se poderia ajudá-la a encontrar o irmão e a amiga, como se o consentimento dela fosse o único relevante para ele, o que aborreceu ainda mais o já irritado Tommy.

— Por que faria isso?

— Por solidariedade. Por ter certeza de que não conhecem a região, o que acarretaria fatalmente em um desencontro — Arnon respondeu num tom paciente e tranquilo.

Incrível como ele não se alterava com as grosserias de Tommy. Mantinha a serenidade inabalável. E talvez fosse esse equilíbrio que deixasse Tommy ainda mais enraivecido.

— Quem disse que não conhecemos a região?

— Se conhecessem, saberiam que o único salão da caverna onde poderiam ter se abrigado era aquele onde não há os bolsões de gelo no teto. Nós passamos por ele, ainda há pouco, lembra? Tommy sentiu um gosto amargo da resposta e sua boca se contraiu em uma careta.

Eloise, que estava próxima de Tommy, virou a égua de costas para Arnon e disse entre os dentes cerrados.

— Precisamos dele.

— Eloise! — Tommy a encarou, incrédulo. — Mal conhecemos esse sujeito — falou em voz alta. Não fez questão de ser discreto.

— Tommy, ele é um cavaleiro. Estava em Tamísia há três dias com a diretora da Academia.

— Ser cavaleiro não é ter atestado de caráter ou honestidade... — Tommy parecia irredutível.

— Ele acabou de salvar as nossas vidas.

— Eu não confio nele — a raiva fluiu na afirmação de Tommy. Desta vez, porém ele falou num tom baixo. — Você sabe muito bem que não estamos a passeio. Ninguém pode saber que

vamos para Terra dos Anões — acrescentou em seguida murmurando.

— Ele não precisa saber — ela sussurrou. — Presta atenção, Tommy — ela falou como quem explica algo a uma criança teimosa. — Eu não estou na minha melhor forma física e tampouco você. Não podemos correr o risco de nos perdermos de Pedro e Isabel.

— Ele não me inspira confiança.

— Olha, se você desconfia do cavaleiro, tudo bem. Mas você precisa confiar em mim. No meu julgamento — Eloise já estava perdendo a paciência com a teimosia de Tommy.

— Você é quem sabe. Só não reclame depois — Tommy deu as costas para ela como um garotinho quando faz birra.

Eloise preferiu relevar o comportamento infantil, calculando que a dor estivesse lhe afetando o raciocínio.

— Aceitamos a sua oferta de ajuda — Eloise se aproximou do cavaleiro para dizer isso numa atitude de gentileza. Em seguida perguntou: — Só por curiosidade, para onde está indo, Arnon?

— Dravos — o cavaleiro respondeu.

— Que coincidência! — Tommy bufou com sarcasmo. Depois acrescentou: — Vamos descer ou o quê?!

A trilha na face leste não ziguezagueava tanto quanto a linha do lado oeste, porém não era um caminho único. Havia bifurcações em que a estrada se dividia em outras que levavam às rotas dos povos nômades. Já na primeira divisão do caminho, Eloise e, sobretudo Tommy, perceberam que seria impossível sair daquela montanha sem a ajuda do cavaleiro.

O balançar das ancas de Filha do Vento passou a incomodar logo nos primeiros quilômetros de descida. Movimentar o tronco no ritmo do balanço da marcha provocava uma contorção dolorosa dos músculos torácicos de Eloise.

Tommy igualmente sofria calado, tentando manter o braço imobilizado agarrado ao tronco. Porém, não eram os impactos das patas de Geada que provocavam a dor e sim o edema na articulação do ombro, que flamejava como uma fogueira raivosa.

Três horas mais tarde a estrada assumiu um formato mais amplo. Os cavalos até poderiam arriscar um trote, mas os cavaleiros feridos não suportariam. Os picos de dor de Eloise haviam se transformado em uma constante cruel e implacável, seu corpo reagindo ao esforço que não era capaz de fazer naquele momento. Tommy e a jovem deveriam estar de repouso, e não no lombo de um cavalo. Mas, como nem sempre as circunstâncias estão de acordo com as necessidades, lá iam os dois. Feridos. Abatidos. E com fome, muita fome.

Todo o suprimento de comida ficara do outro lado da caverna. E, ao que parecia, Arnon não trazia nada para comer, além de água — que não era necessariamente “comida”, mas servia para deixar o corpo vivo.

Eloise reprimia o pedido de descanso pelo qual seu corpo implorava, considerando que o sofrimento lhe era bem merecido. Ela se culpava por ter apoiado a fuga de casa e colhia o ônus de uma das poucas decisões insensatas que já tomara.

*Interessante é a vida. Ela nos coloca à prova a todo o momento. Ainda que tomemos noventa e nove decisões corretas, se a centésima for equivocada pode colocar todas as outras a perder. Errar é humano, sim. Todos cometemos erros. Acontece que determinados erros podem custar uma vida. Ou duas.* Eloise dizia a si mesma, sem piedade. E foi em algum momento, enquanto pensava no erro cometido, que se lembrou de seus pesadelos recorrentes.

Embora o pensamento estivesse muito distante daquelas imagens angustiantes, elas de repente lhe tomaram a cabeça. Todas as cenas do sonho ruim resolveram se materializar. Nítidas. Como se um grupo teatral as tivesse representando dentro da mente de Eloise.

A estrada começou a se alargar e se distanciar da Montanha Branca, enquanto a floresta misteriosa do sonho tomava os pensamentos de Eloise. O frio do bosque úmido. O medo. O sangue esguichado no menino e no rosto da pequena. Todas as estranhas sensações pareciam pertencer a ela própria.

Foi sentindo o desconforto dessas lembranças que o pensamento de Eloise voou novamente. Ela se lembrou do velho tipógrafo que produzia seus panfletos reacionários. Onde estaria o sincero amigo que fora obrigado a abandonar o lar por ter contribuído com a sua atividade clandestina? E quem seria o misterioso vizinho que salvara a jovem e seu benfeitor?

E, então, uma associação absurda ocorreu à Eloise: o estranho salvador e Arnon tinham exatamente o mesmo tom de voz. E o mesmo porte físico.

— Não. Isso é loucura demais! — pensou alto.

Tão alto que Arnon imaginou que ela estivesse expressando algum sinal de dor.

— Está se sentindo bem? — ele perguntou, colocando-se ao lado dela.

— Eu? Ah... estou — ela respondeu, duplamente surpresa. Não percebera que os pensamentos haviam fugido de sua cabeça. E também passou despercebido o fato de Arnon ter emparelhado Azah com a Filha do Vento.

— Pensei ter escutado você falando alguma coisa...

— Eh... eu falei... mas não é nada. Estava conversando comigo mesma...

— Costuma falar sozinha com frequência? — ele brincou.

— Não. É um hábito recente — ela riu. *E não. Não é delírio. O tom de voz é igual.* Respondeu para si mesma.

Ainda que tentasse ignorar a comparação, as palavras do salvador ecoavam nítidas na lembrança de Eloise: “*Um dia pode ser você a me salvar.*” Não era apenas o timbre de voz grave e marcante, mas também o modo de entonar as palavras. Arnon falava da mesma forma:

decidido, firme e ao mesmo tempo gentil.

*Se Isabel estivesse aqui, diria que isso não passa de fruto da minha imaginação criativa.*

A dor no tórax começava a passar do insuportável. Eloise precisava arrumar um assunto para se distrair que não fossem seus pesadelos ou a remota hipótese de Arnon ser o misterioso homem que a salvara de Estéfano no beco, em Tamísia.

— Então, como é o trabalho no Cavaleiros sem Fronteiras? — Ela perguntou antes que ele se afastasse. Decidida a puxar conversa, qualquer conversa, embora o assunto realmente a interessasse.

Os Cavaleiros sem Fronteira era uma associação voluntária formada apenas por cavaleiros, como o nome sugeria. Uma instituição respeitada, que promovia assistência humanitária nos lugares em que, oficialmente, a cavalaria não poderia atuar.

— Compensador e frustrante ao mesmo tempo — Arnon disse, enquanto mantinha a atenção no horizonte distante.

— Não entendi.

— Eu explico. É gratificante porque aprendemos a valorizar a vida de maneira simples e pura. Ninguém passa por um campo de refugiados e continua sendo a mesma pessoa.

— Como é lá? — ela incentivou.

— A primeira vez em que se pisa em um campo de refugiados — Arnon continuou — você pensa: sou um filho da mãe egoísta! Desculpe o termo, mas o impacto é grande. Não há outra expressão que descreva o sentimento. É uma cena realmente chocante e não há nada que nos prepare para estar diante do que se encontra lá. As pessoas vivem num estado de desumanidade. E sabe o que é mais tocante? Eles ficam felizes com muito pouco, às vezes com um copo de água limpa, um curativo, uma tala, um medicamento, um pouco de atenção... A gente faz o mínimo, sabe? E essa é a parte frustrante: ter consciência de que só podemos amenizar o sofrimento deles. Não podemos fazer nada para mudar a situação.

— Mas os cavaleiros...

— Política é uma coisa muito complicada, Eloise. Legalmente, os cavaleiros estão de mãos atadas. Essas pessoas estão se refugiando de uma guerra civil, que não interfere na paz entre os Reinos. Para os cavaleiros intervirem no conflito, precisam da aprovação do Conselho Interestadual.

— E eles não aprovam porque...

— É caro. Ninguém quer pagar pela paz. Sai mais barato custear os refugiados. — Ele assumiu um ar de ceticismo.

— Eu não entendo por que Gazara e os outros Estados não recebem os refugiados como cidadãos... Poderia haver um programa para inserir essas pessoas na sociedade... Quer dizer, quando Gazara precisou de braços para trabalhar, aceitou estrangeiros e os chamou de

imigrantes. Agora, essas mesmas pessoas são chamadas de refugiados.

Arnon estreitou os olhos num sorriso e disse.

— Você tem posições humanitárias bem definidas para uma garota da sua idade.

— Como assim “para uma garota da minha idade”? — Eloise repetiu a frase. A entonação foi um misto de surpresa e desagrado. — Você tem o quê? Duzentos anos?

— Minha expectativa de vida não é tão longa quanto à dos anões. E eu não quis ofender quando me referi à sua idade. — O cavaleiro exibiu uma expressão sincera. — Mas você deve concordar comigo que poucos têm uma visão politizada nos dias de hoje.

— Isso é verdade. A maioria do pessoal da escola prefere ignorar o que está acontecendo. Escolhem ceder às chantagens dos gazares. Submeter-se a humilhações. — Eloise imediatamente pensou na gangue de Estéfano, que se empenhava arduamente em fazer uma limpeza étnica no colégio. — Nós, mestiços, somos a maioria da população em Gazara. Se fôssemos unidos, não estaríamos sendo ilhados em guetos na periferia.

Quando terminou de falar, Eloise percebeu que o olhar de Arnon estava preso a ela. E, por alguns minutos, ela também fixou os olhos no indecifrável cavaleiro. Arnon era um homem maduro e, pelos seus modos, com muita experiência de vida. Contudo, ela sabia, com base na apresentação na escola, que Arnon não devia ter mais que vinte e cinco anos.

Novamente os pensamentos de Eloise foram grosseiramente invadidos pelos flashes dos sonhos que a assombravam. Um sentimento de medo a tomou de maneira súbita e inexplicável. Então, veio a floresta, a garotinha, o jovem menino, a urgência, a aflição, a dor física do corpo fatiado por arranhões, a caverna fria, o sangue, o garoto à beira da morte... Todas as imagens aparecendo juntas em uma única sequência de pavor. Eloise estremeceu à lembrança.

— Está tudo bem? — por uma fração de segundo ela não soube distinguir se a pergunta vinha do interior da sua mente confusa ou do homem que estava ao seu lado. Foi somente quando Arnon repetiu a frase que ela conseguiu diferenciar o real do imaginário.

— Estou. — A resposta saiu um pouco atordoada.

— Gostaria de parar e descansar um pouco?

— Não.

Arnon voltou a se concentrar na estrada.

Eloise, no entanto, não se importou com o caminho. Sem compreender, seu olhar se prendeu-se indiscretamente a Arnon. Ele tinha um cavanhaque marcante, que se desenhava na pele negra, olhos amendoados e profundos, musculatura rígida de alguém que está sempre em estado de alerta, além de ter gestos calculados e precisos. No braço que sustentava a rédea, um bracelete de couro cobria o punho largo do cavaleiro. Eloise lembrou que ele usava o mesmo acessório em Tamísia. Era uma peça simples, de pouco mais de cinco centímetros de largura,

mas que chamou sua atenção. E ela não saberia explicar o porquê da curiosidade.

— Bonito o seu bracelete — Eloise comentou no meio de um longo silêncio.

— Isso? — Arnon levantou a mão sinalizando a tira larga envolvendo seu pulso.

Por um instante Eloise achou que ele estava surpreso com a pergunta.

— Foi um presente que ganhei há muitos anos — ele falou num tom que pareceu amargo a Eloise.

— Relíquia de família? — ela arriscou um palpite.

— É... pode-se dizer que sim.

## Capítulo XXI

Azah assumiu a liderança isolada do grupo quando faltava metade do tempo previsto por Arnon para deixarem, finalmente, o caminho das montanhas.

Tommy, que vinha digerindo o próprio mau-humor, emparelhou Geada com a Filha do Vento.

— Papinho comprido, hein?

Eloise não se deu ao trabalho de responder ao sarcasmo.

— Então? Já são melhores amigos? — continuou Tommy.

— Está com ciúmes, Tommy? — Eloise perguntou com ironia e sem paciência para frases infantis.

— Eu...? O quê? Não...

— Que bom, porque eu só estou sendo amigável.

— Você acha realmente possível esse cara estar num lugar desses *trabalhando*?

— Por que não?

— É um pouco estranho. Se ele está realmente em missão pela cavalaria, por que está bancando o nosso guia particular?

— Onde você quer chegar? — Eloise foi direta.

— Eu acho que a história dele está mal contada.

Se Eloise pudesse respirar fundo para recuperar a paciência, teria feito isso, mas a dor nas costelas não permitia esse luxo no momento.

— Tommy, Arnon é a nossa única opção. E mesmo que ele esteja omitindo informações que diferenciam isso faz para nós? Nenhuma. Que importa se ele está a trabalho ou não, Tommy? O que conta para mim é que ele nos tirou daquela caverna em segurança e está nos guiando para longe dessa montanha horrível...

O discurso terminou com tanta veemência que, por alguns instantes, ela esqueceu que seu tórax estava à beira de um colapso. E foi um “cala a boca” eficiente, porque Tommy ficou quieto daquele momento em diante.

Quando alcançaram o fim da trilha, o sol formava um ângulo de noventa graus com a terra. Uma brisa morna que vinha do sudoeste aquecia o ar e levava consigo os últimos vestígios de frio deixados pela montanha.

Arnon, desempenhando seu papel de batador, havia se distanciado cerca de um quilômetro e meio à frente. Mas naquele momento, como o terreno fosse plano, Eloise e Tommy notaram que o cavaleiro estava desmontado.

O ponteiro, na verdade, estava agachado examinando cuidadosamente a terra marrom que cobria a planície onde se encontravam. O local exato da pesquisa era um ponto intermediário entre as duas trilhas que flanqueavam as montanhas e a estrada que levava a uma região de temperaturas elevadas, chamada de Ondas da Solidão.

— Vou ver o que houve — Tommy falou com Eloise, sinalizando na direção do cavaleiro, que agora estava a uns dez metros deles. — Por favor, não desmonte. — A frase saiu como um pedido preocupado. — Suas costelas vão reclamar bastante se fizer isso — acrescentou em seguida.

— Seja educado — Eloise pediu também.

Tommy rosou uma concordância e fez Geada apertar o passo.

Arnon percebeu a aproximação, mas continuou abaixado analisando as pegadas.

— E aí, cavaleiro? Alguma coisa errada? — Tommy perguntou baseado na rigidez da postura dele.

— Sim. Quatro cavalos se encontraram aqui e...

O cavaleiro pegou um punhado de terra e deixou que ela caísse lentamente da mão para o solo novamente.

— E...? — Tommy insistiu, incomodado com a pausa.

— Não foi um encontro cordial — Arnon acrescentou, tomando o cuidado de falar com discrição. — Houve uma interceptação aqui. Veja. — Experiente, mostrou em primeiro plano o aro de uma circunferência demarcado por ferraduras, em seguida apontou, no centro do arco, os rastros confusos dos outros dois animais. — Essas pessoas foram cercadas e capturadas — Arnon sentenciou, sem piedade. — Alguém foi derrubado do cavalo, arrastado por não mais que um metro. — Arnon indicou no solo pisoteado as provas do que estava dizendo. — Em seguida — continuou —, essa mesma pessoa foi colocada novamente sobre o animal.

— Como assim?! — Tommy de repente ficou confuso. — Capturados... De quem você está falando?

— A essa altura já devíamos ter encontrado com o irmão de Eloise e sua amiga... — Arnon ainda não havia sido informado sobre o grau de parentesco entre a “amiga” e Tommy.

— Minha irmã. Isabel é minha irmã. Eles estiveram aqui, é isso que está dizendo?

— Sim, eles foram abordados aqui.

— Por quem...? Como...? Tem certeza disso? — As perguntas saíram atropeladas num misto de surpresa, desconfiança e receio.

— Absoluta. Não há marcas de sangue, mas houve violência.

O rosto de Tommy foi tomado por um assombro aflitivo seguindo a sequência daquelas palavras.

— Você acha que foram assaltados?

— Eles carregavam objetos de valor? Dágoras, joias?

— Não. Quero dizer, apenas os cavalos, que são de excelente raça. Devem valer muito.

— Sei... — Arnon ficou pensativo por alguns instantes e essa atitude deixou Tommy ainda mais aflito.

— E, então? Vai dizer o que aconteceu?

— É provável que tenham sido assaltados e levados como reféns.

Um solavanco no estômago parecido com um soco forte atingiu Tommy. E depois foi como se um daqueles imensos blocos de gelo da caverna o acertasse novamente, só que, dessa vez, ele se sentiu completamente esmagado.

— E agora?

— Não se preocupe, vamos atrás deles — Arnon afirmou em uma certeza.

— A essa altura eles já desapareceram — Tommy disse num jorro de pessimismo e desespero.

— Não. Ainda podemos pegá-los. — Arnon mantinha o controle e a frieza necessários para lidar com aquele tipo de situação. — Ele são amadores — continuou a explicar. — Mesmo que estejam a algumas horas de vantagem, nós os pegamos ao anoitecer — acrescentou por fim.

— E como você tem tanta certeza disso? — O monstro da desconfiança atacou a mente de Tommy mais uma vez.

— Bom... Eu fui treinado para saber isso — o cavaleiro respondeu em tom de seriedade. — E seria melhor se você deixasse as desconfianças em segundo plano — pediu em seguida. — O importante, agora, é resgatar sua irmã e seu amigo.

— Eloise não pode saber — Tommy alertou.

Porém, falou tarde demais.

— O que é que eu não posso saber? — Ela estava a menos de dois passos deles.

O que a irmã de Pedro sentiu foi o mesmo que Tommy. Choque... Medo... Angústia... Desespero... O irmão e a melhor amiga sob a mira de assaltantes!

Embora Arnon tenha dado a certeza de que os criminosos eram amadores e que acampariam na região antes de seguirem destino, ainda assim ela continuou amedrontada. Porém, guardou a maior parte dos seus temores para si porque uma crise nervosa naquele momento só os atrasaria ainda mais em relação aos meliantes. E a reação deles só não foi pior porque o cavaleiro teve o cuidado de contar somente parte da verdade.

Os bandidos eram principiantes, sim. E que acampariam em algum lugar, quilômetros a frente, também era verdade. O que fugia, e muito, da fidelidade dos acontecimentos era a natureza do crime. Pedro e Isabel não haviam sido assaltados, mas sim sequestrados.

Os criminosos, Arnon sabia, seguiam em direção ao litoral. Naquela região havia um porto clandestino e de lá os bandidos seguiriam de navio com Pedro e Isabel para Zadoque. Zadoque, a terra bárbara, sem código moral ou ética. O Estado que não mais reconhecia a autoridade governamental do Reino Unido de Petra, tampouco obedecia ao Tratado Interestadual de Leis.

Os dois provavelmente seriam vendidos como mercadoria humana. Pedro seria destinado ao trabalho braçal em algum navio pirata. E Isabel certamente ficaria na capital da Terra do Fogo, o paraíso da exploração de mulheres.

Mas isso, se os dois sobrevivessem à viagem.

Interessante era um porto clandestino existir e funcionar a apenas centenas de quilômetros da sede do Reino Unido de Petra, bem debaixo do nariz do rei Edgar Belmonte.

Difícil imaginar que um Rei não soubesse o que acontecia nos arredores de seus domínios.

Se não tivesse conhecimento, seria um governante incompetente. E se soubesse, ou era negligente, ou... conivente. O que, sem dúvida, faria dele um homem amoral e inescrupuloso. Mas seria possível que um Belmonte fosse capaz de uma atitude tão vil, baixa e má quanto aquela. Aliar-se a criminosos e contribuir com o sofrimento das pessoas a que o monarca jurara proteger e defender?

Arnon seguiu à frente, rastreando o terreno como um cão farejador. Ao contrário dos bandidos, não era amador, mas um cavaleiro de elite, treinado para ser o melhor naquilo que fazia.

E ele era.

A região onde estavam era uma espécie de espaço intermediário entre as montanhas e as Ondas da Solidão. O solo levemente acidentado, aos poucos assumia um tom avermelhado intenso. Troncos irregulares e tortos também surgiam como vegetação. Árvores de pequeno porte constituíam uma floresta aberta de aspecto ralo e fraco, um cenário um tanto deprimente.

Quando o entardecer tingiu o céu de alaranjado, Arnon saiu do posto de baterdor. Pareou Azah com Filha do Vento e Geada e noticiou com certeza do que dizia.

— Os assaltantes viajam com lentidão. Eu conheço bem a região e sei o local onde eles devem acampar. Fica a poucas horas daqui. Ninguém segue por esses caminhos depois do crepúsculo. Esta é uma região traiçoeira, de animais de hábitos noturnos, que podem facilmente se camuflar e nos caçar feito ratos. A única coisa que mantém uma pessoa em segurança nessas bandas é o fogo — ele concluiu como quem explica uma teoria.

— A fumaça, então, nos levará até eles — Tommy completou.

— Exatamente. E como estamos viajando contra o vento, o sinal da presença deles virá até nós. Mas o nosso não chegará a eles — Arnon acrescentou.

A noite ainda não havia chegado quando saíram da via principal para um descampado entre

os arbustos, que agora eram mais espessos e frequentes do que quilômetros atrás. Havia também uma gramínea aqui e ali, perfeita para saciar a fome dos animais.

Arnon escolheu um ponto de onde era possível avistar uma colina. A pequena elevação divisava com a estrada que, ele sabia, levava ao porto clandestino, destino final dos bandidos. O local era um entreposto precário, de coordenadas oficialmente desconhecidas pela Guarda Estadual de Gazara.

— Paramos aqui — Arnon informou e apeou de Azah tão rápido quanto as palavras saíram de sua boca.

Tommy acompanhou o movimento, mas se arrependeu de tê-lo feito. Ao toque dos pés no solo, sentiu o impacto se espalhar pelo corpo produzindo uma dor profunda, que se ramificou por toda a articulação avariada.

Eloise também chegou a passar o pé por cima da sela para tentar descer sozinha da Filha do Vento, mas as costelas responderam com crueldade ao seu movimento audacioso. A jovem arfou, apoiando um cotovelo no assento. Se perdesse o equilíbrio ou se o pé de apoio escorregasse do estribo, cairia no chão. Mas Arnon não permitiria isso. Estava atento a Eloise, mais do que ela poderia imaginar. Enquanto Tommy se recuperava da calorosa onda de dor que o atingiu, o cavaleiro se ofereceu para ajudá-la.

Eloise mal conseguia se mover e por alguns segundos hesitou, imaginando de que forma sairia da posição em que estava.

— Importa-se? — Arnon ofereceu os braços para ampará-la.

Ela se deixou escorregar da sela enlaçando as mãos no pescoço do cavaleiro para que ele a pegasse no colo. Apesar do cuidado extremado, ela não foi capaz de conter um “ai” quando as mãos de Arnon tocaram suas costelas.

— Desculpe.

— Tudo bem. Já estou me acostumando.

— Se estivermos com sorte, talvez eu consiga encontrar alguma coisa para amenizar isso — ele falou enquanto a afastava alguns passos da Filha do Vento.

No momento em que ficou de pé, Eloise notou o olhar enviesado de Tommy. Arnon também percebeu e se afastou dela para evitar atritos desnecessários.

Com o braço que não estava imobilizado, Tommy desatou os nós da sela de Geadá, tirou o arreio e desamarrou a mochila, enquanto Arnon fazia o mesmo com os outros animais.

Eloise viu linhas de dor se desenhando a cada movimento mais brusco. Notou ainda o urro contido quando ele tirou o assento do lombo de Geadá.

Sentiu-se mal por não conseguir ajudar em nada. Uma completa inútil. *Um peso morto*, foi a comparação que ela fez de si mesma naquele momento, já que era incapaz de erguer coisa

alguma ou de girar o corpo sobre o próprio eixo. Até mesmo abaixar e levantar forçando somente as pernas era doloroso.

— Sinto muito por não poder ajudar em nada.

— Deveria sentar e descansar. Isso aí — Tommy apontou para o tórax dela — deve estar doendo bastante — completou num tom frio e distante. Estava difícil para Tommy digerir a empatia declarada que havia entre Eloise e Arnon. Também era igualmente ruim pensar em Isabel sofrendo nas mãos de assaltantes.

— Você também deve estar sentindo dor — ela disse com sincero pesar.

— Eu aguento. — Ele foi seco na resposta e se abaixou apoiando uma das pernas no chão para tentar desfazer os nós das cordas que fechavam a mochila de acampamento. Eloise acompanhou o movimento, reprimindo um gemido dolorido, seu corpo reclamando o esforço forçado de um longo dia de marcha.

— Posso?

Tommy assentiu com frieza. Mas quando os dedos de Eloise roçaram a mão dele, uma nova onda de calor invadiu seu corpo. E não era dor. A paixão incontrolável ardeu feito um incêndio: avassaladora, terrível e esmagadora.

Tommy retirou da sua bolsa o saco de dormir, Diana e uma camisa limpa. Fez tudo isso desviando os olhos de Eloise, que estava a centímetros dele.

— Olha, vai dar tudo certo — Eloise tentou consolá-lo, imaginando que as linhas na sua expressão fossem somente por causa de Pedro e Isabel.

Seria uma boa tentativa se ela não tivesse segurado a mão dele ao dizer isso.

— É... Eu sei — Tommy falou, economizando palavras, e depois se afastou evitando que as chamas que o incendiavam por dentro aumentassem e o fizessem perder o pouco de autocontrole que ainda lhe restava.

Arnon já havia construído um abrigo com a lona que trazia à garupa de Azah e preparado galhos secos da vegetação tortuosa que os cercava para acender uma fogueira.

— Isso não vai chamar a atenção dos assaltantes para nós? — Tommy perguntou referindo-se ao fogo que seria aceso naquele exato momento.

— Não. O vento está correndo para o norte e eles estão para o sul.

— Onde ao sul? — Tommy quis saber imaginando quando seria o momento em que trariam Isabel e Pedro de volta.

— Atrás daquela colina — ele indicou com a cabeça enquanto as fagulhas, que estava produzindo com a ajuda de uma adaga e uma pedra, chamuscavam os musgos e gravetos secos que seriam o chamariz da fogueira.

— O que estamos esperando? — Tommy estava ficando impaciente com a lentidão do cavaleiro. Se Isabel e Pedro estavam tão perto, por que não resgatá-los imediatamente?

— Eles são dois. Estão armados. E podem matar Pedro e Isabel antes mesmo de chegarmos próximo o suficiente a ponto de ameaçá-los — Arnon explicou. — Escute, eu entendo que seja difícil imaginar a sua irmã em poder de criminosos. Mas, acredite, se formos agora vamos colocar a vida deles em risco. Preciso da sombra noturna para me camuflar e surpreendê-los sem dar chance de defesa. Além disso, vocês precisam do fogo para se manter seguros.

— Como assim, *voce* se camuflar?

— Eu vou buscá-los sozinho — Arnon afirmou com cautela, embora a afirmativa parecesse uma solução óbvia ao cavaleiro.

— Eu vou junto — Tommy rebateu, ainda pensando de maneira infantil.

— Alguém precisa cuidar de Eloise.

Tommy olhou para ela antes de assentir. De fato, ela não poderia ficar sozinha.

— Existe uma fonte de água doce a menos de um quilômetro daqui. O que acha de levar Eloise até lá? — o cavaleiro disse enquanto prendia a adaga que utilizara para acender as chamas da fogueira no cinto largo de couro. A lâmina curva tinha o mesmo desenho de Diana, porém com proporções menores.

Antes que Tommy deixasse o acampamento com Eloise, Arnon lhe entregou uma tocha. A chama robusta, que seria capaz de se manter acesa por toda a noite, era alimentada por chumaço farto de tecido embebido no óleo inflamável que Arnon trouxera em sua bagagem.

## Capítulo XXII

Eloise e Tommy caminharam rumando na direção do leste.

Cerca de duzentos metros afastados do acampamento, as árvores tortas foram se condensado em uma teia de galhos confusos. Não havia uma trilha específica para seguir, mas Tommy conseguia se orientar, mesmo em meio ao trançado difuso de troncos, graças à sua habilidade incrível de saber se localizar com os recursos que a natureza lhe oferecia: a posição dos astros.

Dara, a estrela-guia dos navegantes, já havia tomado seu lugar de sentinela do norte. Invariavelmente em seu posto, ela era a primeira luz que despontava no mistério do infinito. E Tommy, sempre que a via, sentia-se seguro de seu rumo.

Enquanto transpunham os galhos secos caídos pelo chão e a vegetação deselegante se ensandava, começavam a surgir inúmeras trepadeiras de folhas largas. As plantas enroscavam-se nos caules tortuosos até a última ponta do tronco, e quando isso acontecia as folhagens escorriam das copas baixas formando cortinas naturais.

Uma decoração bonita para as árvores sem graça daquela região. Porém, em dado momento, a impressão que se tinha era de que a vegetação agia para confundir um visitante inexperiente até se abrir em um pequeno descampado que abrigava uma nascente. A água, livre de impurezas, borbulhava num ritmo constante e incansável, vinda de algum ponto no subsolo.

A lagoa, que tinha algo em torno de três ou quatro metros de raio, era cercada por plantas agrestes típicas daquela região quente. A vegetação abraçava o lago com flores aromáticas. Um capricho, pois os adornos rústicos exalavam seu perfume somente à noite, anunciando a chegada da lua.

Antes de se banharem nas águas limpas, Tommy reabasteceu os cantis que trouxera do acampamento.

Eloise sentou-se à margem do pequeno lago enquanto ele procurava um lugar para apoiar a tocha. Ela mergulhou os pés descalços, deixando as pernas se moverem timidamente na água aconchegante. O reflexo da lua tremulava ao movimento das ondulações na superfície da lagoa. Eloise observava o desenho disforme com um ar distante. Os olhos negros que Tommy amava estavam tristes. As linhas desenhadas no rosto com o qual ele sonhava todas as noites eram de sofrimento e dor. Isso era de cortar o coração.

Ele descalçou as botas, desabotoou a camisa, retirando-a com cuidado, levantou as pernas da calça até a altura dos joelhos e sentou, em silêncio, ao lado dela. Eloise pousou a cabeça em seu ombro e chorou. Um choro quieto e melancólico. Tommy quis abraçá-la, confortá-la. Dizer que Isabel e Pedro logo estariam com eles e que mais nada de ruim iria lhes acontecer. Mas, se ele a

tomasse nos braços, não sabia se teria forças para soltá-la e voltar a fingir que era só um amigo. Então, ele ficou estático, frio como uma pedra.

— Desculpe — ela disse notando a indiferença dissimulada.

— Isabel e Pedro estão bem — ele falou numa tentativa inútil de consolá-la.

— Será que estão mesmo? — ela perguntou, encarando-o com os olhos ainda úmidos pelas lágrimas.

Isso o quebrou em dois. Tommy não resistiu ao apelo do coração e a abraçou. Ela se encaixou nele como quem espera pelo carinho, o que piorava ainda mais a condição de Tommy.

Ele lhe acariciou os cabelos, permitindo que os dedos escorregassem pelas longas mechas negras, que chegavam até o meio das costas, traíndo a si mesmo na busca de migalhas de carinho e aproximação, ainda que tivesse a certeza de estar diante de um amor impossível.

Eloise sugeriu que tomassem um banho e voltassem para o acampamento antes que ele se deixasse denunciar por seus sentimentos.

Tommy a ajudou a se livrar da faixa que lhe envolvia o tórax. Com a mão livre, tirou com cuidado o tecido e ficou mortificado quando viu as marcas roxas que cobriam sua pele branca e macia. Eloise tentava esconder sua dor física, mas ele notou que ela arfava enquanto removia as tiras de pano.

## Capítulo XXIII

O acampamento era rudimentar e preparado por alguém sem experiência. Arnon teve certeza quando viu a localização ruim do abrigo: ao lado de um amontoado de pedras, que provavelmente abrigavam animais peçonhentos, com veneno capaz de matar um homem de oitenta quilos.

Uma lona suja disposta em triângulo era a única barraca. Dois homens estavam nas proximidades. Um deles parecia dormir, a cabeça apoiada em um tecido grosso. O cabelo crespo de sujeira escondia-lhe parcialmente o rosto.

O outro sujeito era alto e de aspecto cadavérico. Estava sentado a um metro de onde o companheiro dormia. Olhava fixamente para a abertura geométrica da barraca e em uma das mãos segurava uma garrafa de rum, que estava nas últimas doses.

Quatro cavalos selados eram mantidos amarrados em uma árvore próxima. Uma pequena fogueira estava acesa havia poucos minutos.

Arnon sabia que precisava ser rápido e preciso. Observou o grupo cronometrando antecipadamente suas ações. Porém, antes que ele se movesse, o homem embriagado pigarreou alto e levantou-se bruscamente, num gesto quase animalesco. Dirigiu-se à barraca e arrancou uma pessoa de lá: Pedro. Ele estava amordaçado e com as mãos amarradas às costas.

O jovem, se debatendo furiosamente, oferecia resistência para deixar o abrigo. O sujeito, porém o prendia pelos braços e cabelo. Arnon não poderia ouvir à distância, mas o sequestrador murmurou qualquer coisa que fez Pedro se agitar ainda mais. O raptor gargalhou com perversidade em resposta à agitação. Depois, atirou o rapaz ao chão e o acertou na cabeça com a sola da bota. Uma pancada violenta. Pedro perdeu os sentidos. Em seguida, o homem monstruoso entrou na barraca. E não saiu mais.

Tudo isso estava acontecendo muito rápido. Uma visão horrível se materializou na cabeça de Arnon. Presentindo a intenção maligna do sequestrador, a ação de resgate se precipitou.

Arnon se aproximou a passos urgentes, porém treinados e silenciosos. A embriaguez do monstro era uma vantagem agora. Os movimentos afetados pelo álcool talvez lhe dessem os segundos que ele precisava naquele momento.

Gritos aterrorizados soavam abafados, acompanhados de risadinhas sonoramente libidinosas.

Arnon a poucos passos do acampamento.

— Quanto mais você lutar, mais eu vou querer — o sujeito falava maliciosamente. — Não vai doer nada, eu prometo. — A voz arrastada estava impregnada de um tom de depravação

aviltante.

Os sons da agonia tentavam se projetar. Isabel se contorcia desesperada, tentando se livrar daquele ser repulsivo, mas o peso dele era demais e a comprimia contra o chão de terra batida.

Arnon alcançou a barraca. Encontrou Isabel com as mãos imobilizadas e uma mordaca imunda na boca. O homem estava ajoelhado sobre ela, uma das mãos lhe agarrava os cabelos, expondo o pescoço. Sua blusa estava rasgada e ele lambia-lhe o colo descoberto.

A cena era de provocar náusea. Arnon o atingiu na lateral da cintura com um bastão de madeira que carregava em sua bagagem. A pancada fez o criminoso desabar atordoado ao lado de Isabel. Antes que ele conseguisse perceber o quê ou quem o havia atingido, veio o segundo golpe. Desta vez o bastão exerceu uma pressão de mais de noventa quilos sobre o osso esterno, força suficiente para arrebentar a caixa torácica do bandido.

Isabel se arrastava no chão, afastando-se do corpo asqueroso.

Arnon ergueu o sujeito e o jogou para fora da barraca. O infeliz bateu no chão como um saco de estrume, exalando um odor fétido de bebida e suor.

— Eu já volto — falou rapidamente com Isabel. Ela não respondeu. Estava em choque, a mente tentando se livrar da imundície, da devassidão do porco depravado que tentara violentá-la.

Arnon imediatamente imobilizou o criminoso. Uniu as mãos e os pés atrás das costas num único e inviolável nó, deixando-o numa posição encurvada de completo desconforto. Em seguida, o amordaçou com o tecido mais grosseiro que encontrou por ali.

O passo seguinte foi conferir o estado de Pedro. O rapaz estava caído de bruços, próximo à lateral da barraca. Arnon o libertou das cordas e da mordaca. Desvirou-o. Sua condição física era péssima. A violência era visível em vários hematomas. Havia também pedaços de sangue coagulado na têmpora. Mas, ele estava vivo. Inconsciente e machucado, porém vivo.

Nesse momento Arnon ouviu um estalar de graveto. O segundo sequestrador estava de pé. O cavaleiro girou, encarando o homem que portava uma espada. O sequestrador investiu de maneira violenta. O cavaleiro, entretanto não teve dificuldades em se desviar do trajeto da lâmina reta e o oponente cambaleou, perdendo o equilíbrio com o assalto mal-sucedido.

A investida seguinte determinou o fim do embate. Com movimentos precisos, o bastão de madeira que Arnon portava descreveu rotas circulares ao redor do próprio corpo, confundindo o oponente, de modo que o sujeito mal conseguiu acompanhar a trajetória perfeita, que o atingiu na articulação do joelho. O homem grunhiu e arqueou. O segundo e definitivo golpe atingiu-lhe o pulmão esquerdo provocando uma pressão que irradiou ondas violentas de dor neutralizando-o. O oponente caiu desacordado e Arnon o amarrou da mesma forma que o outro. Quando voltou para a barraca, Isabel estava acuada no canto da lona, o tecido da blusa fragmentado no chão. Os braços rigidamente em volta dos joelhos dobrados, escondendo o tronco despido. O corpo dela reagiu à presença de Arnon com uma onda de sobressaltos aterrorizados.

— Estou aqui para libertar vocês — ele se apressou em dizer enquanto se abaixava para desamarrá-la. Ela tremia incontrolavelmente, esfregando os pulsos e tentando livrá-los da corda. Mas o esforço inútil só fazia provocar pontos de sangramento na circunferência de atrito das amarras. Arnon segurou as mãos dela. — Preciso cortar isso. — Ele segurava a faca de lâmina curva. Isabel ainda levou alguns segundos para processar a informação. Ela o encarou com os olhos difusos de uma mente entorpecida pelo terror. — Calma, não farei mal algum a você.

Ele libertou seus punhos e em seguida cortou a mordaça. Isabel arquejou e em uma ação instintiva se afastou dele. Depois de dez horas de intenso medo, a mente se programou para a autodefesa.

— Isabel – o som do próprio nome chamou a atenção dela —, vou levar você e Pedro para um lugar seguro.

— Como sabe quem eu sou? — As palavras foram dolorosamente sussurradas.

— Estou com Eloise e Tommy. Acampamos aqui perto. — Ele procurou ser o mais claro possível. Estendeu a mão para ajudá-la a levantar, mas ela se retraiu como alguém que ainda está perdida e confusa.

— Mentiroso! Eles estão mortos. Quem é você? Outro sequestrador?! — ela gritou histericamente, parecendo fora de si.

— Eles estão bem. Eu os resgatei da caverna — Arnon começou explicar assim que os gritos pausaram. — Seu irmão está preocupado. Olhe, não sou seu inimigo. Sei que é difícil, mas tente confiar em mim.

Ela não respondeu de imediato, mas percebeu que as informações dele não eram conflitantes.

— Eloise e Tommy estão vivos? — perguntou, porque precisava ouvir novamente.

— Sim. Os dois estão *vivos* — enfatizou a última palavra. Confia em mim?

Ela respondeu com um tímido aceno positivo.

Arnon, então, tirou o próprio casaco, ajoelhou-se ao lado dela e cobriu-lhe as costas.

Isabel agarrou-se à blusa e se envolveu nela como se a roupa fosse um casulo de segurança. Então, se desarmou. E não foi capaz de conter as lágrimas que vieram como uma tempestade inesperada. Exausta pela luta, enfraquecida pela fome e sede, ela se deixou consolar pelo estranho, que a salvara no momento em que sua fé estava praticamente perdida.

Arnon a amparou pousando sua cabeça no ombro farto.

— Vai passar.

— Eu quero matá-lo. — A frase saiu em meio a soluços incontroláveis.

— Acredite, eu também — Arnon afirmou. — Mas não cabe a nós.

— Eu odeio aquele porco desgraçado! — As palavras saíram numa ebulição de fúria e ela

socou o braço dele num ato reflexo. — A voz daquele sujeito não sai da minha cabeça. Desde que nos pegaram... ele não parava... falava umas coisas nojentas... ele me olhava como um... animal. Quando pararmos aqui, ele tentou... Pedro se atirou em cima dele e... ele machucou muito o Pedro...

— Pedro está bem — ele a interrompeu para tranquilizá-la.

—... O outro cara o impediu... disse que a mercadoria deveria chegar ao destino sem avarias... eles discutiram... ele prometeu que me pegaria quando o outro dormisse. — O choro incontrolável disputava espaço com as palavras. Arnon esperou até que Isabel não precisasse mais falar.

— Isabel, às vezes, é impossível impedir que coisas ruins aconteçam conosco ou com aqueles que amamos. Mas o sofrimento marca, ele não mata. Pode parecer cruel ouvir isso agora, mas devemos incorporar essas marcas e nos fortalecer com elas. Se você está viva hoje é porque está mais forte do que ontem.

Isabel o encarou. Os olhos inchados e vermelhos marejados por um misto de incredulidade e raiva. As palavras soavam realmente cruéis e inapropriadas.

— Cale a boca! Você não tem ideia do que estou sentindo — ela disparou com ódio excessivo nas palavras, descontando nele parte da sua indignação e do seu rancor.

Arnon guardou alguns momentos de silêncio antes de retomar a fala. Não se mostrou abalado com a rispidez de Isabel.

— O que eu disse... não é um discurso pronto. Ou frases vazias... a minha carne e a minha alma também têm cicatrizes. Elas ainda me torturam impiedosamente. Quase todos os dias. Mas eu aprendi a transformar cada fígada de dor em força. — A sinceridade do cavaleiro surpreendeu a jovem. — Não é fácil, sabe? Mas é possível.

— Por que está me dizendo isso?

— Porque há muitos anos alguém me disse as mesmas palavras. E tenho certeza de que se essa pessoa estivesse aqui, diria o mesmo a você.

— Mas... — ela hesitou — por que está expondo a sua vida dessa maneira? É só para me consolar?

— Não acho que precise ser consolada. Você é uma mulher forte. Estou falando isso para que não perca a sua fé. Porque uma vez eu perdi a minha crença e o ódio quase envenenou a minha mente. Não gostaria que o mesmo acontecesse a você. Quando cultivamos a dor por muito tempo, ela se incorpora de tal maneira que acaba se transformando em um tumor, que acaba com sua vida de maneira lenta e traiçoeira.

— Fala como se me conhecesse...

— Digamos que você se parece muito com alguém que eu conheço. — Os olhos dele se estreitaram num sorriso acolhedor.

— Eu nem sei o seu nome.

— Arnon.

Então, finalmente, ela o reconheceu.

— Você estava na escola...

— Sim. Eu estava acompanhando a diretora Ayla Benson em Tamísia — o cavaleiro emendou a frase, respondendo a pergunta que Isabel ainda não lhe fizera.

— Por favor, Arnon. Não comente...

— Não se preocupe. Conte com minha discrição e amizade. — A expressão dele era segura e sincera. — Bom, acho que é hora de sairmos desse lugar.

Ele a ajudou a se levantar.

— Consegue andar?

— Sim.

— Os cavalos estão ali fora. Tem condições de montar?

— Tenho.

— Ótimo.

Arnon atravessou o acampamento para recuperar Alvorada e Valente, mas antes de voltar à barraca libertou os cavalos dos sequestradores e arrastou os homens para a árvore onde os animais estiveram minutos antes. Deixou-os ali.

— Está pronta? — o cavaleiro perguntou a Isabel, que amparava o rosto inerte de Pedro em seu colo.

— Não consegui acordá-lo.

— A pancada na cabeça foi severa — Arnon disse enquanto conferia rapidamente os sinais vitais do jovem desmaiado. — Vamos cuidar dele quando chegarmos ao acampamento — explicou.

Isabel ainda olhou para os dois raptos, caídos ao pé do arbusto. Eles não pareciam homens. Eram animais grotescos. Não poderiam ter vindo do mesmo barro divino.

Ela não entendia por que a criação perfeita do Pai escolhia se entregar à imundície para se tornar escória, para se degradar e se autodestruir. Seu estômago se contraiu em náuseas ao observar o lixo imundo que aquelas criaturas haviam se tornado.

— Quem são eles? — Isabel perguntou a Arnon.

— Traficantes de pessoas. Vocês seriam levados para Zadoque.

Isabel não conteve a expressão de choque à menção do lugar.

— Esse tipo de gente trabalha como mercenários. Sequestram pessoas e as vendem no mercado negro de Zadoque.

— E eles ficarão aí? — Isabel apontou para a árvore. — Eles deveriam pagar pelo que

fizeram.

— Mas eles irão. Eu mesmo me encarregarei de informar a guarda sobre a captura de dois assaltantes.

— Assaltantes?! Por que não os acusa do crime de sequestro e tráfico de pessoas?

— Porque não há provas.

— E o nosso depoimento? Podemos depor contra eles.

— Seria a palavra deles contra a de vocês. Isabel, entenda: muitas pessoas poderosas devem favor para esse tipo de gente. Além disso, condená-los por sequestro seria o mesmo que aceitar uma grande falha na vigilância das fronteiras. O primeiro-ministro não vai admitir tal coisa em Gazara. Então, a não ser que os dois confessem, o que eu acho improvável, eles sairiam livres dessa acusação. Por outro lado — o cavaleiro continuou —, se os entregarmos como assaltantes o Chefe da Guarda vai poder mostrar serviço. Porque até hoje ninguém foi preso pelos assaltos que estão ocorrendo em Adraa.

Isabel achou tudo tão injusto, mas ficou em silêncio.

Arnon a ajudou montar em Valente, colocou Pedro sobre Alvorada e eles partiram.

## Capítulo XXIV

O acampamento ainda estava vazio quando Arnon, Isabel e Pedro chegaram.

— Onde estão os outros?

Arnon lhe explicou que Eloise e Tommy estavam se lavando em uma nascente que ficava nas redondezas, além de informar que o irmão dela estava com o braço imobilizado e que a amiga havia trincado duas ou três costelas.

Isabel ficou alarmada.

— Eles estão bem. Preocupe-se com *você* agora — o cavaleiro disse, entregando a ela um cantil de água.

Isabel bebeu praticamente todo o líquido do vasilhame em menos de segundos. Enquanto isso, Arnon pousou o corpo desacordado de Pedro em um saco de dormir sob o abrigo construído antes do regate. Isabel sentou-se ao lado dele. Arnon trouxe as bolsas que estavam com Alvorada e Valente. Os sequestradores nem sequer haviam tocado na bagagem.

Isabel rasgou o tecido de uma camisa de Pedro, molhou-o com a água que restara no cantil e passou com delicadeza no rosto do amigo. Lágrimas escorriam na face da jovem, o rosto marcado pelos maus tratos e pela violência psicológica. O pano logo ficou sujo de poeira e sangue e ela precisou trocá-lo para continuar a tirar de Pedro as lembranças do pesadelo que tinham acabado de viver.

— Importa-se se eu deixá-los aqui enquanto procuro uma planta medicinal para tratar os ferimentos? — Arnon perguntou num tom gentil e reconfortante.

Ele já havia tirado as selas e os arreios dos cavalos para deixá-los pastar e descansar.

Isabel esperou que o cavaleiro desaparecesse na noite para trocar o casaco que ele emprestara por uma blusa que ocultasse as marcas de violência. Depois, exausta, deitou, no chão de terra ao lado de Pedro. Ela ainda se sentia suja e infectada pelo contato com aquele ser imundo.

A noite estava quente. Uma lua cheia já assumira seu lugar majestoso no céu. Isabel procurou por Uryel, a constelação que a fazia se sentir mais perto do Criador. Ela precisava sentir em seu coração e na sua mente a presença do Pai naquele momento, porque sentia a dor de uma alma ferida e um ódio assassino começava a lhe tomar o pensamento. Sua vontade era de retornar ao cativeiro para se vingar. Isabel queria fazê-los sentir a dor que ela e Pedro sentiram, para depois executá-los, lentamente, com a frieza que eles mereciam.

*Se ficarem livres, cometerão os mesmo crimes. Atacarão outras mulheres que talvez não*

*tenham um Arnon por perto para salvá-las.* Foi um pensamento de revolta. Isabel provavelmente estava certa. Ainda que os criminosos fossem presos, e seriam, em poucos anos voltariam para as ruas. Não eram fichados na polícia. Isso dava aos infratores alguns anos de bônus. Como se alguém que comete um crime merecesse ser bonificado por ter feito isso pela primeira vez. Uma realidade cruel. Uma Justiça injusta. Assim eram as leis dos homens, semelhantes aos seus criadores.

Um suspiro baixo encheu o peito da jovem vítima da violência. Lágrimas caladas escorreram pelo seu rosto, fazendo arder as feridas. Naquele momento de dor, angústia, raiva... Isabel, ainda não sabia, mas estava se tornando mais forte, exatamente como Arnon lhe dissera. A Isabel que ali estava não era mais a jovem que saíra de casa, mas já era parte da mulher corajosa, destemida e guerreira em que ela se transformaria.

Outro suspiro lhe tomou o peito. E embora estivesse sofrendo, ela agradeceu. Agradeceu ao Criador por Arnon ter chegado a tempo de evitar que o sujeito torpe cumprisse seu intento.

— Isabel! — O grito que ecoou a centímetros da jovem lhe provocou um sobressalto imediato.

— Pedro, calma. Está tudo certo agora — ela disse reclinando-se sobre ele que não fora capaz de levantar.

— Onde está a Isabel? — ele perguntou sem reconhecê-la. Os ferimentos o haviam deixado completamente desorientado.

— Ei, sou eu — ela disse com delicadeza. — Está tudo bem. Estamos seguros agora.

Os olhos de Pedro ganharam foco, então ele conseguiu reconhecer a amiga.

— Bel!

Ele ergueu o tronco. Isabel também se sentou. Eles se abraçaram e choraram juntos por estarem vivos e livres dos momentos de desespero e angústia.

— Desculpe — ele disse depois de conter suas próprias lágrimas. — Foi tudo minha culpa. Se eu não tivesse inventado essa fuga idiota...

— Pedro, está tudo bem *mesmo*. Não aconteceu nada comigo.

— Mas aquele sujeito... ele disse. — As últimas palavras do sequestrador ecoavam de maneira ensurdecadora na cabeça dele: *Vou me divertir com a sua amiguinha agora.*

— Aquele porco não encostou um único dedo em mim. Fomos salvos antes disso — Isabel afirmou tentando parecer convincente.

Pedro se afastou para encará-la, para avaliar se os olhos da amiga estavam sendo honestos.

— Está falando a verdade? Ou está querendo me poupar... Porque se for esse o caso, eu não mereço. Foi irresponsável em trazer você e Eloise para essa loucura.

Isabel sabia que se Pedro desconfiasse que o desgraçado havia tocado nela, carregaria aquela

culpa pelo resto dos seus dias. Então, ela mentiu de novo. Embora estivesse doendo. Doendo muito. Como se sua pele tivesse sido rasgada nos pontos que o amaldiçoado havia tocado.

— Pedro, ele não tocou em mim — Isabel afirmou, fazendo a mentira parecer verdade. — E você não trouxe ninguém — continuou. — Nós viemos por livre escolha. E não, não estou querendo lhe poupar.

— Mais uma vez desculpe.

— Se vai fazer você se sentir melhor, então, está desculpado. — Isabel forçou um sorriso, ainda que soubesse que a cicatrização de suas feridas levaria algum tempo.

— Onde estamos? Quem nos salvou? — Pedro quis saber em seguida.

E Isabel explicou a história do cavaleiro. De como haviam sido resgatados e de como Arnon havia encontrado Eloise e Tommy na caverna no dia seguinte ao desabamento, pois o próprio cavaleiro havia lhe explicado os detalhes quando rumavam para a segurança do acampamento.

Pedro não soube expressar em palavras a felicidade que a notícia lhe trouxe. Ele apenas fechou os olhos enquanto a amiga terminava a última frase de sua narrativa. E agradeceu a bênção que acabara de receber: estavam todos juntos novamente.

Quando abriu os olhos, disse a Isabel:

— Nunca mais eu colocarei a vida de vocês em risco.

— Já disse que...

— Shhh... — Pedro colocou o indicador nos lábios dela. — Eu sei o que falou. Mas o que eu estou dizendo agora é uma promessa para o futuro.

— Você deve estar com sede. — Isabel mudou de assunto.

— Bastante — Pedro respondeu tentando afastar as sombras de sua mente.

Isabel entregou a ele um segundo cantil que Arnon deixara ao alcance de suas mãos antes de sair.

— Isabel! Pedro!

As vozes de Eloise e Tommy ecoaram num coro de felicidade e esperança a uma curta distância da barraca onde os resgatados estavam.

— Desculpe — Eloise disse ao irmão depois de um longo e terno abraço. — Eu não deveria ter insistido para vir com você. Foi um erro, eu sei. Se não estivéssemos aqui, nada disso teria acontecido.

— E eu teria morrido sozinho, soterrado na caverna — Pedro replicou, lembrando que fora Isabel quem lhe salvara a vida. — A culpa não é sua, Elô. É minha, fui eu quem inventou essa fuga...

— A culpa não é de ninguém — Isabel o interrompeu repetindo o que já havia dito momentos antes. Porém, agora com intensidade suficiente para calar os amigos.

— Eu não costumo concordar com a Bel, mas desta vez ela tem razão — Tommy

acrescentou com bom-humor numa tentativa de dissipar de vez as sombras da separação.

O que ele não sabia, e nunca viria a saber, entretanto, era que embora as tais sombras sumissem da mente dele e de Eloise, elas nunca desapareceriam da lembrança de Isabel e Pedro.

Arnon surgiu na penumbra por entre os galhos retorcidos da vegetação. Ele trazia, pendurado no ombro, quatro ramos compridos de uma planta com folhas largas num tom de verde-musgo. Em cada haste delgada havia uma flor de contornos exóticos. Nas mãos também havia uma caça que os alimentaria naquela noite.

— O que ele vai fazer com aquilo? — Eloise apontou para os animais, que já estavam decapitados.

— Provavelmente vai assá-los — Tommy respondeu com naturalidade.

Ela sentiu o estômago se contorcer em náuseas quando notou que os bichos ainda se mexiam, mesmo sem as cabeças.

— Carne de cobra é excelente. Tem um gosto que fica entre o peixe e o frango — Tommy continuou num tom casual.

— Que nojo. — Eloise não conseguiu reprimir o comentário. Detestava as criaturas rastejantes.

— Então, foi ele quem nos salvou... — Pedro emendou a frase no comentário da irmã.

— Foi — Eloise reiterou.

Arnon limpou a caça e fogueou a carne em três pontos com um espeto de madeira que ele mesmo havia preparado ali. Em seguida, fez duas forquilhas e posicionou-as nas extremidades da fogueira para servir de apoio ao espeto. Depois de colocar as cobras para assar, ele se achegou ao grupo reunido no abrigo de lona.

— O jantar ficará pronto em vinte minutos — o cavaleiro anunciou com ares de diversão.

Ainda que os criminosos não tivessem tocado na bagagem de Isabel e Pedro, a bolsa que carregava as provisões havia sido perdida no desabamento.

— Pedro, esse é o Arnon — Eloise se encarregou de apresentá-los formalmente, embora os dois, informalmente, já se reconhecessem.

Pedro fez questão de levantar antes de estender a mão para cumprimentá-lo.

— Obrigado por ter salvado a vida de todos aqui. Não sei como posso retribuí-lo por isso.

— Aceito o agradecimento, mas a tarefa primordial de um cavaleiro é salvar vidas. Então, nada fiz além da minha obrigação. De qualquer maneira — e nesse momento Arnon disse algo interessante —, talvez um dia possa ser qualquer um de vocês a me salvar.

— Bem, eu espero não precisar salvá-lo na mesma situação em que você nos socorreu. Em todo caso, se for preciso, pode contar conosco.

A amizade do herdeiro ao trono e seu cavaleiro estava selada da melhor forma possível.

Isabel emprestou roupas limpas à amiga que perdera a bagagem no desabamento da caverna. Um biombo foi improvisado na barraca. Tommy se ofereceu para levar sua irmã e Pedro até a lagoa onde mais cedo ele e Eloise tomaram banho. Arnon estava manuseando as ramagens que trouxera de sua incursão quando os três deixaram a base do acampamento. Tommy levando consigo a tocha.

Pedro seguiu no caminho andando com lentidão. Com a baixa da adrenalina, o corpo mapeava, de maneira dolorosa, o estrago feito pelos criminosos. Uma costela trincada, hematomas nos olhos e na altura do estômago, perna direita avariada, corte no supercílio e na cabeça.

Sim, ele apanhara bastante. E não fosse o risco de “danificar a mercadoria”, os ossos dele estariam esmagados em alguma vala naquele momento.

## Capítulo XXV

Arnon estava sentado próximo à fogueira vigiando o assado e preparando um extrato medicinal com a planta exótica que colheira nas redondezas.

— Eu nunca vi essa flor em Tamísia — Eloise disse depois de se aproximar sorrateira.

— Ela é raríssima. Chama-se flor de tísia. Poucos a conhecem — explicou enquanto separava as folhas dos caules flexíveis deixando nas hastes apenas as flores. — Uma planta exótica, pode-se dizer.

— É muito bonita. O que ela faz exatamente?

Arnon havia escolhido quatro das maiores folhas. Agora as estava dispoendo uma ao lado da outra.

— A seiva desses filetes — mostrou pequenas gotículas que estavam se formando na bainha das folhas — é um anti-inflamatório poderosíssimo. A ação dele é fantástica. Quase inacreditável, para dizer a verdade. — O líquido viscoso e transparente gotejava nos receptáculos dispostos em porções. Arnon depositou a seiva em partes iguais nas superfícies verdes que estavam no chão. — Já as pétalas — continuou — são um cicatrizante inacreditável. E o sumo das folhas — ele agora as espremia entre os dedos — é depurativo. Isso sem falar dos chás.

Depois de descartar o material já utilizado, o cavaleiro retirou cuidadosamente as cinco pétalas brancas que compunham a flor, deixando no caule apenas uma espécie de coroa floral de tom lilás intenso.

— A planta perfeita — Eloise resumiu enquanto as partes retidas eram distribuídas entre as quatro frações dispostas no solo.

— Nem tão perfeita — corrigiu. Ele já estava puxando os fiozinhos coloridos do caule e igualmente colocando-os nas folhas. Os filetes se dissolveram ao contato com o material. E então veio o odor fétido.

Eloise se surpreendeu com o cheiro ácido e repugnante que exalava da mistura.

— Pois é, isso é o que a impede de ser perfeita — ele respondeu permitindo fluir uma risada baixa.

Eloise observava Arnon falando e preparando o material com zelo e boa vontade extraordinários, sem conseguir entender por que ele lhe inspirava tanta confiança. Sem compreender por que se sentia confortável ao lado dele como se fossem amigos de longa data ou como se ele pertencesse a algum lugar de um passado esquecido em sua memória.

— Amanhã vocês estarão em ótima forma — Arnon afirmou enquanto terminava de

misturar o preparado.

— Mas eu... acabei de tomar banho — Eloise reclamou num tom de brincadeira.

— Vai se acostumar rápido com o cheiro — ele disse, acompanhado o bom-humor.

— Está sendo gentil em chamar esse fedor de cheiro, não? — ela afirmou num sorriso natural de quem conversa com um amigo de infância e não com um homem que conhecia havia menos de vinte e quatro horas.

— É um desconforto necessário. — Arnon tentou amenizar a situação com igual casualidade.

Gostaria de esperar pelos outros para fazer o curativo? — perguntou num tom um pouco mais formal.

— Não precisa. Quero dizer, se não se importar em me ajudar.

Arnon pegou uma das folhas e começou a espalhar a seiva malcheirosa nos hematomas. Fez isso com a mesma postura ética que tivera quando fez o curativo de Eloise na montanha.

— Está muito ruim? — ela perguntou sentindo o corpo reclamar, ainda que o cavaleiro a tocasse com cautela e sutileza.

— Um pouco colorido.

— Vai demorar semanas para desaparecer — ela bufou.

— Com a ajuda da flor de tísia, em três dias, no máximo, não haverá mais nada.

— Nossa, rápido assim!

Arnon envolveu o tronco de Eloise com uma faixa limpa que fizera de um tecido retirado da própria bagagem. E foi exatamente nesse momento que ela teve um arroubo de determinação.

— Você estava no beco em Tamísia e me salvou do Estéfano Talmai.

Não era uma pergunta. Nem uma acusação. Apenas a constatação de um fato. Arnon ficou, alguns minutos, em silêncio.

Ela esperou até que ele terminasse de atar as faixas em torno de si para que reiterasse a afirmativa.

Mas a comprovação que ela esperava não veio, o que a irritou profundamente. Quando Arnon se afastou para levantar, ela o impediu fechando os dedos ao redor do punho dele, exatamente sobre o bracelete de couro que lhe havia chamado a atenção durante a cavalgada. Certamente não foi intencional, mas apenas uma coincidência infeliz.

O cavaleiro olhou dos nós da mão que o apertava para a dona daquela atitude impetuosa. Encarou-a com uma expressão forte e ao mesmo tempo intensa. Sério, mas também desconcertante.

— Só estou pedindo um pouco de franqueza. Era você naquele beco em Tamísia, não era?

— Faz alguma diferença? — ele disse em reposta.

Eles estavam muito próximos e Arnon mantinha os olhos amendoados inflexíveis.

— Não — ela disse com uma sinceridade que poderia ser a brecha para uma mentira.

— Sim. Eu a salvei dos gazares, em Tamísia.

Arnon afrouxou os dedos que ainda se fechavam como garras em seu punho. E embora ficasse livre, o cavaleiro se acomodou a menos de um metro de distância, mantendo a atenção nas cobras que já estavam quase no ponto.

— Onde está o tipógrafo? — Eloise perguntou, afoita por notícias concretas do velho amigo.

— Eu o levei para um lar de idosos que funciona em Adraa. É um bom lugar, fique tranquila.

Por alguns minutos, Eloise se deixou concentrar no estalar da madeira, que aos poucos se transformava em uma brasa incandescente.

— Por que não se apresentou na caverna? — ela perguntou depois de repassar várias vezes a questão em sua cabeça.

— Eu me apresentei.

— Não. Você não se apresentou. — As palavras enfáticas vieram acompanhadas de pouca paciência. — As únicas informações que nos deu na montanha foram o seu nome e profissão.

— E isso não é uma apresentação?

— Ou você acha que sou muito estúpida, ou está deliberadamente tentando me enganar. Por que não disse para *mim* quem você era?

— Por que julguei desnecessário — ele respondeu num tom seco como um deserto.

A resposta árida ofendeu Eloise, que começou a duvidar da sinceridade de Arnon naquele momento.

— Arnon, o que você estava fazendo de verdade nas montanhas? Como nos encontrou lá? E se estava em uma missão para a Academia, por que estava sozinho? E por que, afinal de contas, se dispôs a nos ajudar?

— Eu achei que tivesse respondido a essas dúvidas quando Tommy me fez as mesmas perguntas.

— Mais uma vez você deve estar me tomando por alguém pouco inteligente. A sua história está cheia de lacunas. Você poderia, *por favor*, preenchê-las com explicações mais convincentes?

— Eu estava a trabalho, mas nunca disse que era pela Academia. Infelizmente é só o que posso acrescentar. Mais que isso não posso dizer, sinto muito.

Uma confissão! Arnon estava, deliberadamente, escondendo informações.

— Não pode ou não quer! — A irritação tomou Eloise de assalto.

Ela de repente se sentiu traída, como se tivesse sido enganada por um amigo fiel e não por um homem que acabara de conhecer. E mais uma vez ela não saberia explicar por que um desconhecido lhe despertava emoções tão profundas.

— Não tenho permissão. — Arnon replicou num tom formal que a surpreendeu. — Eloise, eu

estou sendo honesto. Agora, sinceramente não posso falar mais. Terá que confiar em mim. Ou, se quiser, posso deixar o acampamento. Se for isso que deseja, eu parto agora mesmo. — As palavras soavam rudes e até impacientes. — Quer que eu vá embora? — perguntou por fim de maneira áspera.

— Não.

— Olha, desculpe os modos, mas não posso lhe dar mais explicações.

Ela não contestou ou disse qualquer outra palavra, mas sentiu um abismo se abrindo entre ela e o cavaleiro.

A carne já estava assada quando as chamas da tocha que Tommy carregava tremularam entre a vegetação. O jovem vinha ladeado por Isabel e Pedro. Eloise ficou assustada com o que viu sob a luz do fogo que os guiava.

A pele limpa em água corrente expunha o verdadeiro estrago nos rostos de Pedro e Isabel. Ele tinha uma grande bola roxa em volta do olho esquerdo inchado. A lateral do rosto estava arranhada como alguém que fora arrastado alguns metros pelo chão. Isabel também tinha marcas profundas nas bochechas, deixadas por uma mordaca que fora apertada com violência. Os mesmos sinais não apareciam em Pedro porque os hematomas e arranhados superavam os machucados causados pelo pano grosseiro que lhe amarrara a boca. Os braços e punhos dos dois estavam igualmente castigados, mas foi quando Pedro tirou a camisa para fazer o curativo que Eloise se surpreendeu com a covardia dos raptos. Havia marcas de chutes por todo o abdômen do irmão. A impressão era que ele havia sido pisoteado por uma manada de búfalos, tamanha a fúria dos ferimentos.

Foi a própria Eloise, sob a orientação de Arnon, quem passou o unguento curativo na pele de Pedro. Cada toque, ainda que sutil, provocava uma reação dolorida.

Pedro não reclamou do mau-cheiro do remédio. Ou das dores. O que mais importava no momento era que todos estivessem vivos.

Isabel, que dissera ser capaz de cuidar das próprias feridas, cobriu o colo arranhado com o preparado de flor de tísia sob a proteção do biombo improvisado na barraca.

Tommy dispensou os cuidados imediatos para comer. Um dia inteiro de jejum havia deixado um buraco considerável no estômago. E ainda que na forquilha da fogueira não estivesse sendo assada carne de cobra e sim gafanhotos e escorpiões, ele comeria com igual voracidade.

Arnon insistiu para ficar na vigilância do acampamento, argumentando que nenhum dos jovens seria capaz de defender o abrigo caso houvesse um perigo real. Embora um ataque fosse uma possibilidade remota, ele destacou. Havendo fogo, a chance de o lugar ser invadido por serpentes, escorpiões ou felinos era praticamente nula.

Pedro se acomodou no saco de dormir sentindo-se completamente exausto, mas não sem antes falar com Alvorada, que acabara de retornar com Filha do Vento, Valente e Geada de uma

incursão de pastagem.

O cavalo, apesar de ter sido maltratado, não apresentava sinais físicos das agressões. Valente também não estava machucado. Pedro ficou mais tranquilo ao constatar isso, mas não demorou conversando com eles. Estava cansado e seu corpo não seria capaz de sustenta-lo de pé durante muito tempo.

Tommy estava a um canto, perto do abrigo, onde Isabel e Pedro já dormiam. Sentado, ele observara o cavaleiro entregar a Eloise uma porção de unguento. O rapaz ainda não conseguia confiar no cavaleiro. Embora ele tivesse dado provas de lealdade salvando Pedro e Isabel, havia algum detalhe, e Tommy não sabia dizer o que era, que não encaixava. E não eram apenas as falhas na história dele. A maneira de agir também incomodava o jovem Fernandez. Arnon não se portava apenas como um desconhecido. Deixava a impressão de ser mais que isso. O empenho em ajudá-los na caverna, a preocupação com o resgate de Pedro e Isabel, a intimidade com que conversava com Eloise, o acampamento, o jantar, os curativos...

*Ninguém é tão perfeito! Ou tão altruísta. Ele tem algum interesse em nos ajudar.*

Mas foi quando estava pensando nisso que Eloise se aproximou carregando a folha da planta malcheirosa para fazer o curativo em Tommy. Eloise se ajoelhou ao lado dele sem precisar dizer que o ajudaria. O rapaz tirou a tala e se despiu da camisa. Ao primeiro toque, Tommy fez uma careta.

— Desculpe — ela falou tentando passar o unguento com leveza.

— Essa coisa cheira mal mesmo, hein? — ele falou sorrindo de lado.

— É, mas faz um trabalho inacreditável. Eu quase já não sinto dor.— Espero que funcione para mim também — Tommy disse reprimindo os gemidos.

Eloise espalhou o remédio no pescoço, tórax e costas. O toque suave era como o bafó acalorado de uma fogueira em dias frios. O coração de Tommy socava seu peito com raiva, irritado com o silêncio e com o medo dele de confessar-se apaixonado.

— Estou quase acabando — ela disse quando os dedos terapêuticos chegaram à linha da clavícula e massagearam as duas almofadas de músculo que Tommy tinha no tórax. Ele achou que teria um colapso, ou que enlouqueceria tentando esconder seu amor. Eloise começou a recolocar a faixa, que imobilizaria a articulação em processo de cura, deixando Tommy mais aliviado.

Mas foi aí, no momento em que ele pensou ter vencido a luta no ringue desigual, que é o terreno do amor, que veio o assalto final.

— Pronto! — ela disse. — Agora só falta a tala — falou num sorriso de rasgar o peito do apaixonado e passou os braços ao redor do pescoço de Tommy para colocar o tecido que serviria de apoio para o braço ferido.

A proximidade fez com que o leão enfurecido da paixão rugisse dentro dele. Eloise ficou tão perto que as mechas negras do cabelo roçaram o rosto de Tommy. Aquilo foi pior que um nocaute.

— Ótimo — ela disse finalizando o trabalho. — Não sei como consegue ficar com esse cabelo caindo sobre os olhos.

E com os dedos penteou os fios rebeldes para trás, ajeitando-os com cuidado e depois deixando a mão escorrer pela nuca e pescoço dele.

A fera impetuosa mais uma vez rosnou furiosa dentro do apaixonado. E naquele momento Tommy quis mesmo estar em um ringue para levar um gancho de direita e cair inconsciente no chão.

## Capítulo XXVI

O cavaleiro estava sentado próximo às chamas, alimentando-as pouco a pouco com a madeira seca recolhida mais cedo. As labaredas eram discretas. O suficiente para afugentar os animais que saíam para caçar naquele horário.

De vez em quando Arnon levantava para circular o perímetro e afugentar o sono. Os outros não sabiam, mas era a segunda noite, seguida, que o cavaleiro passava em claro. Eles também ignoravam que antes dessa mesma madrugada acordado, Arnon cavalgara o dia todo, praticamente sem parar, passando pela floresta nos arredores de Tamísia, percorrendo o caminho coberto de seixos ladeando o grande rio e depois passando pela rota que levava às montanhas. E chegando ali, nem mesmo o frio noturno trazido pela nevasca que acontecia no alto da Montanha Branca foi capaz de detê-lo. Arnon encarou o perigo, colocando a própria vida em risco. Com uma tocha em punho, ele subiu a trilha que serpenteava os montes.

Não ficou muitos quilômetros nela, entretanto. Arnon conhecia todas as rotas secretas dos nômades, que eram mais rápidas. E mais seguras. E foi somente por isso, por sua determinação, coragem e fé, que ele fora capaz de encontrar Tommy e Eloise. Em nenhum momento Arnon deixou de acreditar que os encontraria vivos e foi essa crença que o levou a vasculhar cada salão da caverna parcialmente desabada.

Arnon nunca mentiu para Eloise e Tommy. Ele estava em uma missão. Uma missão de salvamento.

*A garotinha já não aparecia mais nos sonhos. Agora era Eloise quem protagonizava a corrida aterrorizada por entre as árvores altas da floresta desconhecida. O jovem garoto que ajudava a menina também fora substituído. Arnon tomara o lugar do dele na fuga desesperada.*

*Ambos fugiam como se a vida deles dependesse daquela empreitada, mas de novo os dois não foram capazes de escapar. Alguém ou alguma coisa os alcançava. Eloise, porém, não conseguia saber o que os perseguia porque era envolvida por uma nuvem branca. Uma espécie de borrão que avançava até uma caverna em que ela e Arnon apareciam manchados de sangue.*

*O cavaleiro se contorcia em dor. Os dentes travados tentavam suprimir os berros agonizantes, mas nem toda a força de vontade conseguiria conter a devastação daquele tipo de sofrimento.*

*Então, ela viu o pulso marcado por uma ferida. Não era um ferimento qualquer. As formas lembravam uma lacraia de fogo contornando o punho. Uma lesão que já estava necrosando e exalava um odor fétido. Uma visão horrorosa.*

— Eloise. Acorde. — Arnon a chamou aos murmúrios, porém com a urgência de quem está preocupado. — Eloise... — Ele a tocou os ombros. — Eloise.

Ela abriu os olhos num sobressalto. Assustada, por alguns segundos ainda imaginou estar presa no mundo onírico.

— Você está bem? — Arnon parecia aflito.

Qualquer um que a visse em meio aos pesadelos recorrentes ficaria angustiado. Sua expressão, naqueles momentos, era de alguém que passa por um intenso período de angústia e desespero.

— Sim. — Eloise se sentou antes de responder. O rosto sem cor. O cabelo grudado na pele suada.

— Quer um pouco de água?

Ela fez que sim. O cavaleiro buscou um dos cantis que estavam acomodados perto das bolsas.

— Tome.

— Obrigada.

— Vai ficar bem? — ele quis saber antes de reassumir seu posto.

Eloise balançou a cabeça em resposta. Ela tomou dois goles de água enquanto tentava acalmar a confusão que estava em sua mente. As lembranças daquele pesadelo eram mais marcantes e intensas do que qualquer outro. Quase como se não fossem um sonho, mas recordações de um passado distante, perdido no inconsciente. *O que é ridículo*, ela pensou, *porque se fossem lembranças Arnon não estaria lá.*

Eloise até se esforçou para voltar a dormir, mas embora estivesse exausta, as imagens do pesadelo teimavam em lhe tirar o sossego. Era só fechar os olhos que as cenas passavam, em ritmo lento, como se empenhadas em atrapalhar o descanso da jovem, já tomada pelo cansaço.

Desistindo do sono, ela se levantou e andou em direção à fogueira, os braços cruzados em x sobre o peito.

— Você se importa que eu fique aqui? — ela perguntou a Arnon.

— Não. Mas acho que deveria dormir. Seu corpo precisa do repouso para se recuperar.

— Acredite, era tudo o que eu queria, mas não consigo pegar no sono por causa desse pesadelo idiota — ela reclamou e sentou no chão mesmo sem um convite mais amigável. — Isso já está me irritando — acrescentou, sem paciência consigo mesma.

— São sonhos recorrentes? — Arnon perguntou, de repente, curioso. Ou, de fato interessado.

— São — ela respondeu mirando as chamas alaranjadas que despertavam tímidas do emaranhado de lenha.

— Os sonhos, às vezes, podem ser lembranças reprimidas que escapam quando a mente foge ao nosso controle.

— Você entende disso também — ela brincou.

Era estranho, mas Eloise se sentia totalmente confortável ao lado do cavaleiro. E conversar com ele era simples e fácil.

— Não. — Ele sorriu ao responder ao comentário. — Sou apenas um curioso no assunto — acrescentou em seguida.

— Quando vai poder me contar a verdade sobre você?

— Em breve.

Não havia traços de dissimulação no rosto de Arnon. Havia apenas sinceridade em seus modos e sua voz.

— Engraçado... — Eloise riscava o chão com o dedo indicador ao dizer isso. — Não sei por que, mas acredito no que diz.

Eloise acordou à luz dos primeiros indícios da manhã. As chamas da fogueira haviam desaparecido, deixando apenas gravetos em brasas que ainda teimavam em manter o calor. As dores no tórax haviam sido domadas de maneira surpreendente pelo unguento da flor de tísia. Parecia impossível, mas o medicamento fizera um trabalho que um remédio tradicional levaria dias para realizar.

Eloise olhou ao redor e percebeu que estava na barraca ao lado de Pedro. Como não se lembrava de ter caminhado com as próprias pernas para o abrigo, concluiu que Arnon a levava nos braços até lá. A constatação a constrangeu. Era a segunda vez que alguém precisava carregá-la até o local de dormir. Quando pensou nisso, pensou também em Arnon.

Ele não estava próximo à fogueira ou selando os cavalos. Os animais já estavam preparados para serem montados, ela notou isso depois que levantou, mas Azah, o corcel branco do cavaleiro, não estava com os outros animais.

— Ele partiu — constatou para si mesma.

No instante em que percebeu que Arnon os havia deixado, ela foi tomada por uma sensação de vazio, de tristeza e... de mágoa.

— E nem sequer disse adeus.

Eloise ainda procurou em torno do acampamento como se tivesse uma pequena esperança de que ele apareceria, mas nada havia além de um bilhete grudado na sela da Filha do Vento. Eloise afagou sua égua saudando-a com um bom-dia. Em seguida, pegou o papel amarelado e amassado em que Arnon rabiscara poucas palavras. As letras escritas com o carvão da fogueira diziam, em uma escrita formal:

“Separamo-nos aqui. Tenham cuidado por essas estradas. Foi um prazer conhecê-los. Vemo-nos em breve.”

— O que ele quis dizer com nos veremos em breve?

A pergunta veio de Tommy, depois que Eloise leu o bilhete.

— Bom, o Torneio de Bravura é em algumas semanas. E ele, como cavaleiro talvez esteja lá.

Eloise falou o que ela mesma havia concluído depois de muito pensar sobre a questão. O assunto Arnon foi concluído, embora ainda pairassem no ar muitas dúvidas a respeito do enigmático cavaleiro.

## Capítulo XXVII

Pedro, Eloise, Tommy e Isabel deixaram o acampamento logo nos primeiros momentos do dia.

A flor de tísia fez um trabalho extraordinário, eles notaram quando ainda estavam colocando a bagagem sobre os cavalos. Eloise já era capaz de respirar sem que o movimento a machucasse. Tommy conseguia mover o braço. E no lugar da grande massa inchada que cobria sua articulação do ombro, havia somente sinais de edemas.

O rosto de Isabel estava praticamente limpo e o colo livre das marcas da mão imunda do criminoso que tentara violentá-la.

Pedro também se sentia como novo. Faltava pouco. A verdade estava a menos de seis horas de cavalgada. E embora Pedro pensasse em desistir, seguir para Dravos, a cidade mais próxima, era quase tão perigoso quanto atravessar as montanhas. O lugar em si, não oferecia riscos. O problema estava no caminho: os assaltos noticiados pelo *Diário de Gazara*. Pedro não sabia, mas os crimes aconteciam exatamente no ponto onde a estrada principal encontrava-se virtualmente com a rota que os sequestradores usariam para levá-los até o porto clandestino.

A cidade de Dravos era uma região metropolitana ainda mais desenvolvida que Tamísia. E onde aconteceria o Torneio de Bravura. A metrópole era o coração das ciências e da cultura de Gazara. Abrigava a Academia Estadual de Ciência e Tecnologia e a renomada Academia Interestadual de Estudos Alquímicos. Ambos os núcleos foram fundados pelos anões, em uma época em que a raça irmã dos homens era tratada com o respeito que merece ser tratado todo ser humano. Mas aqueles eram outros tempos. Tempos em que os legítimos herdeiros ocupavam o trono do Reino Unido de Petra. Época em que a Lei máxima, entalhada na Pedra Fundamental na sede do reino, era cumprida:

*“Todas as raças são iguais diante da lei porque todas foram criadas por um único Deus Criador”.*

Ainda que houvesse pessoas que a interpretassem de maneira mesquinha e que achassem que ser igual não significa ter direito à dignidade, liberdade e respeito, havia uma força que representava e defendia essa igualdade: os reis e rainhas de Petra, os herdeiros do trono.

E ainda que a monarquia remeta a riqueza, luxo, castelos, bailes, os Belmonte provavam em suas ações que respeito pela vida humana e amor ao próximo nada tinham a ver com moedas ou posição social, mas com a natureza do coração. Um coração bom faz o bem e busca a justiça.

Um coração mal é covarde e egocêntrico.

Até o reinado do rei Afonso e da rainha Sofia Belmonte as coisas funcionavam assim.

Anões e homens conviviam pacificamente como iguais. Embora a maior parte da raça anã sempre tivesse vivido na Península do Gândara, muitos deles moravam em terras do Reino Unido de Petra. E esses, que moravam na superfície, sempre se ocupavam de trabalhos relevantes para o desenvolvimento da sociedade. Eles se destacavam em tudo devido à sua incrível capacidade intelectual, infinitamente maior que a dos homens comuns.

Se eram professores, tornavam-se mestres e grandes pensadores.

Se eram médicos, descobriam curas para as doenças.

S e eram engenheiros, tornavam-se inventores. Inclusive, as maiores invenções das academias de Ciências e Tecnologia surgiram quando elas estavam sob a direção dos anões. A bicicleta, a fotografia, a bússola, o motor dos trens modernos, os dirigíveis talvez fossem os exemplos mais significantes.

Se Conselheiros Reais, eram sábios. Como os irmãos Rash e Onur Amyr.

Se alquimistas, faziam descobertas no campo da Química, da Astronomia e da Física.

Contudo, com a morte dos monarcas, que eram os pais do príncipe Pietro e, naturalmente, avós de Pedro e Eloise, as coisas mudaram. E foi uma mudança drástica desde então. Os anões foram obrigados a se isolar em sua terra mística e secreta. Secreta porque a maior parte da cidade era subterrânea e suas entradas cuidadosamente vigiadas pelos Anões de Guarda. E mística porque o povo costuma inventar histórias, que acabam se tornando lendas, sobre aquilo que desconhece. Então, muito se narrava sobre o lugar escondido, mas pouco se sabia sobre o que era real e o que era fantasia.

Contudo, não era apenas o que estava oculto na península que seria capaz de surpreender. A superfície era igualmente extraordinária. Flanqueada por duas cadeias de montanhas, que cobriam quase todo o lado oeste e boa parte da face leste, a região de clima árido tinha tudo para ser um pedaço esquecido de terra infértil, mas os anões fizeram um trabalho magnífico.

A península era dividida em diversos sítios, separados por linhas imaginárias, porém perfeitas. Do alto, as fazendas mais pareciam quadrados arranjados milimetricamente, um ao lado do outro. Nessas porções de terras eram criados os avestruzes vermelhos, as criaturas fantásticas e nativas da península. Fantásticas porque em qualquer outro lugar de Petra essas aves tinham o corpo recoberto por penas brancas, pretas, cinza ou um matiz desses tons, mas nunca vermelhas, a menos que tivessem sido tingidas à mão — o que não era o caso dos avestruzes do Gândara. A coloração carmim dos bichos era inexplicavelmente natural.

Em outros pontos dos sítios encontravam-se aparatos gigantescos para coletar o vento e transformá-lo em força e energia. Eram centenas de hastes horizontais, cujas extremidades

abrigavam enormes pás, que giravam movidas pela força do vento, que ali era bem intenso e constante.

Esses aparatos eram responsáveis por alimentar a moagem de grãos, o sistema de irrigação e também algo estupendo, que os homens ainda não conheciam por pura ignorância: os cientistas anões haviam descoberto um meio de transformar a força do vento em energia elétrica, cujas aplicações ainda estavam sendo testadas.

Nas fazendas também eram cultivados frutas, verduras e variados tipos de grãos. Os anões importavam muito pouco do que precisavam para sobreviver, pois a maioria dos alimentos era produzida ali mesmo.

Pedro, Eloise, Tommy e Isabel cavalgavam a todo pano, como se diria se estivessem em um navio. Graças ao poder curativo extraordinário da planta chamada flor de tísia, ao conhecimento de Arnon e aos magníficos cavalos que montavam.

Em três horas estavam na região conhecida por Ondas da Solidão, um lugar de clima quente e seco. Os cantis estavam sempre à mão nesse trecho. A sensação que os cavaleiros tinham era a mesma de uma fruta colocada ao sol para desidratar. Pararam por volta das dez da manhã para cobrir as cabeças, como fazem os que atravessam os desertos, deixando apenas olhos, nariz e boca expostos ao calor escaldante.

As batidas dos cascos dos cavalos se propagavam como se a terra cor de tijolo fosse uma caixa acústica. O som oco marcava o ritmo da travessia. Vez ou outra se ouvia o piar agudo de alguma ave de rapina, comuns àquela região. Fora isso, nada se via ou se ouvia. A paisagem inalterada era tediosa. E embora estivessem cavalgando à toda velocidade, a sensação era de que não haviam saído do lugar.

Talvez fosse a mesmice, ou a ausência aparente de vida, mas o cavaleiro que passasse por aquelas bandas, desacompanhado, sentir-se-ia a criatura mais solitária de Petra.

— E agora? — Tommy perguntou ao, de novo, líder Pedro quando avistaram os portões que davam acesso à península do Gândara.

### TERCEIRA PARTE

*"Valeu a pena?"*

*Tudo vale a pena se alma não é pequena.*

*Quem quiser passar além do Bojador*

*Tem que passar além da dor.*

*Deus ao mar o perigo e o abismo deu,*

*Mas nele é que espelhou o céu."*

Fernando Pessoa

## Capítulo XXVIII

O grupo estava estacionado a alguns quilômetros do pórtico da Terra dos Anões e ainda mantinha o turbante sobre suas cabeças. A muralha de proteção se emendava a uma cadeia de montanhas desérticas e de cumes corroídos pela ação de séculos de erosão.

O posto de entrada tinha alguns quilômetros de comprimento. Guardas ficavam no alto do imenso muro, que seguia a cor marrom das montanhas, enquanto outros três guardavam as portas que se abriam em duas abas gigantescas.

— Vamos chegar lá e dizer que queremos falar com os Amyr? — Tommy arriscou.

— Mais ou menos isso — Pedro falou mirando as torres de observação. O grupo já havia chamado atenção de um dos vigias. — Vamos — a voz saiu tal qual a um comando.

Pedro, Eloise, Tommy e Isabel desceram a colina, com cautela. Embora estivessem legalmente fora da jurisdição da Guarda dos Anões, era bom ser cuidadoso. Afinal, um pouco de prudência não faz mal a ninguém.

Eles marcharam com as mãos à vista dando a entender que estavam desarmados. E realmente estavam, porque Diana, a cimitarra de Tommy, achava-se inalcançável, dentro da mochila dele.

Os guardas anões estavam bem parecidos com as histórias fantasiosas que se contava sobre eles. Mal-encarados e nada receptivos.

— Alto! — um vigilante berrou do alto de uma torre. A voz, que não parecia ter vindo de alguém tão baixo, ecoou grave e intensa no espaço vazio da planície. — Quem se aproxima? — A pergunta veio com um tom de indignação. Provavelmente, ele gostaria de ter perguntado: quem tem a audácia de se aproximar?

Não se pode julgar o anão por não simpatizar com os homens. Afinal, foram os próprios homens quem primeiro os rechaçaram.

Pedro tirou a camisa branca que lhe servia de proteção à cabeça antes de responder. Desacostumado àquele tipo de acessório, achou conveniente tirá-lo para se comunicar de maneira mais eficiente. Foi então que um segundo guarda, esse mais altivo que o outro, mirou os quatro jovens com olhos negros e estreitos de um caçador nato. O grupo se intimidou ante a avaliação severa e Pedro achou melhor falar alguma coisa do que ficar calado como um culpado no tribunal de réus.

— Senhor! — O rapaz projetou a voz para alcançar muro alto.

— Cale-se — o anão que os olhava disse, feroz. Ele tinha pouco menos de um metro e

quarenta de altura, mas parecia um gigante de três metros quando falou.

Em seguida o mesmo anão murmurou algo com o primeiro vigia que abordou os jovens. Poucos minutos depois, ouviu-se um estalar metálico de cadeados. Uma das partes da porta daquela muralha se abriu e lá estava o guarda que fizera a abordagem inicial.

— Entrem. Quando a porta de centenas de quilos foi fechada por dez soldados, o som das trancas ecoou pesado. Pedro, Eloise, Tommy e Isabel ainda não sabiam, mas se a chegada deles não fosse esperada, não conseguiriam se aproximar nem mesmo a trezentos metros do portão.

No momento em que entraram, a primeira coisa que lhes veio ao pensamento foi: *Que lugar é esse?!* Uma típica expressão de quem está abobalhado diante do que vê.

Os relatos sobre a Planície do Gândara, ainda que fossem grandiosos, nem chegavam perto da grandeza daquela terra. Foi isso que eles concluíram quando se viram diante dos maravilhosos sítios de cultivo e produção de energia.

Incrível era admirar o verde das folhas dos damasqueiros, das tamareiras, dos coqueiros — as árvores frutíferas eram as que mais se destacavam — contrastando com a cor de tijolo das montanhas, que tomavam praticamente toda a face leste da península. Tal qual a uma muralha construída pela natureza, a cadeia montanhosa se erguia como se esculpida em barro.

Centenas de anões trabalhavam em cada uma das imensas fazendas, recortadas como figuras geométricas perfeitas. Nenhum dos lavradores pareceu se importar com a chegada dos quatro homens montados em seus cavalos, embora aquela fosse uma cena que havia muito os habitantes daquele Estado independente não viam: desconhecidos em suas terras.

Porque homens eles costumavam ver. Não muitos. Mas um seletivo grupo ainda frequentava a península. De fato, um deles, havia passado pelos trabalhadores, rumo à cidade secreta, fazia pouco mais de uma hora. Mas o homem que entrara não precisava de escolta, conhecia os caminhos daquela terra tal e qual aos próprios moradores.

— Sigam-me. — O guarda que recebeu os visitantes falou como um segundo comando.

O vigilante, em seguida, montou em uma avestruz, selada como um cavalo. A linda ave de penas vermelhas estava a postos, juntamente com outra dezena de suas irmãs, junto ao muro de proteção.

O grupo, tendo o guarda por guia, seguiu adiante cavalgando. O caminho passava no único trecho de planalto em que se podia transitar na península: a rota na face norte, flanqueada pelas águas agitadas do Golfo de Gad. O mar não podia ser visto dali, mas o som das ondas e o cheiro do sal os alcançavam, trazidos pelo vento que corria incansável.

Pedro, Eloise, Isabel e Tommy estavam sendo escoltados para a entrada da Cidade dos Anões, embora desconhecessem o fato. Imaginavam apenas que seriam recebidos por alguma autoridade daquela terra. E então seriam autorizados a dizer o que os trouxera ali.

Pensavam assim porque não conheciam o procedimento rigoroso da segurança dos anões. Ninguém atravessava o primeiro portão se os patrulheiros não estivessem autorizados a permitirlhes a passagem. Naquele caso, uma ordem viera de um dos próprios reis daquele povo.

Cavalgaram alguns quilômetros na península até diminuírem para uma marcha menos veloz. O terreno se transformara em linhas que se assemelhavam a uma espiral. E tal qual a um saca-rolha que penetra na cortiça, o caminho descia o planalto e cavava a terra abaixo do nível do mar.

Antes, porém de seguirem adiante no subterrâneo, os cavalos e também o avestruz carmim foram deixados com o grupo de patrulheiros que guardava o acesso ao subsolo.

— Para onde eles vão? — Pedro perguntou ao guia antes de desmontar Alvorada, demonstrando mais preocupação com o destino de seu amigo equino do que com o dele próprio.

— Serão levados para o galpão dos avestruzes — o guarda respondeu num tom seco e desceu de sua ave.

Pedro acompanhou seu movimento, mas só o fez porque Alvorada o tranquilizou. *Está tudo bem amigo. Vocês devem seguir sozinhos agora.* Foi mais ou menos isso que Pedro sentiu o cavalo lhe dizer.

Eles andaram através dos arcos cilíndricos até chegarem a mais um ponto de vigilância. Uma porta de proporções maiores que uma convencional foi aberta ao sinal do guarda que conduzia os forasteiros. Eles entraram em uma câmara cilíndrica, que lembrava o aspecto do interior de uma caverna. Porém, não era escura. Havia ranhuras na montanha que permitiam a passagem da luz em diversos pontos.

Continuaram em linha reta por um corredor cilíndrico, iluminado pela radiação etérea do sol, até que o caminho se abriu em cinco passagens distintas.

— Por aqui. — O anão indicou a entrada que fazia o trecho se alterar em um ângulo de noventa graus.

Naquele ponto não havia luz natural, mas um conjunto de pontos luminosos artificiais. As pequenas chamas tremulantes seguiam a estrada até se perderem no horizonte subterrâneo.

O lugar não tinha uma gota de umidade. Era seco como a superfície.

— Para onde estamos indo? — Pedro finalmente perguntou quando chegaram àquele ponto.

— Logo vocês saberão.

As pernas estavam cansadas e a fome já era uma inimiga cruel quando alcançaram um terceiro portão. Esse, ao contrário do segundo e à semelhança do primeiro, era guardado por um batalhão de anões.

Incrustados na própria montanha, havia postos de observação em ambos os lados do caminho. Guardas empunhando bestas armadas de flechas afiadas e velozes miravam os forasteiros que

acompanhavam o soldado. Ao menor sinal, os vigilantes mal-encarados estavam preparados para disparar suas armas e abater os intrusos.

Guardando o pórtico subterrâneo, mais dezenas de combatentes empunhavam espadas de lâminas curvas e reluzentes, semelhantes à arma de Tommy que, por sinal, havia ficado na bagagem junto com os cavalos, ele lembrou com pesar.

O vigilante da superfície se aproximou daquele que parecia ser o chefe da guarda do subsolo. Os dois trocaram algumas frases no dialeto dos anões, o que incomodou demais o grupo porque em seguida os soldados passaram a olhá-los de maneira esquisita. Um jeito que combinava estranheza e curiosidade. Pedro, Eloise, Isabel e Tommy sentiram-se como animais de circo, tamanho foi o desconforto que os olhares indiscretos e bisbilhoteiros causaram.

O portão foi destrancado num baque colossal. Todos os anões juntos empurraram uma única parte da estrutura maciça e pesada. Então, lá estava a misteriosa, a grandiosa, a magnífica Terra dos Anões...

## Capítulo XXIX

Eloise, Pedro, Tommy e Isabel ficaram maravilhados enquanto o lugar majestoso se descortinava diante deles. Nem mesmo os relatos mais fantásticos das pessoas que estiveram ali — quando o Rei Afonso ainda era soberano, mais de quarenta anos antes — fazia jus à beleza do lugar. Nem mesmo as narrativas que incluíam invenções que os homens ainda não conheciam, e não tão cedo viriam a conhecer, eram fiéis ao que estava à frente deles.

A Terra dos Anões era uma extraordinária obra de engenharia, concebida a partir de uma vocação da natureza. Em um primeiro olhar, os visitantes não conseguiriam entender a sua arquitetura futurista. O lugar, como se apresentava naquele momento, surgira da união de várias pequenas cavernas que existiam naquelas montanhas. Um sistema gigantesco forrava a face interna do monte como uma grande abóboda que se abria no teto para a entrada do sol. Os raios alcançavam a cidade através de fendas no alto da montanha. Eram centenas de ranhuras estreitas e compridas que dissipavam luz e calor.

Além dessas aberturas, havia outras. Nos lados norte e leste notava-se um sistema de dutos de ar construídos pelos incríveis engenheiros de solo. Os tubos conservavam o frescor do ar e mantinham o equilíbrio de oxigênio. Notadamente estavam diante de outra cultura revelada por particularidades que só existiam ali, naquele mundo subterrâneo.

Ainda estavam perdidos entre o choque e a admiração quando o fechar do portão os sobressaltou.

— Vamos. — O guarda os despertou.

Ele seguiu por uma escada de algumas dezenas de graus. O ponto onde estavam saía, à oeste, a alguns metros acima do nível em que a cidade fora construída, o que garantiu uma visão do complexo montado por aquela raça magnífica, embora aquela não fosse a entrada principal.

Uma grande avenida atravessava o meio da pequena metrópole. A via larga servia de eixo central para as outras ruas. Como no tronco de uma gigantesca árvore, era da alameda principal que brotavam os acessos secundários. Todos saíam perpendiculares a ela e seguiam para os dois lados da cidade, subdividindo-se ao longo do caminho.

Era impossível deixar de notar ainda que a importante avenida terminava nos portões de um palácio cuidadosamente encaixado sobre um elevado natural, que fora mantido propositadamente no interior daquela cidade plana.

As construções que observavam do alto em nada lembravam a arquitetura de Tamísia ou de qualquer outra cidade que conheciam em Gazara. As casas tinham forma de cubos coloridos e possuíam no máximo três andares. As cores variavam entre tons de vermelho, marrom tijolo e

branco. As janelas, sempre em arco, eram decoradas com arabescos. Os telhados retos quase não eram visíveis. Algumas construções, no entanto, as mais altas e imponentes, eram ornadas por imensas abóbodas. As calçadas também surpreendiam. O arranjo de pedras pequenas e coloridas formavam desenhos que se alternavam de metros em metros. As formas os faziam lembrar o pátio do Mercado da Pedra.

O fim da escadaria os levou a uma das muitas vias transversais que recortavam a planície construída no coração da montanha.

No início da rua, ladeada de casas brancas, sem exceção, havia um anão parado ao lado de dois coches.

— Sejam bem-vindos — ele disse quando os jovens se aproximaram. O tom cordial foi acompanhado de um sorriso. — Meu nome é Samir. — O anfitrião tinha feições jovens e corpo magricela.

— Eles são sua responsabilidade daqui em diante — o guarda que acompanhara os forasteiros até aquele ponto falou. Em seguida, sem se despedir, ele saiu retornando à mesma escadaria íngreme da qual vieram.

O transporte que esperava por eles era bastante parecido com as carruagens do Petrolina, porém menores e puxados pelos belos avestruzes do Gândara. Na parte dianteira dos veículos ficava o condutor. A parte traseira era fechada e coberta por uma capota de veludo verde com ornamentos dourados. Duas discretas janelas laterais permitiam que os passageiros apreciassem a vista do trajeto.

— Subam, por favor — Samir disse, gentil. E estendeu a mão para ajudar as moças num gesto cavalheiresco.

Embora não compreendessem os modos daquela recepção, eles fizeram o que Samir pediu. Isabel foi a primeira a subir.

— Obrigada.

Pedro embarcou em seguida. Tommy e Eloise foram acomodados no segundo transporte. E Samir dividiu o assento com o condutor da carruagem que liderava o pequeno comboio.

Seguiram adiante até a rua se encontrar com a grande e movimentada avenida central. A alameda, flanqueada por inúmeras árvores pequenas, estava tomada de pessoas, tal e qual a qualquer cidade em um dia comum de trabalho.

De seu carro, Eloise observava a beleza das construções. E o movimento do comércio local que, ela percebeu, em nada era diferente de Tamísia. Ao longo do trajeto, ela viu uma casa de pães, uma confeitaria, três casas de carnes, um mercado que ocupava uma quadra inteira e ainda alfaiatarias e modistas. Somente a natureza dos produtos vendidos era incomum a ela. Em vez de pães de formato arredondado, as massas eram achatadas e finas. Havia também muitos chás e doces feitos com damascos e tâmaras. A carne também não era de búfalo, mas de

avestruz e carneiro.

Outro detalhe digno de atenção era o colorido das vitrines. O corte das roupas era atípico. Naquela terra estrangeira usavam-se muitas túnicas acompanhadas de calças e sapatilhas de cetim. Esse era o básico. Mas também havia vestidos com bordados exuberantes.

No meio do percurso, as carruagens pararam para uma professora atravessar a grande avenida conduzindo mais ou menos vinte crianças em fila reta, que pareciam retornar de alguma excursão pela cidade.

Um pouco adiante, Eloise avistou uma praça circundada de murtas, que formavam uma belíssima cerca viva. As plantas exalavam um suave perfume de jasmim.

Os veículos pararam no fim da avenida central, em frente aos portões do palácio que os jovens haviam reparado quando chegaram.

Samir desceu e os outros passageiros fizeram o mesmo.

— Tenha um bom-dia Samir — o motorista que dividiu o assento com o anão disse ao partir.

Pedro, Eloise, Tommy e Isabel se entreolharam imaginando que, enfim, entenderiam o que estava se passando. Embora nada soubessem sobre procedimentos de segurança, de uma coisa tinham certeza: aquela recepção era estranha, muito estranha.

— Eles estão esperando por vocês — Samir disse de maneira informal, como se eles soubessem *quem* os estava esperando.

De fato, qualquer um que estivesse na mesma situação estaria se fazendo dezenas de perguntas.

— Desculpe Samir, quem está nos esperando? — Pedro conseguiu se expressar, encorajado pelo tom amigável do seu novo guia.

— Os senhores, ora essa! Quem mais os receberia no palácio?

A pergunta foi retórica. E novamente a maneira simples com que Samir falou surpreendeu os jovens.

— E quem são os seus senhores, Samir? — Eloise achou que poderia fazer a pergunta levando em consideração a falta de formalidade do anão.

— Os senhores Amyr. Quem mais poderia ter me mandado buscá-los nos portões da cidade?

— Vamos? — O anão apontou o caminho.

O palácio não era apenas *um* palácio, mas um complexo com mais de trinta edificações. Entre elas, torres e mirantes erguidos ao longo da estrada vertical. Os prédios principais e mais altos eram um conjunto único de paredes brancas e brilhantes, ornados com gigantescas abóbodas coloridas.

Samir abriu o portão, que não estava trancado. Eles entraram em um pátio ladeado de

ciprestes pequenos. No chão de pedra, vários desenhos que lembravam flores. Pedro, Eloise, Isabel e Tommy atravessaram esse pátio, subiram uma escada e passaram por uma pequena construção em formato de torre.

Samir cumprimentou o guarda que fazia a segurança do posto de observação e seguiu adiante, conduzindo os visitantes até o patamar seguinte, onde havia um jardim de plantas exóticas. Uma delas chamou a atenção de Isabel, que curiosamente parou para tocar um dos frutos róseos de aparência um pouco escamosa.

— São frutos do dragão — Samir esclareceu. — Não devem conhecer. Essas vieram do Triângulo de Zarthan. Não tínhamos certeza de que iriam se adaptar ao nosso clima, mas ao que tudo indica, elas gostaram daqui. Já estamos na quarta colheita. São frutas de sabor suave. Lembram o sabor de melão associado com kiwi.

— Triângulo de Zarthan você disse? — Tommy ficou interessado.

— Sim. Eu nunca viajei até lá. Para dizer a verdade, eu nunca saí do Gândara...

Samir nascera depois que se iniciara a perseguição contra os anões. Por isso, tudo o que conhecia de Petra era a península em que habitava sua raça.

Deixaram o jardim, que colecionava plantas excêntricas em suas formas, e tomaram uma estrada de chão, seguindo em frente e depois à esquerda, passando por mais três torres de vigilância, onde três anões montavam guarda.

Indo adiante, subiram mais um lance de escadas e alcançaram outro nível, que se abria em um espaçoso platô, maior do que poderiam imaginar caber naquela estrutura.

— À direita fica o campo de críquete — Samir disse tal e qual um perfeito guia turístico. — Nós adoramos jogar, sabe? É uma tradição entre os anões. Somos muito competitivos. — Ele riu da própria expressão.

Talvez fosse a idade de Samir, trinta anos anões — algo em torno de dezessete anos dos homens —, a razão de seus modos simples e sem cerimônia. Ou talvez ele fosse alguém simpático e receptivo, o contrário do que diziam as lendas sobre seu povo.

— Aqui é um pequeno pomar — Samir acrescentou, acenando para as árvores à frente. A luz do sol incidia sobre as plantas vinda de uma fenda no alto do teto rochoso. — Por esse lado. — O anão de rosto magro e corpo franzino apontou um caminho estreito, que se escondia por trás das árvores.

— O que tem naquela direção? — Isabel perguntou, indicando o que parecia ser a continuação natural da estrada por onde estavam subindo.

— Alguns inconvenientes. Não vão querer saber o que é. Vamos — chamou-os, demonstrando alguma pressa.

A estrada continuou coberta de seixos. As pedras miúdas estalavam sob os pés à medida que eles andavam. A trilha era curva e tiveram a impressão de que estavam fazendo uma meia volta

no sentido oposto ao que haviam andado até aquele momento. Passaram por outra plantaço. Essa, por sua vez, era organizada em canteiros ovais com uma variedade impressionante de plantas.

Por cada canteiro que passavam sentiam um aroma diferente. Não haviam reconhecido nenhuma das espécies até passarem por uma flor em especial: cinco pétalas brancas ao redor de uma coroa lilás no miolo. Eloise a identificou no momento em que a viu: era a flor de tísia, a planta que Arnon utilizara para fazer o curativo neles.

Seria coincidência? A mesma flor...

— Ervas medicinais — Samir esclareceu percebendo a observação da jovem — O doutor Semil fez um bom trabalho com elas. — Estavam passando pelo quinto canteiro quando o guia disse isso.

— Não era esse o nome do... — Tommy começou a dizer num murmúrio.

— Professor da mamãe — Isabel completou o raciocínio.

— Disseram alguma coisa? — Samir perguntou.

— Esse médico foi mestre da minha mãe na Academia de Medicina — Isabel respondeu ao simpático guia.

— Eu sei — Samir completou.

— Como assim, sabe? — disse Isabel, de repente espantada.

Os outros também se surpreenderam, por isso o minuto que Samir levou para responder pareceu uma hora inteira.

— Eu quis dizer que eu sei que ele foi professor na Academia — o anão esclareceu.

Depois de deixaram a área de plantas medicinais, eles atravessaram um corredor coberto. Era uma construção de madeira com dezenas de janelas compridas por toda sua extensão. Parecia mais algo decorativo do que funcional.

A estrutura delgada terminou em uma imponente escadaria de pedras, cuidadosamente dispostas. Os degraus num tom de amarelo ocre combinavam com o chão de terra marrom. Em alguns pontos da escadaria viam-se luminárias que, provavelmente seriam acessas à noite.

Quando alcançaram o ponto mais alto do conjunto, antes de se admirar com o palácio à frente, olharam para trás. Uma visão privilegiada. A cidade se descortinava esplendorosa, como uma musa que posa para seu artista escultor. A grande avenida principal, as ruas secundárias, as construções, os jardins, a feira... Estava tudo lá, aos pés do grande palácio que, se precisasse ser comparado com alguma parte do corpo humano, seria o cérebro, já que a estrutura da montanha que haviam acabado de escalar erguia-se altiva no comando da cidade, que pulsava metros abaixo.

Uma passarela conduziu-os diretamente à entrada principal, ladeada por ciprestes

cuidadosamente podados em tamanho idêntico. Entre eles, luminárias altas, que depois do pôr do sol dariam um colorido de luxo ao pátio.

O espaço era ricamente decorado. No piso, azulejos de cerâmica formavam variadas gravuras por toda a sua extensão. A maioria delas, arabescos de motivos florais. Dois mirantes em lados opostos da grande área apontavam para a cidade. Ambas as construções coroadas com abóbodas azuis e ornadas com cortinas amarelas, que pendiam do teto caindo até o chão. O tecido singelo se movia levemente, balançando com a brisa que ali era mais presente.

Eles ainda não sabiam, mas o maciço de rocha desértica se rasgava longitudinalmente na face nordeste. Por isso, as paredes de fundo do palácio tinham vista para o mar.

Samir tocou um sino que ficava ao lado da imensa porta do palácio. Uma das abas coloridas se abriu no minuto seguinte.

Pedro, Eloise, Isabel e Tommy entraram num hall tão luxuoso que tiveram vergonha de dar outros passos adiante. Suas botas imundas destoavam do piso azulejado. Suas roupas maltrapilhas eram um acinte às sedas brilhantes que pendiam dos arcos lobulados das janelas internas em forma de cortinas coloridas. A poeira amarelada em seus corpos destoava dos tecidos brancos que forravam vários divãs, espalhados ao longo do salão. Definitivamente, a decoração requintada não combinava com os visitantes de aparência cansada e suja.

Contudo, aquele povo não costumava julgar as pessoas apenas pela casca que as reveste. Por isso, o anão que abriu a porta do palácio não os encarou de nariz torcido. Ou de maneira agressiva. Nem pediu que Samir os conduzisse à entrada dos fundos. Apenas respondeu o que o guia lhe perguntou, no tom solene que competia à sua função.

— Os senhores estão no escritório.

— Obrigado. — Samir agradeceu a informação. — Por aqui — disse em seguida aos visitantes, indicando uma passagem à esquerda que dava para um corredor.

Tapeçarias retangulares se estendiam do canto mais alto da parede até o limite com o piso decorando a passagem. Todas as peças traziam vários desenhos, que se formavam a partir do arranjo da trama do tecido. Alguns tapetes apresentavam os Avestruzes Vermelhos, outros representavam a Cidade dos Anões, a península do Gândara e o próprio palácio onde estavam.

As figuras mais interessantes, no entanto, traçavam ilustrações de trechos do Livro Sagrado. Eram sete ao todo. E Samir, notando o interesse deles, não lhes apressou a travessia.

Isabel ficou fascinada com a primeira daquela sequência. Era o universo sendo moldado. Ou pelo menos parte dele. A grande explosão cósmica em que o Criador unira milhões de partículas de vida do cosmo para dar origem a Petra. Uma representação magnífica, em preto e branco, da liberação de energia que somente um Ser Supremo seria capaz de provocar.

A segunda tapeçaria contava uma parte da História Divina, que também exercia igual encanto na filha de Beatriz. Eram os milhares de anos durante os quais o Altíssimo deixou que as

partes minúsculas de vida se assentassem em Petra para que finalmente pudesse dividi-las em águas e firmamento.

Pedro estava observando as peças seguintes quando Isabel parou ao lado dele.

— Incrível, não? — ele disse sobre o quarto retângulo de cores que representava as estrelas, tendo o sol como o rei de todas elas.

Porém, não era a majestade do astro que o fascinava, mas a harmonia. O equilíbrio entre o calor do sol e o frio da noite, ambos vitais para a sobrevivência das espécies. E, no entanto, tão diferentes em sua natureza.

O quinto tapete, também bellissimo, chamou a atenção de Tommy. Era a profusão das espécies. Fibras verdes representavam os grandes répteis que já não andavam mais sobre a superfície de Petra. Fios de prata revestiam as escamas prateadas dos peixes. Linhas de ouro adornavam o pelo dos mamíferos numa profusão de cores e vida.

Ao lado de Tommy, Eloise observava o sexto desenho, maravilhada, como sempre ficava ao ler os Escritos Sagrados, com a grandeza da Criação. Lá estavam os filhos do Criador: homens e anões, diferentes no corpo físico, mas ligados por uma única e indissolúvel vertente de semelhança, a alma imaterial.

O sétimo e último quadro de tecido, o repouso do Altíssimo e a benção da vida, era inspirador. E todos pararam diante dele, que representava a certeza de que Deus vivia dentro de cada um por meio da fé.

*Será que o Criador se arrependeu de ter dado vida ao ser Humano?* Isabel fez a pergunta a si mesma. *Poderia um Pai deixar de amar seu filho? Um pai humano, sim. Mas um Pai que é a essência do amor, não. O Altíssimo não renega seus filhos, mas são seus próprios filhos quem O renegam.* Ela concluiu para si mesma.

Eloise, Pedro, Isabel e Tommy continuaram a seguir o guia dobrando à esquerda no corredor de tapeçarias.

— Esperem aqui — Samir parou em frente a uma porta. — Acomodem-se, por favor — o guia sugeriu, apontando para um divã que ficava ali perto. Em seguida, bateu de leve duas vezes na passagem de madeira.

Ouviu-se um “entre” vindo de dentro do cômodo. Samir girou cuidadosamente a maçaneta redonda e abriu uma das abas da porta. Antes que entrasse, no entanto, sons ásperos atravessaram a abertura. Uma sequência ríspida de frases pronunciadas no dialeto anão.

Então, a porta se fechou. Pedro, Eloise, Tommy e Isabel trocaram olhares confusos. E na falta de saber o que dizer, ficaram em silêncio. Minutos depois, a porta se abriu novamente trazendo uma surpresa inesperada.

— Vocês estão bem? — Arnon perguntou, como se a presença dele ali não fosse chocante.

Silêncio. Como responder à pergunta se eles ainda estavam atônitos? O cavaleiro tomou a falta de palavras como um sim.

— Podem entrar — ele disse. E desapareceu, seguindo adiante pelo corredor onde estavam.

Samir o seguiu depois de reforçar que os jovens estavam sendo aguardados. Era chegado o momento. Depois do desabamento, da iminência de morte, da separação do grupo, do sequestro, da violência... a verdade era só o que importava. Atravessaram o arco lobulado da porta branca. Os gêmeos na linha de frente. Os Fernandez logo atrás.

## Capítulo XXX

O escritório tinha proporções consideráveis, amplo e bem iluminado, possuía quatro janelas que traziam leveza ao ambiente sério. As aberturas pareciam miniaturas das portas e davam vista para um jardim de inverno no interior do palácio. Distribuídos pelo espaço generoso, havia cinco assentos idênticos ao do salão de entrada, forrados com estofado branco e ornados com almofadas num tom de azul brilhante. Um tapete amarelo com arabescos marrons cobria todo o piso e três grandes prateleiras de mogno ocupavam o espaço livre de duas paredes.

É claro que Pedro, Eloise, Tommy e Isabel não repararam os detalhes. Os jovens enxergaram somente os anões, os comandantes daquela terra.

Um estava sentado a uma mesa de madeira maciça, e o outro de pé ao lado do móvel. Ambos se assemelhavam na aparência física: cabelos pretos, pele num tom de marrom-claro, sobrancelha espessa, olhos grandes e marcantes. Porém, suas expressões eram distintas. Um parecia cordial. O outro enfurecido.

— Sentem-se. — O senhor que estava em pé apontou o sofá mais próximo. Era o simpático. — Acredito que não nos conheçam — ele continuou depois que os convidados tomaram seus lugares —, embora nós, eu e meu irmão, praticamente tenhamos vistos os quatro nascerem. Pedro, Isabel, Tomás e Eloise — o anão olhou para cada um enquanto dizia seus nomes —, Eu sou Rash e aquele é meu irmão, Onur. É um prazer recebê-los em nossa casa.

Uma saudação cordial e inesperada. Surpreendente também foi o arrastar grosseiro de cadeira que se seguiu à recepção educada. Onur se ergueu num ímpeto e, em menos de segundos, estava defronte aos jovens, espremidos em uma mesma poltrona.

— Acaso tentavam se matar?! — Ainda que o anão se movesse com rapidez, o som da sua voz irritada chegou antes dele. — O que passou pela cabeça de vocês? Fugir de casa! Atravessar as montanhas, as Ondas da Solidão...! — Onur era a expressão da fúria. — Sabem o que acontece com homens que invadem as nossas terras? São capturados e imediatamente entregues à polícia de Dravos. Têm noção do que tem acontecido com cidadãos mestiços de Gazara que viajam clandestinamente?

Não, é claro que Eloise, Pedro, Isabel e Tommy não tinham informações extraoficiais. E Onur obviamente sabia disso.

— Os clandestinos são os principais suspeitos dos assaltos, suponho que já devem ter lido sobre a pilhagem no Diário. Mesmo sem provas, gazares extremistas andam fazendo justiça por conta própria, espancando mestiços nos porões das prisões de Dravos. Poucos sobrevivem para

contar a história. — Onur tinha o tom de um gigante tomado pela cólera. — Compreendem o risco absurdo ao qual se expuseram?

Foi uma repreensão rígida, porém acertada. Onur tinha a razão ao seu lado. Uma série de perigos não havia sido considerada. Prova disso eram os ferimentos que eles ainda traziam no corpo.

— Onur, meu irmão — a voz de Rash soou pacificadora na sala que começava a ficar ocupada demais pela tensão —, olhe para eles. Acredito que os transtornos dessa viagem já lhes ensinaram uma lição suficientemente severa.

— Não, Rash. — Onur se virou para o irmão e continuou o discurso áspero. — Não me venha com essa condescendência excessiva. Esses irresponsáveis precisam entender a gravidade da situação aqui. Não se brinca com a vida — Onur voltou a encará-los de maneira severa —, nem se resolvem questões num rompante impulsivo e imaturo. Eu quero saber quem foi o idealizador dessa fuga irracional!

Eloise, Isabel e Tommy se sobressaltaram no sofá como se tivessem sido sacudidos por um súbito abalo sísmico.

— Onur — Rash interveio.

Mas era desnecessária a intervenção, Pedro não se esquivaria à responsabilidade.

— A ideia foi minha — ele respondeu com a firmeza que o bom caráter lhe reservava. E embora sentisse os efeitos emocionais da culpa pela expedição, Pedro se manteve inabalável.

— Eu deveria saber. — Onur estreitou os olhos num sinal de raiva. — Impulsivo e precipitado — acrescentou num tom sombrio. — *Igualzinho ao seu pai.*

De repente, o ar ficou pesado. As palavras saíram num tom agressivo, como se fossem uma ofensa. Um comentário que não condizia com a postura de um antigo Conselheiro Real.

E se os jovens, entrincheirados em um único divã, não estivessem perdidos o suficiente, teriam ficado naquele momento.

Rash olhou para o irmão e murmurou algumas palavras no dialeto daquele povo. Novamente os forasteiros ficaram sem entender, mas se tivessem compreendido saberiam que Rash dissera a Onur que o interrogatório havia ultrapassado a linha do bom-senso. E que talvez fosse melhor que ele, Rash, ficasse sozinho com os visitantes.

Onur rosou qualquer coisa irrelevante em resposta, fuzilou os quatro com olhos de fera e saiu em seguida.

— Desculpem os modos do meu irmão. — Rash justificou num tom calmo, sem se abalar. — Vocês foram imprudentes, ele tem razão, mas não há razões para culpá-los por estarem aqui — afirmou categórico. — Não há culpados. E se — a condicional foi enfatizada — fosse realmente necessário apontar um responsável, eu diria que a hesitação foi a grande causadora dessa

desordem. — Ele fez uma pausa curta antes de continuar a falar. — Existe um momento ideal para tudo acontecer. Quando perdemos esse momento, as consequências podem ser catastróficas.

Pedro, Eloise, Isabel e Tommy, silenciados pelo temor de estarem em uma terra estrangeira, não sabiam como agir diante de um representante da realeza da raça dos anões, que se desculpava pela maneira grosseira com que o irmão dele os recebera.

— O tempo de lhes contar o que vieram saber foi há semanas. — Rash disse isso enquanto caminhava até uma pequena mesa redonda que ficava entre duas janelas daquela sala. Sobre o móvel, havia um bule de prata e cinco xícaras pequenas. Ele se serviu de algo que cheirava a hortelã. Sorveu um gole e, em silêncio, contornou as poltronas para se sentar de frente aos jovens.

— O que me intriga é por que vieram até aqui. Certamente, não foi para me perguntar se eram filhos de Pietro Belmonte...

*Ele sabe que nós sabemos. Como isso é possível?* Pedro e Eloise se perguntaram, em pensamentos simultâneos.

— Eu sou alguém bem informado — Rash acrescentou para completar o espanto de seus ouvintes.

— Na verdade — Pedro hesitou —, gostaríamos de ter certeza.

— Mas apenas isso não os traria aqui... — Rash insistiu.

— Eu ouvi uma discussão em casa entre Diogo, dona Beatriz, o cavaleiro Eduardo Colli e minha mãe. Eles falaram sobre uma guerra iminente, sobre um perigo que nos ronda e o cavaleiro disse que, se fosse preciso, ele mesmo nos traria até aqui.

— Ah, sim... Agora começo a compreender... — Rash tinha uma maneira equilibrada de falar. Praticamente não alterava o tom de voz e fazia as palavras saírem de forma paciente.

— Nós também achamos um diário onde minha mãe dizia que havia se casado com o príncipe e tudo mais... — Eloise emendou.

Rash tomou mais um longo gole de chá, mirou o vazio e, enfim, falou.

— Seus pais se conheceram na Academia. Laura era, e ainda é — o anão reforçou —, uma mulher linda. Pietro se apaixonou por ela no momento em que Eduardo os apresentou. Os dois namoraram em segredo. Ele era o príncipe herdeiro, todos os olhares alcoviteiros e maliciosos andavam sobre ele. Os fofoqueiros de plantão chegavam a segui-lo para publicar qualquer deslize de Pietro. Estávamos em uma época delicada da política...

“A Câmara Interestadual estava dividida. Primeiros-ministros adeptos de uma política extremista defendiam a continuidade de Ramiro Belmonte no trono, enquanto outros queriam que Pietro assumisse e retomasse a política de seu pai, o falecido rei Afonso.”

“Um relacionamento com uma mulher anônima, que passara metade de sua vida até então

em um orfanato, àquela altura dos acontecimentos seria embaraçoso. Os jornais invadiriam a vida de Laura, os nobres condenariam o namoro com uma plebeia. Eles não teriam paz. Esse foi um dos motivos do casamento em segredo. Uma cerimônia pública seria um escândalo, ainda mais tão perto da transição do governo. Além disso, os preparativos para um casamento real levam meses e Pietro não desejava adiar a transferência da coroa.”

“O principal motivo, no entanto, era que sabíamos que o príncipe estava em perigo. Contudo, ainda não tínhamos certeza de quem representava a ameaça. Sabíamos apenas que havia um plano para matá-lo e que o arranjo viria de dentro do palácio.”

“Quando Ramiro sinalizou que não entregaria o trono, nossa preocupação aumentou. Ele tinha o apoio da maioria dos nobres do Conselho Monárquico. E se realmente não concordasse em sair, Pietro apelaria ao Conselho Interestadual exigindo seus direitos sucessórios. Ainda assim Ramiro poderia resistir e isso talvez acabasse se tornando um conflito armado. Pietro não queria uma disputa nesse sentido. Dividir o reino, causar mortes de pessoas inocentes. Ele acreditava que o tio estava apenas deslumbrado com o poder. Ramiro nunca fora um homem ambicioso, nem sequer desejou fazer parte do governo do rei Afonso. Por isso, Pietro acreditava que era possível se fazer um acordo diplomático com ele. E realmente seria, se fosse mesmo Ramiro quem estivesse arquitetando sua política. Infelizmente, descobrimos tarde demais que o rei interino era apenas um fantoche. Só um objeto manipulado por mãos habilidosas e cruéis.”

“Pietro estava aqui no Gândara, sob a proteção de Aquiles e Eduardo, quando conseguimos descobrir todos os detalhes do plano sórdido que levou Ramiro ao trono. Esperávamos encontrá-lo para, juntos, pensarmos na melhor forma de agir.”

“Mas, quando voltamos Pietro já havia partido. E estava indo direto para uma armadilha mortal, juntamente com Aquiles, que cumpria seu dever de protegê-lo. Foi então que aconteceu a tragédia.”

Rash parou de falar por alguns minutos para tomar o que restara do seu chá de hortelã.

— O que eu vou contar agora não está em nenhum registro histórico de Petra. Os fatos foram manipulados. E, ao contrário do que todos pensam, Aquiles não é o assassino de Pietro. Elba Belmonte é a verdadeira criminosa. A mandante. Embora a flecha disparada à queima-roupa fosse do seu guardião, não foi Aquiles quem puxou a corda do arco. Foi o próprio Edgar Belmonte quem fez isso. E ainda que Aquiles tenha confessado o crime, todo o julgamento foi uma grande farsa. E se Elba desconfiasse que Pietro deixara herdeiros, ela os caçaria feito ratos. Não se enganem, vocês só sobreviveram porque ficaram escondidos.

Rash fez uma pausa no discurso e Pedro aproveitou a chance para esclarecer uma das questões que lhe atormentava a cabeça.

— Por que nos contar isso somente agora? Quero dizer, por que não há dois anos? Ou quando nos tornássemos cavaleiros?

— Porque, agora, Pedro, é o momento certo de saberem tudo.

— Bom... então... já que sabemos *tudo* — Pedro repetiu a palavra utilizada por Rash com ênfase —, o que faremos? Vamos reclamar o trono?

Rash esticou os lábios em um sorriso sem humor.

— Vocês ainda não sabem tudo. O que lhes contei é apenas o começo.

## Capítulo XXXI

Rash recusou-se a continuar a conversa antes que seus convidados fossem comodamente instalados em sua casa. Um belo banquete já estava sendo preparado para recebê-los com a devida hospitalidade de bons anfitriões. Eloise, Pedro, Tommy e Isabel não contestaram. A verdade era que não tinham força física ou mental para qualquer debate naquele momento. Simplesmente acatarem a decisão do anão que os recebera com tanta gentileza.

Rash deixou o escritório com seus hóspedes, seguindo a mesma direção que Arnon havia tomado anteriormente. O caminho era um corredor flanqueado, em apenas um lado, por vários arcos que imitavam as janelas da sala de onde saíram. As aberturas amplas davam visão para um pátio interno, onde inúmeros vasos de cerâmica abrigavam diferentes espécies de plantas, como em um jardim de inverno, porém maior. Espalhados pela área, mais divãs decorados de almofadas coloridas.

— Lá estão os guias de vocês — Rash anunciou quando já haviam alcançado um novo e amplo cômodo.

Ao pé de duas escadarias de mármore branco estavam o já conhecido Samir e uma anã de pernas curtas, cintura farta e bochechas rosadas.

— Gertrudes, esses são Pedro e Eloise, filhos de Laura e Pietro. E Tomás e Isabel, filhos de Beatriz e Diogo.

— Oh! — ela reprimiu um som de surpresa. Uma das mãos, instintivamente fechou sua própria boca. — Achei que nunca fosse rever esses garotos. Ah, minha querida — enquanto falava, a anã subiu dois degraus da escada para ficar da altura de Eloise —, da última vez que a vi você era apenas um pedacinho de gente. E agora, olhe para isso! — Gertrudes tirou o cabelo do rosto de Eloise para observá-la melhor. — Como você cresceu. Está linda... E se parece tanto com Laura... Mas o cabelo, ah, o cabelo é do pai. — E sem conseguir se conter ela a abraçou.

Eloise foi incapaz de esboçar uma reação que retribuísse o afeto. Ficou paralisada, praticamente chocada com o encontro inusitado. Pedro, Tommy e Isabel acompanharam a cena, igualmente surpresos.

— Gertrudes passou um tempo com Laura depois que nasceram — Rash esclareceu.

E a leveza e a informalidade do seu tom de voz soaram por demais incompatíveis com as implicações das palavras. Pedro quis pedir mais explicações, mas tão logo Gertrudes soltou Eloise, já estava ao lado dele. A anã lhe puxou o braço obrigando-o a se curvar até a altura dela.

— Esse aqui, ah, você era um chorão, sabia? Só dormia no colo... E mamava rigorosamente

de três em três horas. Se eu atrasasse um único minuto, ah, você abria a boca. Como eu gostava de cuidar de vocês dois... Tão pequeninos... Ah, sabe do que vocês gostavam? — Ela ainda segurava Pedro e olhou de relance para Eloise quando fez a pergunta que, é claro, foi retórica. — Gostavam de canções de ninar. Eu costumava cantar para vocês todas as noites. — Ela suspirou pensativa e Pedro aproveitou a distração para se soltar. — Fiz isso por três anos...

— Bem, Gertrudes — Rash interveio nesse momento, dando a impressão de querer impedir a continuação do arroubo saudosista. — Eles precisam subir, *agora*.

— Ah, sim, desculpe senhor Rash.

— Samir, os quartos estão prontos?

— Estão, sim senhor.

— Então, acompanhe os rapazes. — Rash indicou a escada à esquerda.

Pedro e Tommy seguiram o criado. Rash os acompanhou com o olhar e quando desapareceram de vista, continuou a falar.

— Gertrudes vai acompanhá-las. Tudo o que precisarem peçam a ela. Não façam cerimônia. Ela é muito prestativa. Ah — ele acrescentou num volume muito baixo quando a anã estava na metade dos degraus —, sugiro não contrariá-la. É inútil. Gertrudes sabe ser bem persistente quando quer. — Ele sorriu de lado.

— Era para entender alguma coisa...? — Eloise comentou depois que Rash saiu.

— Acho que não...

— Quer dizer, aquela anã foi minha babá?!

As duas seguiram Gertrudes, que já estava no topo da escada. O caminho que tomaram levava à ala sul do palácio. Pedro e Tommy haviam ido para o lado norte.

— Ah, estou tão feliz em ter vocês duas aqui — a anã começou a falar enquanto seguiam por mais um corredor. — A torre é um dos lugares mais bonitos daqui. E a vista, ah, a vista é maravilhosa. À noite dá para ver toda a cidade iluminada. Por aqui. — A criada dobrou à direita. Havia uma porta a uns cinquenta passos à frente. — Isso sem mencionar os quartos, é claro — ela continuou o falatório. — São os melhores. Se eu dormisse em uma cama daquela, acho que só acordaria lá pelas dez. O que é totalmente inapropriado. Eu preparo o café da manhã do senhor Onur todos os dias. Sou a única pessoa que faz o leite com canela do jeito que ele gosta de tomar. Chegamos.

A criada abriu as duas abas de uma porta branca e elas entraram num lugar que dava vista para o pátio de entrada do palácio.

As paredes oeste e sul eram abertas em arcos enormes, recobertos por cortinas verde-esmeralda, semelhantes às primeiras que haviam visto ornando os mirantes do jardim. Bem no meio do espaço havia uma mesa retangular e baixa circundada de almofadas amarelas bem

grandes. Ainda distribuídos em torno do amplo espaço, havia três sofás e duas espreguiçadeiras.

— Venham aqui, meninas. A cidade inteira está diante de vocês.

Eloise e Isabel se aproximaram do beiral em arco, onde Gertrudes estava recostada. Impressionante. A cidade parecia desenhada à mão, tamanha era a perfeição e a harmonia de suas formas.

Isabel e Eloise observaram a avenida por onde as carruagens passaram e também todas as ruas que se encontravam com ela. Ficaram admiradas com o movimento intenso e constante. A frota dos carros era maior do que poderiam imaginar.

— Agora venham ver esse isso aqui. — Gertrudes chamou-as com um sorriso de orgulho no rosto.

Elas foram para ao segundo ambiente daquela torre fantástica. O lado norte. E se já estavam maravilhadas com a visão da cidade, ficaram ainda mais quando viram o mar.

Um imenso corte longitudinal na montanha desértica deixava que as águas do oceano fossem observadas ao longe. Tal qual a uma pintura, o golfo observado à distância era sereno. Quase pacato.

Contudo, a tranquilidade aparente escondia armadilhas subaquáticas mortais. Uma imensa barreira de corais se formava ao longo da região costeira da península. Muitos marinheiros jaziam no fundo daquele golfo. Ninguém sobrevivia aos naufrágios. Os que não morriam afogados eram friamente devorados por centenas de tubarões.

Mas Eloise e Isabel não sabiam disso, por isso acharam aquelas águas lindas. Nem mesmo em Gazara o mar era tão bonito e atraente como ali.

— Vamos. Queremos ser pontuais, certo? — Gertrudes apressou-as seguindo para outra escada, que ficava no primeiro ambiente da torre. — Bom, esta é a última — ela se referiu à subida. — Os quartos ficam aqui — disse a criada quando alcançaram o andar superior. — Guida está esperando por você, minha querida — acrescentou em seguida para Isabel.

Uma anã com largas mechas brancas sobressaindo no cabelo preso em coque estava a postos em uma das duas únicas portas que havia naquele pavimento. A senhora sorriu e o contorno dos olhos se acentuou, marcado pelo do tempo.

— Vá, menina. Do jeito que estão, vamos demorar pelo menos uma hora para limpá-las e mais outra para deixá-las apresentáveis. — A voz de Gertrudes saiu agitada.

Gertrudes, então, arrastou Eloise para a porta vizinha àquela por onde Isabel acabara de entrar. E mais uma vez a jovem, desacostumada com o luxo, estava boquiaberta. O cômodo superava em muito a noção do que ela conhecia sobre um quarto. Ela imaginou encontrar um lugar excepcionalmente bonito e inúmeras vezes melhor do que os quartos que ela conhecia, mas o que estava diante dela realmente era incrível. Parecia saído de uma das páginas de um romance de fantasia.

O lugar era imenso, maior do que a soma de todos os quartos de sua casa. As paredes tinham um tom de lilás-acinzentado, que provocava um efeito calmante. Duas janelas grandes no lado oeste davam vista para o pátio de entrada e para a cidade. E outras duas, que mostravam o Golfo de Gad, permitiam que a luz entrasse por elas e invadisse o cômodo, acentuando o brilho das cores que decoravam o ambiente.

Cortinas brancas com bordas marcadas em ocre dourado pendiam do teto, que, presas em laçadas bem feitas, permitiam que a vista das janelas fosse inteiramente apreciada. Quatro travesseiros e um leito acolchoado estavam sobre a cama, que além de imensa, certamente era confortável. A um lado da cama, um móvel hexagonal decorado com um objeto de vidro cheio de flores secas e aromáticas. Do outro lado, uma mesa redonda com uma jarra com água e cálices. Havia ainda um armário de duas portas, um tapete cobrindo um terço do chão e alguns objetos complementando a decoração. A um canto, uma espreguiçadeira forrada com tecido aveludado pareceu atrair Eloise, que caminhou em direção a ela.

— Nem pensar em sentar. — Gertrudes soltou um gritinho estridente assim que percebeu a intenção da moça. — Vamos direto para o banho — disse e abriu a porta que dava acesso ao banheiro.

Eloise a acompanhou. Não havia dito uma palavra ainda.

A área de banho não deixava a desejar ao quarto. O primeiro ambiente era destinado apenas às roupas. Pendurados e separados por cores, havia diversos vestidos, desde os mais simples aos mais luxuosos. Em outra divisão, calças de montaria e botas. Em uma terceira repartição, conjuntos de calças e túnicas. Ainda eram visíveis blusas, casacos e, em uma prateleira especial, uma infinidade de joias: tiaras, colares, braceletes, anéis, pulseiras... Um guarda-roupa mais que completo. Eloise imaginou que levaria um ano inteiro para usar todas as peças que estavam ali. Sem repetir nenhuma!

Foi quando ela percebeu uma peculiaridade. Por que tantas peças no tamanho exato de uma mulher? Embora a diferença de altura entre homens e anões adultos não fosse tão grande, uns trinta centímetros na média, os itens não caberiam na mais alta das anãs.

— Dona Gertrudes, de quem são essas roupas? — Eloise resolveu perguntar.

— Pode me chamar de dona Gê. E tudo isso é da sua mãe, é claro! — ela respondeu como se fosse a coisa mais óbvia a se pensar.

— Minha mãe!

— Você não sabia? — Eloise não conseguiu emitir som. Apenas acenou negativamente com a cabeça.

— Esse quarto também era dela. Laura e o príncipe praticamente viviam aqui. Os senhores gostavam muito deles. — A expressão de Gertrudes, de repente, ficou melancólica. Ela se sentou

em um enorme pufe, que ficava em frente às roupas, como se fosse contar uma história. Eloise a acompanhou. — O casamento deles foi lindo... Estávamos todos tão felizes, principalmente o senhor Onur. Acho que ele nunca superou a morte do seu pai, sabe? — A anã pegou a mão de Eloise e deu duas batidinhas de leve no dorso, como se a estivesse consolando. — Sei que deve ser difícil para você ouvir essas histórias...

— Por favor, continue... eu quero saber — Eloise a incentivou. — Até agora eu só conheci a parte triste de tudo isso. Acho que me faria bem conhecer a parte feliz.

— Tem razão... — Gertrudes sorriu. — Tem toda razão. — Em seguida se levantou, foi até uma das araras de roupa e retirou um vestido. Um longo branco e rendado. — Esse foi o vestido que ela usou.

Eloise demorou alguns segundos para perceber que dona Gê estava mostrando a roupa de casamento de sua mãe. Ela sentiu um nó momentâneo na garganta, mas se conteve. O pesar talvez inibisse a narradora.

— Beatriz também estava muito elegante. A cerimônia foi pequena, mas os senhores fizeram uma festa linda. Os músicos ficaram na sacada aqui embaixo, na torre. E seu pai era um dançarino perfeito. Eu me lembro da desenvoltura dos noivos. Ele e Laura eram encantadores. Sua mãe estava muito feliz, sabe? As lembranças mais fortes que tenho daquela noite são dela e de Pietro sorrindo e irradiando felicidade pelo salão. Essa foi a última festa aqui no palácio. Sabe o que eu acho? — A pergunta foi retórica. — Que o senhor Onur nunca superou a morte do príncipe.

— Eles eram tão ligados assim? — Eloise estranhou, embora já acreditasse que nada mais poderia ser considerado estranho naquele enredo.

— Ah, sim. Muito. O senhor Onur era quase um pai para o falecido príncipe. Foi ele quem o treinou.

— Treinou? Como assim? — Eloise perguntou ao se lembrar da palavra que estava escrita no diário de sua mãe.

— Minha nossa, como eu me distraí. Estamos aqui conversando e você ainda nem tomou banho.

Eloise não soube dizer se Gertrudes havia fugido do assunto ou se estava realmente preocupada com a hora, mas a seguiu de qualquer forma para o ambiente de banho. Havia uma banheira retangular de bordas arredondadas com água até a borda, esperando por ela.

— Sente-se aqui — a anã indicou um banco quadrado nas proximidades da pia. Ela mesma tirou as botas de Eloise. Depois entregou a ela um roupão felpudo branco. — Vou colocar sais calmantes e pétalas aromáticas na água.

Eloise tirou a roupa suja e malcheirosa e, em seguida, vestiu a peça branca.

— Onde posso colocá-las, dona Gê? — a jovem perguntou mostrando o traje que estava

segurando.

— Deixe-as nos chão mesmo. Não vai precisar mais desses trapinhos.

Eloise fez o que a anã mandou, achando que a criada havia sido grosseira nas palavras. Foi só então que reparou como suas roupas estavam surradas e gastas, destoando drasticamente do guarda-roupa que acabara de ver.

— Venha, a temperatura está perfeita — Gertrudes disse enquanto descrevia pequenos círculos com uma das mãos na água.

A moça deslumbrada mergulhou um pé. Depois o outro. Uma sensação calmante foi penetrando em sua pele ao passo que imergia. O roupão deslizou suavemente pela borda da banheira branca. Eloise fechou os olhos automaticamente. E afundou no silêncio reconfortante da água. A criada deixou a sala de banho, recomendando qualquer coisa que Eloise não conseguiu prestar atenção.

Então, naquele momento, a jovem percebeu a extensão real do seu cansaço. O corpo relaxado, sem adrenalina, cedia espaço para o esgotamento muscular. E mental. Ainda que quisesse desesperadamente tentar estabelecer algum sentido para todas as informações que tinham recebido, seu esforço seria inútil. Mal conseguia articular a história do casamento que ouvira havia poucos minutos. Um torpor insistente teimava em bloquear qualquer tipo de raciocínio. Corpo e mente reclamavam juntos por um descanso.

Por fim, desistiu de tentar pensar. Entregou-se àquele momento de letargia. A água suave a envolveu como um cobertor macio. E a banheira lhe pareceu um colchão de espuma.

— Você ainda não começou a se esfregar?

Fim do sossego. Gertrudes estava de volta depois de vinte resumidos minutos, mais empolgada do que nunca.

— Tome. — Ela entregou a Eloise um copo com um líquido transparente, que parecia água, mas cheirava a qualquer coisa estragada.

— Que é isso?! — ela perguntou com uma careta de repulsa.

— É o que vai curar seus ferimentos. Seu irmão e seus amigos também vão tomar. Não faça essa carinha. Beba de uma só vez.

O sabor era tão ruim quanto o cheiro, mas Eloise não se arrependeu de tomar a medicação, que era ainda mais eficiente do que a fantástica flor de tísica.

— Passe esta primeiro. — Gertrudes entregou à jovem uma bucha, que acabara de uma retirar de uma prateleira na cabeceira da banheira. Estava empastada com um creme branco. — É para esfoliar a pele e tirar a oleosidade: creme de aveia e mel. Faça movimentos circulares. Assim. — Ela fez a demonstração no braço da moça, que jamais havia pensado existirem regras para esfregar o próprio corpo. — Ponha uma perna aqui. — Gertrudes havia colocado um apoio

dentro da banheira, de modo que o pé de Eloise ficasse acima do nível da água. — Isso está horrível, hein? — Ela olhou com uma expressão de reprovação para as unhas e cutículas da garota.

Eloise, que até aquele minuto se considerava uma pessoa “limpinha”, começou a duvidar da eficácia de seus hábitos higiênicos. Em casa, utilizava unicamente sabão e bucha. Nada mais. Era a primeira vez que via tantos apetrechos para um simples banho.

— Vou precisar de algo mais forte aqui.

— Talvez algumas sementes, um pouco de óleo vegetal, mel, cristais de açúcar... — A criada acrescentava e misturava os ingredientes em uma vasilha pequena de cerâmica à medida que falava. — Perfeito!

Eloise não pôde negar que a massagem que recebera nos pés fora de longe uma das melhores coisas que havia experimentado. Mas aguentar o falatório de dona Gê era um *exercício forçado de paciência*.

— Não... está errado. Não faça isso com seu cabelo. Deixe-me pentear... — Eloise estava sentada em frente a uma penteadeira que ficava na câmara das roupas. Era assim que Gertrudes havia definido o lugar.

— Mas...

— Sei o que estou fazendo. — A anã foi taxativa.

Gertrudes cuidou do cabelo da jovem com extremo cuidado. Suas mãos eram leves e não provocavam solavancos na cabeça ao deslizar a escova. Ao final, quando as mechas negras estavam macias, ela as secou com uma pequena toalha, fazendo movimentos de cima para baixo era como se massageasse os fios.

Depois que o cabelo estava enxuto, a anã abriu uma gaveta na penteadeira.

— Escolha uma — ela disse a Eloise.

Dentro do compartimento havia pelo menos uns trinta acessórios: tiaras, presilhas, pregadeiras e grampos dos mais variados modelos, cores e tamanhos.

— Eu gosto dessa. — Gertrudes pegou uma tiara dupla, sofisticada demais para o gosto de Eloise.

— Talvez alguma coisa mais discreta, dona Gê.

— Discreto... Deixe-me ver. — As mãos dela corriam de um lado a outro pairando em cima dos enfeites. — Humm... Acho que vai gostar disso. — Ela fechou aquela gaveta e abriu a que ficava embaixo. — É perfeito! — não quis saber a opinião de Eloise e retirou quatro tiras de couro. Dois fios pretos e dois num tom de prata. — Tente ficar imóvel agora. — Gertrudes partiu o cabelo de Eloise ao meio, separou duas mechas na porção da frente da cabeça. Cada uma delas foi entrelaçada a dois fios, um de cada cor. Finalizou o penteado unindo as pontas atrás da

cabeça. — O que achou? Ficou, ótimo, não? — Não era de fato uma pergunta. A anã já estava indo para o outro canto do cômodo. — Bom, agora vamos para o vestido. — O entusiasmo saltava das palavras.

— Dona Gê, eu... — Eloise começou a ficar assustada com a agitação da criada.

— Não se acanhe, menina. Você precisa aprender a vestir roupinhas melhores.

— É que... — Eloise pareceu hesitante.

— Diga... O que acha deste? Muito verde... E esse? Flores demais... Talvez.. Este é meu favorito. — Eloise começou a perceber que “favorito” para a mulher era sinônimo de luxuoso e extravagante. — Muito brilho para o dia. Então, quem sabe este aqui? — Ela tirou da arara um vestido num tom de lilás.

— Não tem alças!

— Eu sei. É um modelo moderno.

— Dona Gê, a questão é a seguinte: não uso um vestido desde que tinha oito anos! —

A afirmativa provocou um gritinho de espanto na interlocutora.

— Oh, pobre menina! O que costuma vestir afinal de contas?

— Calças, saias...

— Só isso?!

— Bem, o uniforme da escola...

— Uniformes não contam... Se nunca usou um vestido, tenho um bem apropriado aqui. — Ela correu as peças uma a uma até encontrar o que procurava. Eloise encolheu os ombros e esperou. Se pudesse, sairia correndo naquele minuto, mas tinha a certeza de que Dona Gê a arrastaria de volta. E, por mais que argumentasse, Eloise sabia que a anã venceria a questão.

— Aqui está.

O vestido era menos assustador do que Eloise supunha. O modelo, num tom de rosa-claro, se mostrava bem discreto.

— É bonito.

— Espere para se ver dentro dele.

Notável como Gertrudes tratava Eloise como se ainda fosse a babá dela.

Mais de uma hora depois de ter chegado à torre, Eloise estava finalmente pronta. O vestido liso e discreto fora sobreposto por uma túnica no mesmo tom róseo, mas de tecido transparente. A cintura, marcada por um cinto largo com bordados geométricos, destacava a feminilidade do modelo. Os pés ganharam sapatilhas baixas forradas com cetim rosa.

— Está perfeito! — a anã comemorou saltitante. — Vamos.

Gertrudes e Eloise desceram as escadas e estavam novamente na varanda da torre.

— Oi. — Isabel estava recostada no parapeito que dava visão para o pátio principal do palácio.

— Fiquem aqui. Vou avisar que já estão prontas. — dona Gê anunciou e moveu suas penas roliças em direção à saída.

— Você também não escapou — Isabel falou com a amiga assim que ficaram sozinhas.

— Escapou de quê?

— Do vestido. — Isabel usava um modelo azul-claro.

— Ah, não. — Eloise se acomodou em uma espreguiçadeira.

Isabel a acompanhou. Elas sentiram as almofadas macias massageando seus músculos, ainda cansados e doloridos.

— Arnon está mentindo para nós, Isabel — Eloise falou de repente.

— Foi realmente estranho encontrá-lo aqui quando chegamos...

— Ele sabe... Ele sempre soube... Desde o começo.

— Ele sabe o quê? — Isabel ergueu o corpo recém-acomodado para encarar a amiga.

— Ele sabe quem nós somos, Bel. — Era ele no beco aquele dia... — Eloise também sentou para conseguir se explicar com mais clareza.

— Sério?! Tem certeza?

— Ele confessou.

— Como assim confessou? Quando?

— Eu o pressionei naquela noite depois que ele resgatou você e o Pedro.

— Por que não me disse nada antes?

— Não deu tempo... Mas o que importa é que ele estava no beco. Estava nas montanhas... Estava *aqui*... Mais que isso, ele avisou que estávamos chegando!

— Seu raciocínio faz sentido — Isabel concordou.

— Arnon é muito mais do que um cavaleiro que me salvou duas vezes por acaso. — Eloise estava com sinais de irritação na voz. Isabel notou.

— Elô, e se ele for mesmo mais do que um simples cavaleiro? — Isabel repetiu as palavras da amiga dando uma entonação cômica às palavras. — Isso muda alguma coisa?

— Muda. Muda tudo — Eloise disse se empertigando na poltrona. — Olha, uma coisa é ele omitir fatos sobre a vida dele. Outra situação bem diferente é esconder informações sobre nós.

— Você está exagerando, para mim o Arnon tem um excelente caráter.

— Por que faz tanta questão de defender um estranho, Bel? Você o conheceu há menos de vinte e quatro horas.

— Sim e tive uma excelente impressão dele — Isabel afirmou com plena convicção.

— Que seja, mas a questão é: quem é o Arnon de verdade?

— Agora eu posso responder a sua pergunta. — Uma voz conhecida e grave soou na porta de entrada da torre. Eloise e Isabel se sobressaltaram e se viraram na direção do som, apesar de já

saberem de quem se tratava.

Arnon estava recostado no batente da porta. A cabeça pendia para o lado como a de alguém que se acomodara ali tempo suficiente para ouvir as últimas frases.

— Está nos espionando? — A recepção de Eloise foi grosseira.

— Ah, humm, oi Arnon. — Isabel ficou sem graça. Olhou para Eloise com o olhar de quem pergunta: *“O que deu em você?”*

— Olá Isabel. Você está muito bonita — disse ele, como sempre, gentil.

— Obrigada — ela respondeu, ainda mais desconcertada.

— Então, Arnon... estou esperando uma resposta — Eloise continuou. Estava de pé e o encarava sem delicadeza.

— Eu acho melhor esperar você lá embaixo, Elô — disse Isabel, que saiu antes que Eloise a envolvesse em qualquer discussão com Arnon. Ela conhecia a amiga o suficiente para saber que estava zangada.

— Não quer sentar? — Arnon propôs, educado. Eloise estava de braços cruzados com uma expressão semelhante à de uma criança de oito anos. — As pessoas dialogam melhor quando acomodadas. — A voz dele era tranquila e segura.

— Estou bem assim.

— Bom... — Arnon respirou profundamente e começou, sem rodeios ou subterfúgios. — Eu sempre soube que você e seu irmão eram filhos de Laura e de Pietro Belmonte. Antes mesmo de vocês descobrirem, eu já sabia.

— Poderia ter me contado a verdade. Aquele dia no beco... — As palavras saíram em tom acusatório.

— Não. Não poderia.

— Por quê? Ah, já sei. Você não tinha permissão. — A voz de Eloise estava impregnada de sarcasmo. — Se tivesse falado, teria evitado muitos problemas. Não precisávamos ter fugido.

— Laura deveria ter contado a verdade a vocês.

— Não ouse culpar minha mãe pelo o que nos aconteceu

— Você também. Não venha me culpar pela escolha infantil que fizeram ao fugir de casa.

— Infantil! — A palavra saiu num grito.

— Sim. Só podem ser infantis quatro pessoas que pensam que vão atravessar a Montanha Branca sem nunca terem pisado na neve. E, por favor, vocês não leem jornal? Desconhecem os assaltos, os sequestros naquela região! O risco a que se expuseram foi extremo. Então, Eloise, por favor, não transferira para mim as consequências de uma atitude imatura. — Arnon não chegava a estar irritado. Era contido demais para isso. Mas a voz dele estava pesada. E as palavras não eram de quem gostaria de poupar a interlocutora. — Pensa o quê? — ele continuou. — Que foi

fácil localizar vocês dentro daquela montanha? Passei a noite no meio da nevasca torcendo para que não tivessem congelado, rogando ao Criador para que a montanha não tivesse esmagado vocês.

— Ah, sim... senhor Arnon, desculpe ter sido um fardo. — A voz dela ficou trêmula de repente. Tudo o que ele estava dizendo fazia um sentido brutal. Ele estava certo quanto à fuga. Ela sabia disso, só não queria admitir.

— Olha — ele passou o indicador acima da sobrancelha num gesto preocupado —, vocês não são um fardo, mas não entende que suas vidas são preciosas demais para serem testadas dessa forma?

Eloise não respondeu.

— Eu só vim até aqui para explicar alguns fatos, que agora eu tenho *permissão* para dizer — Arnon foi enfático. — Há mais ou menos um ano Rash me designou uma missão: eu deveria proteger os filhos de Pietro Belmonte. Como faço parte da Força de Elite da Academia, não foi difícil eu me transferir para Gazara. Eduardo forjou uma missão e como nossa unidade só se reporta a ele, ninguém desconfiou do meu disfarce. Durante os últimos dez meses eu segui você e Pedro em Tamísia. E reportei a Rash tudo o que fizeram nesse período.

— Minha mãe sabia disso?

— Não.

— Por quê? Por que agiram pelas costas dela?

— Isso não é verdade. Vocês realmente precisavam ser protegidos.

— Se ninguém sabe quem somos... Que perigo havia?

— Rash conversará com vocês mais tarde e, finalmente, entenderá tudo.

*De novo o enigmático “tudo”.*

— Por que não me conta, agora? Está aqui para esclarecer os fatos. Ou não?!

— Estou aqui para explicar as minhas ações.

Eloise bufou e balançou os ombros em sinal de descrédito.

— No dia em que vocês fugiram, eu estava a serviço da Academia acompanhando a diretora Ayla Benson. Por isso, não pude impedir a fuga. Quando voltei a Gazara, encontrei isso. — Arnon tirou do bolso uma folha, desdobrou-a e entregou a Eloise. Era o bilhete que ela havia deixado em casa para sua mãe.

— E como soube que iríamos pela montanha?

— Porque vocês sabiam que seriam barrados na fronteira, e o único caminho que não ofereceria vigilância eram as montanhas. A confirmação veio com Petroski.

— Você quer dizer o *seu* Amadeu Petroski? — Uma expressão de incredulidade e espanto se desenhou no rosto de Eloise. — Até ele sabe quem somos?

— Não. — Arnon foi taxativo na resposta. — Eu apenas passei no Petrolina para confirmar minha desconfiança. Quatro cavalos desaparecidos me deram uma boa certeza. E o restante da história você já conhece.

— Por que você sumiu do acampamento? — Eloise perguntou, com a voz mais calma.

— Eu precisava chegar aqui antes de vocês. A Guarda dos Anões é bastante rigorosa. Se eu não os tivesse autorizado a recebê-los, teriam sido presos. Nunca conseguiriam falar com Rash ou Onur. As coisas não funcionam dessa maneira por aqui. Homens e anões vivem um período conturbado, você sabe. A ordem que os vigilantes recebem é para que não deixem nenhum desconhecido se aproximar a menos de quinhentos metros dos portões.

— Por que o irmão de Rash ficou tão exaltado com a nossa presença?

— Não é a presença de vocês que o deixou transtornado, mas o modo como chegaram até aqui.

— Dona Gertrudes disse que ele gostava muito do príncipe.

— É verdade. Pelo que sei, ele o tinha como um filho. Na verdade, no fundo, ele se culpa pela morte do seu pai. O que foi? — Arnon perguntou, confuso, diante da súbita mudança no semblante dela.

— Nunca achei estranho ouvir essa palavra, mas agora...

— Qual palavra?

— Pai — Eloise respondeu e com o olhar perdido recostou-se ao parapeito da varanda.

Arnon caminhou até o encosto e apoiou os braços a exemplo de Eloise.

— Quando eu li o diário da minha mãe — Eloise falou com ares de desabafo —, a primeira reação que tive foi de choque. De repente, tudo o que eu sabia sobre a minha família e sobre mim mesma era uma mentira. Foi como se minha identidade tivesse sido roubada. Nada do que eu pensava ser era real. Eu não conseguia me sentir eu mesma, sabe? — Ela fez uma pausa e respirou fundo para desfazer o nó que estava em sua garganta. — Então, decidimos vir para a Terra dos Anões. Que estupidez...! — criticou a si mesma num tom ácido. — Eu pensei que a angústia instalada aqui dentro — Eloise forçou o punho fechado sobre o peito — sumiria. Mas não. Estou mais perdida do que quando cheguei.

— Imagino que sim, mas logo as dúvidas acabarão — Arnon disse num tom solidário.

— Você sabe o que Rash vai nos dizer.

Embora a frase não fosse uma pergunta, Arnon se achou na obrigação de confirmar.

— Sim, eu sei.

Eloise ficou em silêncio, contemplando o movimento das cortinas verde-esmeralda. Uma brisa morna soprava através dos magníficos dutos de ventilação que cortavam a montanha. Seguida ao breve silêncio, entretanto, veio uma reação inesperada: Eloise explodiu em lágrimas.

Arnon a abraçou, solidário. Ela se aninhou nos braços do cavaleiro em uma atitude paradoxal e mais uma vez ela sentiu uma inexplicável segurança ao lado daquele homem desconhecido.

— Não tenho mais idade para subir e descer essas escadas a todo o momento. — A voz aguda e ofegante anunciou antecipadamente a chegada de Gertrudes.

Eloise se assustou e se afastou de Arnon num ato reflexo.

— Desculpe por isso — ela disse, tentando se recompor. Enxugou as lágrimas às pressas.

— Ai estão vocês! Perderam a noção da hora? Já estão todos esperando. E o senhor não gosta de atrasos. Você sabe muito bem disso, Arnon. — Ela o encarou com um olhar de censura. — Vamos! Ai, minhas pernas.

— Arnon, sinceramente me desculpe por tudo — disse Eloise.

— Vocês dois, por favor, venham! — Gertrudes berrou no final do corredor.

— Vamos, senão ela é capaz de voltar e nos arrastar.

Eloise esboçou um sorriso tímido.

— Estou falando sério! — Arnon brincou, suavizando o peso da conversa.

— Aqui estão eles, Samir — Gertrudes disse ao anão, que os esperava ao pé da suntuosa escadaria de mármore.

Ele agradeceu com um aceno de cabeça. Eloise seguiu Samir pela ala leste do palácio. O salão onde o almoço seria servido ficava a poucos metros do pé da escada dupla. Quando a porta foi aberta, Eloise notou o quanto havia se descuidado com o tempo e sentiu-se desconfortável ao perceber que todos a esperavam.

O embaraço, infelizmente, a impediu de reparar o luxo e a exuberância do lugar enquanto seguia para tomar seu assento à mesa. Ela não viu que o teto azul-turquesa era decorado com arabescos que imitavam a leveza das nuvens e a majestade do sol. Também deixou de enxergar os detalhes decorativos do chão e das tapeçarias.

A mesa de refeição ocupava o centro do ambiente. O móvel, com capacidade para abrigar dúzias de convidados, era num tom de marfim claro. A cor contrastava com uma arca marrom-tijolo onde estavam dispostas louças de cristal, frutas variadas e garrafas cujas rolhas imitavam as abóbodas dos mirantes.

— Desculpem o atraso.

## Capítulo XXXII

Rash a recebeu com um sorriso e Onur com uma expressão neutra.

Arnon atravessou a porta de abas duplas no momento em Samir indicava o lugar reservado a Eloise. O cavaleiro dispensou as formalidades do criado, indo ocupar o espaço vago entre Isabel e Onur. Coincidência ou não, a cadeira ficava na direção exata de Eloise.

Rash fez um sinal discreto para Samir, que apanhou uma das garrafas no móvel comprido e encheu as taças dos jovens. Um líquido claro borbulhou na borda estreita do copo esguio, mas não chegou a transbordar. Tommy observou o líquido com curiosidade. Não se lembrava de ter servido bebida semelhante na taberna.

Para os Amyr, Samir optou por uma bebida de cor um pouco mais amarelada, mas que produzia efeito de bolhas similar.

— Hoje — Rash levantou e segurou pela haste a taça em formato de flauta, erguendo-a à altura dos olhos, e o movimento foi acompanhado pelos demais —, brindaremos em agradecimento pela vida de Pedro, Eloise, Tommy e Isabel, jovens que representam a renovação da esperança para todos nós, homens e anões. À vida! — Rash propôs ao fim da frase.

— À vida! — Os ocupantes da mesa ecoaram em resposta.

Isabel e Tommy ficaram sem compreender por que eles estavam incluídos na renovação da esperança, já que os herdeiros eram somente Pedro e Eloise. A filha de Beatriz puxou à memória os trechos do diário que mencionava o nome de sua família. Refez as linhas mentalmente na tentativa de estabelecer um novo sentido para as palavras, mas foi em vão.

Um tilintar de bandejas anunciou o início do banquete. Baixelas foram dispostas de maneira harmônica ao longo da mesa. Saladas exóticas, pães finos de formato arredondado, patês de cores diferentes, três variedades de carne — um quarto de carneiro, frango em tiras com abóbora verde e bolo de carne —, arroz com lentilha, arroz branco, vegetais cozidos salpicados com hortelã, além de outros cinco ou seis pratos que os forasteiros nunca tinham visto na vida.

Samir passou a servir a comida começando pelos anfitriões, um tipo de formalidade a que os convidados não estavam habituados. Em suas casas, cada um fazia o próprio prato.

— Onde você estava? — Tommy murmurou para Eloise, aproveitando enquanto os outros estavam distraídos, admirando a excentricidade da refeição.

— Na torre... conversando com Arnon. — O olhar distante dela mirava as saladas coloridas. A mente, no entanto, não se detinha na profusão de cores das verduras.

— O que aquele... *sujeito* queria com você?! — A pergunta cheia de irritação saiu através dos

dentres trincados.

— Explicar algumas coisas. — A voz de Eloise estava tão longe quanto seus olhos.

Ele tomou um gole do espumante, que lembrava o sabor do vinho, mas sem a fermentação alcoólica, enquanto observava o cavaleiro do outro lado da mesa. Arnon trocava algumas palavras com Onur, que ainda não havia tocado na comida e parecia insatisfeito com a conversa.

Naquele instante Tommy considerou seriamente a possibilidade de confrontar o rival. De cobrar explicações sobre a presença dele ali. E sobre o que estivera falando sozinho com Eloise

— Mais...? — Samir o despertou do curto devaneio fazendo menção de completar a taça do rapaz.

— Sim, obrigado.

— Que bebida é essa? — Eloise perguntou a Samir, posicionado entre ela e Tommy.

— É darmô.

— Darmô? — Tommy se mostrou curioso.

— É um espumante feito a partir da casca de dâmaras.

— Nunca ouvi falar — Eloise comentou.

— Ah, essa é uma receita milenar da culinária dos anões. E, sabe, não gostamos de dividir nossos segredos com o pessoal da superfície. — Ele deu um risinho torto e acrescentou: — Sem ofensas, mas vocês comem muito mal.

Eloise sorriu, aceitando a crítica sem se ofender.

— Bom, então, o que vão querer? — ele prosseguiu.

— O que sugere, Samir?

— A senhorita poderia começar com as pastas e o pão branco. Depois os legumes e por fim as carnes com arroz de lentilha.

— Para mim está ótimo.

— E você, jovem Tomás?

— Qualquer coisa que não tenha gosto de mato e que encha meu estômago — ele respondeu sem cerimônia. Depois acrescentou, assim que Samir terminou de servi-los. — Por que esse pessoal só me chama de Tomás?

— É o seu nome — Eloise o lembrou do óbvio.

— Sim, mas todos me fazem o favor de usar Tommy. Será que eles não perceberam?

— Talvez não. Estamos aqui há o quê? Três horas?

— É pode ser... Humm... Isso é bom mesmo, hein? — Tommy estava comendo um pedaço desproporcional de bolo de carne sem se sentir culpado de ter dispensado as saladas. — Mas você ainda não me disse o que o tal de Arnon queria.

Eloise instintivamente desviou o olhar da refeição para o cavaleiro. Os olhares dos dois se

encontraram e ficaram ligados por alguns segundos. Tommy percebeu a súbita ligação. Não gostou do que viu. E não foi a maneira como Arnon olhou para Eloise que o incomodou, mas o modo como ela sustentou o olhar.

Tommy ficou calado até o fim do almoço.

— Prove este, Isabel. — Do outro lado da mesa, Arnon indicou um molho verde, que ocupava uma tigela pequena.

— A carne ganha um sabor especial. Muito bom. Muito bom mesmo. Você parece estar bem entrosado com tudo aqui — Isabel fez um gesto indicando aos pratos peculiares dos anões.

— Eu sou um visitante assíduo.

— Entendo... — Isabel disse num tom sincero e sem cobrança.

— Obrigado por confiar em mim — Arnon agradeceu e sorriu.

— Você vai embora hoje? — ela arriscou a pergunta sem querer parecer invasiva.

— Não.

— E nós, também vamos ficar?

— Vocês é que irão decidir isso.

— Arnon — Onur interrompeu o diálogo sem gentileza —, aguardo você em meia hora.

— Estarei lá.

— Com licença — Onur disse e deixou a mesa em seguida.

— Senhor — Pedro habilmente esperou a saída de Onur para finalmente ter a oportunidade de falar com Rash —, poderíamos continuar a conversa do escritório, agora?

— Paciência, Pedro — Rash disse com uma expressão indulgente. — Cada coisa a seu tempo. Primeiro, apreciem essa refeição. Mais tarde conversaremos.

— Desculpe a insistência, mas esse mais tarde seria que horas exatamente?

— Ah, os homens e a mania de medir o tempo. Como se pudessem controlá-lo... — O anfitrião voltou a comer e deixou de responder à pergunta.

— Vejo você mais tarde — Arnon falou baixo com Isabel. Em seguida, acrescentou num volume mais alto: — Rash, se me der licença.

O anão respondeu com um aceno de cabeça.

— Já vai tarde — Tommy resmungou para si mesmo.

## Capítulo XXXIII

Uma hora ainda se passaria até que Rash voltasse a conversar com Pedro, Eloise, Isabel e Tommy.

Terminada a refeição, ou melhor, o ba nquete, Samir conduziu os convidados até a biblioteca daquele palácio. O cômodo, de proporções retangulares, ficava perto de onde estavam. Livros de tamanho e cores diferentes ocupavam duas paredes inteiras da sala de leitura. Muitas lombadas, eles observaram, estavam escritas no dialeto do povo anão.

Na parede perpendicular às estantes havia duas janelas que davam para o pátio repleto de plantas. O mesmo que avistaram quando deixaram o escritório dos anões. E foi ali, perto das aberturas que Isabel viu um objeto que a deixou fascinada. Uma luneta, cuidadosamente pousada sobre um tripé dourado.

A jovem se aproximou do exemplar admirando-o com verdadeiro encanto. Seus dedos correram pela extensão da peça sofisticada como se o tato lhe completasse o sentido da visão.

Quantas vezes ela desejara possuir um daqueles para observar de perto as constelações de que tanto gostava!

— É do senhor Onur. — Samir sobressaltou Isabel com a resposta inesperada para a pergunta que ela ainda não havia feito. — Mas ele não a utiliza mais.

— Por quê? — Isabel perguntou com natural curiosidade.

— Não sei. Mas desde que o príncipe Pietro morreu, a luneta veio para cá. E daqui nunca mais saiu. Bom — ele prosseguiu mudando de assunto —, o senhor Rash disse que poderiam aguardar aqui. Se precisarem de alguma coisa, água, chá, suco, um lanche...

— Estamos bem, Samir — Eloise o tranquilizou. — E comemos o suficiente para um dia inteiro.

— Então Elô, pode nos contar agora o que Arnon queria com você?

Ainda que não tenha gostado do tom sarcástico de Tommy, Eloise explicou os detalhes que Arnon havia omitido, surpreendendo a todos, inclusive Isabel, que já esperava revelações na história do cavaleiro.

— Então faz um ano que aquele sujeito anda atrás de você?

Mas não houve tempo para réplica ao exagero de Tommy, porque Samir abriu a porta dizendo que Rash os aguardava.

— Entrem. — A voz de Rash projetou-se através de uma porta retangular, que se escondia

sob a escadaria que conduziu Tommy e Pedro a seus quartos.

Se alguém dissesse que Pedro, Eloise, Isabel e Tommy ainda poderiam se surpreender com a singularidade daquele palácio, eles não acreditariam, mas lá estavam os quatro diante de algo extraordinariamente inesperado. Completamente perturbador.

O cômodo em que se encontravam era um espaço muito amplo, dividido em dois ambientes. À esquerda, via-se um tapete tão ajustado ao chão que parecia estar colado. Ao lado dele, um armário de vários metros de comprimento por outros tantos de altura onde estava, à mostra, uma diversidade quase histórica de espadas. Formando um ângulo de noventa graus com esse móvel, havia outro que abrigava mais dezenas de itens que eles mal conheciam.

À direita do ambiente, havia suportes com peças de madeira de variados tamanhos, semelhantes a espadas em tamanho, curvatura da lâmina e, provavelmente, no peso. Havia cerca de trinta peças e dez bastões de um metro e meio.

Próximo a isso, viram quatro traves idênticas às que Isabel utilizava nas aulas de ginástica. Ao lado dele, uma estrutura de hastes de madeira, em formato cilíndrico, formava uma progressão que lembravam degraus de uma escada, com a diferença de que não cabia mais que a planta dos pés sobre os pedaços de troncos. No piso desse ambiente, havia ainda uma linha demarcando um retângulo enorme, subdividido em vários outros.

— Sejam bem vindos— Rash disse, sentado no chão entre as demarcações do retângulo central.

— Que lugar é esse? — Tommy murmurou baixo, entredentes.

— Sentem-se.

Isabel, Tommy, Eloise e Pedro se acomodaram em um semicírculo em torno do anão.

— Acredito que vocês devem estar se perguntando que lugar é esse. Ou por que ainda estão aqui, se Pedro e Eloise já sabem que são herdeiros do trono. Pois bem... — Rash continuou, depois da retórica, com a voz branda, mas inflexiva e séria. — Antes de responder diretamente a essas duas perguntas, preciso retomar uma história com vocês, uma história que remonta à Criação do Mundo de Petra. Imagino que conheçam a narrativa, porém eu gostaria de contá-la, como se nada soubessem, para que nenhum detalhe seja perdido.

“Nós, seres humanos, depois de sermos erguidos do barro pelo nosso Pai Criador, espalhamo-nos por Petra e fundamos doze tribos interdependentes, que eram unidas por um único monarca, o Primeiro Rei. Ao lado dele também governava a Primeira Rainha.”

“Éramos raças que conviviam de maneira pacífica, contudo uma violação das leis sobre as quais Petra foi criada, gerou uma guerra civil. De um lado estava o Primeiro Rei e do outro, sua própria esposa, a Primeira Rainha, a grande causadora da guerra. O Bem, representado pelo rei, que permanecera fiel às Leis da Criação. E do outro o Mal, a rainha, que violou o Vale Sagrado para roubar a essência do poder divino.”

“Depois de muitas vidas inocentes perdidas, o primeiro monarca desafiou a esposa para um duelo. Naquela época, era comum que um general desafiasse o outro para uma luta pessoal, a fim de poupar a vida de seus soldados. O soberano venceu a rainha em um combate justo e limpo, e por isso decidiu lhe poupar a vida. Porém, exigiu que ela pagasse por seus crimes de guerra. Ela recusou a oferta e fez ainda pior: perfurou o próprio coração com a Espada do Rei.”

“Por essa violação às Leis Sagradas e por todos os outros assassinatos cruéis, sua alma foi banida, pelo Pai Criador, para o Vale da Sombra da Morte, onde deveria purgar seus pecados. Sua pena seria uma década para cada vida perdida na guerra que ela começou. Uma vez em sua prisão, ela não se interessou em purificar sua alma, mas tornou-se um espírito nefasto, dedicando-se a escravizar as almas corrompidas.”

“O rei, temendo que um dia o espírito maligno se libertasse, reuniu onze fiéis comandantes, que haviam liderado as tropas ao seu lado na grande guerra. Juntos, eles construíram um artefato que ficou conhecido como a Arca, onde guardaram a espada que livrou Petra da maldita rainha. A atitude dos doze cavaleiros foi bem vista pelo Criador. O Pai, então, decidiu firmar com eles uma aliança.”

“O Criador os abençoou e escolheu os descendentes do Primeiro Rei, que mais tarde voltaria a se casar, para serem os legítimos soberanos de Petra. Dois cavaleiros foram designados para serem os guardiães dos monarcas e os outros nove seriam os defensores do artefato sagrado, que passou a se chamar Arca da Aliança. Os doze receberam do Criador uma bênção perpétua e todos os seus descendentes seriam legítimos sucessores de seus legados. Essa é a História de Petra, a que foi registrada nas Escrituras.”

— Desculpe, senhor, mas isso aconteceu há milênios. A Arca foi perdida. Nenhum historiador ou até mesmo os caçadores de tesouros conseguiram achá-la — Eloise se atreveu a falar.

— Realmente, a Arca não foi encontrada. Mas isso não significa que está perdida. Essa, no entanto, é outra parte da narrativa, que não compete ser contada nesse momento.

— O senhor poderia ser um pouco mais claro, por favor?

— Sim, Pedro, mas para que entendam tudo, preciso ainda desvendar o passado de um membro da família real: a rainha Elba Belmonte.

Ouvir o nome da assassina do príncipe Pietro incomodou seus filhos, mais do que eles poderiam imaginar.

— Elba estudou na Academia Estadual de Estudos Alquímicos. Ainda no primeiro ano, ela se mostrou uma aluna brilhante e rapidamente caiu nas graças de todos os mestres, principalmente de Ramiro. O príncipe, nessa época, era professor de Botânica, além de profundo conhecedor de toxicologia.

“A jovem, no entanto, não era apenas talentosa. Era ambiciosa, sem caráter e muito, muito bonita. Artilosa, Elba se aproximou do príncipe para extrair conhecimentos. Ramiro ensinou a ela tudo o que sabia, mas se privou de revelar os segredos da Alquimia Proibida.”

Rash sabia que os jovens eram leigos e que não conheciam o significado do termo, por isso, antes de avançar, explicou:

— A Alquimia Proibida é uma aplicação descoberta acidentalmente há dois séculos. Seu estudo, porém, se mostrou perigoso sendo, por isso, abandonado uma década mais tarde. Todas as pesquisas inacabadas foram encerradas na Divisão de Acesso Restrito da Academia Alquímica, uma sessão a que somente os grandes mestres têm acesso.

“Percebendo que Ramiro não lhe confiaria nenhum segredo — Rash retomou a narrativa do ponto onde parara —, Elba o enganou e roubou-lhe a chave de acesso e a senha da sala restrita. Uma vez tendo entrado na divisão, ela se apoderou das pesquisas proibidas.”

“Durante os anos seguintes ela se dedicaria aos estudos fazendo descobertas terríveis. Empreendendo uma jornada única ao universo sombrio, ela passou a conhecer um meio de se comunicar com o espírito maldito da Primeira Rainha. Dessa maneira, Elba se tornou uma espécie de aprendiz da Rainha e assim ela arquitetou seu casamento com o príncipe Ramiro, iniciando sua escalada social.”

“Uma vez casada, Elba não se contentou apenas com o título de primeira princesa. Influenciada pelo espírito maligno, ela aprendeu a querer mais. Muito mais. Com a ajuda de sua instrutora, planejou e executou a morte da rainha Sofia, do rei Afonso e do guarda-costas deles. Com isso, Ramiro ascendeu ao trono e ela se tornou rainha.”

“Mas a ambição é um vício corrosivo. Elba sabia que Ramiro tinha a intenção de devolver o trono ao legítimo herdeiro por sucessão, Pietro. Por isso, e por influência da mestra, mais uma vez Elba voltou a matar. Contudo, dessa vez, ela não agiria sozinha, o próprio filho estava com ela. Os dois assassinaram Pietro. E meses depois, a rainha, pessoalmente, encomendou a morte de Aquiles. Embora ela o tivesse incriminado pela morte do príncipe, ela o queria morto.”

“Com Pietro eliminado, só havia mais um Belmonte a ser eliminado: o próprio esposo. Ramiro foi morto meses depois que o sobrinho foi sepultado. Elba o envenenou com uma substância que lhe causou um ataque cardíaco fulminante. Dessa maneira, Edgar se tornou rei e ela continuou rainha, pelo menos até o filho se casar.”

“Os anos foram passando. E, como qualquer ser vivo, Elba sentia o peso da idade. Mais uma vez ela recorreu à sua mentora das trevas. A rainha queria mais tempo. O espírito maligno propôs, então, um contrato. Elba pararia o processo natural de envelhecimento e também se tornaria imune a qualquer doença ou ferimento, mesmo os mais graves. Elba aceitou.”

“Porém toda contratação exige uma contrapartida. A Primeira Rainha fez uma exigência de

alto preço: ela pediu a alma da rainha Elba. Além disso, a cada cinco anos, o contrato deveria ser renovado mediante a entrega de dez novas almas para alimentar o espírito nefasto. Elba lavrou o contrato com o próprio sangue, julgando que havia se tornado imortal. Contudo, descobriu que os poderes da sua mestra não se estendiam aos Cavaleiros da Aliança. Se algum dia a rainha fosse ferida pela mesma arma sagrada que derrotara a maligna no passado, ela também seria liquidada.”

“Receosa de perder o poder, Elba passou, então, a se interessar por aquilo que ela mais desprezava: as Escrituras Sagradas, único texto que mencionava a Espada do Rei e a Arca da Aliança. Foi uma análise que levou alguns anos. Além dos escritos sagrados, ela precisou dispor de dados históricos para fazer a árvore genealógica do Primeiro Rei e de seus cavaleiros.”

“A intenção da rainha era encontrar essas pessoas e eliminá-las, mas não sem antes descobrir a localização da Arca da Aliança, pois precisava se livrar do único artefato capaz de matá-la: a Espada do Rei.”

— E ela conseguiu? — Pedro, ansioso pelo desfecho, perguntou.

— Encontrar a Arca? Não. Mas continua a procurá-la. Em suas buscas, no entanto, ela achou e eliminou bons cavaleiros. Eu precisava que entendessem bem tudo isso para que avançássemos. E para que finalmente soubessem por que Eduardo os traria aqui, mesmo à revelia de Laura.

“Vocês têm direito à uma herança. Pietro era um escolhido, um legítimo herdeiro da Aliança firmada entre os Doze Cavaleiros. Dessa forma, transmitiu seu legado vitalício aos seus filhos, Eloise e Pedro Belmonte. Quanto a vocês — Rash se virou para Tommy e Isabel —, vêm de uma família de defensores.”

“Ainda que tenham direito a receber uma herança vitalícia — Rash esclareceu a seguir — nenhum descendente é obrigado a tomá-la se assim não o desejar. Não é uma imposição. É uma escolha pessoal. Por isso, eu os convido a tomar parte da Ordem da Aliança.”

— E o que significa fazer parte dessa Ordem?

— Muitas coisas, Tommy, mas principalmente servir. Servir à justiça. Ao amor. À fé. Ao próximo.

— E se algum de nós não aceitar fazer parte da Ordem?

— Bem, se essa for a decisão, Tomás, poderão voltar para suas casas e viver o que cada um planejou para suas vidas — Rash falou num tom pacífico, sem demonstrar qualquer sinal de cobrança na voz, embora soubesse que a pergunta do jovem era apenas um teste.

Tommy queria ter a certeza de que estava diante de uma escolha e não de um destino que lhe seria imposto.

— Vocês têm até a noite para me dar uma resposta. Estejam aqui às sete.

E com essas frases Rash terminou o discurso de horas. Nenhuma palavra foi acrescentada.

Nem mesmo um “até logo” ou “espero vê-los mais tarde” ou ainda “o futuro de Petra depende das escolhas que fizerem hoje”. Nada. Rash não os influenciaria a decisão. Era um anão de palavra, sobretudo honrado e justo. Caberia aos jovens decidir. Ainda que muitas vidas dependessem dessa escolha, a Rash só cabia esperar. Como um lavrador que após semear a terra deve aguardar paciente o tempo da colheita.

Se os corações de Pedro, Tommy, Eloise e Isabel fossem um solo fértil, como Rash acreditava, a safra seria generosa e eles voltariam àquele lugar dispostos a se tornarem Cavaleiros da Aliança.

— Eu não procurei por esse sentimento — Arnon disse em resposta a Rash.

Os dois estavam conversando no Acampamento momentos depois de os filhos de Pietro e dos Fernandez terem saído.

— Sabe o quanto eu o estimo. E quantas vezes lhe pedi para que esquecesse essa história.

— Eu sei — Arnon afirmou com uma voz cheia de tristeza. — Eu não estou misturando uma fantasia infantil com um sentimento de homem adulto. Quando eles moraram conosco, éramos apenas crianças. E não estou levando em consideração as promessas de amor eterno que duas crianças fizeram uma para a outra.

— É bom que pense assim, porque como você mesmo percebeu, eles não se lembram de nada. Sabe que Laura se empenhou para que esquecessem a vida que levaram em Zaah. Eu não a culpo — Rash achou necessário dizer. — Foi um episódio traumático, principalmente para Eloise.

— Sei disso, Rash. Mas ela poderia, pelo menos, ter nos dado a chance de nos reencontrarmos mais tarde — o cavaleiro falou com um tom de mágoa nas palavras.

— Julgar a atitude de Laura não mudará os fatos. Ele teme perder os filhos da mesma forma que perdeu Pietro...

— Isso não vai acontecer — Arnon interrompeu a frase, como se precisasse afastar da conversa a possibilidade funesta.

— Temos fé que isso não vá acontecer — Rash retificou. — Contudo, não podemos dar essa certeza a Laura e nem a Pedro e Eloise. Você tem consciência disso, não?

Arnon baixou os olhos e mirou o chão como se concordasse com as palavras que lhe foram ditas.

— É exatamente isso que me preocupa. Seu amor por ela não pode nortear suas decisões como guardião.

— Conheço minhas responsabilidades com a Ordem, Rash.

— Então, tome meu conselho como um pedido: mantenha-se afastado dela. Ao menos por enquanto. Até que o treinamento termine e os doze novamente se reúnam para encontrar a Arca.

Rash disse isso porque tinha certeza de que os jovens aceitariam se tornar Cavaleiros da Aliança.

— Farei o que me pediu — Arnon tranquilizou seu mestre. — Quando irá contar a eles? — perguntou em seguida.

— Sobre a busca da Arca...? Mais tarde.

— E sobre o atentado há dez anos? — Arnon foi mais específico.

— Em breve.

## Capítulo XXXIV

Eloise viu quando Tommy atravessou a passarela do pátio externo do palácio depois de trocar quatro ou cinco frases com Samir. O entardecer já havia se anunciado e o empregado do palácio estava acendendo as luminárias que ornavam a entrada do palacete. Isso foi em torno de uma hora após a conversa com Rash. Isabel estava no quarto dela. Exausta, provavelmente. Pedro possivelmente fazia o mesmo.

Eloise, entretanto não conseguiu dormir. Estava debruçada na varanda da torre de cortinas verde-esmeralda. Tommy não estava correndo, mas também não andava de maneira normal. Eloise ainda tentou chamá-lo, porém, quando sua voz atingiu o corredor de ciprestes por onde o amigo seguia, os passos dele já haviam se adiantado escadaria abaixo. E ela se perguntou para onde Tommy estava seguindo com passos tão urgentes se nada conhecia daquela cidade...

A curiosidade a impeliu a descer as escadas de mármore branco do palácio e alcançar o belíssimo jardim de entrada.

— Samir — Eloise encontrou o anão franzino tirando alguns galhos secos de uma folhagem ornamental —, você sabe para onde Tommy foi?

— Sim. O jovem Tomás foi lutar.

Eloise balançou a cabeça incrédula.

— Como assim, *lutar*, Samir? — ela fez questão de repetir a palavra com ênfase. — Só falta você me dizer que os anões são pugilistas...

Samir sorriu antes de explicar a questão.

— Não. Nossa arte de luta é um pouco mais ampla e elaborada. Se quiser posso levá-la até ele.

Eloise considerou a proposta por alguns minutos, mas só aceitou depois de perceber que Samir estava mais interessado em ir até o local do que ela própria.

— É perto daqui — ele acrescentou.

Eloise ficou imaginando a cena de Tommy, um forasteiro, adentrando o lugar, que Samir nomeou de Banu, e desafiando alguém para uma luta. Era muita coragem ou muita estupidez.

Distraída em suas considerações, Eloise não prestou atenção nos mirantes encimados por abóbodas brilhantes, ou na estrada de seixos. Nem ouviu o estalar das pedras sob seus pés. Não sentiu o aroma curativo que vinha do canteiro de plantas medicinais. E também não se notou ziguezagueando entre as árvores miúdas do pomar. Só deu atenção ao caminho quando alcançaram o portão que divisava com a avenida larga, que cortava a vila em duas metades.

O Banu ficava a menos de um quarteirão do palácio, por isso eles seguiram caminhando.

Durante o percurso Eloise ficou intrigada com a maneira como era saudada pelos anões que passavam por eles: todos, sem exceção, saudavam-na como se a conhecessem.

— Samir, por que eles estão me cumprimentando?— Ora, porque eles sabem quem você é. Gostávamos muito do seu pai. E sentimos falta do tempo em que ele e Laura passavam semanas conosco.

— Como assim...? Sabem o quê?

De novo a surpresa.

— Que a senhorita e seu irmão são filhos de Laura e Pietro Belmonte.

De novo o choque.

— Dona Gertrudes fez questão de espalhar a notícia para a cidade inteira — Samir falou num tom casual. — Nós estamos muito felizes por vocês estarem aqui. Seu pai era um homem muito querido.

— Você conheceu meu pai?!

Eloise estava surpresa porque Samir aparentava ter a idade dela.

— Sim. Eu era só uma criança, tinha doze anos quando eles se casaram. Ah — ele entendeu o tom de surpresa —, nós não envelhecemos da mesma maneira que vocês. Por isso atravessamos os séculos.

— Humm... — ela assentiu, encarando o anão de mais de trinta anos, que parecia um adolescente de dezessete. — Fale um pouco sobre o príncipe — pediu em seguida.

— Ele era um homem extraordinário. Não se importava em se misturar com o povo. Nunca foi ligado às tradições e requintes que envolvem a nobreza, era uma pessoa generosa. O senhor Onur costumava dizer que ele seria um dos reis mais justos e amados que já governara Petra. Seu pai era uma pessoa muito carismática. Todos queriam estar com ele, falar com ele. Aliás, ele era um frequentador assíduo do Banu.

— O príncipe gostava de lutas?

— Se gostava? Ele era fascinado por um combate. E era um dos melhores. Só perdia para o senhor Onur e para o pai de Arnon.

— Quem era o pai do Arnon? — Eloise perguntou, mal conseguindo esconder o espanto.

— Você não sabe?

Samir, de repente, percebeu que havia falado demais.

— Não — Eloise respondeu com um acento de indignação na voz. — Quem é ele? — ela insistiu.

— Perdoe-me, mas acho que não deveria estar falando sobre isso — ele respondeu, constrangido. — Chegamos — disse em seguida. — Bem, eu preciso voltar ao palácio. Desculpe.

Samir estava fugindo do assunto, Eloise sabia. Mas ela não quis pressioná-lo receando colocá-

lo em uma situação embaraçosa com Rash ou, o que seria pior, com Onur. Embora planejasse confrontar o cavaleiro sobre a informação que Samir lhe dera.

Eloise imaginava encontrar no Banu uma taberna semelhante ao que os garotos descreviam ser o Cabeça de Búfalo. Mas, para sua surpresa, o lugar era totalmente diferente. A começar, era limpo. E bem mais civilizado, ela pensou.

O ringue ficava no centro da estrutura, uma área retangular, considerável, cujo espaço era definido por um tapete que se erguia alguns centímetros do chão. Havia mesas redondas, espalhadas por todo o ambiente, cobertas por toalhas coloridas. Os assentos também eram redondos e circundavam os móveis. O balcão era um semicírculo agarrado à parede. Lá estava um anão de cabelos fartos e barba enegrecida servindo os clientes. Sobre o mesmo balcão havia ainda uma vasilha alta e esguia. O objeto, Eloise achou curioso, tinha o desenho de um bule de prata, só que o bico era maior e subia até a altura do gargalo da jarra, que era encimada por uma tampa.

A única semelhança do local com o Cabeça de Búfalo eram os frequentadores. A maioria de ordem masculina. E ali, naquela hora, não seriam todos do sexo masculino, porque Eloise acabara de entrar.

A jovem, que ainda estava parada à frente da porta lobulada, procurou uma mesa discreta para se acomodar. Encontrou-a no canto oposto ao balcão, forrada por uma toalha amarela. Eloise se acomodou e minutos depois o atendente veio até ela segurando o bule de prata em uma mão e na outra um copo pequeno e prateado.

— Chá? — ele ofereceu com a gentileza de quem não se importava por ela ser a única figura feminina no local.

— Obrigada — ela aceitou, embora não soubesse se gostaria da bebida. Fez isso mais por educação do que por vontade de provar o chá.

— Meu nome é Amir. Seja bem-vinda ao Banu, Eloise.

— Obrigada — ela agradeceu novamente e foi difícil esconder a surpresa.

— O filho de Diogo Fernandez vai lutar agora — o anão continuou a impressioná-la.

Tommy estava no ringue retangular e não havia notado a presença de Eloise porque estava de costas para a porta de entrada e para a mesa onde ela se sentara.

— Vamos ver se ele é tão bom quanto o pai dele — Amir acrescentou. — Aceita uma pasta de azeite e grão de bico?

— Não obrigada. — Eloise ainda estava farta com o banquete do almoço.

— Se precisar de algo, é só chamar.

Eloise assentiu e sorriu para o senhor que a recebera de maneira tão gentil.

Todos os olhares do Banu se voltaram para o centro do salão. O adversário de Tommy era um anão de cabeça raspada e brinco redondo em uma orelha. Trajava apenas uma calça de

pernas largas, que se ajustavam na canela por um punho largo. À cintura havia um cinto de couro de vários centímetros de largura. Os pés, descalços. Tommy o imitava na pouca vestimenta.

Eloise se acomodou no assento confortável. Provou a bebida quente que lhe fora servida e se preparou para assistir ao embate. Os lutadores se cumprimentaram. E então começaram.

O anão era rápido. Eram duas técnicas diferentes. Visivelmente diferentes. Enquanto Tommy usava apenas os punhos, Arash, era esse o nome do oponente, utilizava também as penas para atacar.

— *Ai...* — Eloise abafou o som com a mão fechada em punho tapando a boca.

Tommy levou um golpe no meio do peito. Arash voou alguns metros acima do piso e acertou a planta dos pés no peitoril exposto pela guarda aberta. O filho de Diogo cambaleou, recuando três passos. Porém, se recuperou com rapidez. O jovem tinha uma resistência incrível e sua musculatura de pugilista ajudava a absorver os golpes. Em resumo, Tommy sabia bater, mas se as coisas fossem mal, era capaz de resistir bravamente a uma boa surra.

E era basicamente o que estava ocorrendo.

É lógico que Tommy nem chegaria perto daquele ringue não fosse o poder curativo do medicamento que Samir lhe dera mais cedo. O mesmo, de cheiro desagradável e gosto horrível, que Eloise tomara. Provavelmente, mais tarde ele precisaria de outra dose.

Esquiva, agacha, desvia de lado. E finalmente o soco de Tommy encontrou o oponente. Um direto de esquerda. E depois um gancho de direita. Arash sentiu a força dos ossos pesados que o jovem herdara do pai. E o combate continuaria por vários minutos até que um dos combatentes, certamente Tommy, alcançasse a lona.

Contudo, não era esse o objetivo do embate. O combinado era que a disputa fosse apenas uma demonstração do estilo de luta daquele povo. Os combatentes se cumprimentaram. Arash disse qualquer coisa a Tommy que Eloise não conseguiu ouvir, mas viu que o amigo devolveu um sorriso ao outro.

Amir, que assistira à luta do balcão, encontrou-se com os dois combatentes nas divisas do ringue. Ele trazia uma toalha para cada um deles. Tommy enxugou o suor que deixara o cabelo molhado. Passou o tecido pelo tronco nu e vestiu a camisa branca que o anão lhe entregou em seguida.

O rapaz estava cansado, mas sentia-se bem. Dolorido, porém, leve. Lutar era a melhor maneira de combater os problemas, palavras dele. Antes de chegar ali, Tommy sentia a cabeça pesar: defensores, escolhidos, guardiães, rainhas assassinas, Arca da Aliança, Espada do Rei... tudo lhe parecia confuso demais. Contudo, naquele momento, depois de extravasar a angústia, as coisas começavam a fazer sentido.

Mas quando Tommy imaginou que se sentiria tranquilo, Amir apontou para o canto mais reservado do salão. Lá estava ela. A última pessoa que ele imaginava encontrar naquele momento. Adeus leveza. Até nunca mais tranquilidade.

## Capítulo XXXV

— Boa luta — Eloise disse quando Tommy sentou ao seu lado.

Ele riu.

— Deve estar de brincadeira, não?

— É... ele era bem melhor que você.

— Eu sei. Foi por isso que pedi para lutar com Arash, para aprender. O que está tomando?

— Chá.

— Está bom?

— É gostoso. Mas eu ainda prefiro café.

*O que ela está fazendo aqui?*

Amir trouxe água em uma jarra e uma porção do pão achatado, que deveria ser degustado com diferentes pastas.

— Obrigado.

Tommy matou a sede e depois provou os pães. A pasta tinha um gosto ótimo, embora fosse verde e ele achasse que coisas verdes eram comida de coelho. Eloise ficou calada nesses minutos. E o olhava de um jeito estranho, como se quisesse dizer algo. Ele ficou um pouco incomodado com a atitude dela. E julgou que, às vezes, a objetividade de Isabel tinha lá suas vantagens.

— O que foi Elô? Está assustada com o que Rash disse?

— Um pouco.

— Alguém já disse que é uma péssima mentirosa?

— Acho que sim... não lembro. — Ela achou graça.

— Olha, não precisa ficar com medo.

— Medo? Se quer sinceridade, eu estou apavorada. Se essa rainha louca descobrir que existimos, ela vai querer nos matar. Isso sem falar que vai perseguir a minha mãe também. Mas — ela hesitou —, eu queria lhe dizer que não precisa se sentir obrigado a nada.

Ela o surpreendeu ao falar aquilo.

— Essa história de escolhidos e defensores... — ela continuou — ...não é uma imposição. Você pode escolher... Eu sei que o seu grande sonho é ir para Zarthan... E que esse negócio de herança é um fardo para você. Então, se não estiver disposto a assumir... eu... hã... gostaria de dizer que não há problemas se quiser ir embora. Ninguém vai julgar a sua atitude.

De surpresa, ele ficou magoado. Largou o pão sobre a mesa e a pasta verde se espalhou sobre a toalha amarela.

*Ela está me dispensando? Seria melhor levar um chute na cara.*

— Eu sei que não vou fazer falta. — As palavras saíram por entre os dentes trincados. — Tenho certeza de que deve haver muitos homens que podem ser melhores cavaleiros do que eu.

— Não foi isso que eu quis dizer — ela se defendeu.

— Mas foi isso que eu entendi. Bem... Acho que já terminei por aqui. A gente se encontra mais tarde. Ou não...

Embora, de fato, não quisesse deixá-la, ali, sozinha, Tommy fez isso, porque simplesmente não saberia se explicar sem lhe confessar o amor. Ele gostaria de dizer que ser um Cavaleiro da Aliança não era um fardo. E que ele havia desistido de ir para Zarthan, pois seria incapaz de deixá-la. Porque nada mais importava na sua vida, exceto ficar com ela.

— Ei! — Eloise lhe segurou o braço de maneira zangada.

Ele já estava de pé, prestes a se afastar da mesa.

— Onde você pensa que vai?

— Voltar para o palácio — ele respondeu de má vontade.

— Vou com você.

Ele balançou os ombros como quem diz “você é quem sabe”.

Muitos anões passaram por eles rumo à praça que ficava a algumas quadras de distância. Alguns andando, outros nos carros puxados por avestruzes. Embora Tommy não soubesse por que Eloise o seguia, estava tão zangado que simplesmente ignorou a presença dela.

Eles subiram os primeiros degraus do acesso à suntuosa casa de Rash e Onur ouvindo apenas o som dos pés. Passaram o primeiro mirante, o jardim de plantas esquisitas e mais três pequenas torres de observação, onde havia anões montando guarda.

O silêncio só terminou quando chegaram às proximidades do pomar.

— Desculpe.

Ele parou, surpreso, perto de uma árvore bastante incomum.

— Eu não quis dizer que você não vai fazer falta — ela continuou encarando o chão cor de tijolo.

— Por que acha que eu não escolheria ficar? — ele não conseguiu controlar a rispidez na pergunta.

— Sei o quanto detesta essa coisa toda de política. Eu não queria que ficasse infeliz. — Ela foi sincera.

Ele, de repente, percebeu o quanto estava sendo grosseiro. Ela estava, de fato, preocupada com os sentimentos dele.

— Não estou infeliz — ele falou num tom mais ameno.

— O que está acontecendo, Tommy? Quero dizer, quando Rash falou sobre a herança você ficou bem chateado. Parecia até que estava com raiva.

— Eu não gostei mesmo do que ouvi...

Ele hesitou porque já era impossível continuar falando sem revelar o verdadeiro motivo de sua cólera. Os olhos de Eloise saíram do chão e encontraram os seus. Ele tremeu, o coração disparou e ele sentiu o gosto da adrenalina na boca. Engoliu, a seco, a agitação que o dominou. As palavras lhe arranhavam a garganta tentando escapar.

— Eu não gostei do que ouvi porque ninguém se sente bem ao saber que a vida da mulher que se ama está em risco.

Ele sentiu um solavanco no peito seguido da sensação de que os ossos estavam se arrebatando ao meio.

— Você... me ama...?

Não havia mais como negar.

— Eu te amo. Não apenas como um amigo. Sei que não pensa em mim dessa maneira e que agora estou atravessando uma fronteira perigosa na nossa amizade. Mas a verdade é que a amo demais... Amo tanto que chega a doer. — As frases saíam agarradas umas às outras. — Sei que não tenho esse direito. E que é a pior hora para dizer isso. Mas não dá mais para esconder. E por mais que o que eu esteja dizendo acabe com a nossa amizade... eu... não me arrependo de estar falando.

“Havia dito para mim mesmo que isso não daria certo. Eu e você somos muito diferentes. Quer dizer, você é inteligente, culta, cheia de ideais, isso sem contar que é uma Belmonte e eu... bem, eu sou só um cara que leva a vida do jeito que dá. Mas quando você quase morreu no desabamento da montanha, eu descobri que é impossível matar esse sentimento sem que ele acabe comigo primeiro...”

— Tommy, eu...

— Olha, não precisa dizer nada... só queria que entendesse que você é tudo que importa para mim. Então, eu vou ficar porque simplesmente não dá para respirar se eu estiver longe de você.

— Eu... — ela vacilou.

— Desculpe por isso — ele disse e virou de costas para continuar sua escalada triste ao palácio.

Mas ela o segurou pela mão impedindo que ele saísse. A explosão de um barril de pólvora atingido por uma flecha em fogo, foi o que ele sentiu. Em uma reação que tinha mais instinto do que racionalidade, seu braço pesado enlaçou a cintura de Eloise, trazendo-a para junto dele. Ele a tocou no rosto com a mão em chamas, a pele estava mais fria do que a dele. Eloise estremeceu ao toque. Ele continuou fazendo os dedos deslizarem por baixo da orelha até encontrarem a nuca macia e perfumada. Os olhos de Eloise se fecharam com suavidade. E ele pressionou lentamente a boca contra a dela.

Ela não se esquivou.

Os lábios se moveram em sintonia como se tivessem sido feitos para se encaixar um no outro. Então, tudo perdeu o sentido. Só o que importava era o que ele estava vivendo naquele instante.

Ele não era capaz de parar de beijá-la. O gosto dos seus lábios era algo extraordinário. Em segundos, ele havia se tornado um escravo daquela sensação, daquele sabor doce e daquela boca macia. Ele ficaria ali por horas. Abraçando-a. Sentindo o cheiro de jasmim que brotava das mechas dos seus cabelos.

Mas em algum momento seu sonho teria que acabar. Como acabou.

Eloise se afastou. E o olhou com seus olhos negros marcantes. Ele não sabia o que dizer. Então, falou a primeira coisa que lhe passou pela cabeça.

— Desculpe.

— Tudo bem. Preciso ir agora.

Eloise se soltou dos braços de Tommy e desapareceu pela estrada de seixos que ladeava o canteiro de plantas medicinais.

Ele não a seguiu. Não se sentiu no direito de fazer isso. Ficou ali, na companhia de uma dúvida devastadora: o que significava o “tudo bem”? *Tudo bem*, pode me beijar quando quiser. Ou *tudo bem*, eu o perdoo por ter sido atrevido.

## Capítulo XXXVI

Rash fez apenas duas perguntas depois que Pedro, Tommy, Eloise e Isabel entraram no estranho cômodo onde haviam conversado mais cedo. A primeira, se eles aceitavam se tornar Cavaleiros da Aliança. E a segunda, se estavam dispostos a aceitar os termos da aliança que os uniria.

A resposta foi sim. E embora Rash antecipasse a escolha, o anão ficou admirado com a firmeza com que o “sim” foi pronunciado. Uma firmeza de quem assume para si responsabilidades e deveres que antecipavam o amadurecimento precoce que as próximas três semanas exigiriam.

Rash não escondeu a satisfação. O anão, que estava no meio da área retangular daquele ambiente, sorriu e cruzou os braços atrás das costas antes de continuar a falar.

— Muito bem, a partir de agora eu sou o treinador de vocês.

Pedro, Eloise, Tommy e Isabel estavam em pé, enfileirados, nos limites da última linha que compunha o conjunto dos retângulos de luta. O desenho era semelhante ao ringue que havia no Banu. Ali, entretanto, eram três espaços, um dentro do outro.

Nos minutos seguintes, ficaram sabendo que aquele lugar se chamava Acampamento. E que durante o período em que fossem treinados não teriam permissão de deixar o lugar. Ali receberiam os primeiros ensinamentos que os transformariam em guerreiros e os sagrariam Cavaleiros da Ordem da Aliança.

— Minha palavra é lei. Estão aqui para aprender e não para fazer contestações. — Rash falava com uma postura severa que o deixava bastante parecido com seu irmão Onur. — À medida que se fizer necessário, serão passadas mais informações sobre a Ordem. E, acreditem, não serão os mesmo quando saírem deste Acampamento. E, mais uma coisa: meu sistema de ensino não é democrático. Aqui, eu mando. Vocês obedecem. Os uniformes estão nos quartos. Vistam-se e voltem.

Havia cinco dormitórios cujo acesso era por uma porta que dividia em duas a parede que abrigava um arsenal de armas. Pedro ficou com o quarto número um. Isabel com o dois. Eloise foi acomodada no box quatro. E Tommy no de número cinco.

— Têm quinze minutos para se aprontar — Rash acrescentou antes de saírem.

O conjunto de roupas estava sobre o que parecia ser uma cama. Um colchão farto, estendido no piso de cerâmica, coberto por um lençol ocre e ladeado de almofadas quadradas e coloridas.

O uniforme eram calças marrom-tijolo e blusas brancas de linho com decote em “v”. Por

cima das camisas vinha um colete robusto feito em couro. O material rígido e inflexível acoplava-se ao tórax preso na altura dos ombros por um encaixe metálico. Acompanhando esse item, havia um cinto largo de material semelhante. Escondido sob a manga da blusa ficava uma espécie de munhequeira, que se encaixava no dorso da mão e continuava até quase a altura do cotovelo. Era de couro negro e possuía calculados apliques de metal em toda sua extensão de modo a proteger o antebraço e a mão, mas não atrapalhando o movimento de ambos. Para os pés, botas pretas de material resistente e que cobria as canelas.

Enquanto despiam suas próprias roupas e punham o uniforme, Eloise, Pedro, Isabel e Tommy se perguntavam: Como seriam os vinte e um dias que passariam naquele confinamento? O que exatamente aprenderiam? Qual era o papel de Rash na Ordem da Aliança? Por que começar o treinamento com tanta urgência? Mas, sobretudo, quem avisaria aos pais deles onde estavam? E Diogo Fernandez havia conseguido levar Laura Belmonte de volta a Tamísia?

Quando retornaram à sala de treinamento, Rash não estava mais sozinho. Arnon estava com ele. Vestia o mesmo uniforme que os outros, a única diferença era que uma faixa de tecido estava amarrada à cintura por debaixo do cinto de couro. O tecido que descia até abaixo do joelho direito era de um tom azul-turquesa.

O humor de Tommy começou a sofrer alterações no momento em que percebeu o olhar pouco sutil com que Arnon encarou Eloise. E ele até perguntaria o que o cavaleiro estava fazendo ali. Contudo, a semelhança entre os uniformes antecipava o que Tommy qualificou como sendo uma péssima notícia.

Rash também havia se trocado e trazia uma faixa amarelo-ouro à cintura.

— Essa vestimenta lhes servirá de uniforme nas próximas semanas e sempre que estiverem a serviço da Ordem. O objetivo do treinamento é prepará-los para assumir seus lugares na Aliança. Não será fácil, nem indolor. Exigirá concentração e dedicação exclusiva.

“Aquelas faixas — Rash apontou quatro tiras de tecido que pousavam sobre um suporte de madeira — simbolizam nossas escolhas. A cor amarela representa os Cavaleiros Defensores. Depois que Elba iniciou sua caçada contra os Cavaleiros da Aliança, restaram apenas sete defensores. Quatro deles vocês conhecem: eu, Onur, Diogo Fernandez e Eduardo Colli. Os demais virão a conhecer mais tarde. Isabel e Tommy se juntarão a nós ao final do treinamento. Pedro e Eloise, os Escolhidos para sentar no trono de Petra, ficarão com as faixas vermelhas.

Arnon estava ao lado de Rash e usava uma terceira cor. Se ele não era um defensor, e obviamente também não seria um escolhido, restava apenas uma designação para o jovem cavaleiro: ele era o Guardião dos Escolhidos. O último deles.

— Arnon Aquiles, filho de Edmundo Aquiles, é o guardião dos Belmonte.

A informação justificava todas as atitudes do cavaleiro em Tamísia e nas montanhas. E atingia o jovem Fernandez como uma pancada pelas costas.

*O sujeito é o guardião!?* Ótimo, nunca mais vou me livrar dele! Foi exatamente isso que Tommy pensou naqueles breves segundos que separaram o anúncio de Rash e sua fala seguinte.

— Primeira lição: um cavaleiro não pode ser fraco — o treinador falou com uma voz grave. — Sua maior arma não é a armadura ou a espada. É o corpo e a mente trabalhando em sintonia. Portanto, trabalhar o corpo é fundamental. Tirem os coletes e as munhequeiras. Vamos nos mexer.

Pedro, Eloise, Tommy e Isabel tomaram lugar na chão, nas proximidades de onde ficava a área demarcada para lutas. Arnon liderou uma sequência de vários tipos de movimentos. Abdominais, agachamentos, flexões, levantamento de peso... Uma amostra, na verdade, de tudo que deveriam aprender para se exercitar com o critério de um lutador.

— Um bom cavaleiro é aquele que, mesmo desarmado, é capaz de lutar. Para isso ocorrer, a musculatura deve absorver o impacto de um ataque — Rash dizia enquanto os exercícios eram executados. — Músculos flácidos significam ossos quebrados.

— Novecentos e quarenta e dois, novecentos e quarenta e três... — A contagem de Arnon prosseguia no mesmo compasso do início.

— Mantenham o ritmo respiratório — Rash prosseguiu. — O cérebro precisa de oxigênio para funcionar. O cansaço pode ser o pior inimigo de um guerreiro. Por isso, o bem-estar físico é tão importante. Quando o corpo está no limite, a mente deve mantê-lo funcionando. Não há descanso no campo de batalha. Tudo que o oponente deseja é que você esteja cansado.

Ao final do preparo físico, a exaustão era dominante. E embora a sensação de que o corpo inteiro houvesse sido impiedosamente pisoteado fosse marcante, Rash ainda continuou a instruí-los antes de liberá-los para dormir.

— Treino, dedicação, disciplina e técnica transformam um homem comum em um guerreiro. Mas o que faz dele um Cavaleiro da Aliança é o seu caráter, a sua fé e o seu amor. O caráter implica justiça, honra, honestidade e lealdade. A fé é o que impele homens e anões a feitos grandiosos por acreditarem que a porção do Pai Criador em cada um é capaz de levá-los a mover até mesmo, as montanhas. Contudo, o amor é o mais importante. É no amor que consiste o segredo da vida. Porque Aquele que nos forjou a partir do barro, é a expressão mais intensa e pura do amor. O amor é a demonstração maior das seis virtudes que os Cavaleiros da Aliança devem almejar: humildade, entrega, tolerância, generosidade, paciência e bondade.

As palavras de Rash soaram de maneira impactante e profunda, não apenas por seu conteúdo semântico, mas porque o treinador discursava com a eloquência de quem verdadeiramente acredita naquilo que diz. As palavras de sabedoria inspiradas nas Escrituras Sagradas eram a base fundamental da Ordem da Aliança. A mesma base que o Primeiro Rei e seus cavaleiros instituíram nos primeiros anos de Petra. O mesmo preceito, o mesmo ideal que atravessara os

séculos, estava sendo ensinado aos jovens aspirantes. Da mesma forma que seus pais, Pedro, Eloise, Tommy e Isabel aprenderiam os valores que os elevariam à condição futura de Cavaleiros da Aliança.

Rash se despediu após uma hora de argumentação espiritual e filosófica sobre os deveres de um membro daquela Ordem milenar. O treinador não dormia ali. O encarregado de ficar com eles era Arnon. E possivelmente tenha sido por isso que Rash pediu ao cavaleiro para não se aproximar de Eloise durante o treinamento.

— Bom, não sei quanto a vocês, mas se eu não for dormir vou desabar aqui mesmo — Eloise declarou, os ombros caídos sob o efeito do cansaço.

— Durma bem — Pedro sorriu para a irmã.

— Eloise — Arnon interrompeu a saída da jovem —, se precisar de algo estarei no dormitório ao lado.

— Obrigada, Arnon — ela respondeu à gentileza e saiu.

Tommy não gostou de saber que o cavaleiro dormiria ao lado de sua amada. Porém, conteve seus instintos primitivos. Não reclamou ou fez comentários irônicos. Engoliu seco.

Quando Tommy chegou ao corredor estreito dos dormitórios, havia reunido a coragem necessária para falar com Eloise. Queria lhe pedir desculpas. Dizer-lhe que o beijo fora um ato de total descontrole, que não se repetiria. E que se ela quisesse esquecer o acontecido, nunca mais voltariam a tocar no assunto. E ele voltaria a ser apenas seu amigo Tommy.

*Mentira! A quem eu quero enganar? Eu não quero me desculpar. Eu quero dizer que a amo. Que a vida é sem graça e sem sentido longe dela.*

O coração do jovem apaixonado, de repente, palpitou em seu peito, desesperado por uma migalha de amor quando se viu parado à porta fechada do dormitório de Eloise.

Pedro esperou ouvir o correr suave da porta do quarto de Isabel para se valer da oportunidade de estar sozinho com o guardião. Era chegado o momento de ambos terem uma conversa franca e necessária.

Pedro queria saber muitas coisas, sobretudo como foram, exatamente, os meses em que o cavaleiro os vigiou em Tamísia?

Arnon apontou para o divã que estava mais próximo deles. Eles se acomodaram.

— Eu os seguia na intenção de protegê-los. E de tempos em tempos eu vinha até aqui para reportar à Rash sobre a rotina de vocês e também de Laura.

— Por que isso?

— Existem duas razões. Porém, eu só tenho permissão para lhe dizer uma delas. A questão étnica entre gazares e mestiços está se complicando em Tamísia. E como vocês, para todos os efeitos, são mestiços, Rash temia que sofressem algum tipo de retaliação à exemplo do que estava acontecendo com tantos outros.

— Muitos amigos meus foram espancados ou deixaram a Escola Preparatória — Pedro se lembrou com pesar.

— Exato. Ah, devo lhe dizer que os Talmai não apresentaram queixa formal contra você e Tommy.

— Nossa, eu me esqueci completamente disso. Aquele canalha do Estéfano... Armou tudo para conseguir ficar com a Eloise.

— Pois é... Ele é perigoso e sem escrúpulos. É capaz de qualquer coisa para conseguir o que deseja. Igual ao pai dele. — Arnon completou. — Há mais alguma coisa que gostaria de perguntar? — disse em seguida.

— Sim, mas é uma pergunta pessoal. Então, se não quiser responder...

— Pode falar.

— De que maneira Elba conseguiu a confissão do seu pai? Ela fez algum tipo de ameaça?

— Ela o envenenou.

— Como assim? — Pedro ficou confuso.

— Você não deve saber o que se estuda em uma academia de alquimia, certo?

Pedro assentiu.

— Bom, dentre muitos assuntos, Botânica e Toxicologia. Elba se formou com louvor nas duas disciplinas. Uma delas, inclusive, era ministrada pelo falecido marido, o príncipe Ramiro. A maior parte dos alquimistas, que se dedicaram ao estudo dessas disciplinas, são, ou foram, grandes cientistas que descobriram aplicações de diversas substâncias na cura de doenças.

“Elba, no entanto, nunca se interessou pelo bem da humanidade. Por isso dedicou-se apenas a se tornar uma exímia manipuladora de elementos tóxicos e alucinógenos. Dessa maneira ela é capaz de criar drogas terríveis. A Ordem comumente denomina todas essas drogas de venenos. As substâncias criadas por Elba, pessoa nenhuma seria capaz de fazer.”

“Depois que ela vendeu sua alma à Primeira Rainha, Elba se tornou imune a esses tipos de substratos — Arnon se fez entender. — Portanto, não há riscos em lidar com eles. Ainda que aconteça algum acidente em seu laboratório, o que é comum na alquimia, ela é capaz de se recuperar de qualquer ferimento ou inoculação de substância nociva.”

— Então, ela usou uma droga em seu pai — Pedro concluiu.

— O nome da substância a que meu pai foi exposto chama-se Soro da Mentira. É um psicotrópico que confunde os sentidos. A pessoa envenenada acredita em tudo que é sugerido nos primeiros quinze minutos de ação da droga. Ele não teria confessado se não fosse por isso.

— Eu sinto muito.

— Agradeço a sua consideração.

Lamentavelmente, a História nunca reconhecerá a inocência de Edmundo Aquiles.

Oficialmente, o falecido guardião era e continuaria sendo para sempre um traidor. E se Arnon quisesse manter suas insígnias da Academia, seria obrigado a manter unicamente o sobrenome de sua mãe, como fazem os filhos bastardos, rejeitados e renegados pelos seus genitores.

## Capítulo XXXVII

Um pequeno sino fixo na parede, em uma das extremidades do corredor, soou como um despertador irritante. Seis horas de sono passaram mais depressa do que os jovens aspirantes a cavaleiro gostariam. A expressão acordar sentindo-se moído por um triturador de carne fez total sentido para o grupo. As pálpebras pareciam pregadas, tamanha foi a dificuldade de mantê-las abertas.

Foi Arnon quem os acordou.

— Há um frasco com analgésico muscular na pia do lavabo — ele anunciou projetando a voz de modo a alcançar todos os quartos. — Passem uma porção farta nas áreas mais doloridas do corpo. O treino de hoje vai ser um pouquinho mais complicado.

Quem precisava ouvir bom-dia quando se era despertado por um toque estridente de furar os tímpanos e um anúncio antecipado de sofrimento?

O banheiro coletivo ficava próximo ao dormitório de Pedro e era um cômodo modesto se comparado aos luxuosos lavabos do palácio. Tinha uma banheira confortável, um armário que abrigava diversas toalhas brancas e enroladas tais e quais pergaminhos. Ao lado do móvel, uma pia encimada por uma peça de madeira clara, onde ficavam guardados alguns frascos de medicamentos e sais de banho de efeito curativo.

Embora sonolentos, os jovens estavam uniformizados em menos de vinte minutos. Arnon os aguardava nas proximidades do quarto de Tommy. Uma das mãos segurava um tecido de algodão como uma porta entreaberta.

— Por aqui — o cavaleiro disse e abriu caminho através da peça de tecido decorativo.

Uma mesa baixa e circular ocupava o meio do refeitório. Sobre ela estavam organizadas as mais variadas porções de alimentos. Um verdadeiro arco-íris alimentar, que de longe ultrapassava o café da manhã convencional que os aspirantes tomavam em casa. Eles se sentaram nas almofadas coloridas que desempenhavam a função de cadeiras. As peças de cores variadas eram extremamente confortáveis, os jovens notaram ao se acomodar. Foi uma refeição farta, que incluiu frutas, cereais e mel. Pão sem fermento com ovos mexidos. Chás e geleias de frutas.

Parte daquela manhã seria dedicada a esclarecer um dos últimos detalhes sobre a Ordem, um assunto que envolvia a todos, mas sobretudo Pedro e Eloise, os descendentes do Primeiro Rei.

O cavaleiro defensor, o guardião e os jovens tomaram lugar no tapete colorido que ficava no ambiente oposto ao do espaço reservado aos treinamentos físicos. Sentaram-se em círculo. A geometria simbólica não era ao acaso. Sinalizava a igualdade entre os cavaleiros.

Rash falou dos objetivos da Ordem. E por que, efetivamente, eles insistiam com Laura que os filhos de Pietro conhecessem suas origens e soubessem de sua herança.

— Como lhes disse ontem, a Arca da Aliança nunca foi encontrada por Elba. E isso não aconteceu porque o artefato desapareceu nos séculos, mas sim pelo simples fato de que a verdadeira Arca sempre esteve escondida. Os primeiros doze cavaleiros que a construíram, fizeram uma réplica idêntica à original. E a deixaram exposta no palácio real de Petra. Ao mesmo tempo esconderam o baú original em um local seguro.

“No final de suas vidas, esses bravos cavaleiros construíram um mapa que levava ao artefato sagrado. Esse mapa foi dividido em doze partes. Cada pedaço foi entregue, separadamente, aos herdeiros primogênitos desses membros da Aliança. Naquela época, os filhos só assumiam seus legados quando os pais faleciam. A eles foi dito que só voltassem a reunir as peças do mapa quando a Espada do Rei fosse novamente necessária para servir o povo de Petra. Os pergaminhos passaram de geração a geração, sempre em partes. Desse modo, ninguém saberia a localização precisa da Arca. E assim é até hoje.”

“Acontece que, como eu também lhes informei ontem, Elba caçou alguns valerosos cavaleiros e os matou. Mas antes, ela os torturou impiedosamente, das maneiras mais cruéis que se pode imaginar. Encontramos alguns cadáveres e o que nossos amigos sofreram foi além do que a capacidade humana é capaz de suportar. Em razão disso, acreditamos que o embuste inicial, da réplica, certamente tenha sido descoberto por ela.”

“Por isso estamos agindo com urgência. E também por essa razão que a escolha de vocês definiria nosso futuro. Pedro e Eloise são os únicos que podem empunhar a Espada do Primeiro Rei, por isso precisavam ser treinados o quanto antes. Sem os herdeiros de Pietro, seria inútil e arriscado remontar o mapa original. Uma vez que decidiram fazer parte da Ordem, poderemos colocar em prática nossos objetivos: resgatar a Arca e destruir a rainha Elba.”

Destruir era o termo mais apropriado, afinal a rainha não era mais um ser humano. Era uma criatura sem alma, um ser nefasto.

A parte física daquele dia foi intensa, como Arnon antecipara antes do café da manhã.

— O treinamento de um cavaleiro da Aliança é completo. — Rash segurava um par de bastões de madeira que havia retirado do armário de armas. Arnon empunhava outros dois. — Enquanto a Academia se restringe ao uso de espadas, nós utilizamos todas as armas disponíveis. Gosto de começar as apresentações com os bastões curtos. Embora tragam o inimigo para perto de si, possuem uma excelente vantagem: são facilmente camuflados. E, oficialmente, não são considerados armas. A luta com os bastões se desenvolve na área demarcada pelo retângulo central. Um espaço limitado, em que você e seu oponente estão sempre em contato direto.

Enquanto falava, Rash se posicionou no espaço principal da arena de lutas juntamente com Arnon. E o que se seguiu foi uma demonstração espetacular. O anão, de aparência idosa e andar

tranquilo, de repente, transformou-se em um enérgico lutador. Com um movimento de três passadas, o treinador atacou Arnon com os bastões.

O som dos impactos potentes lembrava um tilintar metálico. Os golpes eram velozes e perfeitos. Ao mesmo tempo, violentos e pesados. Os lutadores, ágeis e habilidosos, moviam-se sem sair do perímetro limitado pela linha retangular, como se o espaço estivesse gravado em suas mentes. Havia sincronismo nos deslocamentos. Não eram passos aleatórios, mas movimentos técnicos e precisos.

— Essas armas são ótimos instrumentos defensivos. Mas, além de defender, os bastões também permitem um contra-ataque rápido. Eles dão precisão e controle. — Rash girou as peças nas mãos fazendo-as rodopiar várias vezes. Em seguida acrescentou: — Fiquem atentos.

A exibição recomeçou com novos movimentos. Agora, eles não apenas defendiam, mas contra-atacavam. Os pés se movimentavam com agilidade enquanto os braços suportavam a força dos impactos.

— A maior vantagem dos bastões é que eles podem ser utilizados de tal forma que produzem um sistema de alavancas nas articulações do corpo, que permitem a imobilização e o desarme do inimigo.

Num ataque direto, Rash deixou Arnon apoiado em um dos joelhos enquanto os bastões prendiam um dos seus braços nas costas. Qualquer movimento e a articulação do ombro estaria arruinada.

— Oponente liquidado e desarmado. Luta limpa. Sem sangue. Sem morte — Rash falou voltando à posição inicial do retângulo.

E em mais uma sequência perfeita, o guardião foi novamente desarmado, mas com um golpe diferente do primeiro.

Tommy, Pedro, Eloise e Isabel acompanhavam as demonstrações, atentos. A técnica não se assemelhava ao que costumavam aprender nos treinamentos escolares. E ainda que a Escola Preparatória de Tamísia fosse considerada a instituição que melhor preparava os jovens para a Academia de Cavaleiros, os passos a que estavam assistindo era algo completamente acima dos padrões apresentados a eles.

— Tommy e Pedro ficam com Arnon — Rash falou num rompante, tão logo a amostra de lutas acabou. — Isabel e Eloise comigo.

E assim foi o segundo dia naquele ambiente inusitado. Exaustivo. Penoso. E dolorido.

Quando a última gota de suor caiu, os aspirantes contabilizavam marcas roxas nas áreas onde o protetor de braço e o colete não cobriam. E somavam dores em cada lugar no corpo onde havia músculos e tendões. Contudo, graças à medicina avançada daquela terra, os hematomas durariam um ou dois dias e a condição dolorida do corpo melhoraria depois de oito a dez horas.

Formidáveis eram os conhecimentos científicos dos anões, sobretudo na área médica. Talvez fosse essa uma das razões para a longevidade da raça irmã dos homens.

O treino acabou às sete. O jantar seria às oito. Eles tinham exatamente uma hora para tomar banho e se aprontar. Tudo ali obedecia a uma série de regras, mas, fundamentalmente, o cumprimento dos horários, uma das normas mais rígidas.

Mais tarde viriam a saber que, para ingressar na Aliança, um treinamento durava em torno de oito a dez semanas. Na verdade, aqueles jovens estavam sendo treinados com urgência por dois motivos. Primeiro, a hesitação de Laura em contar a verdade aos filhos. E, segundo, o Torneio de Bravura que aconteceria dali a quatro semanas. Pedro e Eloise precisavam da formação na Academia Militar se quisessem pleitear o trono de Petra. Essa era a Lei. Ao passo que Isabel e Tommy necessitavam das insígnias para, no futuro, comandar os cavaleiros que lutariam ao lado dos Belmonte na retomada do trono.

Rash, como bom estrategista de guerra, antevia esse fato terrível. Por isso, o futuro dos herdeiros seria um jogo de xadrez complicado, porque a intenção dos Cavaleiros da Aliança era minimizar tanto quanto possível as proporções desse combate.

Por essa razão, no ano seguinte, Eduardo, Diogo e os outros defensores começariam uma verdadeira cruzada diplomática para buscar aliados que pudessem aumentar o contingente político daqueles que não apoiavam o governo do rei Edgar.

A refeição da noite era um cardápio especialmente balanceado para atender às necessidades de um intenso treinamento físico. Quando Tommy chegou ao refeitório Eloise já estava lá, sozinha. Foi um encontro inesperado, mas perfeito.

Ele estava decidido a confrontá-la porque já não suportava fingir que nada havia acontecido entre eles. Não suportava que ela o evitasse, a cada minuto. Não aguentava tentar decifrar os olhares que ela trocava com Arnon e se perguntar o que ela sentia pelo cavaleiro ou o que sentia por ele próprio

Ele se acomodou na almofada colorida ao lado dela. Ela disse um “oi” desconfortável. Eloise estava claramente evitando um diálogo, ele sabia, mas não a deixaria escapar. Segurou-lhe a mão antes que ela começasse a se servir.

— Preciso que me diga: está com raiva de mim?

— Não... claro que não. Você é meu amigo.

— Sei... Há alguma possibilidade de eu ser mais que um simples amigo?

— Tommy..., há tanta coisa acontecendo... Estou confusa... Eu acho que não é um bom momento para... bem... você sabe.

— Por favor..., seja direta.

Ele ergueu o queixo dela com delicadeza. Os olhos negros finalmente o olharam. Estavam intensos, sem dúvida. Mas, sobretudo, fascinantes e hipnóticos.

— Seja honesta comigo, como você sempre foi — ele disse com a voz suave, passando o dorso da mão na maçã de seu rosto, descendo pelo queixo novamente, contornando a boca e chegando à orelha. Ele sentiu a pele de Eloise estremecer ao toque e seu rosto se iluminou como o nascer de um dia ensolarado, o coração rugindo no peito.

— Gostou do nosso beijo? — ele sussurrou a pergunta no ouvido dela. O hálito quente fez a respiração de Eloise se alterar.

Ela fez que sim com a cabeça em um movimento sutil. Ainda com a mão pousada na base da nuca de Eloise, ele moveu o rosto e a encarou a uma distância de centímetros.

— Posso beijá-la de novo? — perguntou e, desta vez esperaria para ouvir a resposta.

— Sim — ela disse, num tom suave e sussurrado.

Sem a pressa e a urgência do beijo que trocaram no pomar, as mãos dele lhe acariciaram o pescoço para se encontrarem na base do cabelo atrás da orelha. Os olhos dela se fecharam lentamente e ele tocou seus lábios com carinho.

Foi como se o sol de repente iluminasse o refeitório, expandindo seus raios vibrantes e calorosos em todas as direções. Ele a beijou como se aquele momento fosse o mais importante da sua vida. Aquele beijo selou, definitivamente, o amor de Tommy por Eloise. Depois daquela noite não haveria retorno. Não haveria mais cura para o que ele sentia por ela.

## Capítulo XXXVIII

Os dias que se seguiram passaram de forma rápida. A rotina e o treinamento exigiam deles concentração, dedicação e persistência. Além de reeducar o corpo com uma quantidade assombrosa de exercícios, precisavam aprender as diferentes técnicas de luta, pois conheciam apenas uma: o manejo da espada.

Ao fim da primeira semana, a exigência de conforto era praticamente nula. Eloise, Pedro, Isabel e Tommy eram capazes de cochilar no chão da arena de lutas ou sobre alguma poltrona do salão de treinamento. Quando a noite chegava, a refeição parecia uma formalidade incômoda, que roubava meia hora de sono.

Em meio ao ritmo frenético dos primeiros dias, Rash trouxera notícias sobre Laura. A mãe dos gêmeos estava bem. Diogo a havia trazido de volta, contudo, ela não permaneceria em Tamísia.

Foi entre um intervalo e outro de exercícios que Pedro e Eloise foram surpreendidos com a notícia de que não tinham mais casa em Tamísia. Que a vida dos Pontes fora completamente apagada do antigo sobrado: roupas, livros, móveis, fotografias, objetos de estima pessoal, tudo havia sido destruído. Questões de segurança, foi a justificativa de Rash.

Os gêmeos ficaram abalados, mas foi Eloise quem mais sentiu o baque.

— E onde está minha mãe? — Ela quis saber, sem esconder o choque.

Quando partiram de casa, dias antes, de maneira alguma os gêmeos imaginaram que jamais retornariam ao lar. Era estranho saber que o lugar onde cresceram, as roupas que vestiram, o quarto onde dormiram, o jardim humilde que os presenteava com as primeiras flores da primavera, nada disso estaria lá esperando por eles.

Angustiante foi a sensação de vazio que tomou Eloise de assalto.

— Laura será levada à Zaah — Rash respondeu. — E ficará em um local seguro — completou, sem informar detalhes sobre o tal lugar.

— Eu não entendo... Por que não podemos voltar à Tamísia? — Eloise perguntou novamente.

— Há quase um ano, um amigo e um importante colaborador da Ordem, desapareceu misteriosamente enquanto fazia uma viagem ao Triângulo de Zarthan. Inicialmente pensamos na possibilidade de um naufrágio, embora o capitão do navio em que ele estava fosse um anão que acumulava horas de navegação. Passamos semanas procurando destroços de embarcação nas ilhas próximas. E nada. Em uma dessas buscas, fomos interceptados por um navio pirata de Zadoque. O encontro foi providencial. Embora os criminosos tivessem larga experiência em ataques relâmpago, não tivemos grandes problemas em combatê-los e capturá-los.

“Aqui, eles foram julgados e condenados a cumprir pena perpétua nas masmorras da península. Acontece que um dos patifes tentou negociar a liberdade com uma informação sobre o sequestro de um anão, justamente nas imediações de onde fomos atacados. É claro que não cedemos à chantagem. Afinal, uma delação não o eximiria de sua culpa. Contudo, arrancamos dele a verdade. O prisioneiro recebeu uma dose do “Elixir da Verdade”, um extrato de plantas desenvolvido pelo médico desaparecido, para ser usado somente pelos cavaleiros da Ordem da Aliança.”

“A mando da rainha Elba — Rash seguia com o relato —, aquele mesmo bando de mercenários havia sequestrado Semil Arzu e executado a tripulação do barco onde o médico estava. Esse fato nos deixou em alerta máximo. Elba poderia querer arrancar diversos tipos de informação dele, desde fórmulas alquímicas secretas até o segredo dos túneis submersos de acesso à península. Porém o que mais nos assustava, e ainda assusta, era a possibilidade de ela ter descoberto a ligação dele com a Ordem. Se ela soubesse disso, a falsa identidade dos Pontes estaria comprometida. Semil era um dos poucos civis que conhecia a história de Laura. Ele estava lá quando nasceram — Rash justificou em seguida. — Depois de saber que Semil era prisioneiro de Elba, tomamos várias medidas de segurança, além de destacar Arnon para acompanhá-los de perto.”

“Ninguém sai ou entra na península sem autorização do chefe da nossa guarda. Dobramos o patrulhamento nos túneis. Onur e eu praticamente não nos afastamos daqui para não deixar nosso povo desprotegido. Infelizmente, ainda não sabemos o que Elba desejava com Semil, mas o fato é que ela o torturou. — Rash disse as palavras com uma sombra nos olhos que lembrava a tristeza de um luto. — Encontramos o corpo dele poucos dias antes de vocês quatro chegarem aqui. A substância detectada na autópsia indica que Elba usou de seus venenos para lhe arrancar a verdade.”

“Semil era um mestre em alquimia, conhecia a ação de muitos psicotrópicos e embora tenha treinado o próprio organismo a resistir aos efeitos de muitos alucinógenos, como disse, não é possível ter certeza de que meu amigo tenha resistido aos efeitos da droga. Por isso, estamos monitorando a ação da rainha e de sua guarda pessoal para desvendar os planos dela. Enquanto isso, Laura ficará escondida.”

Nos dias seguintes, os aprendizes se concentraram no desenvolvimento de seu potencial de lutadores e descobririam que um bom cavaleiro necessita aprender a controlar as emoções, domar a impulsividade e agir de maneira equilibrada.

— A mente — Rash dizia alguns dias após o relato sobre a morte de seu amigo — deve ser soberana. É ela quem precisa controlar o conjunto de todo o nosso corpo. Tudo acontece aqui. —

O professor bateu com o indicador no osso temporal. — Concentrem-se na vitória e ela acontecerá. Pensem no fracasso e ele será inevitável. Ataquem com raiva e perderão o foco da batalha.

Com o passar dos dias, Isabel se revelou uma lutadora incrível, dotada de dons acrobáticos adquiridos nas aulas de ginástica da Escola Preparatória de Tamísia. Muito boa com os bastões curtos e em manobras que exigiam equilíbrio.

Tommy em contrapartida era um lutador nato: gostava dos embates corporais. Ele contava com a habilidade adquirida com o pugilismo e com a força que herdara dos genes paternos, seus músculos eram naturalmente resistentes e sua estrutura corporal assemelhava-se a um muro de pedras.

Já Eloise era uma lutadora dotada de uma flexibilidade marcante. Ela conseguia se mover como poucos em um combate corporal e confundir o oponente fazendo o corpo parecer uma borracha elástica. Movimentando-se incansavelmente, a princesa herdeira impedia o oponente de antecipar seus ataques.

Pedro, por sua vez, mostrava-se ágil e perspicaz. Conseguia, muitas vezes, antecipar os golpes, perícia que o ajudava a neutralizar a força adversária. Lutou bem com o bastão longo e sentiu-se à vontade manejando uma réplica de madeira de uma espada de lâmina um pouco encurvada.

— Argh! — Pedro acabara de errar um desvio de contragolpe. O resultado havia sido uma pancada na altura dos rins.

— Parem. — A ordem foi de Rash.

Eloise imaginou que ele pediria mais cautela, porém logo descobriria que não havia tempo para ser cauteloso.

— Pedro, enrijeça a musculatura. São os músculos que protegem seus ossos. O corpo — agora o treinador falava olhando para o grupo — é nossa melhor armadura. O bom guerreiro sabe ocultar suas fraquezas. — Rash apontou para a brecha que Arnon havia encontrado na roupa de Pedro. Naquele dia eles não estavam vestindo o aparato completo do uniforme, mas apenas os protetores no tórax e braços, além das botas.

— Tire o colete e a camisa — Rash comandou, inflexível.

Pedro obedeceu. Tommy soltou um assóvio baixo quando a marca da espada de madeira de Arnon ficou exposta.

— Isto — o líder do treinamento segurava as peças despidas do uniforme na mão — são apenas acessórios. — Depois da afirmativa dura, o anão jogou o conjunto no canto da sala.

— De novo. — Não havia complacência na voz de comando do professor. — O mesmo movimento.

Arnon repetiu a sequência com Pedro, tentando ser o mais didático possível. As primeiras quatro investidas foram lentas, de modo que os espectadores também fossem capazes de aprender os deslocamentos. Depois, os movimentos foram adquirindo velocidade na proporção em que Pedro ganhava habilidade. Eles não estavam tão velozes quanto em uma luta real, mas caminhavam satisfatoriamente para isso. Rash às vezes esboçava um sorriso discreto, mas não fazia elogios, apenas pontuações.

— Pedro, sua característica marcante na luta é a agilidade. Quero que faça o seguinte: lute como se fosse invisível.

— Como assim? — o jovem aprendiz se mostrou confuso.

— Eu explico. Os primeiros minutos da sua luta serão como se você não estivesse ali. Seu oponente irá atacar e você irá desviar. Use sua perspicácia e velocidade e mantenha-se na linha central. Depois de algumas evadidas, você pode provocar um desequilíbrio no eixo do oponente, que não espera uma evasão, mas sim uma defesa do golpe. É nesse momento que deve contra-atacá-lo. Utilize a força do oponente contra ele. Assim. — Rash tomou o lugar de Pedro no retângulo. — Arnon. — O treinador sinalizou e o cavaleiro investiu contra ele.

Rash desviou o golpe e ainda o contra-golpeou nas costas. Arnon caiu no chão com uma violência espantosa.

— A força da velocidade do meu adversário somada à do meu golpe fez com que o impacto dele contra o solo fosse duas vezes maior. Vocês agora.

Pedro tentou seguir as instruções e aos poucos percebeu que se sentia muito à vontade com aquela técnica.

Na manhã de algum dia da segunda semana de treinamento Rash estava ao lado de Pedro, que contemplava o armário de espadas. E não estavam diante das réplicas de madeira com as quais os aprendizes vinham treinando desde que ali chegaram, mas sim defronte às lâminas afiadas e reluzentes que ficavam depositadas na parede vizinha ao perímetro de lutas.

— Alguma preferência? —

Pedro deveria escolher a arma que melhor se encaixava no seu perfil de combatente. Uma escolha difícil, já que havia, pelo menos, trinta diferentes tipos de objetos de luta pousados em suportes de madeira. Pedro, que há dias vinha observando o exemplar único daquela galeria, apontou a segunda arma olhando-se de cima para baixo.

— O Sargon — Rash disse com satisfação. — Excelente escolha.

O espécime raro tinha noventa centímetros. Lâmina poderosa de curvatura discreta, e pesava cerca de um quilo.

— Essa arma já realizou inúmeras façanhas — Rash disse ao retirar o objeto da prateleira.

No momento em que Pedro segurou sua escolhida, percebeu outros detalhes de sua constituição belíssima e perfeita. O cabo ligeiramente convexo era revestido de ouro negro. A lâmina reluzia mais do que qualquer material visto naquela sala. E no metal havia ainda uma inscrição em uma língua que lhe era desconhecida.

— Sargon, no seu idioma — Rash disse a Pedro — significa “Verdadeiro Rei”. Essa espada é uma réplica exata da relíquia que foi guardada na Arca.

Pedro e os outros ficaram surpresos com a informação.

— Esse sabre foi forjado, a pedido do Primeiro Rei, para ser dado ao seu filho quando ele assumisse o trono. E ganhou o nome de Sargon para que passasse, de geração a geração, aos legítimos reis e rainhas de Petra. O material com o qual foi forjado não existe mais — o mestre explicou em seguida —, pois veio de uma reserva mineral única e muito pequena. É realmente extraordinária a substância dessa lâmina. Nem mesmo os séculos foram capazes de deteriorá-la.

— O que aconteceria se eu ou Eloise não a escolhesse?

— Ela ficaria ali, onde estive nos últimos dezessete anos. Mas sabe Pedro, nenhum Belmonte deixou de querer o Sargon. Essa arma exerce um singular fascínio em sua família. Eu costumo dizer que não é a espada quem escolhe o cavaleiro, é o cavaleiro quem escolhe a espada. Mas, no caso do Sargon, parece que há uma inversão desses papéis. É o próprio sabre quem escolhe os verdadeiros monarcas.

Treinador e aluno vieram para a área delimitada pelo menor retângulo da arena de lutas. Rash desenhou uma linha que lembrava os quatro pontos cardeais.

— Isto se chama eixo de batalha — explicou depois de traçar as retas que se cortavam ao meio. Em seguida chamou Arnon, que se colocou no eixo norte das linhas, e Pedro, que ficou na ponta oposta, de modo que ambos se distanciassem em um metro. — Esta área — o treinador indicou o perímetro do retângulo central — é o local decisivo de uma luta. Só traga o seu oponente para esse lugar se puder vencê-lo — e isso o professor dizia para todos. — Aqui só há espaço para você e ele. Nada, além disso, cabe nesse local. Se quiserem vencer, tudo o que importa é quem está no retângulo.

Pedro, que já havia treinado repetidas vezes com peças de madeira, segurou firme o cabo negro da espada e sentiu-se à vontade com o sabre, como se a espada tivesse realmente sido fabricada sobre medida para ele.

— Nenhum cavaleiro da Ordem da Aliança empunha uma espada ou qualquer outra arma para utilizá-la em benefício próprio — Rash falava em meio a um intervalo e outro da luta. — Não somos movidos por ódio, vingança ou vaidade. Mas sim por amor, justiça e fé. Lembrem-se: não somos assassinos. O objetivo da luta é vencer. Não matar. Nunca ataque pelas costas ou

duele de maneira desigual.

## Capítulo XXXIX

*Que saco! O cavaleiro está apaixonado pela minha garota ou é impressão minha?* Os pensamentos de Tommy estavam incontroláveis, embora Rash tivesse deixado bem claro: eles formariam uma equipe: Tommy, Eloise, Isabel, Pedro e Arnon.

Ele precisava se acostumar com isso, mas a convivência com Arnon era difícil, apesar de Tommy admitir que o cavaleiro não era um mau sujeito e que estava realmente empenhado em ajudá-los a se tornar membros da Ordem da Aliança em apenas três semanas.

*Eu teria desistido de nós no terceiro dia. Se ele parasse por aí, tudo bem.*

Mas a cada vez que “o sujeito” segurava a mão de Eloise e se achegava perto dela para ensiná-la a manejar qualquer arma, o estômago de Tommy se contorcia em solavancos, seus pelos se eriçavam, o sangue acelerava nas veias e ele tinha vontade de atacar o guardião.

Tommy não chegava a ser um bruto, mas também não se encaixava no perfil cavalheiro altruísta. Sua personalidade ficava em algum lugar no meio do caminho entre esses dois extremos. Portanto, a cada momento que Arnon entrava no dormitório dela com pomadas, Tommy ficava em chamas, pois as paredes finas que dividiam os cinco quartos não impediam a passagem de som. Isso significava ouvir a conversa dos dois.

Eles sempre conversam assuntos relativos à política, principalmente questões humanitárias que envolviam os refugiados de guerra e a divisão étnica que estava acontecendo em Gazara. Mas também coisas sobre a Academia de Cavaleiros, o Torneio de Bravura. Sobre Dravos, a cidade que sediaria a competição. Livros, desde romances românticos a biografias monótonas. Astronomia. Pinturas que Tommy nem sabia que existiam. Alquimistas famosos... Como eles tinham assunto!

Arnon era um sujeito culto e inteligente, da mesma forma que Eloise era. Eles conversavam como se fossem amigos de longa data, um chegava até a completar a frase do outro. A afinidade dos dois era *de dar nos nervos* — palavras de Tommy.

*Se, pelo menos, a relação entre eles fosse apenas de guardião e escolhida, tudo bem.*

*Mas não é. Eloise se tornou amiga dele. E o cavaleiro está, claramente, se aproveitando da situação.*

Tommy prestava atenção na maneira como Arnon olhava para Eloise: da mesma forma que ele próprio a observava. Ou seja, extasiado com a delicadeza do rosto dela. Deslumbrado pela beleza de seus movimentos. Encantado com o sorriso ora tímido, ora espontâneo e admirado com a inteligência e a força que vinham de alguém de aparência tão frágil. Isso sem contar na voz melodiosa, no cuidado excessivo...

Tommy reconhecia o sentimento de Arnon porque era exatamente o mesmo que o dele: ambos estavam apaixonados pela mesma mulher. A questão era que as ações dele, vistas sob a ótica dos outros, não ultrapassavam os limites seguros. Não eram invasivas.

Arnon era equilibrado. *Irritantemente contido.*

Tommy tinha certeza de que nem mesmo a própria Eloise sabia o que Arnon sentia, de modo que sua hostilidade já estava sendo vista como paranoia pelos amigos.

— Por que você trata o Arnon tão mal? — Isabel perguntava com frequência.

— Eu não o trato de maneira ruim.

— Mas também não faz questão de ser simpático — ela insistia. — Poderia, ao menos, tentar ser menos grosseiro. Ele só está fazendo o trabalho dele.

De qualquer maneira, Tommy não poderia apresentar os motivos reais da sua impicância, então precisava melhorar seu comportamento.

*Eu não poderia proibir o cara de amar a mesma mulher que eu. Desde que ele respeitasse os limites.*

Quais eram os limites? Arnon nada sabia sobre o namoro de Eloise e Tommy.

## Capítulo XL

— Vocês se lembram de quando Rash falou sobre o contrato que Elba fez com a Primeira Rainha? — Arnon perguntou, depois do jantar. O cavaleiro, Pedro, Eloise, Tommy e Isabel estavam acomodados nos divãs que ficavam na arena de treinos. — Que ela precisava entregar dez almas ao espírito maligno a cada cinco anos — ele mesmo respondeu para ser objetivo. — E vocês já ouviram falar sobre a guarda pessoal da rainha?

— Bom... Pelo que sei, é a própria rainha quem escolhe os soldados que formam esse grupo de elite — Eloise respondeu pelo grupo.

— E ela os seleciona a cada cinco anos — Isabel completou com brilhantismo.

— Exatamente — Arnon concordou. — Acontece que esses agentes são criteriosamente escolhidos por Elba, não apenas para cuidar de sua segurança, mas para segui-la, como servos. Ela lhes oferece dinheiro, poder e prestígio social. Em troca, eles devem servi-la por cinquenta anos contínuos. E, é claro, entregar suas almas à Primeira Rainha. Além das compensações financeiras, os servos ganham ainda uma vida mais longa. Vivem “imortais” — Arnon sinalizou o termo com aspas no ar — pelo dobro de anos que passam servindo à rainha. Não importa quantos anos tenham quando são recrutados. Se trabalharem por meio século para a monarca, vivem mais cem anos depois disso. Mas acontece que esses servos nunca sobrevivem para desfrutar de seus privilégios adquiridos depois de tantos anos de servidão, pois ela os mata, um ou dois anos depois de terem conquistado sua liberdade. A esses agentes especiais, a Ordem dá o nome de Fantasmas.

— Fantasmas? — Eloise repetiu o termo como se a palavra a assustasse.

Arnon franziu a testa, examinou-a por alguns segundos e só depois continuou.

— Nós os chamamos assim porque é exatamente isso que eles são: pessoas vivas e mortas ao mesmo tempo. O corpo vive, enquanto a alma está acabada. Da mesma maneira que Elba, eles são vazios como uma casca de árvore oca.

— Quer dizer, são cadáveres com vida? — Isabel pareceu confusa com a natureza macabra das informações.

— Mais ou menos isso... Cadáveres comuns não lutam tão bem quanto os Fantasmas. E suas almas não são necessariamente aprisionadas no Vale da Sombra da Morte, para sofrer por toda a eternidade.

— Que horror! — Eloise deixou escapar a expressão de repulsa que passou em sua mente.

— É evidente que ninguém, além da Ordem — Arnon continuou —, conhece a verdadeira

natureza da guarda pessoal dos monarcas. Os Fantasmas são lutadores letais. Extremamente perigosos e habilidosos. Eles agem para matar, sempre. Não têm escrúpulos ou piedade. Apesar de viverem no palácio sob a alcunha de guarda-costas, eles, na verdade, são caçadores. Predadores altamente treinados para agir nas sombras. Eles são o braço armado de Elba. São eles os responsáveis por caçar e exterminar os Cavaleiros da Aliança.

— Você disse que eles são “imortais” — Isabel repetiu as aspas que o cavaleiro fez quando usou a palavra anteriormente —, mas também falou que Elba os mata depois dos anos de serviço.

— Ah, sim... A proteção que recebem não é válida contra um Herdeiro da Aliança ou a própria rainha. Bem — Arnon chegou ao ponto que queria —, faz dois dias, Onur notou a presença de dois Fantasmas nas proximidades da península. Ainda não sabemos o objetivo dos agentes. Talvez estejam apenas espreitando, isso já ocorreu antes — Arnon disse com rapidez para amenizar a expressão de alarde dos ouvintes. — Onur, tomou mais precauções para reforçar a segurança dos túneis. Eduardo, inclusive, já está aumentando o contingente de vigilância. Contudo, depois do sequestro do médico Semil, tudo é possível.

— Esse “tudo” que acabou de mencionar inclui a possibilidade de termos sido descobertos? — Eloise perguntou.

— Estamos num jogo de xadrez. Nenhuma estratégia de Elba é clara ou fácil de ser interpretada. Qualquer coisa que eu afirmasse além do que já conversamos seria especulação.

— Então, *existe* a possibilidade de termos sido descobertos? — Pedro insistiu, preocupado.

— Como eu disse, levantar hipóteses sem uma boa fundamentação é perda de tempo.

Eloise acordou no meio da madrugada, ofegante, confusa e desnorteada. Por um ou dois minutos, nem sequer sabia onde estava. Os cabelos compridos estavam grudados no rosto molhado de suor. E embora estivesse com os olhos abertos, tudo o que enxergava era um emaranhado de fios. Ela não se recordava de ter pegado no sono, e muito menos em que lugar havia adormecido. A impressão que tinha era de que estava no meio de uma floresta escura e úmida.

Ela afastou as mechas enquanto se localizava no tempo e no espaço. Aos poucos, lembrou que estava no palácio da secular família Amyr e que ela estava sendo treinada pelo anão Rash, o irmão mais novo de Onur.

Então, sua visão ganhou foco e ela o viu. Ele estava ao lado da sua cama, apoiado sobre os próprios joelhos. A mão direita segurava uma chama, que fazia seu rosto brilhar sob o efeito da luz.

— Você está bem?

O timbre soou tão familiar que por alguns instantes parecia que não era o guardião que estava ali, mas outro Arnon, um que seus sentidos teimavam em reconhecer como alguém com quem ela viveu durante muitos anos.

Um absurdo, ela sabia.

— Você está bem? — ele repetiu a pergunta diante do silêncio de espanto.

— Estou — ela respondeu, embora não estivesse certa disso. — O que... está fazendo aqui? — quis saber em seguida.

Ele apoiou o candeeiro no chão antes de falar.

— Entrei porque você estava chorando. Pensei que estivesse se sentindo mal.

— Chorando? Eu?

Foi então que ela percebeu que o suor em seu rosto, na verdade, eram lágrimas. Muitas lágrimas. Ela sentou um pouco desajeitada.

— Posso?

Arnon pediu para colocar a mão em sua testa para conferir se estava febril. O toque foi suave. As mãos quentes contrastaram com a temperatura baixa do corpo dela, o que provocou um leve tremor quando os dedos pousaram na pele fria.

— Não me lembro de ter chorado — ela se justificou de maneira sincera. — Aliás, não lembro nem mesmo de ter adormecido — acrescentou no momento em que ele concluiu que ela não tinha febre.

— Está com dor de cabeça. Ou se sentindo tonta? — ele continuou o exame.

— Não. Um pouco zozna, mas acho que é porque acordei agora.

— Deve ter tido um pesadelo — Arnon concluiu.

— É..., provavelmente — ela concordou, ainda que não lembrasse nada.

Sonhos ruins não eram novidade para ela, contudo, não ter a menor recordação do que acontecera durante o sono era um fato novo.

— Vou trazer um copo de água.

Ela não se fez de rogada. Aceitou o oferecimento. Estava mesmo com sede. O problema foi que ele saiu levando consigo o único feixe de luz do cômodo. Eloise nunca tivera problemas em ficar no escuro, porém, ali, depois do pesadelo, ela foi tomada por um estranho sentimento de aflição. Seu coração palpitou, mergulhado num estado de ansiedade exagerada. Procurou apoiar melhor as costas e arrumar o emaranhado de lençóis em torno de si.

A luz tremulante da vela voltou ao dormitório e ela se sentiu menos aflita. Arnon colocou o castiçal sobre o piso de madeira e lhe entregou o copo com água. Ela sorveu o líquido em goles lentos e suaves.

Ele, que acompanhou os movimentos com atenção, disse quando ela terminou de beber a água:

— Vou deixar o candeeiro com você.

Mas antes que o guardião refizesse os passos que separavam a cama da porta entreaberta, ela perguntou num sussurro:

— Aquelas pessoas... os Fantasmas...

— O que têm eles? — Arnon percebeu a hesitação no tom de sua voz.

— Existe algum tipo de salvação para eles?

Arnon franziu a testa. A pergunta soou descabida para o contexto. Mesmo assim, ele voltou e ajoelhou ao lado dela para esclarecer a dúvida.

— Não. Eles ofereceram por escolha própria suas almas à Rainha das Sombras. O Criador nos deu o livre-arbítrio, nosso direito de escolha, e ninguém, nem mesmo a Primeira Rainha, pode tomar isso de ninguém. Mas as pessoas que se tornam Fantasmas fazem uma opção. Elba apresenta o caminho, é verdade. Mas, no final, a escolha depende deles. Ela não toma a alma de nenhuma criatura, sem que antes haja o consentimento.

Eloise ficou em silêncio enquanto processava a informação.

— Por que está me perguntando isso, *agora*, no meio da noite? Ficou preocupada com o que eu disse? Teve um pesadelo com os Fantasmas?

As três perguntas seguidas a deixaram um pouco confusa. Ela não tinha respostas exatas para elas. Então, disse a verdade:

— Eu... não... me lembro com o que sonhei. Só perguntei sobre os Fantasmas porque a questão me veio à cabeça agora.

— Quer saber mais alguma coisa?

Ela fez que não.

— Bom... eu já vou. Você precisa descansar. Tente dormir e esqueça, por enquanto, os Fantasmas.

Ela sorriu e disse uma frase tão inesperada que até ela se surpreendeu.

— Você me acalma. Quando está por perto, sinto que nada pode me atingir. Quer dizer... você me transmite confiança. Como se fosse uma muralha intransponível.

— Bem... eu sou o seu guardião. É bom que se sinta dessa forma.

— É... sabe o que é ainda mais estranho?... Às vezes penso que conheço você há anos.

Arnon respondeu com um silêncio intrigante e uma expressão sombria de quem ainda esconde algum segredo.

## Capítulo XLI

A noite passou rápido aumentando a sensação de que as horas eram mais curtas no confinamento do que em qualquer outro lugar. O descanso era *sempre* insuficiente. E quando o corpo se acostumava a uma seqüência de treinamento, uma nova se apresentava no dia seguinte. Mais complexa. Mais intensa. Mais dolorosa.

Naquela manhã, Pedro foi o último a chegar ao refeitório. De novo. Em geral, apenas um motivo o estivera atrasando: estava deliberadamente evitando a companhia dos outros.

Contudo, naquele dia, ele demorou por uma razão natural: havia passado a última hora no banho retirando um composto à base de flor de tísia que precisara espalhar no corpo na noite anterior. Pedro havia tomado uma pancada, durante os treinos, que mais parecera o coice de um cavalo no auge de sua potência muscular. O unguento, que fizera um extraordinário trabalho em seu abdômen, deixara alguns resíduos inconvenientes. Os restos da pomada haviam secado e formado uma película sobre o tórax, uma casca malcheirosa, que conferia à pele um aspecto reptiliano que lembrava a couraça de um crocodilo adulto.

Pedro passou por Eloise, Tommy e Arnon quando atravessou o corredor dos dormitórios. Tommy estava comendo um pedaço de pão sem fermento com geleia, por isso respondeu com boca cheia ao bom dia do amigo. E Pedro se perguntou por que ele não terminou de comer antes de ir para a arena. Arnon quis saber se ele estava melhor. Pedro disse que sim, embora Eloise tivesse levantado sua camisa para conferir se ele dizia a verdade. Isso era típico dela.

Ele se acomodou em uma das almofadas que circundavam a mesa. O café da manhã como sempre, era promissor. Pão, frutas coloridas, mel, geleias, cereais, duas qualidades de chá e três tipos de suco. Praticamente um banquete para quem sempre fora acostumado com, no máximo, quatro variedades de alimentos sobre a mesa. Sendo que duas delas incluía o café preto, que Eloise e sua mãe bebiam todas as manhãs, e o leite, que era a própria escolha de Pedro.

Ele falou um bom-dia para Isabel e se serviu de aveia, mel, e frutas, deixando as massas para depois. Pedro encarou sua tigela da mesma maneira que vinha fazendo na última semana: esquivando-se de olhar para os lados. Contudo, foi impossível não notar que Isabel o avaliava. Pedro reconheceu a postura de imediato, olhando-o de uma maneira que somente ela conseguia: como se fosse capaz de romper-lhe as defesas e arrancar-lhe qualquer verdade que estivesse escondendo.

Isabel havia percebido seu afastamento voluntário, e agora que eles estavam sozinhos, ela certamente o indagaria acerca do que estava acontecendo. Pedro andava calado, distante,

preocupado, tenso e ansioso.

— Costumávamos ser amigos em Tamísia. — Ela disse, rompendo seu silêncio de minutos.

Ele não respondeu. Tecnicamente, não era uma pergunta.

— Perdeu a confiança em mim?

Pedro levantou a cabeça e ela o encarava com olhos que pareciam duas amêndoas silvestres.

— Você é terrível! — ele falou num tom de repreensão.

— Eu sei. — Ela, ao contrário, riu expressando uma postura acolhedora. — O que está acontecendo, Pedro? E não adianta mentir dizendo que não é nada, porque eu sei que é.

Pedro contou até três mentalmente e se rendeu à amiga. Precisava conversar com alguém para não explodir.

— Não sei se sou bom o bastante — finalmente ele confessou o que o estivera atormentando por dias. — Três semanas de treinamento é pouco. Você viu como o Arnon luta? A gente não chega nem perto da técnica dele.

— Arnon não é um parâmetro justo — Isabel contrapôs. — Além de ter sido treinado para fazer parte da Ordem, ele também é formado na Academia.

— Meu pai também era um cavaleiro e todos os outros que foram assassinados. O que eu quero dizer, Bel, é que se eles que eram tão bons foram eliminados, o que pode acontecer conosco? Tínhamos que ter vindo antes para cá. Se, na pior das hipóteses, a rainha descobriu alguma coisa sobre os herdeiros do príncipe, eu e Eloise precisaremos lutar muito melhor se quisermos sobreviver. E não estou preocupado apenas comigo e com ela. E você e o Tommy? Não quero que fiquem em perigo por nossa culpa.

— Pedro, eu entendo seu lado. Realmente entendo. Mas acho que está precipitando um pouco as coisas e assumindo para si um fardo maior do que lhe compete. Eu ou Tommy não estamos aqui obrigados. E muito menos por causa de você e Eloise. Nós estamos aqui porque somos herdeiros de algo grandioso. A partir do momento em que escolhemos aceitar nosso legado de defensores, assumimos a responsabilidade de tudo que venha a acontecer depois.

— Eu sei, Bel. Mas não me soa bem ouvir Rash dizendo que a *minha* segurança é a prioridade imediata da Ordem.

— Pedro, deixa de ser cabeça-dura. A questão não é você ou a Elô, a questão são os escolhidos. Apenas os escolhidos podem empunhar a espada do Primeiro Rei. Tem noção do quanto são importantes para a Ordem? E não é só isso. Você e Eloise são a última geração dos Belmonte. Se a vida de vocês acabar prematuramente, nunca mais haverá escolhidos. Está fazendo a sua parte, Pedro. Aliás, está fazendo bem mais que isso.

— Eu não tinha visto a questão por esse ângulo — ele confessou.

— É claro que não — Isabel afirmou num tom de quem se vangloria por um feito. E, Pedro

— ela acrescentou —, a Ordem deve ter um plano traçado para quando sairmos daqui. Duvido que Rash simplesmente vá nos dizer “tchau” e “boa sorte no torneio”. Ele vai nos falar exatamente o que deveremos fazer e como agir.

— É... Tomara que sim.

— Coma — Isabel disse em voz de comando. — Vai precisar de energia até o almoço.

O que Pedro mais gostava em Isabel era sua inteligência e objetividade. Ele sempre se sentia melhor depois de conversar com ela. Isabel não era aquele tipo de amiga que consola com palavras vazias. Ela invariavelmente tinha um argumento perspicaz, um ponto de vista lúcido e uma determinação nas palavras que o deixavam, senão tranquilo, pelo menos aliviado.

O desafio do dia seriam as pequenas colunas de bambu que se organizavam tais como degraus de uma escada. O aparato que ficava na extremidade da pista de combate ainda não havia sido utilizado pelos aspirantes, que continuavam se perguntando para que serviriam pedestais cilíndricos tão pequenos que mal davam apoio para a planta dos pés.

Rash subiu nas hastes que formavam os primeiros degraus da escada simulada. Os joelhos do mestre se flexionaram lateralmente e suas coxas ficaram alinhadas em um único traço horizontal retilíneo.

Pedro, Isabel, Eloise e Tommy tiveram, simultaneamente, um pressentimento doloroso ao contemplar a demonstração de incrível elasticidade. Estava para começar mais uma etapa de câibras e quedas.

— Ele não pode estar falando sério...! — Tommy murmurou mais para si do que para os outros.

— Flexibilidade — Rash começou a teoria na primeira posição daquela sequência — é fundamental para evitar lesões. E mantê-los na luta.

Em seguida, o treinador mudou a postura. Desfez a flexão dos joelhos, ergueu a perna direita mantendo apenas a esquerda apoiada na haste de bambu. Os membros inferiores do corpo formavam uma medida de noventa graus entre si.

— Equilíbrio e concentração — o mestre continuou — são igualmente importantes.

Após dizer isso, o anão encostou a ponta dos dedos do pé direito no joelho esquerdo de modo a formar o número quatro.

Enquanto a explicação decorria, Tommy ficou imaginando se seu pai ainda era capaz de realizar aqueles exercícios de treinamento. Pensar em Diogo Fernandez, um homem de quase dois metros de altura e muitos centímetros de largura, se esticando naqueles “palitos de bambu”— designação inventada pelo próprio Tommy — era quase surreal.

No último movimento, Rash avançou pelos cilindros como se subisse uma escada. Nada

incomum, não fosse um único detalhe: ele estava de ponta cabeça.

Tommy torceu o nariz, imaginando o quanto aquele exercício retalharia impiedosamente as fibras musculares e os ligamentos que ainda resistiam intactos no corpo dele.

— Hora de trabalhar — Rash anunciou ao descer do instrumento de prática.

Mas ele não ficou na arena para acompanhar o treino, como fazia rotineiramente. Os exercícios daquela manhã foram conduzidos por Arnon.

Rash voltou somente após a refeição do meio-dia, quando Isabel deveria escolher sua arma de combate, ainda que ela tivesse passado os últimos dias em dúvida entre um par de Sai e os bastões curtos.

— Você pode escolher as duas — Rash disse pondo fim à indecisão. — Os Sais funcionam como uma arma auxiliar de defesa — explicou. — Levante seu braço direito — o treinador pediu. — Mantenha-o esticado horizontalmente.

Rash posicionou um Sai embaixo da palma da mão de Isabel. As três pontas do instrumento coincidiram com os dedos da aprendiz, aumentando assim a amplitude dos membros.

— Olhe — o professor focou na combinação —, estes instrumentos prolongam a extensão do esqueleto e potencializam sua capacidade de bloquear forças. Você pode parar um sabre com eles. Por outro lado — Rash recolheu as ferramentas de luta e as colocou na extremidade externa do retângulo maior —, se estiver em posição que permita um ataque, eu indicaria os bastões curtos como primeira escolha. E então, o que vai ser? — o treinador pediu a decisão final.

— Fico com os dois — Isabel respondeu, convicta.

— Muito bem, então tenho um presente para você — o mestre sorriu ao dizer isso.

Isabel ficou curiosa durante os minutos em que Rash caminhou até o armário de armas e retirou da prateleira uma caixa retangular de prata maciça com alças trabalhadas em ouro negro. Do pequeno baú, o treinador retirou um belo par de Sai. Duas peças muito bonitas e tão perfeitas que pareciam pertencer a uma coleção de joias. O metal das três pontas era uma combinação das substâncias mais resistentes de Petra. O cabo era de ouro e ornado por um enorme diamante negro na ponta.

— Isso pertenceu à sua avó paterna — Rash explicou ao entregar as preciosidades nas mãos de Isabel, que sentiu as paredes da garganta se fecharem de emoção.

— Essas armas foram forjadas por nós, anões, e estiveram guardadas porque Diogo optou pela espada. Como a fortuna pessoal de Elizabeth sempre ficou em nossos cofres, Diogo preferiu que as armas continuassem com os demais pertences de sua mãe...

— Como assim fortuna...? — Tommy, que estava ao lado de Eloise em um dos divãs daquela sala, perguntou sem cerimônia.

— Elizabeth Fernandez era uma mulher muito rica, mesmo antes de se casar com Rodrigo.

Diogo nunca comentou isso com vocês?

— Não! Meu pai não usa essas dágoras?

— Claro que sim, Tomás — Rash respondeu como quem diz uma coisa lógica. — A taberna é só uma fachada. Diogo não retira uma única moeda de lá. Todo lucro é rateado entre Bertha e Joseph. Mas, claro, o gerente nem desconfia disso. Ele pensa que seu pai é um homem bastante generoso e que por isso paga a ele o melhor salário da cidade. Já o consultório de Beatriz existe basicamente para atender à população carente de Tamisia e para abrigar um laboratório onde, todos pensam, sua mãe desenvolve medicamentos naturais. Mas, na verdade, ela faz estudos alquímicos que eram orientados pelo meu amigo Semil.

— E vivíamos com dágoras contadas todo mês!

Isabel encarou o irmão com um jeito que dizia: “fique com a boca fechada!”

— O quê?! — Tommy disse abrindo os braços, sem entender o por quê da repreensão. — Eu me matava de trabalhar na taberna... Eu nunca tive uma folga, sabia?

— Tommy... alguém já lhe disse que o trabalho dignifica o homem? — Isabel falou com sarcasmo.

— Diogo precisava parecer um homem sem recursos, afinal, para o rei, a fortuna dele fora totalmente embargada pelo Estado. E a maior parte, inclusive, já foi até confiscada.

— Eu só queria entender por que armaram para expulsar meu pai da Academia. Foi algo relacionado com a Ordem? — Isabel perguntou a Rash.

— Não. Isso foi uma rixa pessoal de Edgar com Diogo. Na época da Academia, o atual rei não era uma figura popular ou carismática. Ao contrário, era arrogante, invejoso e vingativo. Aliás, como ainda é até hoje. Apenas alguns tipos, que compartilhavam do mesmo péssimo caráter, bajulavam Edgar. Acontece que ele e Diogo bateram de frente algumas vezes. Fosse uma luta ou um debate político, Fernandez invariavelmente levava vantagem. Isso, somado ao fato de Diogo ser o melhor amigo de Pietro, fez com que Edgar o odiasse. Então, no momento em que teve a oportunidade, ele se vingou do seu desafeto de Academia. Felizmente nem ele, nem Elba desconfiam da ligação de Fernandez com a Ordem.

Arnon tomou lugar no eixo traçado anteriormente, no retângulo central, empunhando uma réplica em madeira de uma cimitarra que se assemelhava a Diana, a espada de Tommy.

— Seu treinamento começa com os bastões — o professor disse a Isabel. — Os bastões curtos proporcionam um ataque rápido, contudo trazem o inimigo para perto de você. Não vacile. Nem hesite. Ataque com a precisão que essas armas possibilitam.

Isabel começou bem. Era ágil como seus bastões. Movia-se com leveza e disciplina e era capaz de manter, com precisão geométrica, sua posição no eixo de luta.

Arnon começou com ataques diretos. Depois se moveu com mais sutileza e menos obviedade. Nas duas situações ela se saiu bem. Bloqueou. Defendeu. E, até mesmo, contra-

atacou.

— Isabel — Rash parou a luta por alguns instantes —, você tem uma característica de luta que poucos conseguem adquirir, ainda que treinem muito. E isso tem mais ligação com a sua personalidade do que com a técnica propriamente dita. Você é centrada. Essa característica pode ser aprimorada no combate permitindo a você atacar em qualquer direção e com qualquer parte do corpo. Concentre-se em três centros: o seu próprio centro de gravidade, o do oponente e a região central da luta. Estando com os bastões, seu primeiro objetivo é inutilizar a arma do inimigo para alcançar os pontos de imobilização dele. Se o seu oponente estiver com uma espada, então as mãos são o seu foco principal. Faça um bom trabalho e ele não será capaz de segurar a arma. E, Arnon? O que está acontecendo, rapaz? Ninguém vai ter pena dela.

Pelo visto, Rash achou que o cavaleiro estava sendo condescendente demais com a dama. Cinquenta minutos ininterruptos de um duelo ágil e repleto de acrobacias perfeitas se passaram sem que nenhuma palavra fosse pronunciada. Isabel era uma excelente lutadora, seus passos cheios de garra e determinação. Defendia-se com vigor e atacava com coragem.

— Na Academia — Rash rompeu o silêncio, concedendo um breve intervalo a Isabel — os cavaleiros especializam-se em duas ou três armas, no máximo. Enquanto os piratas, mercenários e outros bandidos, geralmente só usam um tipo de espada, as cimitarras. Já os Fantasmas recebem um treinamento completo. Algo semelhante ao de vocês, mas sem cláusula moral. Os agentes da rainha são especialistas em luta armada e desarmada. O que mais fazem, porém, é agir nas sombras. Nunca subestimem um oponente, principalmente se ele for um Fantasma.

O tilintar das armas tomou o ambiente como uma música de batalha. Tal qual ocorre na encenação de uma ópera, o som intenso das armas acompanhava as marcações dos personagens. As cenas vibravam numa combinação de força e harmonia.

## Capítulo XLII

Não era propriamente um segredo que faltava ser contado a Eloise e Pedro, mas parte de uma vida. Uma vida de sete anos que lhes fora tomada.

Desde que Pietro fora assassinado, Laura sempre viveu para proteger os filhos. E muitas foram as decisões que ela tomou para guardá-los e para esconder deles suas verdadeiras identidades: não aceitar viver na península do Gândara, onde teria conforto e segurança; afastar-se de Rash, Onur, Eduardo e Fernanda; viver com um espólio mínimo da fortuna pessoal de Pietro, que estava guardada na Terra dos Anões; morar em Tamisia, quando poderia viver no Estado do Catre.

Mas de todas, talvez essa, a que ainda faltava ser revelada, tenha sido a única com a qual Rash e nenhum outro membro da Ordem concordaram. Contudo, embora tivessem desabonado sua atitude, não a impediram, muito menos a julgaram. Apenas se organizaram para atender seu pedido. Foi provavelmente por ver seus filhos caçados por assassinos brutais, por quase perder a filha da mesma maneira trágica que o esposo, por reviver o trauma da morte do marido, que Laura tenha feito uma escolha radical.

O fato acontecera no coração da floresta de Zaah, nos limites da fronteira nordeste de Gazara, e deixara marcas profundas no coração de um homem que amara Pedro e Eloise como filhos. Ele viu os gêmeos nascer, carregou-os nos braços, acalentou-os nas noites de choro, ajudou-os a dar os primeiros passos, levou-os para tomar o primeiro banho de cachoeira e os ensinou a levantar quando caíram.

Eduardo Colli amava aquela família órfã como se fosse a sua própria, porque ele amava a mãe daquelas crianças. E a amava desde sempre. Desde que ele mesmo a apresentara ao príncipe Pietro.

*Dez anos antes, em algum ponto da Floresta de Zaah.*

Eduardo Colli finalmente a convenceu a ouvi-lo.

Eles estavam às margens do lago onde ele costumava levar as crianças para pescar. Precisava afastá-la do chalé para dizer tudo o que deveria ter dito há anos.

O céu daquela tarde estava tingido de um azul suave. Os raios de sol faziam a superfície da água brilhar como um cristal sereno.

Contrastando com o a natureza que os acolhia plena de vida e cores, a expressão de Laura era sombria. Seu rosto não tinha mais o brilho de doze anos atrás quando ele a conhecera. Seus

cabelos não desciam em mechas lisas e negras como a madrugada fresca. Ela os havia cortado. Sua pele, antes rosada, agora estava sempre empalidecida e com marcas profundas de melancolia.

— Laura você não morreu com ele — ele disse enquanto ela mirava as águas se movendo tranquilas ao sabor da brisa.

Ela ficou em silêncio, como sempre ficava.

— As coisas deram errado — ele insistiu. — Ele ignorou a ordem de Onur.

— Não se atreva a culpá-lo. — Ela se virou num rompante de fúria para dizer isso.

Os olhos lampejaram refletindo a mágoa e a raiva que ela ainda nutria em seu coração.

— Eu não o estou culpando, mas apenas lembrando os fatos. E digo isso somente porque às vezes acho que você quer nos punir pelo que aconteceu.

— Você não entende, Eduardo — a voz dela soou mais branda, porém triste. Muito triste.

— Você precisa parar de viver no passado. A sua morte não vai trazê-lo de volta — as palavras eram um apelo desesperado.

— Então é isso que pensa? Que eu quero morrer? Está enganado. — Laura parou de encará-lo e contemplou algum ponto vazio entre as árvores que estavam distantes deles. — Eu não quero morrer, apenas perdi a razão de viver. — Suas palavras saíram frias como um bloco de gelo.

— Perdeu uma, Laura, mas ganhou outras duas. Seus filhos precisam de você.

— Não sou uma mãe negligente.

— Está certa. É ótima para eles. Mas, e você? Quem é você agora? Onde está a mulher extraordinária que eu conheci na Academia? Você queria conhecer o mundo...

— E conheci... o pior que esse mundo tem a oferecer. Abandono. Crueldade. Violência. Morte...

Ele se aproximou alguns passos dela. Laura estava de costas, ainda olhando para a vastidão de floresta que os cercava. Parada, tal qual uma estátua de pedra, compacta e sem cor, ela mal notou a aproximação. Caso contrário, teria se afastado antes que ele a tocasse nos ombros.

— Você conheceu a tristeza, mas também o amor. Pietro a amava mais do que qualquer coisa nessa vida. — Ele forçou-a a se virar. — E eu também a amo, mais que a mim mesmo.

— Eduardo, não... Sempre foi Pietro... — ela se esquivou, sem demonstrar emoção. Estava seca como uma folha de outono.

— Eu sei. Por isso me afastei. Mas ele não está mais aqui e você precisa ver o futuro que está à sua frente.

— E o que eu tenho à minha frente, Eduardo?

— Eu, Laura. Você sempre soube disso. Podemos ser uma família. Eu amo você. E amo aquelas crianças como se fossem meus próprios filhos. Fique comigo, Laura. Não vá embora, não os faça esquecer. Por favor.

Eduardo não teve vergonha de implorar. Àquela altura, orgulho ou brio pouco lhe importava. Tudo o que ele desejava era ficar ao lado daquela mulher.

— Sinto muito — ela disse, como um bloco de granito. — Minha decisão já está tomada.

Eduardo sofreu durante dias, semanas, meses até que seu coração se solidificou, congelando o peito vazio. Ele se enterrou no trabalho, embora soubesse que não valia a pena servir ao Reino Unido de Petra representado pela figura do rei assassino.

Participou de todas as missões na cavalaria. Treinou e comandou inúmeros esquadrões de elite. Invadiu cidades tomadas por guerrilheiros separatistas em Zadoque, ganhou uma guerra civil e depois viu os bandidos absolvidos num tribunal corrompido. Talvez essa fosse a sua sina: ver suas conquistas serem arrancadas de si.

Ao menos, as vidas inocentes que ele salvou nas guerras o sustentavam. Aliás, não fosse por isso, a vida militar não valeria a pena para o cavaleiro Eduardo Colli.

Eloise, Pedro, Tommy e Isabel, pontualmente às oito da noite, retornaram à área principal de treinos. Eles não trajavam os uniformes de combate. As garotas vestiam calças de boca ajustada às pernas, uma túnica até a altura dos joelhos. Pedro e Tommy usavam uma combinação semelhante, camisa em gola “V” que acompanhava o contorno muscular dos jovens e uma calça de tom neutro. Os pés, de todos eles, descansavam sem calçados.

Rash já os aguardava no ambiente secundário daquele campo de treinamento. E Arnon, que não havia jantado com eles, também. Os dois numa postura que beirava a formalidade.

Eles se acomodaram em enormes almofadas, que lembravam assentos de poltronas.

— Ponderei durante vários dias se deveria ou não lhes dizer isso. — Rash estava com uma expressão séria e uma postura rígida, mas não eram a seriedade e a rigidez comuns ao treinador. Seus modos eram semelhantes aos de quando ele fez as primeiras narrativas sobre os Belmonte. — Eu, sinceramente, esperava que a própria Laura lhes dissesse o que vou contar, porque compete a ela, e não a mim, a narrativa a seguir. Contudo, como ainda ficarão afastados dela por um bom tempo, tomarei a liberdade de lhes esclarecer alguns fatos importantes.

“Vocês sabem que o relacionamento do príncipe Pietro e de Laura era segredo para a sociedade. E embora pensássemos que na Academia apenas Diogo e Eduardo sabiam do namoro, um homem, que era da mesma turma deles, descobriu que o príncipe tinha um romance com alguma de suas colegas de turma. Bem, o fato é que esse cavaleiro guardou a informação para si durante sete anos para mais tarde usá-la como moeda de troca para receber

privilégios no governo.”

“Não sabemos o motivo de ele ter esperado tantos anos para se valer do que sabia. A questão é que Elba e Edgar ficaram enlouquecidos de raiva e ódio. Os dois mandaram os Fantasmas caçarem cada amazona que havia estudado com Pietro. Foi um momento muito triste. Eles as capturavam e arrancavam delas a verdade com o uso dos venenos, e em seguida as eliminavam. Infelizmente, não fomos capazes de salvar essas mulheres. Nós mesmos só descobrimos a caçada quando os Fantasmas nos encontraram. Estávamos na Floresta de Zaah quando cinco Fantasmas acharam o nosso esconderijo. Eu, Diogo e Eduardo lutamos com os malditos, impedindo-os de avançar até o chalé onde estavam Gertrudes, Eloise, Pedro, Fernanda e seu filho, Arnon.”

Todos os olhares se voltaram para o cavaleiro quando Rash pronunciou seu nome. Um misto de surpresa e incredulidade se assomavam ao temor pelas proporções que a narrativa estava tomando.

— Um sexto Fantasma, no entanto, passou por nós — Rash prosseguiu sem intervalo. — Fernanda e Gertrudes seguiram com as crianças para um abrigo. Mas, no caminho, Eloise e Arnon se perderam...

Desse momento em diante, o treinador deixou de falar para que o sobrinho de Eduardo assumisse a narrativa.

— Havia uma neblina baixa naquela tarde. Perdi minha mãe de vista e logo percebi que o Fantasma vinha em nosso encalço. Eloise estava muito assustada. Chorava, gritando por Laura.

Às palavras de Arnon, a memória reprimida de Eloise ganhou força. Então, ela viu. Simultaneamente à narração, a cena, outrora enjaulada no inconsciente, rasgou a mente da jovem como lâmina afiada.

— A fuga se tornava mais difícil a cada metro. As árvores ficavam mais densas, a mistura de folhas caídas que se acumulava no chão deixava o terreno escorregadio. Os galhos baixos das árvores feriam nossos rostos. E logo ficamos cobertos de arranhões.

— Então, eu tropecei e caí — Eloise disse, surpreendendo a todos com sua lembrança. — E ela nos encontrou. A Fantasma era esguia. Vestia uma roupa preta que deixava apenas os olhos à mostra. “Acabou a brincadeira de esconde-esconde. Hora de morrer”, foi o que ela disse — Eloise falou, o olhar focado em algum lugar muito distante da área de treinamento.

— Eu me coloquei à sua frente para defendê-la — Arnon continuou. — “Podemos fazer isso de maneira rápida e indolor. Quem é a pirralha?” ela perguntou.

— E você disse que eu era sua irmã — Eloise retomou. — Mas ela não acreditou. “A menina é branca feito leite. E você é negro. Não me provoque!”, a Fantasma nos ameaçou. Mas você não cedeu. — Os olhos de Eloise se fixaram na expressão sofrida de Arnon. — Ela o torturou! — ela constatou, mirando a peça de couro que cobria o pulso do cavaleiro.

— A criatura usou em mim um veneno chamado “morte a conta-gotas” — Arnon explicou e expôs o braço marcado.

Oculta sob a pulseira de couro, havia uma cicatriz que lembrava uma estrela do mar com seis tentáculos finos parecidos com espinhos. As pontas se ramificavam, até quase atingir o dorso da mão, e contornavam o pulso tal qual um bracelete. A marca proeminente assemelhava-se aos traços de um corte mal cicatrizado.

— Arnon precisa esconder esse desenho — Rash se interpôs — para permanecer incógnito.

— Você caiu no chão berrando de dor. Ela o chutou de lado como se fosse um animal moribundo — Eloise se dirigiu ao cavaleiro em tom de assombro.

— Sim, ela imaginou que eu morreria com a dose aplicada — Arnon esclareceu.

— Eu pedi à Fantasma que não o machucasse e ela falou que pararia se eu dissesse meu nome.

— E você respondeu o que ela queria saber — Arnon completou. — A Fantasma estava prestes a cumprir a missão.

— Mas você a impediu... — As lembranças se materializavam na mente de Eloise de maneira avassaladora e real, como se os acontecimentos fossem fatos ocorridos alguns meses antes e não há anos. — Foi horrível.

— Eu rasguei a garganta dela com uma adaga. O sangue esguichou em nós — Arnon retomou. — Você ficou paralisada de choque.

— Depois só fui capaz de gritar de pavor enquanto ela se debatia como um animal selvagem — Eloise completou com sofrimento.

— Eu ainda consegui me arrastar com você para uma caverna que nos serviu de esconderijo e abrigo.

— Era um lugar escuro e sombrio — Eloise ilustrou a cena com detalhes de pavor.

— Eu desmaiei logo depois que entramos. Passaram-se horas até que Eduardo e Rash nos encontraram.

— Arnon estava desacordado e à beira da morte — Rash esclareceu. — Enquanto você — o treinador olhou para Eloise — estava em choque. Elba e Edgar nunca souberam, de fato, o que aconteceu em Zaah. Nós simulamos um acidente queimando uma cabana bem longe de onde estávamos, dando a entender que a última amazona fora morta. Quanto aos Fantasmas, todos foram exterminados. Os cadáveres incinerados no chalé distante. A rainha sabe que foram mortos por Cavaleiros da Aliança, porém não desconfia sob quais circunstâncias isso ocorreu.

“Depois disso, Eloise seriamente afetada. Tinha constantes pesadelos. Quando acordada, passava todo o tempo chorando, exigindo a companhia de Arnon. Vocês dois eram muito unidos — Rash esclareceu. Porém, Arnon estava às vias da morte. O veneno a que fora exposto era

devastador. Não poderíamos permitir que ela o visse definhando. Então, Laura tomou uma decisão difícil, porém necessária, do ponto de vista dela. Ela pediu a Semil que apagasse a memória de Pedro e Eloise.”

— Isso é possível? — Pedro perguntou, assombrado.

— Sim — Rash respondeu com certo pesar na voz. — Semil descobriu a substância praticamente ao acaso, quando pesquisava um contra-veneno para um dos inúmeros entorpecentes utilizados por Elba. O composto faz com que as lembranças de anos sejam reprimidas e esquecidas como se fossem parte de algo que nunca aconteceu. As memórias são substituídas por outras “inventadas” — Rash sinalizou a palavra com os polegares no ar. — Semil acreditava que as lembranças ficariam totalmente apagadas se vocês dois não tivessem contato com nada que remetesse à vida que ficara para trás. Se tivessem contato com alguém ou algo significativo para vocês, algumas lembranças poderiam se avivadas.

— Foi por isso que comecei a ter pesadelos desde que Arnon enfrentou os gazares naquele beco em Tamísia.

— Bom, então isso explica por que você mesma ajudou Arnon a contar o terrível encontro com a Fantasma. Acredito que, aos poucos, boa parte das lembranças volte. Essa também foi uma das razões determinantes para eu contar essa história: para que não ficassem confusos.

## Capítulo XLIII

A madrugada já se arrastava havia muito tempo e Eloise ainda não conseguira pregar os olhos. Mirava o teto, iluminado apenas por um fio tênue de luz que transpunha a parede baixa do quarto. Incomodada sobre os lençóis, nada ouvia além dos pensamentos impacientes e angustiados. Embora tivesse testado todas as posições no colchão, nenhuma a sossegou por mais de cinco minutos.

Sua cabeça estava cheia e uma confusão de sentimentos lhe comprimia o peito, dificultando a respiração já prejudicada pelo nervosismo. Ela queria chorar, mas as lágrimas não vinham. Ela queria gritar, mas a voz permanecia engasgada. Ela tinha vontade de conversar, mas estava sozinha.

Terrivelmente sozinha.

Era assim que se sentia. Uma figura solitária e forasteira dentro da sua própria vida. Uma pessoa incompleta, cheia de buracos, como se a própria história tivesse se tornado um quebra-cabeça incompleto, cujas peças miúdas ficam perdidas e que de tempos em tempos são encontradas por alguém e encaixadas no espaço correto. Seus nervos estavam em frangalhos. Esfarrapados. Estrçalhados como um animal indefeso que é dilacerado pelos dentes afiados de algum predador.

*O que eu ainda não me lembrava...? Tudo. Porque o que eu sabia era quase nada.*

Eloise pensou em sua mãe. Não queria julgá-la, mas ao mesmo tempo era incapaz de conter a mágoa que sufocava seu coração. Um dia Laura dissera a Eloise que as mães erravam, mas que os erros não eram propositais, porque o que mais causava sofrimento a uma mãe era ver o padecimento dos filhos. E ela lhe pediu perdão por todos os erros que cometera com eles.

*Hoje eu sei o porquê. Claro que a perdoo. E se estivesse aqui, diria isso a ela. E também choraria com ela, abrigada no colo que por toda minha vida me acalentou nos momentos difíceis. Mas minha mãe não está aqui nessa noite de angústia. E nem nas outras que eu vivi na Terra dos Anões.*

Só havia uma pessoa que poderia acalmar Eloise, mas ela estava relutando contra seu ímpeto de procurá-lo. Invadir o quarto de Arnon no meio da madrugada seria uma atitude totalmente insana. Irracional. E imatura. Além disso, havia Tommy. Ela não sabia como ele estava reagindo àquilo tudo. Embora não tivesse tido coragem de conversar com ele depois que Rash os deixara, Eloise percebeu que seus olhos estavam tristes.

*Não posso falar com Arnon, mas não vou ficar aqui rolando na cama.*

Ela correu a porta da câmara, esgueirou-se pela abertura e pegou um candelabro que ficava sempre ao alcance. Os outros catres estavam fechados e ninguém, além dela, parecia estar acordado. Eloise seguiu para a arena de treinamento e correu os olhos pelo salão antes de se decidir onde sentar.

Foi quando ela o viu. No canto mais oculto pela noite, encurvado em uma expressão solitária, estava Arnon. Mais uma vez ele estava onde Eloise precisava.

Ela não hesitou. Aproximou-se dele.

— Deveria estar dormindo — ele disse sem levantar os olhos para ela.

— Eu sei.

Sem se importar com a falta de boas-vindas, Eloise se acomodou ao lado dele.

— Tem alguns minutos para conversar comigo?

— O que você quer saber? — ele falou. Pela maneira direta que a abordou, sabia exatamente o que ela estava buscando ali.

— Tudo.

— É uma longa história. E acho que Pedro deveria ouvi-la também — ele disse em contraponto.

— Mas acontece que eu não quero e não posso esperar. Por favor. É minha história, Arnon. Você me deve isso.

Finalmente ele a encarou. Os olhos negros e intensos eram desconcertantes. E pareciam lutar contra o pedido de Eloise, que sustentou o contato visual como se estivessem em um embate mudo.

— Sua mãe estava grávida, precisava ficar em segurança — ele começou depois de um longo e arrastado minuto. — Onur achou melhor que ela ficasse em Zaah. Eduardo precisava estar conosco. A irmã dele acabara de ficar viúva... Bem, você conhece essa parte.

— Sinto muito — ela sentiu necessidade de dizer. — Por que minha mãe não ficou aqui, na Terra dos Anões? Quer dizer, parece ser um lugar mais seguro que qualquer outro na superfície.

— Laura não quis.

— Por quê?

— Olha Eloise, a maior parte do que vou contar são lembranças de um garoto de quatorze anos. Laura, meu tio, Rash ou mesmo minha mãe não conversam esse tipo de assunto com frequência. Eu acredito que esse lugar está impregnado de recordações que Laura não era capaz de enfrentar na época. E, para dizer a verdade, talvez ela ainda não consiga encarar o passado.

— Por que está dizendo isso?

— Ela se recusa a vir aqui. Rash e Onur já propuseram inúmeras vezes que ela se mudasse

para o palácio.

— Mas ela viria agora, não fossem os Fantasmas, certo?

— Sim, mas somente em função da presença de vocês. Laura só conseguiu sobreviver à perda do príncipe porque estava grávida. Caso contrário, teria sucumbido à tristeza.

Eloise ficou surpresa. Arnon parecia conhecer sua mãe melhor do que ela.

— O nascimento de vocês foi complicado — ele continuou. — Laura quase morreu. Foi um período difícil, a recuperação dela foi lenta. E Gertrudes foi morar conosco para ajudar a cuidar de vocês. Quando as coisas se estabilizaram, vivemos uma época de paz. Mas depois do ataque dos Fantasmas, tudo mudou novamente.

— Você quase morreu — ela disse e olhou para a marca que formava o contorno de uma estrela medonha e disforme.

Foi quando notou os dedos de Arnon fechados em punho. Um ponto dourado brilhava contrastando com a pele da cor do céu noturno.

— O que é isso? — ela perguntou, num impulso estendendo a mão para tocar a linha dourada. Ele se esquivou ao movimento.

— Desculpe. — Ela ficou sem graça.

Ele mostrou a palma da mão aberta. Era um colar de ouro ornado com um pingente em formato de um coração pequenino, cravejado de diamantes pretos. Eloise pegou o cordão para examiná-lo de perto. Era a joia mais bela que ela já tinha visto, mesmo se comparada à coleção que dona Gertrudes havia apresentado quando ela chegara ao palácio.

— Que lindo.

— É seu — Arnon disse.

— Meu?!

— Você não se lembra? — ele perguntou, reprimindo um pedido desesperado para que ela se recordasse.

Eloise analisou o objeto e aos poucos o colar foi ganhando familiaridade. As pedras preciosas eram da cor da pele marcante do guardião.

Foi então que ela lembrou.

— Foi minha mãe quem me deu.

Arnon confirmou com um aceno.

— E... Eu o dei a você... Agora eu lembro... Dona Gertrudes me levou até você... Você estava tão magro... Parecia um esqueleto coberto por uma camada fina de pele... Eu o abracei e pedi que não morresse. Falei... — Ela hesitou alguns segundos, temendo o caminho que suas lembranças estavam tomando. A testa de Arnon se encheu de vincos e ela percebeu que a dúvida o fazia sofrer. — Eu falei que você era o meu guardião. E que havia prometido ficar comigo para sempre. Eu coloquei o colar no seu punho para que se lembrasse de mim.

*Quando a gente casasse, você o colocaria no meu pescoço de novo.* A última lembrança, Eloise não teve coragem de dizer em voz alta.

— Fale mais sobre a nossa vida... quero dizer... Pedro, eu, você, seu tio, sua mãe... — Ela mudou o rumo do assunto.

— Éramos felizes. Vivíamos como pessoas normais.

— Como assim?

— Fazíamos tudo que crianças comuns fazem, como se vivêssemos num mundo à parte, sem ameaças de morte, sem pessoas ruins à nossa volta, sem Fantasmas... Pedro era muito ligado a Eduardo. Foi ele quem o ensinou a nadar.

— Bem..., isso ele não esqueceu — ela comentou com humor. — Por que vocês sumiram das nossas vidas? Por que não nos visitaram em Tamísia.

— Bom... Laura pediu um tempo....

— Tempo?

— Até que completassem dezessete anos, vocês levariam uma vida anônima. O único contato que a sua família teria com a Ordem seria por meio de Diogo. Rash e os outros acataram a decisão dela.

— Ela se isolou. Não entendo.

— Laura estava com medo. Vocês foram tudo o que restou a ela. O ataque dos Fantasmas em Zaah a fez reviver o terror da morte do seu pai e ela quis se afastar das pessoas que estavam ligadas a esse episódio.

— Você parece entender tão bem a minha mãe...

— Eu propriamente, não. Só estou repetindo as palavras de Eduardo — ele esclareceu.

Eloise mais uma vez compreendeu porque sua mãe estava lutando para escondê-los, ainda que soubesse que era uma batalha perdida. Talvez, no fundo, o que Laura não quisesse era encarar o passado.

— Há um ano, Rash, Onur e Eduardo retomaram o contato direto com Laura. Havia chegado o momento de contar a verdade a vocês.

— Mas ela se negou — ela completou.

— Sim. — A expressão de Arnon era compreensiva. Ele não a julgava por tentar descumprir o acordo.

— Laura temia, e ainda teme, perdê-los da mesma forma que Pietro.

— Mas isso não vai acontecer — Eloise afirmou antes que a imagem do pai sendo morto a sangue frio e de maneira covarde ficassem em sua mente.

— Não vamos falhar desta vez — Arnon disse com acento de culpa na voz.

— Ninguém falhou com o príncipe. Tenho certeza de que *seu pai* foi um guardião corajoso e

leal. O que aconteceu não foi culpa da Ordem.

— É... — Ele concordou, mas seu semblante estava vincado pela dor da lembrança.

Foi a primeira vez que Eloise o viu daquela maneira, despido de seu equilíbrio. Abalado. Triste. Abatido. A imagem a comoveu e ela tomou a liberdade de pousar a mão sobre a dele. Ele tentou escorregar os dedos para fugir, mas ela insistiu.

— Eu me sinto segura perto de você.

— Eu sou seu guardião — ele murmurou. — É bom que se sinta assim — completou e se livrou do toque cruzando os braços largos sobre o peito.

— Não é apenas uma segurança física — ela confessou, sem saber a razão de a conversa ter seguido para um rumo diferente do que planejara. — Você desperta uma sensação boa em mim. É difícil explicar. Eu me sinto confortável com a sua presença. Obrigada. Obrigada mesmo. Se não fosse pela sua coragem, eu não estaria aqui hoje.

— O que eu fiz nas montanhas...

— Não me refiro ao resgate. Fiz referência ao que houve em Zaah. Você era só um adolescente quando enfrentou aquela criatura horrorosa. Poderia ter fugido. Quer dizer, qualquer garoto de quatorze anos ficaria com medo.

Arnon esticou a linha dos lábios, esforçando-se para demonstrar algo próximo a um sorriso.

— Você não valoriza o que faz — ela o repreendeu.

— Eu faço o que precisa ser feito e ponto.

— Nossa... Isso soa de maneira fria.

— Você me entendeu mal. Eu apenas não espero nada em troca.

— Nem mesmo um agradecimento? — ela insistiu.

— Eu não me incomodo com agradecimentos, mas não espero por eles. Tudo o que faço é por minha escolha. Não dependo de reforço ou elogios para continuar. Sou indiferente a isso.

— Você não fica grato às pessoas quando elas fazem uma coisa para você?

— Sim, mas o que eu faço para vocês não é um favor ou algo parecido. Eu sou um guardião. Eu escolhi proteger os Belmonte. Tudo o que eu fiz em decorrência disso foi porque decidi e não porque vocês precisaram.

— Seu ponto de vista é bem singular. Você é sempre tão contido. Tão regrado... Sei lá, às vezes parece um bloco de gelo. Frio e impenetrável.

O cavaleiro ficou em silêncio quando ela lhe deu a oportunidade da réplica.

— Por que se esforça tanto para esconder suas emoções? Eu nunca o vi com raiva ou irritado. Ou até mesmo cansado depois de um dia exaustivo.

— O que você chama de frieza, eu prefiro denominar equilíbrio. Depois do incidente com a Fantasma, Rash achou que era o momento de começar a me treinar. Assim que fiquei totalmente recuperado, eu e Fernanda nos mudamos para cá. Rash foi criterioso com a minha formação.

Morei aqui até entrar para a Academia.

— Você treinou durante três anos!

— Eu tenho que ser o melhor.

— Mas já é. — Eloise estava segura quando fez a afirmativa. — Confio totalmente em *você*, guardião.

Ela disse a verdade. Ela se sentia inatingível quando ele estava por perto. Arnon levantou o olhar e fixou-o em Eloise como se ela tivesse falado uma grande bobagem.

## Capítulo XLIV

Outros dias se seguiram, iguais e ao mesmo tempo diferentes dos anteriores. Iguais porque o ritmo alucinante de treino permaneceu invariavelmente o mesmo: abdominais, exercícios de equilíbrio, prática com os bastões curtos e longos, luta corporal e pontuações, muitas pontuações do treinador. E diferentes porque Pedro e Eloise precisavam assimilar as revelações que Rash havia feito a eles.

Felizmente, a rotina intensa de trabalho foi um excelente curativo para as dores emocionais e logo os gêmeos retomaram o ânimo e a garra que precisavam para superar o treinamento.

— Posso saber qual é a piada? — Eloise perguntou quando se juntou a Isabel, Pedro e Tommy.

Os três conversavam na arena de lutas esperando o retorno de Rash, que estava em algum lugar do palácio, e Arnon, que ainda se encontrava no refeitório.

— Pedro está nos desafiando para um duelo — Isabel falou entre risos.

— Não foi isso que eu disse — ele se defendeu.

— Ah, tem razão. — Isabel soltou a ironia com bom-humor. — Disse que você e Tommy são melhores do que eu e Eloise.

— Não coloque palavras na minha boca — Pedro argumentou com igual tom de descontração. — Eu simplesmente falei, e devo acrescentar que já me arrependi, que nossa estrutura física é mais forte que a de vocês e que isso *poderia* ser uma vantagem.

— Então tá. Vamos colocar a força à prova. Hoje. Aqui. Oito da noite. — Isabel encarou-os, provocativa. — E então? O que me dizem?

— Que seja. — Pedro estendeu a mão como se faz nos acordos formais de duelos.

— Eu luto com você — Isabel disse, apertando a mão do oponente. — E Eloise luta com Tommy.

— Ah! Sabia que ia sobrar para mim — ele reclamou.

— Qual é Tommy? Precisamos defender a honra masculina — Pedro insistiu.

— Isso não vai dar certo.

Do ponto de vista do jovem Fernandez, colocá-lo para lutar com Eloise era jogo baixo. Ele não tinha a menor chance. Era uma luta perdida.

Isabel nem desconfiava disso, e nem poderia. Tommy procurava ser discreto. E Eloise... Bem, o comportamento dela era difícil de decifrar, o que estava deixando Tommy louco de ansiedade. O rapaz estava começando a se convencer de que o beijo que trocaram no refeitório

fora apenas um sonho bom.

Rash abriu a porta do Acampamento e entrou com a habitual postura intimidadora de treinador. Trazia consigo três objetos. Na mão direita, duas hastes de metal que lembravam bastões curtos. Diferenciavam-se, no entanto, no formato achatado e no comprimento ligeiramente menor. Na mão esquerda, carregava uma trança de couro enrolada em um círculo perfeito. Sem dúvida alguma, um chicote. O enlace, o treinador jogou no ar em direção a Arnon, que acabara de pisar na arena.

O cavaleiro apanhou o objeto com o reflexo de um predador. Rash esboçou um riso de lado como se o arremesso fosse um pequeno teste de atenção.

Eloise sentiu uma sensação imediata de formigamento nas pernas quando o mestre caminhou em sua direção. Ela ainda estava indecisa sobre a escolha de suas armas. Pensara em uma adaga ou um bastão com ponta. Um sabre, talvez. Mas nada, nada efetivamente combinava com ela. Nenhum dos instrumentos parecia ser a extensão do seu próprio corpo — esse era o critério que Rash havia definido para as armas.

Rash não pareceu surpreso quando Eloise confessou sua indecisão. O treinador, na verdade, parecia esperar por aquela resposta.

— Trouxe algo que, suponho, vai lhe agradar — o professor afirmou ao se aproximar.

Eloise estava no retângulo principal da arena. Tommy, Pedro e Isabel haviam se acomodado no chão, próximos ao limite externo da área de lutas. Arnon, por sua vez, estava no canto oposto do retângulo, de pé, atento aos objetos que Rash trazia consigo.

Ela só não entendia o motivo de tanta admiração. Afinal, eram apenas duas hastes deselegantes e sem graça. Mas foi no momento em que o pensamento lhe ocorreu, que Eloise foi surpreendida pelo extraordinário. Rash dividiu os objetos entre suas mãos. E, a um movimento rápido, as armas se abriram num ângulo de cento e oitenta graus. Os supostos bastões eram, de fato, dois leques de metal, com um desenho ondulado incrivelmente semelhante aos dos objetos de abano convencionais que se encontrava nas lojas de artigos femininos.

Eloise sorriu instintivamente para os instrumentos magníficos. Sim, era aquilo que ela queria. As armas a completariam. Eram como sua própria natureza, feminina, mas guerreira.

Ao movimento inicial, Rash fez uma breve exposição das peculiaridades da arma. Os leques haviam sido forjados havia quase um século com um metal raro e indestrutível, encontrado somente na Terra dos Anões. Eram extremamente leves, porém donos de uma resistência capaz de bloquear qualquer lâmina. Além disso, suas arestas metálicas eram capazes de provocar cortes profundos.

Coroando a apresentação, Rash, em uma demonstração prática, girou o corpo numa passada alavancando a mão para frente. No instante em que o leque foi impulsionado pela força do

movimento, cinco dardos voaram passando a centímetros de Pedro, Isabel e Tommy, indo encontrar seu destino na parede próxima. O irmão de Eloise puxou o ar entre os dentes fazendo o som de um assobio baixo.

— Dardos com tranquilizantes — Rash esclareceu. — Eles colocarão um homem de cem quilos para dormir por, no mínimo, oito horas.

— Gostei disso. — Eloise sorriu feito uma criança prestes a ganhar um presente de aniversário.

— Segure-os. — Rash entregou os leques à filha de Pietro.

A lutadora ajustou o polegar na face interna e os outros dedos na externa. Encaixe perfeito.

— Gire os punhos para senti-los — Rash pediu.

— São incríveis — ela disse, completamente, maravilhada.

— Eloise — o treinador falou em tom instrutivo —, essas armas se encaixarão perfeitamente no seu estilo. Elas lhe ajudarão a confundir o oponente. Muitas vezes enfrentará pessoas com o dobro do seu tamanho. Não se deixe intimidar e tampouco parta para um ataque direto. Você basicamente utilizará a flexibilidade e leveza que já são naturais em seus movimentos. Quero apenas que acrescente uma técnica aos seus golpes: lute como se fosse feita de mola, quase como se estivesse dançando.

A testa de Eloise franziu em dúvidas.

— Veja.

O professor, numa exibição de plasticidade e maestria, balançou o corpo de maneira quase elástica. Os pés gíngavam com eficiência acompanhando a maleabilidade do lutador. Uma técnica magnífica, com movimentos rápidos, capazes de ocultar a real intenção de quem os desempenhava.

— Sua vez.

Os primeiros passos foram os mais complicados. Mover-se tal e qual uma mola era mais difícil do que a naturalidade de Rash deixava transparecer, pois exigia doses extras de concentração e equilíbrio. O treinador, no entanto foi paciente e didático. Repetiu uma dúzia de vezes as mesmas marcações. Os mesmos passos. As mesmas orientações. Até que, finalmente, Eloise assimilou a coreografia da luta e seu corpo adaptou-se às nuances dos movimentos.

— Excelente. Isso é o básico para uma disputa frente a frente, mas se o inimigo estiver afastado. — O treinador fez um sinal com o dedo indicador para Arnon. O cavaleiro se aproximou do centro da arena. — Mantenha-o longe usando isso — ele apontou o chicote.

Eloise observou o chicote pensando que talvez o objeto se encaixasse melhor com a personalidade de Isabel: mais enérgica e audaz. Ela imaginava a si própria mais suave e sutil.

— Chicotes são uma das especialidades de Arnon.

Rash não precisou instruir o guardião. O cavaleiro sabia que se encarregaria daquela

sequência específica do treino de Eloise.

— Pedro, quero você e Isabel na área externa — Rash anunciou, tão logo Arnon assumiu seu posto. — E Tommy, hoje você vai treinar comigo.

A convocação o surpreendeu, por isso ele demorou alguns minutos para reagir ao chamado.

— Vamos, rapaz — o treinador alertou. — Vá pegar a sua espada.

Tommy agiu num sobressalto. Antes, porém, de seguir para o quarto, ainda olhou de esguelha para a pista de treino. Arnon estava colado a Eloise, segurando a mão dela para demonstrar um movimento. Tommy fez uma careta de desagrado, sem perceber que estava sendo atentamente observado pelo treinador. E ali ele se entregou. Rash teve certeza do que vinha suspeitando havia dias.

A arma, Diana, estava em um canto especial do dormitório. Protegida em sua bainha de couro, ela descansava desde que Arnon a trouxera para o confinamento.

— Acredito que Diogo tenha lhe ensinado a manejar uma espada — Rash declarou quando o rapaz retornou.

O professor aguardava o aluno no espaço que não estava sendo utilizado pelos demais aprendizes, nos limites ornados pela geometria colorida do tapete de arabescos. Tommy respondeu à pergunta acenando com a cabeça e fazendo a arma girar no punho.

— Vamos lapidar esse conhecimento.

Rash empunhava uma cimitarra de lâmina encurvada semelhante à de Tommy. A do anão, porém tinha alguns centímetros a mais no comprimento.

— A primeira coisa que um oponente espera de você — o treinador começou, pondo-se em posição de combate — é um ataque guiado pela força bruta. Uma ação forte e intensa, porém simples e óbvia. — Tente avançar.

Tommy fez uma. Duas. Três. Quatro. Cinco investidas. Todas bloqueadas e contra-atacadas.

— A força só vai ser eficiente se aliada à técnica.

Seguidos aos movimentos de ataque, vieram os passos de defesa e desarme. E foi nesse ponto que Tommy se mostrou reticente.

— Os Cavaleiros da Aliança não são assassinos — Rash lhe explicou. — Nem sempre você irá combater os Fantasmas. Haverá inúmeras situações em que estará lutando com humanos comuns. E quando assim for, não terá permissão para matar.

— O que eu vou fazer com eles, então? Entregar à justiça? Em menos de um ano um tribunal de guerra absolve um canalha rico.

Tommy referia-se à absolvição de líderes que comandaram um verdadeiro genocídio em Kedah. Mesmo com todo esforço para se manter alheio à política, era inevitável ouvir os pais debaterem os temas polêmicos. E embora não procurasse por notícias desse caráter nos meios de

comunicação, tinha acesso a elas, de qualquer forma, em casa.

— Tommy – a expressão de Rash se abrandou para explicar algo que o jovem Fernandez relutava em aceitar. — Não somos senhores da vida, por isso não temos o direito de tirá-la. Para se tornar um Cavaleiro da Aliança, não basta acreditar nos mandamentos da Criação. Precisamos nos esforçar sinceramente em vivê-los...

— Acontece que eu não sou perfeito. E, sinceramente, estou bem longe disso.

— Nenhum de nós é perfeito, Tommy. — A voz do mestre permaneceu inalterada. — Acontece que a parte do Pai que está dentro de nós tem a perfeição.

— Sinceramente, não sei onde o senhor quer chegar — o jovem o interrompeu novamente de forma impetuosa.

— Se me deixar explicar, entenderá — Rash disse, ainda condescendente. — Nós somos o espelho daquilo que cultivamos em nossa mente. Cultive a perfeição e será um homem descente e honrado. Alimente o mau e, talvez, acabe como um Fantasma. Respeitar as forças da Criação é primordial para trilhar o caminho da Aliança. Mesmo que estejamos dispostos a morrer pelas nossas crenças, não devemos estar propensos a matar por elas.

Depois de interromper o discurso do treinador por duas vezes, Tommy ficou sem palavras.

O treino recomeçou de onde havia parado. Ao fim do dia, Tommy havia aprendido com louvor as lições do treinador. Ele conseguiu canalizar sua força de maneira eficaz e potencializar o desempenho da espada. Os golpes, antes óbvios e previsíveis, ganharam sutileza e velocidade. Diana cortava o ar, empunhada com inteligência e perícia. Atacando. Defendendo. Desarmando. E, quando na luta simulada com Fantasmas, exterminando.

*Tomás está pronto*, o professor concluiu consigo mesmo ao encerrar o treino. Embora o jovem, futuro Defensor da Aliança, ainda não soubesse disso, Rash o considerava corajoso, valoroso e mortal com uma espada em punho.

## Capítulo XLV

O guardião não jantou com eles naquela noite. A pedido de Rash o cavaleiro renderia Eduardo no patrulhamento noturno dos túneis. Ao que parecia, havia algumas noites o tio de Arnon estava descansando não mais que três horas. E como nenhum homem é de ferro, nem mesmo um Cavaleiro da Aliança, Arnon o substituiria.

— Não vamos utilizar as armas de lâminas — Isabel pontuou quando chegaram à arena para o duelo.

— Está com medo?! — Pedro ironizou.

— Não, engraçadinho. Mas acho que Rash notaria se você aparecesse amanhã sem um pedaço do corpo.

Isabel estava particularmente motivada para a disputa. Parte dessa determinação era provocada pelo seu instinto destemido, pelo gosto de testar os próprios limites. E, também, é claro, pela sensação que o desafio evocava. Mas boa parcela da energia motora daquela vontade vinha do desejo de ajudar Pedro. Isabel sentia-se na obrigação de convencê-lo de que, em uma disputa, ela seria tão capaz quanto ele.

Pedro era, por definição, superprotetor. Vinha daí as razões pelas quais ele tomou para si a culpa por todos os espólios da fuga mal-sucedida. E Isabel tinha certeza de que ele continuaria agindo assim, a menos que ela provasse o contrário. A menos que mostrasse ao amigo “teimoso” e “cabeça dura” — palavras dela — o quanto ele estava subestimando a capacidade delas.

Embora Isabel tivesse explicado essas questões no dia em que conversaram no refeitório, ela sentia que Pedro ainda relutava. Relutava em aceitar o fato de que ele não seria capaz de protegê-las em período integral. O que era inútil, porque dentro em breve estariam no Torneio de Bravura. Expostos a tudo e a todos.

— Bastões? — Isabel sugeriu.

— O que você escolher está bom para mim — Pedro respondeu sem mostrar sinais aparentes de preocupação com a luta.

Eloise e Tommy sentaram no divã que ficava próximo ao corredor de acesso aos dormitórios.

— Isso vai ser interessante — ele comentou, divertindo-se com a visão dos duelistas.

Isabel retirou dois pares das armas curtas do armário e os lançou a Pedro. Com um sorriso que mesclava desafio e autoconfiança, ela tomou seu lugar no retângulo central.

Então, a luta começou. Isabel avançou com velocidade, Pedro esquivou-se da primeira

investida para bloquear a segunda. O choque deu início a um tilintar harmônico como o badalar ininterrupto de sinos. Ataque. Defesa. Recuo. Avanço. Saltos no ar. Uma luta equilibrada. Os dois tinham um estilo parecido. Eram ágeis e inteligentes.

— São detalhes que separam o bom do perfeito — Isabel disse quando finalmente conseguiu uma vantagem depois de alavancar o bastão, prendendo os braços de Pedro atrás das costas.

— Você ainda não venceu — ele respondeu.

Em seguida, ele fez um movimento de corpo que içou a oponente no ar. Mas Isabel era boa, contava com a habilidade extra das aulas de ginástica e com a incansável vontade de vencer.

— Tampouco você ganhou — ela respondeu depois que uma pirueta no ar bem calculada a livrou do arremesso de Pedro. Não fosse o movimento, suas costas se chocariam contra o tatame.

A disputa prosseguia. Isabel investia. Incansável. Pedro se defendia e contra-atacava.

— Será que eles estão distraídos o suficiente? — Tommy chamou a atenção de Eloise, que se admirava com os movimentos da amiga.

Apoiando as palmas das mãos no solo, Isabel moveu-se como uma estrela, fugindo dos golpes dos bastões adversários.

— O suficiente para quê? — Eloise devolveu, sem desviar os olhos do duelo.

— Para fugirmos daqui... Vem. — Ele a chamou estendendo a mão.

Eloise não havia notado que Tommy já estava de pé. Sua mão, agindo por conta própria, entrelaçou-se aos dedos dele. Tommy a conduziu através do corredor até o refeitório e, em uma atitude inesperada, sem dizer uma única palavra, ele a abraçou quando chegaram lá. Eloise pensou em se esquivar, mas foi um encaixe tão perfeito, tão tranquilo e tão natural que ela simplesmente se aconchegou no peito caloroso, sem se preocupar com o que viria depois. Tommy passou os dedos pelas mechas dos seus cabelos deixando a mão, vez ou outra, escorregar-lhe pelas costas.

Eloise quis definir para si mesma aquele momento com exatidão. Ela já havia abraçado Tommy antes, claro, eram amigos. E amigos costumam fazer isso nos aniversários, natais, comemorações de Ano Novo, enfim, em datas especiais. Mas nunca ela se sentira daquela maneira, daquele jeito difícil de explicar. Era como se ela se sentisse diferente e ao mesmo tempo completa. Inteira. Plena. Como nunca estivera anteriormente.

Tommy se afastou lentamente, embora notasse que ela gostaria de continuar abraçada a ele. Depois a olhou fixamente. Eloise sentiu-se atordoada. Ela não sabia como ainda não havia reparado, mas seus olhos castanhos tinham nuances num tom de amêndoa que emprestavam um colorido vibrante ao seu olhar.

Tommy lhe acariciou o rosto. E Eloise prestou atenção em detalhes que ela não havia notado: a barba ruiva desenhava um cavanhaque discreto ao redor da boca, enquanto os lábios

formavam sempre um sorriso incrivelmente sedutor.

Nada, porém a preparara para o que ouviu em seguida.

— Eu amo você. — Ele disse totalmente sincero, completa e irrestritamente entregue a ela. Sem defesas e sem reservas.

A percepção disso a tocou. Mas também assustou.

Ele já havia falado que a amava quando a beijara depois da luta no Banu. Naquele dia, no entanto, fora diferente. As palavras saíram corridas, como se estivessem com pressa de se libertar. A declaração que ele acabava de fazer, porém, era segura, confiante e madura.

Tommy não esperou que ela dissesse algo. Seus lábios apenas tocaram-lhe a boca de maneira leve e tranquila. Eloise sentiu a suavidade e o calor. Os fios da barba por fazer lhe roçaram de leve a pele do rosto, provocando uma verdadeira ebulição nos sentidos. Ela enroscou os dedos nos fios ruivos de Tommy e moveu os lábios de forma inquietante, acendendo uma estrela incandescente entre eles.

Tommy a acorrentou num abraço cheio de energia. Eles estavam tão próximos que pareciam uma coisa só. As mãos de Eloise descrevendo rotas enfurecidas, sua cabeça girando numa mistura frenética de alegria e torpor.

— Isso é uma loucura.

— Está arrependida? — ele perguntou. Os pelos do queixo roçavam-lhe a testa produzindo uma leve sensação de cócegas.

— Não — ela respondeu e se aninhou nele.

Ele enrolou os braços pesados nela. E, de novo, o espaço-tempo desapareceu.

— Elô! Tommy! Onde vocês se meteram? — Um chamado atravessou a porta de tecido na entrada do refeitório.

O transe apaixonado do casal se interrompeu num sobressalto. Eloise se afastou. O olhar se desviou assustado para as cores da tapeçaria que divisavam o refeitório e o corredor.

— Estamos indo, Bel — Eloise respondeu tentando manter a voz num tom estável. Em seguida se virou para Tommy, que continuava com as mãos presas à cintura dela. — Eu... eh...bem... acho que devíamos manter...

— Segredo? — Ele abriu um amplo sorriso, beijou-lhe a testa e acrescentou: — Não se preocupe. Eu também acho.

— O que estão fazendo aí? — Isabel disparou ao encontrá-los voltando da sala de refeições.

— Então, quem venceu? — Eloise perguntou para desviar a atenção.

— Eu, é claro. — Isabel riu e os olhos se iluminaram numa expressão de orgulho. — Sua vez

agora — completou, alterando o tom como se convocando à batalha.

Pedro estava longe da arena central, o corpo totalmente estendido no chão, o cabelo preto e liso grudado ao rosto. O colete do uniforme descansava ao lado, expondo a pele que brilhava sob o efeito do suor.

— A sua irmã é uma máquina insensível e sem coração — Pedro reclamou, sem alterar a posição de descanso.

— É o que eu costumo dizer... — Tommy concordou fazendo piada.

— O que você fez com ele? — Eloise quis saber, reprimindo um sorriso de curiosidade.

— Ele quis declarar empate — Isabel respondeu, acenando com desdém na direção de Pedro.

— Ela não aceitou. E quase quebrou a minha perna — Pedro rosou em contraponto enquanto erguia o tórax cansado.

— O ponto de vista não é bem esse — Isabel se defendeu enquanto caminhava em direção ao tapete de arabescos. Depois se acomodou e enxugou o rosto com uma toalha branca que trouxera do banheiro, pouco antes de sair à procura dos ausentes. — Tudo que eu fiz foi uma alavanca perfeita de imobilização. E ganhei — concluiu, encarando o oponente derrotado com ares de superioridade.

— O que está acontecendo com as mulheres de hoje? — Pedro falou num tom divertido. — Vocês estão muito mandonas. — Olhava para Isabel de maneira zombeteira. — E convencidas. Vão acabar ficando grisalhas antes do tempo — ele acrescentou com uma expressão maliciosa e irônica.

No mesmo momento, o tecido branco nas mãos de Isabel voou com eficiência e rapidez para se chocar contra o rosto de Pedro.

— Obrigado — ele agradeceu como se ela estivesse oferecendo a peça num ato gentil e não em uma manifestação espontânea de raiva.

— Hum — Tommy raspou a garganta. — Então, vamos lutar ou não? — A expressão souou descontraída.

— Pronto para perder? — Eloise provocou, tomando seu posto no retângulo central.

Por um longo minuto Tommy não foi capaz de ação nenhuma, além de admirar sua oponente. Ela devolveu o olhar apaixonado com um sorriso desconcertante.

— Isso é jogo baixo — Tommy murmurou entre os dentes em resposta à postura calculadamente sedutora.

— Eu não prometi uma luta justa.

...

Tommy não conseguiria dormir. Não sem falar com ela. Ele sabia que aquela noite seria a última oportunidade, a última chance de ficarem juntos antes do teste final com Onur. Faltavam apenas cinco dias. E muito, mas muito o que praticar ainda.

*Amanhã Rash não vai largar do nosso pé. E Arnon... bem, esse também não vai dar folga.*

Tommy alcançou o corredor antes de pensar em se arrepender e invadiu o quarto de Eloise.

— O quê está...? — ela se sobressaltou no colchão.

— Sou eu... — Ele interrompeu a pergunta alarmada antes que o ruído acordasse Isabel e, principalmente, Pedro. — Aconteceu alguma coisa? — Eloise sussurrou, sentando-se em seguida.

Ela vestia uma túnica branca de um tecido que combinava com a suavidade do seu corpo. E sua voz parecia uma canção de amor.

— Você não recebeu seu prêmio por ter vencido o duelo — ele inventou uma desculpa esfarrapada para justificar sua invasão. É claro que Eloise não acreditou, mas resolveu dar corda.

— Não sabia que havia um. — Ela riu ao dizer isso.

E ele se sentou ao lado dela.

— A tradição diz que a mocinha ganha um beijo quando vence uma luta — ele deu sua versão particular e distorcida dos romances.

— As histórias que eu conheço dizem que quando o *cavaleiro* vence uma disputa, ganha o beijo da princesa. Ao que me consta, você não venceu. — Ela sorriu e o brilho dos seus olhos compensou a pouca luminosidade da câmara.

— Isso é um detalhe sem a menor importância. O que vale mesmo é que o ganhador leva um prêmio.

— Estou esperando, então. O que é? — Eloise sustentou uma expressão desconcertante.

— Você é linda — ele disse, tentando convencer a si próprio de que a figura à sua frente era real e de que naquele momento ele não estava em nenhum estágio delirante dos seus sonhos.

— Esse é o meu prêmio...? Um elogio...? — ela sussurrou lentamente.

— Não... — ele disse. Depois a beijou.

Tommy, de repente, era uma fogueira crepitando sob o brilho da lua. Sua boca se movia, alimentada pelo calor do próprio corpo.

O beijo durou uma eternidade, mas ainda assim não foi suficiente para apagar as chamas que ardiam em Tommy. — Você deveria ir para o seu quarto — Eloise falou, percebendo que estava prestes a voltar a fechar os olhos cansados.

— Vou ficar até você pegar no sono.

— Não deveria. Vai estar exausto amanhã — ela reprimiu um bocejo ao dizer isso.

— Terá valido a pena — sussurrou e beijou-lhe a testa de maneira carinhosa.

Ela sorriu, com olhos já dominados pela exaustão. Recostado na parede do quarto, Tommy acariciou o rosto de Eloise enquanto contemplava a doçura e a serenidade da sua expressão. Eloise se aconchegou, aproximando-se ainda mais. Ela parecia aprovar a decisão de ele permanecer ao seu lado. Tommy sentiu o coração bater com força no peito. Ali ele percebeu que tinha tudo de que precisava para viver. Ele a amava com todo o coração, sentimento e razão. E não havia dúvidas de que Eloise se tornara o sentido fundamental de sua existência.

## Capítulo XLVI

Os poucos dias que antecederiam o momento em que os aprendizes seriam colocados à prova por Onur passaram depressa. Rash se mostrou ainda mais rigoroso e exigente. O descanso foi pouco e a prática massacrou os aprendizes.

As tardes foram dedicadas exclusivamente ao estudo das técnicas utilizadas pelos Fantasmas. Os métodos, definidos por Rash como traiçoeiros e covardes, foram detalhados e estudados até o esgotamento físico e mental. A parte mais dolorosa dos embates simulados deixou lembranças visíveis: arranhões e cortes profundos.

Os Fantasmas não eram considerados cavaleiros, por razões óbvias. Tampouco poderiam ser chamados de guerreiros, uma vez que seus princípios não visavam um combate, mas um ataque silencioso e cuidadosamente elaborado. Treinados para agir protegidos pela invisibilidade das sombras, comumente matavam pessoas enquanto dormiam. Envenenavam. Emboscavam. Atiravam pelas costas. Atacavam crianças. Mas fugiam de uma disputa justa. Só confrontavam os Cavaleiros da Aliança se estiverem em vantagem numérica. Caso contrário, recuavam. Escorregadios, os servos da rainha dominavam como ninguém a arte da fuga.

Os Fantasmas, via de regra, andavam munidos de armas de arremesso. As peças eram objetos de diâmetro pequeno, podendo facilmente ficar ocultas na mão ou na roupa. Lembravam o formato de uma estrela com cinco pontas afiadas, que eram embebidas em veneno. A guarda pessoal de Elba normalmente levava consigo, no máximo, cinco ou seis estrelas da morte — foi assim que Rash nomeou o artefato. E elas eram utilizadas apenas como recurso de fuga.

Quando a noite do vigésimo dia se anunciou, o corpo dos jovens aspirantes estavam com aparência próxima a de uma colcha de retalhos. Mas isso não era alarmante, as pomadas eficientes do arsenal farmacêutico dos anões entrariam em ação. Os ferimentos superficiais desapareceriam e os mais acentuados cicatrizariam totalmente em dois dias.

O que importava mesmo, na noite em que o treinador anunciou o encerramento dos trabalhos, era que eles estavam prontos. Não eram guerreiros habilidosos como Arnon. Isso ainda levaria um tempo razoável para acontecer. Mas o saldo final surpreendera o treinador. Durante vinte ininterruptos dias Eloise, Pedro, Tommy e Isabel treinaram com dedicação e disciplina.

Pedro lembrava o pai no estilo de combater. Inteligente e ágil. Precisava apenas aprender a domar a impulsividade.

Eloise tinha muitos traços de Laura, mas sem dúvida, a jovem trazia consigo a essência das escolhidas: o dom do amor e da caridade. Ela compreendia a natureza da vida que não se limita por barreiras étnicas e não se definia por fronteiras territoriais. Eloise enxergava o Reino Unido

de Petra como um todo. E estava sinceramente disposta a restabelecer a justiça roubada por Edgar.

Isabel, por sua vez, acabaria por se tornar o eco da sabedoria de sua avó, Elizabeth Fernandez, uma guerreira genuína. Ela tinha a determinação exata de uma defensora.

E Tommy, Rash tinha certeza, seria um bravo Defensor da Aliança. Da mesma forma que seu pai, o jovem era, acima de tudo, um homem leal. O melhor amigo que um escolhido poderia ter.

O clima ao redor da mesa bem guarnecida de iguarias — cortesia de Gertrudes, Rash dissera — era uma combinação de euforia, ansiedade e cansaço. A parcela de ansiedade, no entanto, superava os demais sentimentos. Muitas dúvidas permaneciam ainda sem explicação.

Como seria a vida deles quando partissem do Gândara? Por que os Fantasmas ainda rondavam a península? Será que a rainha sabia da existência dos herdeiros? E o Torneio de Bravura? A Academia...? Laura...?

Em meio a tantas questões, o jantar foi uma refeição atípica. Arnon, de novo, estava ausente. Rash, pela primeira vez, ceava com eles. E voltara a se comportar como o anfitrião que Pedro, Eloise, Isabel e Tommy conheceram quando chegaram àquela terra.

— Gostaria de trocar umas palavras com você, Pedro, antes de se deitar — o anão disse ao terminar de apreciar sua habitual dose de chá de hortelã. A voz branda passava longe do tom austero de treinador. — Estarei na arena.

Rash estava parado em frente ao compartimento de armas, cujas lâminas afiadas eram capazes de arrancar a cabeça de um Fantasma com um único golpe. Ele segurava o Sargon, a espada que pertencera ao príncipe Pietro.

— Tome. Ela ficará com você, partir deste momento.

O jovem herdeiro segurou o cabo convexo banhado de ouro negro trazendo a relíquia para si. Seus dedos se fecharam determinados na empunhadura. O sangue se agitou como se espalhando pelo corpo não só o oxigênio vital, mas coragem e força. Ele, finalmente, estava preparado para carregar o Sargon, que sempre estivera ao lado de um Belmonte.

— Um escolhido — Rash falou afastando-se alguns passos do aprendiz — precisa ter em mente dois preceitos fundamentais: a fé e a paciência. A fé será sempre o seu esteio, sua fortaleza. Ainda que enfrente as mais terríveis adversidades, você seguirá adiante, se tiver fé. A paciência, vai mostrar-lhe o momento certo para agir. Um Belmonte não pode hesitar, mas também não deve ser guiado pela impulsividade. Uma ação desencadeada em uma ocasião

imprópria traz consequências catastróficas. Para tudo existe um tempo certo. Saiba esperar por ele com sabedoria.

— Por que o senhor está dizendo isso só para mim? Quero dizer... Eloise também é uma escolhida...

— Sim, ela é. Mas é *você* quem precisa ouvir isso agora. Olhe a sua espada — Rash pediu em seguida.

Pedro ergueu o Sargon à altura dos olhos. Os símbolos gravados na lâmina da arma tomaram seu campo de visão.

— O que você vê? — o professor perguntou.

— Há uma frase cunhada no metal, mas eu não reconheço essa língua.

— O que você enxerga, além disso?

A imagem do rosto de Pedro se misturava aos desenhos marcados na lâmina.

— Eu vejo o meu reflexo.

— Exato. Sua espada será o espelho das suas ações. Use-a somente para defender a Aliança. Nunca empunhe o Sargon para executar um julgamento. Não cabe a nós punir os Filhos do Criador. Nossa missão se restringe apenas à rainha e aos servos dela. E — Rash acrescentou como final da conversa — a inscrição diz: “O choro pode durar uma noite, mas a alegria vem pela manhã”.

Era um trecho do Livro Sagrado, Pedro sabia.

— Nenhum sofrimento dura para sempre, meu jovem — o anão complementou o sentido do ensinamento milenar enquanto se encaminhava para a porta que dava acesso ao palácio.

No alvorecer do último dia de confinamento, Onur aguardava por Eloise, Pedro, Tommy e Isabel na área de treinamento. O anão trajava o uniforme completo de um cavaleiro da Aliança. A faixa verde-esmeralda, identidade de um defensor, cintilava presa à cintura. A postura não era ameaçadora como no dia em que recebera os jovens, e a expressão não era de fúria ou indignação. Ao contrário, o semblante de Onur era amigável. Arnon e Rash completavam o comitê de recepção. Também vestindo as vestes oficiais da Ordem, estavam de pé ao lado de Onur.

O teste com o defensor ainda era uma incógnita e embora os aprendizes estivessem temerosos, em poucos minutos descobririam que Onur precisava somente conhecer o estilo de luta deles. Se aquele momento tivesse que ser definido em poucas palavras, poderia ser chamado de aula magna.

O mais velho dos Amyr duelou com os quatro aspirantes de maneira didática, exatamente

como Rash costumava fazer. Logo, Pedro, Isabel, Eloise e Tommy perceberam que lutar com um mestre tão habilidoso era uma honra e não um martírio como até então julgavam.

Pedro esgrimiu empunhando o Sargon e sentiu-se verdadeiramente o herdeiro do rei.

Isabel recebeu definitivamente o par de Sai que pertencera à sua avó, Elizabeth Fernandez. Dessa vez ela não devolveria as peças ao armário como fizera nos dias anteriores. Com orgulho de empunhar uma relíquia de família, ela usou as armas com destreza e perícia. Eloise não fez uso do chicote que aprendera a manejar com o auxílio de Arnon. A filha de Laura lutou com os leques de metal. Ao passo que Tommy combateu com seu sabre, Diana.

Ao fim dos embates, sucedeu uma formalidade histórica que acompanhava a Ordem da Aliança desde os primórdios de sua instituição. O ritual solene marcava com palavras de honra o momento em que novos cavaleiros eram recebidos pelos demais membros da Ordem.

O ato simbólico de extremo valor era um juramento de lealdade, seguido da entrega das faixas que os identificavam.

— Sejam bem-vindos à Ordem da Aliança!

Ao som das palavras de Onur, o coração dos jovens guerreiros saltou no peito. A expressão deles irradiou felicidade e uma sensação de euforia os dominou por completo.

Depois das conversas entrecortadas entre Eduardo e Laura, da descoberta do diário, da fuga quase catastrófica, das revelações improváveis e assustadoras, da dedicação aos treinos e das incontáveis dores, finalmente chegara o momento de receber formalmente a herança ancestral que lhes era de direito.

— Pedro, Eloise, Isabel e Tommy. — Onur indicou o meio da arena principal.

Eles se organizaram em uma linha como fazem aqueles que estão prestes a receber uma premiação importante.

— Arnon, você faz as honras da Ordem? — Rash sugeriu, ciente da importância do seu apontamento.

O guardião aproximou-se de Pedro, posicionando-se frente a frente com ele e estendeu a mão como se fosse cumprimentá-lo. Pedro retribuiu o gesto. Arnon segurou o braço do jovem na altura do cotovelo. Em seguida, pousou a mão livre no ombro direito do rapaz que imitou o movimento do outro.

— Eu, Arnon Aquiles, prometo ser leal a você, Pedro Belmonte. Como iguais, ofereço o meu braço direito para defendê-lo meu ombro para confortá-lo, aceitando-o como um escolhido. De irmão para irmão, reconheço em você um verdadeiro Cavaleiro da Aliança. Rogo ao Criador que lhe conceda os sete dons, principalmente, o amor, a fé e a sabedoria.

Em seguida, Rash entregou a Pedro a faixa de cor vermelha.

— Obrigado — Pedro disse e amarrou-a na cintura.

Depois de atar o tecido que o identificava como o escolhido, Pedro repetiu para Arnon as

mesmas palavras que o cavaleiro lhe dissera.

— Eu, Pedro Belmonte, prometo ser leal a você, Arnon Aquiles...

E dessa maneira sucederam os demais juramentos.

— Eu, Eloise Belmonte...

— Eu, Isabel Fernandez...

— Eu, Tommy Fernandez...

Quando os novos Cavaleiros da Aliança se puseram diante da porta, não puderam atravessá-la sem antes considerar o que haviam escutado de Rash na primeira noite do treinamento: “não serão os mesmos quando saírem daqui.”

E Rash, invariavelmente, estava coberto de razão. Pedro sentia-se amadurecido. Isabel mais confiante. Eloise mais determinada. E Tommy superara sua aversão declarada a Arnon.

Somado a isso, é evidente, eles adquiriram notáveis conhecimentos em luta. E excelente habilidade com armas.

## Capítulo XLVII

Finalmente! — Uma voz conhecida e estridente cortou o ar.

Era Gertrudes.

Ao que parecia, a anã estivera de plantão na última hora, prostrada ao pé das duas imponentes escadarias de mármore branco, exibindo uma expressão de tédio. O desengonçado Samir fazia companhia à criada, igualmente entediado e um tanto empertigado, dando sinais de estar sendo mantido ali contra a própria vontade.

— Eu estava contando as horas para ver vocês duas fora desse confinamento. Coitadinhas. Mal chegaram e já foram enfiadas nesse lugar desconfortável. — A criada já estava ao lado do grupo, agora formado pelos novos cavaleiros e por Rash. Arnon e Onur haviam seguido na direção do pátio interno do palácio. Olhem esses rostos — ela continuou, incontrolável —, devem estar muito cansadas. Estão cheias de olheiras. E esses arranhões? Como conseguiram isso? — Eloise e Isabel se perguntaram se ela realmente não sabia ou se estava fazendo mais um de seus comentários retóricos. — Deixar as duas apresentáveis para hoje não vai ser fácil. Precisamos subir. Imediatamente. Samir! — O anão tímido sobressaltou-se sobre as pernas. — Mexa-se! — A ordem saiu mais aguda e estridente que o primeiro chamado. O anão estremeceu novamente. — Leve os dois. E não desça antes que estejam vestidos apropriadamente.

— Bom, minha presença aqui é desnecessária — Rash falou com ares de quem se divertia muito com a situação.

Eloise, Isabel, Pedro e Tommy ficaram confusos, mas não julgaram ruim a ideia de ganharem um banho quente na banheira tamanho gigante que havia na suíte do quarto de cada um deles. Sais de banho também seriam bem-vindos.

— Dona Gê — Eloise perguntou tão logo chegaram à torre que ligava aos quartos que ocuparam no dia em que chegaram à Terra dos Anões —, por que a senhora está tão agitada?

— Por causa da festa, ora essa! — a anã respondeu num tom de quem acha a pergunta completamente descabida.

— Que festa?! — A surpresa foi simultaneamente de Eloise e Isabel.

— Eu não acredito! — Gertrudes crocitou, desafinada. — Os senhores não avisaram? Mais essa agora! Hoje à noite vai haver um grande baile. Nós, anões, somos muito tradicionais, sabem? Ainda não fizemos uma festa de boas-vindas para vocês, a princesa e o príncipe herdeiros do trono de Petra. E os filhos de Beatriz e Diogo Fernandez, não podem deixar a nossa terra sem terem tido uma boa acolhida. Não, de maneira alguma — ela repetiu como se para enfatizar o que dizia. — Amanhã irão embora e não podemos perder essa oportunidade.

Gostaríamos de ter feito a recepção na noite seguinte a da chegada de vocês, mas os senhores não permitiram. Disseram que ficariam no tal do confinamento para fazer um treinamento para qualquer coisa que eu não prestei atenção. Uma lástima. Mas, em todo caso, tivemos mais tempo para preparar um evento daqueles... — Ela deu um risinho de excitação. — Ai... essas escadas estão acabando comigo. — Elas haviam alcançado o andar dos quartos.

— A senhora disse que partiremos *amanhã*? — Eloise prestou atenção ao detalhe.

— Não temos tempo para conversar. — A anã deliberadamente percebeu que havia falado demais. — Direto para o banho, enquanto eu escolho o vestido de vocês. — Uma expressão de tristeza se desenhou no rosto das duas, mas Gertrudes sabia exatamente a razão do súbito desânimo: a escolha das roupas. Por isso, deu um ultimato antes que elas fizessem qualquer objeção direta. — Nem pensem em não usar as peças que eu separar. Tudo tem que estar perfeito esta noite. Para o banho. As duas. Já — ordenou sem piedade.

A água morna exalava um perfume marcante de essência de ameixa. Um odor restaurador e confortável. Eloise não conhecia a receita da combinação que dona Gê utilizava para produzir aquele efeito harmônico, capaz de relaxar, cuidar e renovar ao mesmo tempo. O segredo talvez viesse de alguma planta do canteiro medicinal que ficava em um dos platôs na subida ziguezagueante do palácio. Ou talvez viesse do pomar de plantas exóticas e aromáticas. O detalhe não importava. O importante era que o resultado do trabalho na banheira era semelhante ao que se tinha com a flor de tissia, porém com a larga vantagem de não exalar o desagradável mal cheiro característico da erva.

— Então, vamos embora amanhã... — ela sussurrou baixo para si mesma.

Logo estava pensando em diversas coisas ao mesmo tempo. A primeira lembrança, sua mãe. O coração bateu dolorido quando lembrou que tão cedo não se reencontrariam. Laura estava agora na casa da família de Arnon, segura. Porém, distante, muito distante da filha que sempre encontrara nela o refúgio seguro. Eloise sentiu a garganta se fechando e o gosto salgado de uma lágrima na boca. Desejava muito que a mãe estivesse com eles. A ausência de Laura, antes minimizada pelo frenesi do treinamento, agora reclamava seu espaço.

Em contraste com a euforia de ingressar na Ordem da Aliança, uma combinação ruim de aflição e medo tomou a cabeça da jovem princesa.

Eloise ainda tentou se concentrar no perfume entorpecente e no vapor tímido que emanavam da água quente da banheira. O sentimento de angústia, no entanto, foi mais forte que a própria vontade. E o futuro desconhecido, de repente, se anunciou sombrio. O destino trágico dos seus antepassados lhe veio à mente. Tal qual a um corvo agourento que prenuncia a morte, os pensamentos a torturavam com certo prazer nefasto. Eloise não estava preparada para perder ninguém.

— O que foi minha querida? — Gertrudes acabara de entrar na sala de banho, surpreendendo a filha de Laura.

— Nada... eu... eh...

— Menina, pode não se lembrar de mim, mas eu segurei você no colo todas as noites durante três anos. Troquei as suas fraldas, vi os seus primeiros passos e escutei a primeira palavra que falou. Então, não precisa se envergonhar por estar triste. É natural e saudável. Mostra que você é sensível.

— Dona Gê, a senhora tem notícias da minha mãe?

— Laura está bem — a criada disse num sorriso terno e acolhedor. — Não se preocupe, minha querida. Nada de mal vai acontecer a ela. E nem a vocês.

— O que faz a senhora ter tanta certeza?

— E você não tem? — A voz de Gertrudes não estava estridente, mas carinhosa e maternal.

— Queria que sua mãe estivesse aqui, não é?

Eloise assentiu com a cabeça. O nó que as lágrimas formaram em sua garganta a impediram de falar.

— Depois do torneio, o senhor Rash planeja levá-los até a casa de Fernanda. Mas isso fica entre nós. Tudo bem?

Eloise novamente acenou em sinal positivo.

— Você gosta de música, meu bem? — Gertrudes, muito habilidosa, mudou o tema da conversa e seus modos assumiram o jeito tagarela que Eloise já conhecia. — Sabe dançar? — Não esperou pela resposta. — Os músicos já estão se aprontando. São três equipes. Vão revezar entre si para tocar a noite inteira. — A anã deu pulinhos de excitação ao dizer isso. — Eu gosto muito de dançar, sabe? — continuou dizendo enquanto segurava o roupão de algodão branco para Eloise se enrolar. — Quando eu era mais moça, os anões faziam fila para dançar comigo. Até hoje ainda fazem. E olha que não estou na minha melhor forma.

Eloise sentou-se na banquetta da penteadeira enquanto Gertrudes corria o pente em seus cabelos. Com uma leveza singular, a anã demarcou uma linha central nos fios e teceu duas tranças grossas, que circundaram os dois lados da cabeça. As mechas se encontrando atrás foram presas por tiras de couro branco e ornadas por uma flor grande, cuja cor lembrava a de uma pérola.

— Separei algo que você vai gostar — Gertrudes disse com uma empolgação que deixou Eloise assustada. A primeira imagem que lhe veio foi a de um vestido extravagante e chamativo.

A jovem, no entanto, surpreendeu-se quando ela apresentou um modelo branco de seda. Era um vestido simples, *lindo e perfeito*, Eloise pensou consigo mesma. A peça tinha um belo decote oval e alças retorcidas. O toque de elegância ficava por conta das várias camadas de babados

largos, que começavam na cintura e terminavam na altura dos pés. Na bainha de cada babado, acabamentos de fios de ouro complementavam a aura etérea da roupa. Para marcar a cintura, a criada colocou uma faixa dourada combinando com os outros elementos.

— Temos uma tradição — ela disse enquanto posicionava sapatilhas de cetim perolado para que Eloise as calçasse. — Os convidados de honra dançam a primeira música.

Eloise ainda tentou se esquivar com argumentos pouco significativos para Gertrudes. A maioria deles girava em torno da total inabilidade de Pedro e Tommy com movimentos sincronizados, mas dona Gê sabia defender suas posições como poucos e não aceitou as evasivas de Eloise.

— Não há com o quê se preocupar. Você só precisa se mover com a música. Nossa dança é alegre. É só se deixar levar pelo som. Não tem segredo — a anã disse de maneira conclusiva. Depois abriu a gaveta da penteadeira onde ficavam as joias. Retirou um bracelete cor de bronze com quatro centímetros de largura. — Dê-me seu braço. — Eloise não se opôs ao pedido. A peça era bonita e discreta. Os desenhos entrelaçados lembravam as formas dos arabescos das janelas. — Deixe-me ver — Gertrudes disse depois de enlaçar a fita que prendia a pulseira no punho. — Está perfeita!

— Dona Gê, as minhas coisas que estavam no dormitório da arena... — Eloise lembrou que o colar com o pingente de coração havia ficado guardado entre seus pertences.

— Ah, não se preocupe. Samir deixou tudo aqui enquanto você estava no banho. Quer alguma coisa?

Eloise balançou a cabeça numa afirmativa discreta. Gertrudes lhe entregou a bolsa, Eloise pegou cordão que Arnon lhe devolvera e o colocou no pescoço. Os diamantes cintilaram, contrastando com sua pele extremamente branca. Dona Gê olhou a joia com o canto dos olhos estreitados e a jovem percebeu que a anã guardou um comentário para si, embora isso não combinasse com a natureza falante da criada.

Quando desceu para a varanda da torre, Eloise se deu conta de que já estava entardecendo. A luz que atravessava os dutos no teto da montanha era palidamente refletida no ambiente. O sol estava se pondo na superfície. Do ponto onde estava, ela podia ver a movimentação em torno do palácio. Muitos anões trajando roupas iguais e com cabelo impecavelmente penteado desceram a escadaria do jardim. Ela supôs que seriam os garçons.

Depois deles vieram várias cozinheiras levando bandejas suspensas à altura da cabeça. Os pratos, encobertos por abóbodas de prata, passavam ostentando luxo e fartura.

Eloise ficou observando a repetida cena por vários minutos. Uma quantidade impensável de comida estava sendo levada para o local da comemoração, o que ela julgou não ser um bom sinal. Ela ainda mantinha uma pequena expectativa de que a festa seria menor do que dona Gertrudes descrevera. Eloise suspirou desanimada, prevendo uma série de formalidades que

incluíam apresentações, saudações, brindes...

Pensou em deixar a sacada, evitando se concentrar em regras sociais. Mas antes que ela saísse, a imagem de duas pessoas atravessando a passarela ladeada de ciprestes chamou sua atenção. O que ia à frente, a uma distância aproximada de dez passadas do segundo, era um homem alto e esguio, a quem ela não conseguiu identificar de costas.

O porte alargado e a pele negra do outro, no entanto, eram inconfundíveis.

— Você não vai à festa?! — Eloise falou do alto da torre. A acústica do lugar era boa e sua voz chegou até ele.

— Não — Arnon respondeu antes de se virar para ela.

O cavaleiro não trajava roupa de gala, mas seu uniforme da Ordem.

— Por quê? — ela quis saber enquanto ele se aproximava do peitoril da varanda alta.

— Não faço o tipo festeiro — o guardião disse depois de dar as cinco últimas passadas que o colocou no ponto abaixo da torre.

— Ia embora sem se despedir?

— Não estou partindo. Eduardo é quem está. Eu vou ficar de guarda na entrada da cidade. Só por precaução — ele respondeu num tom casual.

— Humm...

— Vejo vocês amanhã. — Arnon se virou para sair, mas deu uma meia-volta e disse: — A propósito, você está ainda mais bonita hoje.

Ele não esperou para ouvir o “obrigada” constrangido com que Eloise respondeu ao elogio.

## Capítulo XLVIII

A festa não foi no palácio ou sequer em alguns dos inúmeros jardins que ficavam em torno da construção. Eloise, Tommy, Pedro e Isabel desceram a pequena montanha, acompanhados dos Amyr. Os irmãos vestiam túnicas de gala desenhadas com várias formas geométricas, típicas daquela terra. Era uma noite agradável. O ar estava leve e puro. E a cidade subterrânea era uma profusão de cores e luzes.

Quando alcançaram o portão, havia transportes aguardando os convidados. Eram as mesmas carruagens que os havia conduzido ao palácio no dia em que chegaram àquele lugar. Foi estranho ver os veículos novamente. Era como se uma vida inteira separasse os dois momentos.

Onur e Rash ocuparam o primeiro carro. Eloise, Pedro, Isabel e Tommy ocuparam o segundo. Os veículos partiram tão logo os passageiros se acomodaram.

— Vocês ouviram alguma coisa a respeito de irmos embora amanhã? — Isabel perguntou antes que as rodas da carruagem dessem uma volta completa.

— Não. Por quê? — Pedro respondeu.

A atenção de Tommy parecia estar toda voltada para algum incômodo provocado pelas botas.

— Dona Gertrudes comentou que a festa deveria ser hoje porque amanhã partiríamos. — Isabel continuou.

— Mas quando perguntamos maiores detalhes, ela desconversou — Eloise acrescentou.

— Ainda falta uma semana para o torneio. Achei que íamos ficar mais uns dois ou três dias — Pedro comentou e olhou de canto para observar Tommy brigando com os sapatos antes de continuar. — Dravos fica a dois dias de viagem, se formos a cavalo — completou, ainda mirando o amigo com curiosidade.

— Pois é... — Eloise endossou.

— Argh — Tommy grunhiu com a cabeça baixa e as mãos ocupadas no calçado.

— Tommy, qual é o seu problema? — Isabel se empertigou com as cotoveladas que suas pernas estavam recebendo enquanto o irmão tentava ajeitar o sapato.

— Essas... *coisas*. Estão me incomodando.

— Ele descobriu que tem restrições a roupas e calçados civilizados — Pedro explicou se divertindo.

— Você diz isso porque esse seu pé ossudo cabe dentro de qualquer coisa — Tommy se defendeu. — Chega... desisto — bufou.

— O couro vai ceder, logo vai se acostumar — Eloise o confortou.

— Obrigado. Pelo menos *alguém* aqui se compadece com o sofrimento.

A essa altura da conversa já era possível escutar o burburinho festivo. E não tardou para os veículos estacionarem ao lado da imensa praça que ficava no centro da cidade subterrânea.

Pedro, Eloise, Tommy e Isabel desceram das carruagens, reticentes. Era impossível não se sentir constrangido em uma situação daquelas. As garotas sentiam as maçãs do rosto queimarem como se estivessem próximas demais de uma fogueira. E até Pedro e Tommy que eram menos tímidos, perceberam o aquecimento involuntário da pele.

Todos os moradores daquela imensa vila estavam ali. Fora os fazendeiros, que dormiam na superfície da península, e dos guardas, que estavam de plantão, toda a população, sem exceção, estava na praça. Uma gigantesca tenda branca cobria o perímetro do largo por inteiro. E quando eles se aproximaram, guiados por Rash e Onur, perceberam que o chão de arabesco havia sido praticamente todo coberto com imensos tapetes coloridos.

Por todos os lados viam-se lanternas de formatos variados, algumas projetavam um rendado perfeito nas paredes e no teto da armação de lona. Mesas circulares rodeadas de almofadas brilhantes estavam em toda a parte. Em cada móvel havia um cone generosamente coberto de frutas secas. A maioria dos lugares já estava ocupada pelos anfitriões, que naquele caso era a população inteira do local.

À medida que Eloise, Tommy, Pedro e Isabel adentravam o grandioso salão, os anões se viravam e acenavam com sorrisos largos. O comportamento não era exatamente o que esperavam. Imaginavam uma recepção mais formal e menos afetuosa, mas foi uma acolhida sincera. Os habitantes daquela terra receberam os jovens como se fossem membros de sua própria comunidade: como iguais, como irmãos.

Aos poucos, os convidados foram se sentindo à vontade como se estivessem em um lugar familiar. Quando avistaram Gertrudes acenando, tentando se fazer notar em meio aos anões que seguiam para uma mesa de iguarias, Pedro, Isabel, Eloise e Tommy estavam com uma aparência mais leve e natural. Eles desviaram de algumas almofadas e recusaram a bebida espumante que lhes foi oferecida por um garçom para alcançar Gertrudes, que já os esperava ansiosa. Rash e Onur ficaram pelo caminho, parando para conversar com um e outro amigo.

A anã estava de pé ao lado de uma mesa, de formato hexagonal, ornada com um arranjo baixo de flores e velas. Era impossível deixar de notar a euforia desproporcional desenhada na expressão dela.

— Oh, não sentem ainda. — Pedro e Isabel se preparavam para se acomodar em um banco que circundava um terço da mesa carmim. — Venham comigo — ela disse sem dar chances para uma recusa. Agarrou Eloise e Isabel pela mão e andou por entre as mesas com uma agilidade impressionante. Pedro e Tommy a seguiram também. A mulher só parou quando

chegaram a um local aberto no meio da praça.

Era um espaço sem mesas ou almofadas no chão, apenas lanternas pendiam do teto da tenda. A um canto, um enorme chafariz. Em frente a ele, havia cinco anões trajados igualmente com calças verde-musgo, camisas brancas e coletes num tom de laranja bem próximo ao vermelho. Eram os músicos.

— É hora da dança — Gertrudes disse, quase dando pulinhos.

— Que dança?! — Tommy sentiu seu corpo gelar de repente. Eloise e Isabel reprimiram um sorriso.

As duas conheciam os planos da anã porque haviam sido praticamente arrastadas para um ensaio geral. A aula acontecera no quarto de Eloise. E tanto a princesa quanto Isabel foram obrigadas a repetir os passos básicos dos movimentos apresentados por dona Gê.

— Samir não avisou a vocês? Eu disse a ele para não esquecer, mas agora não faz diferença alguma.

— Eu não sei dançar — Tommy protestou.

— Mas não precisa. — A anã olhou para ele como se fosse um garoto de doze anos. — Basta seguir o compasso. Não nos movemos de braços dados como vocês costumam fazer nos seus ritmos tradicionais. Nossa dança é mais espontânea. — Ela se moveu em uma pequena demonstração. — Você só precisa ficar ao lado do seu par e acompanhá-la. Entendeu? — Essa era mais uma das perguntas retóricas de dona Gê. — Bom, espero que sim, porque você vai dançar com a princesa.

— Está disposta a passar por uma humilhação pública ao meu lado?

— Não seja trágico. — Eloise sorriu ao falar. — É mais fácil que a nossa dança.

— Tá — Tommy bufou e olhou de lado. Pedro dividia com ele a insatisfação.

Com um aceno de mão, os músicos entenderam que deveriam começar a tocar. O som se espalhou, tão contagiante e alegre quanto Gertrudes o havia descrito. Dois músicos que mantinham pequenos tambores coloridos presos às pernas puxaram a melodia. Os dedos tocando a pele do instrumento produziam vibrações sonoras que tamborilavam como se fossem a própria letra da canção. As batidas marcadas logo foram acompanhadas pelas cordas de um alaúde e de dois violões.

No meio da pista de dança estavam Tommy e Eloise, Pedro e Isabel. Nos primeiros minutos, Pedro e Tommy ficaram completamente estáticos. Eloise e Isabel também se moviam tímidas. Os anões observavam com uma expressão divertida, o que não contribuía para a evolução dos dançarinos, mas logo se juntaram a eles na pista de dança.

Os passos, evoluindo sob o comando dos dançarinos locais, eram vibrantes como as cores e nuances daquele lugar. A dança acompanhava repetindo em movimentos a canção entoada pelo bater acrobático das mãos que tocavam os tamborins e dos dedos que moviam as cordas dos

violões e alaúdes. Então, Eloise e Isabel conseguiram se deixar envolver pela alegria vibrante da canção. O corpo inteiro se mexendo. Mãos e braços, aos poucos, oscilavam como se estivessem sob a ação de uma brisa contagiante.

*Eloise está deliberadamente disposta a me torturar*, Tommy pensava enquanto ela o inebriava com a alegria da própria dança. Como em um transe hipnótico, ele não conseguia enxergar nada, exceto Eloise, que se movia espalhando um perfume *de enlouquecer* e exibindo um sorriso que lhe atrapalhava o raciocínio.

— Achei que não soubesse dançar — ele cochichou no ouvido dela.

— E não sabia mesmo — ela disse de um jeito que afetava o pensamento.

Eloise não agia de maneira ensaiada, estava naturalmente se deixando envolver pelo ritmo, como as outras pessoas estavam fazendo. O único deslocado era, de fato, Tommy. Ele se mexia de maneira tosca e desengonçada, sem conseguir sincronizar pés e braços. Mas tudo ficou pior quando Eloise começou a girar deixando os cabelos e a mãos roçarem de leve o rosto dele. *Ai já é demais*. Tommy se sentiu obrigado a colocar as mãos na cintura dela fazendo-a a parar.

— Não faz isso... — A expressão dele era de sofrimento. — É perigoso.

— Por quê? — Ela quase colou o rosto no dele para perguntar.

— Já está pronta para tornar o nosso relacionamento público?

— Ainda não...

— Tem certeza? — A mão direita ainda estava na cintura dela.

— Tenho. — Ela rodopiou e escapou dele novamente.

O tecido branco de sua veste esvoaçava aos movimentos. Parecia que ela estava dançando só para ele, provocando um sentimento devastador. Tommy sentia as mãos suando, o coração sacudindo e os olhos ardendo ante a visão perfeita da princesa que ele ainda não poderia tocar.

— Por favor — ele se aproximou da sua musa etérea suplicante —, vamos parar de dançar.

Mas ela não percebeu a angústia. Em vez disso, disse ela sussurrou ao ouvido de Tommy:

— Espere a música acabar. É deselegante sair no meio da dança.

Mas, quando se afastou, seus lábios tocaram a ponta da orelha dele. Tommy quase entrou em combustão instantânea e já não sabia se chegaria inteiro ao final da primeira composição. E a ária durou uma eternidade...

Tommy e Eloise caminharam de volta à mesa, reservada aos convidados de honra, deixando Pedro e Isabel na companhia de Rash e Onur. O que Tommy achou ótimo. Assim, teria um pouco de privacidade com Eloise.

— Gostei dessa dança — ela falou depois que sentaram.

— De onde saiu aquela empolgação?

Eloise se serviu de um copo de suco de dâmaras enquanto o avaliava, tentando descobrir o

motivo da súbita irritação.

— Eu não sei... só me deixei levar. Acho que é a música. Esse lugar. A festa. Ou a soma de tudo isso. Quero dizer, olhe à sua volta. Esse povo é feliz. Não há diferenças marcadas pelas posições sociais ou sobrenomes. É uma sociedade governada pela justiça. Os anões são capazes de viver em harmonia, de compartilhar e, principalmente, de se alegrar. Isso não é contagiante?

Tommy correu os olhos ao redor da tenda reparando os detalhes que Eloise mencionou. A sensibilidade dela sempre o surpreendia.

— Você tem razão... A propósito, você está ainda mais linda hoje.

— Obrigada — Eloise agradeceu, lembrando que Arnon dissera exatamente as mesmas palavras.

Tommy aproveitou a privacidade que a mesa lhe proporcionava e deixou os dedos escorregarem pousando sobre a mão dela, que estava apoiada sobre o veludo púrpura do sofá. Ele pressionou levemente o dorso macio e sentiu sua pele suave ainda quente sob o efeito da dança. Ela não se incomodou.

— O que eles tanto conversam? — ela perguntou sinalizando na direção de Isabel e Pedro.

— Não sei. E, para ser honesto, nem quero saber. O que me interessa agora — ele segurou o queixo dela obrigando-a a olhar para ele — é você. Por que não contar que estamos juntos? Enquanto estávamos no Acampamento eu entendia, mas agora? Qual é o problema, Elô?

— Não é problema. É só que... preciso de mais um tempo.

— Tempo... Só se for para me torturar.

— Não é isso. — Ela lhe acariciou furtivamente o rosto com o dorso delicado da mão que não estava presa à dele. — Espere sairmos daqui. Eu não me sinto à vontade com Rash, Onur e... — Ela hesitou, rompendo a frase de súbito.

— E Arnon? — ele completou, pedindo mentalmente que não fosse esse o nome que ela omitiu. Ele não gostaria, e nem poderia, reavivar suas diferenças com o guardião.

— E Pedro e Isabel. Arnon nada tem a ver com isso — ela garantiu. — É estranho. Nós quatro somos amigos desde sempre. Não quero causar constrangimento. A impressão que eu tenho é que eles vão começar a agir de maneira diferente em relação a nós.

— Elô, sinceramente eu acho o seguinte: ou você está com medo, ou tem dúvidas sobre nós dois. A primeira hipótese é fácil de resolver. Quando Pedro e Isabel chegarem, falamos para eles. Tenho certeza de que a notícia não causará nenhum trauma — ele a pressionou, ainda que soubesse que estava cometendo um erro. — Agora, se não está segura em relação a nós...

— Você está exagerando — ela o impediu de terminar a sentença. — Olhe, eu quero ficar com você. Só preciso de mais um tempo. Confie em mim.

— Tá.

Ele respondeu parecendo contrariado e levantou-se para sair.

— Onde você vai?

— Vou andar um pouco. Se eu continuar perto de você, vou acabar explodindo.

Eloise apertou a mão dele, obrigando-o recuar.

— Está com raiva de mim? É por isso que quer se afastar?

— Não. Eu quero beijar você. É por *isso* que preciso sair daqui.

— Cadê o Tommy? — Isabel perguntou quando ela e Pedro chegaram à mesa.

— Foi dar uma volta — Eloise respondeu tentando parecer natural, depois de seguir Tommy com os olhos até ele se perder entre as lanternas vibrantes que coloriam a festa.

— Rash confirmou nossa partida — Pedro informou depois de se acomodar no estofado aveludado ao lado da irmã. — Seguiremos para Dravos amanhã, depois do almoço.

— Ele disse o por quê dessa pressa? — Eloise quis entender a decisão.

— Eles acham arriscado ficarmos aqui — Pedro respondeu depois de provar uma esfiha de ricota que fazia parte de um combinado de quitutes organizados sobre a mesa. — Os Fantasmas ainda estão rondando a região, e a Ordem ainda não sabe o que eles pretendem.

— Mas se a guarda pessoal da rainha está na superfície, eles vão nos ver saindo — Eloise ponderou.

— Existe outro caminho — Isabel tomou a explicação. Pedro estava ocupado experimentando outros sabores da variedade exótica da culinária dos anões. — Um túnel subterrâneo, que nos levará às proximidades da via principal que leva a Dravos.

— São quilômetros...! — Eloise mais uma vez se admirou com a engenharia sofisticada dos anões.

— Bem, pelo menos foi isso que Rash nos disse — Isabel completou. — Ah, sabe o que ele falou também? — ela exclamou como quem vai fazer uma revelação empolgante.

Pedro encarou a amiga de lado com ares de diversão.

— O que foi que ele contou? — Eloise ficou curiosa com o suspense propositado.

*“Esse dom, Pedro, é uma herança ancestral e está intimamente ligado ao seu legado — Rash explicou.” — O Primeiro Rei, quando foi instituído como o primo monarca, recebeu a permissão para guiar os seres humanos, mas também ganhou o poder de ser soberano sobre todos os animais que habitam a terra, o ar e o mar deste mundo. Sendo assim, o governante tornou-se capaz de entender as criaturas e de se comunicar com elas, se assim elas quisessem.*

*Havia equilíbrio na relação entre seres humanos e natureza. A terra que o criador havia nos dados era utilizada com sabedoria.*

*Porém, tudo mudou quando a Primeira Rainha provocou a guerra. Ela trouxe morte e destruição. Em outras palavras, desequilíbrio. Essa alteração drástica fez os animais emudecerem e os Reis não mais conseguiram se comunicar com eles.*

*De alguma maneira, você conseguiu romper essa barreira milenar. Isso só comprova, Pedro, o que eu sempre disse: você nasceu para ser o rei de Petra.”*

— Nossa...! Isso é... incrível!

Eloise estava maravilhada com o relato. Ao mesmo tempo sentia-se orgulhosa por seu irmão. Ela sempre soubera que ele era uma pessoa especial e as palavras de Rash só vinham confirmar essa certeza.

— Você será um grande rei, meu irmão — ela disse com sinceridade.

— E você também será uma grande rainha — ele completou.

Os dois se abraçaram. E Pedro, estendendo o braço para o lado, trouxe Isabel para completar o momento de íntimo carinho.

A festa, como dona Gertrudes prometera, estava ótima. Os anões realmente sabiam receber, como poucos, seus convidados de honra. A tenda festiva em nada lembrava as formalidades dos bailes de máscaras promovidos no palácio real e noticiados com detalhes nas revistas sociais que circulavam por toda Petra. A praça exalava uma descontração espontânea e natural, sem reverências, sem horário determinado para se começar ou parar uma dança. Sem sorrisos obrigatórios e cumprimentos falsos entre os convivas. Sem a mediocridade que permeia muitas conversas nos salões da nobreza.

## Capítulo XLIX

Eloise deixou o irmão e a amiga na intenção de procurar Tommy, embora tenha inventado outra desculpa para eles.

Ela andou por todas as mesas espalhadas na praça, margeou a pista de dança, onde viu uma alegre Gertrudes se movendo com maestria. E como caminhasse até os limites da festa sem encontrá-lo, decidiu fazer uma incursão pela cidade.

A música foi se perdendo à medida que ela se distanciava em busca de Tommy. A grande avenida principal estava deserta, mas, ao longe, Eloise enxergou um vulto próximo a um dos portões de acesso à cidade secreta. Julgou que fosse Tommy, pois a entrada era a mais próxima da praça onde acontecia a festa. Na verdade, era uma porta utilizada apenas como duto extra de ventilação, sendo aberta somente em épocas de calor intenso e clima seco. Não havia como sair da cidade, ou mesmo entrar por ali porque o portão se abria em um paredão vertical, que era banhado pelo Golfo de Gad.

Mas não era Tommy que estava parado à distância de dez metros da imensa porta de madeira maciça. Era Arnon.

— Olá.

O guardião estava de costas para a rua principal. Ele se virou ao som da voz da princesa.

— Desistiu da festa? — ele perguntou casualmente.

— Não.

— O colar — Arnon apontou para o coração formado pelo desenho de diamantes negros — ficou ótimo.

— Obrigada por tê-lo guardado para mim — Eloise agradeceu segurando o pingente entre o polegar e o indicador. — Você viu o Tommy por aí?

Não houve tempo para respostas. Uma explosão violenta abalou a estrutura do portão pesado e maciço. O som ecoou surdo pela cidade subterrânea, contudo não alcançou a praça por causa da música. Eloise olhou com uma expressão assustada para Arnon, como se perguntasse o que estava acontecendo. Arnon reconheceu o som dos treinamentos na Academia, que não poderia ser mais aterrorizante, e até mesmo o semblante do cavaleiro se revestiu de apreensão.

Antes de responder à pergunta que ficara presa ao peito assombrado de Eloise, Arnon a prendeu nos braços e girou, abaixando-se e mantendo-a aninhada sob seu corpo protetor. Parou atrás de um poste largo na intenção de se servir do pequeno escudo.

Uma nova explosão rasgou o subterrâneo, essa mais intensa. Mais grave. Pedacos de

madeira voaram por toda parte. Uma névoa negra tomou o espaço, impulsionada pelo deslocamento de ar.

Não havia dúvidas. Arnon teve certeza de que a mola propulsora daquela forte detonação era o pó negro que estava sendo manipulado na Academia. A mistura de enxofre, salitre e carvão de madeira ainda estava sendo testada pelos alquimistas militares. A substância, primariamente chamada de “língua de fogo”, ficava guardada em um laboratório ao qual poucos oficiais tinham acesso. O próprio Arnon só conhecia o artefato bélico porque fora convidado pela diretora e comandante da Academia, Ayla Benson, para assistir a uma demonstração. Por isso, ele não entendeu como e nem por que o portão de segurança da cidade subterrânea fora atacado por tal tecnologia. A poeira escura ainda pairava no ar quando os guardas das torres altas da Terra dos Anões soaram o alarme.

A música silenciou. Por alguns segundos, somente o que se ouviu foi o som agudo do alarme. E depois o silêncio. A Terra dos Anões estava muda. O clima festivo substituído por expectativa e temor. Uma atmosfera sombria se espalhou, impulsionada pelo vento que vinha do oceano. A brisa que costumava trazer o brilho dourado do sol e o frescor do mar, naquela noite, traria apenas o cheiro agourento da morte.

Duas batidas de coração precederam à chegada de quatro figuras esguias vestidas de preto. Pelo buraco aberto no portão robusto, eles passaram, furtivos como felinos à caça. Não produziram ruídos quando passaram pelos estilhaços de madeira espalhados pelo chão.

— Fantasmas! — o cavaleiro murmurou com urgência para a sua protegida. — Fique aqui — ele acrescentou entre os dentes travados.

— De maneira alguma — ela recusou, de forma surpreendente.

— Você está desarmada. E isso não é um pedido — Arnon falou de maneira rígida.

— Primeiro, não estou sem armas. — Ela suspendeu a barra do vestido para provar o que dizia. Abaixo do joelho, presos por tiras de couro, estavam seus instrumentos de luta: os leques. — E segundo, você não manda em mim.

— É verdade. E se eu pedisse *por favor*, para ficar aqui, você ficaria?

— Também não.

— Não entende que proteger você é o *meu* trabalho?!

Mas não houve tempo para respostas.

Um homem trajando vestes escuras e com apenas os olhos à mostra se materializou na penumbra enegrecida que ainda pairava na rua. Era o quinto soldado invasor que estava separado do primeiro grupo de ataque.

Então, se ouviu um zunido cortando o ar na direção de Arnon e Eloise. O cavaleiro rolou de lado, arrastando a princesa com ele para fugir da arma atirada no ar. No momento seguinte já

estava de pé em postura defensiva. O Fantasma lançou mais três artefatos metálicos de formato pontiagudo. Arnon rechaçou dois deles e Eloise, com um dos seus leques aberto, desviou o terceiro.

O oponente sorriu cinicamente, o que exibiu no olhar, e sacou duas espadas de lâminas retas. Com os braços dançando no ar e uma velocidade surpreendente, avançou contra o cavaleiro, que se colocou à frente da escolhida, embora Eloise já estivesse em postura de batalha empunhando suas armas letais. Houve um tilintar violento. Arnon bloqueou as lâminas destinadas a rasgar seu peito. O assassino era bem treinado, um oponente feroz e com ares de homicida.

Eloise não tinha certeza do que fazer. Era o seu primeiro combate real. Sem armas de madeira, sem a proteção do uniforme e sem a segurança do treino. Naquele momento, o menor dos erros seria fatal. Medo e adrenalina se misturaram produzindo um efeito inesperado, que ela não sabia se era coragem ou tolice.

O Fantasma trocava golpes com Arnon quando atirou mais setas perfurantes contra a princesa, mas ela foi precisa em sua própria defesa. Rechaçou os dois objetos que deveriam acertar seu coração.

O bramir das espadas alcançou a grande avenida. Os dois lutadores moviam-se em passos rápidos e letais. Quando o matador deflagrou um chute potente no meio da caixa torácica de Arnon, Eloise contraiu os músculos, assustada com o que viu.

Arnon foi arremessado alguns metros, indo se chocar num baque surdo contra o solo.

E embora a pancada fosse violenta, o cavaleiro demorou pouco mais que alguns segundos para se pôr de pé novamente. O guardião era forte e sua estrutura física capaz de absorver o golpe sem que houvesse danos à sua estrutura óssea.

Porém, nesse pequeno intervalo, Eloise se aproximou do assassino. Antecipando o perigo, o Fantasma lançou uma adaga pequena. A faca rasgou o ar com fúria mortal. Nas lâminas, podia-se observar o brilho alaranjado de algum tipo de veneno destrutivo. Mas Eloise dançou no ar e se desviou do punhal.

Arnon já estava investindo. Devolveu o golpe sofrido na mesma moeda. A intensidade, entretanto, duas vezes superior. O solado da bota atingiu o osso esterno do opressor a ponto de provocar uma fissura na estrutura torácica. O Fantasma deslizou alguns metros no chão.

A batalha estava tomando o rumo da praça. Era possível ver os civis debandando do local da festa, correndo aflitos e amedrontados. Pelo menos vinte guardas guiavam a população para um local seguro. Felizmente, nenhum dos assassinos estava no encaço deles, mas os inocentes não tinham ideia do que estava acontecendo. Gritavam apavorados, tomados de terror por aquele assalto inesperado. E inédito.

As espadas tinham como facas sendo afiadas. Estavam ainda mais ferozes. Arnon investiu repedidas vezes sobre o oponente, que parecia ter dificuldades para contra-atacar. Numa postura

evasiva, o Fantasma rumou para onde estariam os outros comparsas, adentrando na tenda a passos ágeis. Eloise não viu Pedro, Isabel ou Tommy entre os que evacuavam a área. Portanto, seguiu o cavaleiro.

A pista de dança havia se transformado em palco de guerra. Dois Fantasmas atacavam Onur e Rash simultaneamente. Pedro e Isabel enfrentavam outro. O quarto travava um embate de espadas com Tommy. O quinto, que havia fugido do embate com Arnon, seguia empunhando a lâmina na direção de Onur. Ele atingiria o defensor pelas costas, não fosse o guardião bloquear o golpe covarde.

Eloise correu para se colocar ao lado de Tommy.

— Precisando de ajuda?

— Onde você estava? — o jovem defensor perguntou, preocupado com a amada.

Mas Tommy não conseguiu ouvir a resposta porque a espada reta já investia contra ele. Eloise abriu os leques. O oponente sacou mais uma arma.

Paralelo a isso, no meio do espaço, onde antes havia dançarinos, Arnon acertou um golpe preciso no Fantasma que fugira do duelo. A espada do guardião rasgou transversalmente o peito do invasor. O sangue inundou a roupa preta antes que os joelhos batessem no chão. O Fantasma debateu-se moribundo como um animal que está sendo estripado. Momentos de agonia antecederam seu último suspiro. Uma névoa cinza-escura saiu através da boca do escravo da rainha. Não era uma cena agradável de se presenciar, pois a nuvem cinzenta era a alma corrompida que rumaria para seu destino: o Vale da Sombra da Morte. Um grito dilacerante do Fantasma precedeu o momento final. Então, o corpo ficou para sempre imóvel.

Os companheiros assassinos não gostaram do que viram. A expressão surpresa dos monstros deixou claro que não esperavam encontrar Cavaleiros da Aliança naquele território.

Começaram a fazer movimentos evasivos. Como vermes. Era assim que os servos da rainha agiam. Atacavam para matar, mas quando se viam em uma batalha em que a vitória não era garantida, fugiam. Porque só uma coisa amedrontava os desalmados: a própria morte.

Porém, Onur não permitiu que seu agressor fugisse. O anão desferiu-lhe um golpe na coxa, produzindo um rasgo profundo e deixando intacta apenas a artéria femoral. O cavaleiro não queria um cadáver, mas um prisioneiro.

Simultaneamente, Rash dilacerou a garganta da criatura nefasta que duelava com ele.

Outra cena maldita ocorreu. Dessa vez, entretanto, a névoa deixou o corpo pela fenda no pescoço. A criatura guinchou e estrebuchou como um porco agonizante até se calar de vez.

Nos minutos seguintes tudo aconteceu muito rápido. Os dois Fantasmas, que ainda estavam de pé, lançaram suas adagas nas muitas lanternas que decoravam a festa. Chamas se espalharam rapidamente. Tapetes, almofadas, toalhas e até mesmo o tecido da tenda pegaram fogo.

Labaredas e fumaça se misturavam para produzir o caos necessário à fuga dos enviados de Elba. Enxergar era quase impossível. Os olhos de quem estava em meio à cortina de fogo lacrimejaram sob o efeito tóxico da combustão.

Arnon, Rash e Onur não conseguiram encontrar os jovens recém-integrados à Ordem, embora eles estivessem à distância de poucos metros dos experientes cavaleiros.

## Capítulo L

— Cuidado! — Isabel gritou projetando seu corpo sobre Pedro.

Ela conseguiu livrá-lo de ser atingido pela tenda em chamas que desabara exatamente onde ele estivera.

— Obrigado, Bel.

— Você está bem? — ela perguntou. Pedro havia se chocado contra o piso. O peso dela sobre ele aumentou a força do impacto.

— Não era eu que deveria estar perguntando isso?!

— Pois é. A mocinha salvando a vida do príncipe. Irônico, não? — Isabel já estava de pé e estendeu a mão direita em ajuda ao amigo.

— Você vai ficar muito insuportável contando vantagem por ter me salvado?

— Nem imagina o quanto — ela respondeu com uma expressão de vitória.

A fumaça tóxica começou a provocar tosse e os olhos ardiam cruelmente.

— Vamos sair daqui — Pedro disse num tom de urgência.

— E os outros? — Isabel estava naturalmente aflita. Queria encontrar Tommy, Arnon, Eloise e os anões que haviam desaparecido.

— Isso é uma armadilha — Pedro rosnou enquanto a arrastava para fora do espaço caótico.

Quando alcançaram um ponto seguro, longe da neblina mortal, Pedro falou como uma ordem apressada:

— Fique aqui.

— Por quê? — Isabel não entendeu a razão do comando.

— Vou atrás dos outros.

— Vou com você.

— É perigoso — ele falou entredentes.

— Ah, tá! Eu acabo de salvar a sua vida e você retoma esse dilema? — Ela estava aos gritos.

— Quando é que vai parar com esse machismo idiota?

— E quando é que vai notar... — ele repetiu a expressão dela. As mãos se fecharam nos braços de Isabel. Pedro a trouxe para perto de si. Os olhos transtornados de uma fúria repentina a encaravam como se o que ela acabara de dizer o tivesse magoado. Mas antes de continuar a frase, Pedro fechou os olhos como quem avalia o que está prestes a dizer. — Esquece...

A contenda não foi adiante porque duas formas se materializaram na penumbra esfumada. Pedro e Isabel sentiram uma descarga elétrica passar por todas as suas terminações nervosas espalhando medo e ansiedade. Do caos surgia a imagem do terror.

Tommy carregando Eloise nos braços. O vestido branco marcado por vermelho escarlate anunciava a gravidade da situação.

— Eu não consegui protegê-la! — Tommy berrava, desesperado. — Estávamos tentando sair, quando as estrelas começaram a surgir do nada — ele começou a falar como se quisesse justificar um erro que na verdade sequer havia cometido. — Não conseguimos sair — repetiu desvairado. — A fumaça... Elô, por favor. Fique comigo. Por favor — ele implorava.

O sangue vinha de um ferimento no canto esquerdo do peito, abaixo da clavícula. Os olhos de Eloise estavam quase sem foco, seu corpo começando a enrijecer.

De repente, o defensor estava parado em algum ponto na avenida, sem ter ideia do que fazer, para onde seguir. Como se estivesse preso em uma espécie de pesadelo psicodélico, as casas, a praça, a irmã, o amigo, tudo parecia disforme. Tommy não ouvia os gritos dos anões se organizando para apagar o incêndio. Não escutava a voz de Isabel ou via seus gestos, que não passavam de mímicas de um teatro mudo. Ele só enxergava o rosto agonizante de Eloise e a cor vermelha da morte que se espalhava pelo tecido branco.

Arnon e Rash apareceram em seguida. Uma carruagem estacionou ao lado de Tommy que, desesperado, foi empurrado para dentro do veículo. Pedro, Isabel e Arnon entraram também. Eles voltaram para o palácio, enquanto Rash foi buscar um médico.

Arnon começou ali mesmo os primeiros socorros. Rasgou o vestido branco no buraco onde a lâmina havia atravessado. O corte não tinha mais que três centímetros de profundidade, mas não foi isso que o alarmou. Havia ramificações alaranjadas em torno do ferimento, como raízes finas penetrando no solo.

Tommy não conseguia distinguir as vozes, que soavam conturbadas.

— Pedro! Camisa. Rápido.

Arnon usou o tecido para estacar o sangue que continuava brotando. Tommy não soltou Eloise nem por um único minuto. E quando desceram ao portão da montanha sinuosa que abrigava em seu ápice a casa dos Amyr, não permitiu que ninguém mais a carregasse. O defensor levou a amada, aninhada ao peito, por todo o percurso das alamedas tortuosas e inclinadas.

Isabel, Pedro e Arnon corriam ao lado dele. Tommy, no entanto, mal notava a companhia. Ele continuava percebendo o que se passava à sua volta como um espetáculo mudo de horror. Tommy atravessou o corredor de ciprestes com o fôlego que ainda lhe restava. Passou pelo salão principal do palácio, onde foi guiado para a ala leste. Depois, seguiu por um corredor que divisava com a sala de jantar e a cozinha. Finalmente entrou num cômodo branco, repleto de armários igualmente brancos e com portas de vidro, onde se via inúmeros frascos enfileirados. Duas camas ocupavam boa parte do espaço.

— Coloque-a aqui. Depressa! — Disse um anão que trajava uma roupa clara e tinha algo

dependurado no pescoço.

Tommy fez o que lhe foi pedido. Colocou Eloise na cama e ficou parado, sem conseguir se mover. Estavam em uma enfermaria, o rapaz, entretanto foi incapaz de perceber isso, porque Tommy sentiu a visão turva. E de seu rosto pálido desceram várias gotas de suor.

— Saia daqui — um dos anões falou com ele.

Era o médico que estava trazendo um medicamento para ser injetado na veia de Eloise.

— Isabel! — uma anã gritou. Ela estava removendo o tecido ensanguentado para facilitar o trabalho do médico. — Tire seu irmão daqui. Ele não está bem — ela acrescentou cobrindo o corpo despido da paciente.

Muitas vozes ecoavam. Um coro trágico de uma ópera desesperadora.

— Tommy! — Isabel falou alto, embora estivesse o lado dele.

O irmão, contudo não se moveu. E nem poderia, já que estava entrando em choque.

Isabel cravou os dedos no braço de Tommy para arrastá-lo dali. Foi quando ela reparou: a camisa dele estava rasgada. Isabel meteu as mãos na linha aberta no tecido e ampliou o tamanho da abertura, procurando indícios de ferimento.

Lá estava ele. Um corte delgado na superfície da pele. Não era uma ferida igual a de Eloise. Não se ramificava feito um tumor. E estaria totalmente limpa não fossem alguns lastros de sangue escorrido através da ranhura.

— Rash — Isabel chamou. Sua voz saiu trêmula, afetada pelo pavor.

Ao mesmo tempo em que a irmã pediu ajuda, Tommy desabou, debatendo-se como se estivesse sendo acometido por uma convulsão. Pedro e Arnon se aproximaram no mesmo momento da queda.

— É efeito de veneno — o cavaleiro mais experiente constatou. — Vamos colocá-lo no outro leito!

Arnon e Pedro ergueram Tommy com dificuldade, porque somado ao peso dos músculos em fatura, todo o corpo dele estava tremendo.

— Arnon, ele está ficando frio. — A constatação de Isabel soou alarmada.

— Eu sei — ele respondeu e varreu o cômodo com os olhos procurando o médico. Todos estavam ocupados com Eloise. O cavaleiro desatou as munhequeiras e arregaçou a manga da camisa.

— Pedro, naquele armário — ele apontou na direção de um dos móveis brancos — pegue um cobertor. — A voz era de quem assumira o controle. — Isabel, ele está tendo uma parada cardíaca. Preciso da sua ajuda. Vou fazer a massagem...

— Já entendi. — A filha de Beatriz agradeceu mentalmente a paciência de sua mãe em ensinar-lhe primeiros socorros.

— Ventilação — Arnon sinalizou para a irmã de Tommy. — Um, dois, três, quatro, cinco... sopra. Um, dois...

Foi preciso um minuto completo daquele procedimento até o coração do rapaz responder ao estímulo.

— Fique com ele. Mantenha-o aquecido — Arnon comandou.

Pedro cobriu o amigo com o cobertor enquanto o guardião correu até um dos armários de medicamentos e pegou um vidro com um fluido cor-de-rosa. Procurou uma seringa e encheu-a com o medicamento.

— O pulso está ficando fraco de novo — Isabel informou esperando uma instrução.

— Eu sei. — Arnon já estava junto ao catre ao responder. — Segure o braço ferido — pediu com urgência à Isabel, que o auxiliava. Tommy ainda estava trêmulo. — Eu preciso de uma veia — explicou.

Arnon injetou o líquido róseo na altura da articulação do cotovelo. O efeito foi imediato.

— A pulsação está voltando — Isabel constatou com ânimo.

— O que aconteceu com ele? Ainda está correndo risco de morte? — Pedro quis saber.

— Tommy foi atingido por um veneno causador de parada cardiorrespiratória — Arnon respondeu enquanto corria os olhos pelas prateleiras do depósito de remédios.

Eram muitos frascos, diferenciados por rótulos de cores e tamanhos distintos. O guardião achou o que procurava no fundo do armário, nas divisões mais altas. O segundo vidro continha um líquido incolor.

— O efeito tóxico só não foi imediato porque a lâmina apenas arranhou a pele dele — Arnon esclareceu no momento em que voltou à cama hospitalar. Ele trazia outra seringa em mãos. — Sedativo — falou em resposta ao olhar questionador de Isabel.

— E Eloise? O que vai... — Pedro tentou dizer em seguida, mas sua voz falhou num engasgo de medo e apreensão.

— Não foi o mesmo veneno — Arnon respondeu. Os olhos marcados e a testa cortada por vincos expressavam a dor do guardião.

Eloise pousava inerte sobre o leito branco. Já não havia vestígios de sangue. Um lençol de linho claro cobria seu corpo até a altura das axilas. Afora o rasgo no peito e os ramos alaranjados em torno do ponto atingido, ela parecia dormir em sono profundo.

O médico e as enfermeiras já não circulavam urgentes em torno do catre. Estavam reunidos em torno de Rash. As feições eram tensas.

— Rash — a voz do médico foi murmurada —, consegui identificar a substância. Não temos escolha. — A voz dele baixou uma oitava, desaparecendo no final da frase.

— Said — era o nome do médico —, Semil não concluiu a pesquisa — Rash devolveu num

som quase inaudível, o semblante num misto de desespero e inércia.

— Não acho que ela vá sobreviver sem os anticorpos específicos — o médico replicou, enfático. O diagnóstico, porém saiu num volume mais alto do que as frases anteriores.

Ondas de terror se espalharam pelo ambiente. O ar ficou denso. O oxigênio, pesado. Houve uma pausa durante a qual o chefe da enfermaria contemplou o corpo pálido de Eloise como se para comprovar sua teoria.

Pedro, Isabel e Arnon seguiram seu olhar e ficaram chocados ao prestar atenção nas feições brancas.

— E mesmo que sobreviva — o médico acrescentou —, você conhece os efeitos da toxina — concluiu, sem deixar opções.

Cabia a Rash decidir: usar, ou não, uma droga experimental em Eloise. Se decidisse arriscar, talvez, somente talvez, conseguiria salvar a vida da escolhida. Se falhasse, no entanto, poderia causar dano ainda pior: ela poderia ficar para sempre adormecida. Se não tentasse, provavelmente ela não sobreviveria. E se conseguisse viver, perderia totalmente o contato com a realidade. Em outras palavras, enlouqueceria.

— Arnon — Rash falou em tom de comando —, sabe o que fazer.

O guardião assentiu, dividindo a angústia com seu comandante. O cavaleiro conhecia exatamente os riscos daquela decisão.

— Pedro, Isabel, vou precisar de ajuda.

Mentira, ele não necessitava de auxílio. Contudo, leu nos olhos de Rash um pedido para tirar os jovens daquela enfermaria, uma vez que o próprio comandante não poderia fazer isso, porque precisava agir.

Onur estava caçando dois Fantasmas pelos túneis subterrâneos. A guarda externa estava em alerta máximo. Se as criaturas saíssem na superfície da península, seriam atingidas por centenas de dardos paralisantes. Os monstros eram imunes às lâminas comuns, de nada adiantaria acertá-los com flechas ou espadas.

Rash deveria assumir as medidas de segurança que nunca haviam sido tomadas na história daquela cidade secreta, já que era a primeira vez que a Terra dos Anões era invadida. Armadilhas mortais seriam armadas nos túneis e a porta arrombada seria lacrada por tempo indeterminado. Ainda naquela noite o assassino capturado seria interrogado e o método seria o mesmo que a rainha nefasta utilizava: o soro da verdade.

Arnon conduziu Pedro e Isabel numa corrida, atravessando primeiro a alameda do palácio. Depois, disparando com urgência escadaria abaixo. Correndo, adentraram o corredor delgado de janelas retangulares. E, como em uma prova onde a vitória depende da agilidade do velocista, tomaram uma estrada de seixos que ficava a oeste do pomar. Isabel reconheceu o trajeto que vira à distância no dia em que escalaram a montanha pela primeira vez. Lembrou em seguida

que o anão Samir havia dito qualquer coisa sobre o lugar ter alguns inconvenientes. As pedras rangiam em resposta à velocidade.

— Para onde estamos indo? — Isabel projetou a voz para alcançar Arnon, que ia alguns passos na dianteira.

— Se eu explicar, você não vai entender.

O caminho se alargava à medida que contornavam o planalto subterrâneo. Na segunda metade do trajeto, adentraram em um túnel largo. O lugar, iluminado por tochas presas às paredes de pedra, tinha um aspecto lúgubre. Era úmido. De alguns pontos do teto gotejava um líquido enegrecido de cheiro ácido.

Alcançaram um portão grande pouco depois. Foi nesse ponto que Isabel e Pedro ouviram o som de um animal. Grunhidos que lembravam o guinchado de um porco doméstico, porém mais agudo e feroz. Os roncados aumentaram no momento em que Arnon abriu passagem na porta enorme.

— Bem-vindos ao zoológico — Arnon disse num tom de humor negro.

Contudo, a descrição mais fiel do lugar onde estavam talvez fosse circo de horrores.

O ambiente era formado por dois corredores de jaulas de tamanhos e tipos diversos. As gaiolas, por sua vez, abrigavam inúmeras espécies animais e vegetais.

Somado ao rosnado feroz, ouvia-se também outras vozes animais: um coaxar que não parecia produzido por sapos normais, um grasnado que soava como um alarme, guizos estridentes de cobras selvagens. Um verdadeiro musical de terror.

E havia ainda os animais que não projetavam suas vozes: aranhas, escorpiões, lacraias. Serpentes que não tinham chocalho. Peixes que pareciam pedras e outros que lembravam um amontoado de agulhas espinhosas e letais.

As plantas exóticas, assim como os bichos, eram exemplares nunca vistos por Isabel e Pedro.

— Que lugar é esse? — ela perguntou, encarando o corredor de jaulas, espantada com a diversidade bizarra ali presente.

— Há vinte anos, Semil criou esse centro de pesquisa avançada — Arnon se referiu ao médico que fora assassinado pela rainha. — Existem aqui exemplares de animais raros, capturados nos mais diversos cantos de Petra. Todos eles extremamente venenosos — Arnon continuou andando enquanto explicava. — Com eles, Semil conseguiu produzir inúmeros antídotos para as substâncias mortais criadas por Elba.

Isabel seguia o guardião de perto quando uma rã azul-turquesa grudada num galho chamou sua atenção. Era um animal lindo e pequeno. Ela se perguntou como uma criatura de aparência tão frágil poderia ser letal. Impelida pela curiosidade, aproximou-se da caixa transparente. Quando seu rosto ficou a centímetros do vidro, a resposta veio, surpreendente.

O belo anfíbio impeliu sua língua na direção dos olhos da jovem. Isabel sobressaltou-se e no instante seguinte uma bola marrom de uns cinquenta centímetros de diâmetro chocou-se contra a parede do mesmo boxe. A agressividade do impacto a impeliu para trás de maneira desequilibrada. Ela tropeçou e foi Pedro quem impediu de cair.

— O que foi aquilo? — Isabel quis saber, adiantando-se para alcançar Arnon.

— Rãs carnívoras. A língua da pequena dispara, buscando os olhos da vítima. O veneno provoca cegueira imediata e paralisia do sistema nervoso. Em seguida, o sapo búfalo entra em ação. Ele agride o alvo espalhando uma substância que acelera a decomposição dos tecidos. O agredido morre aos poucos, enquanto seu tecido apodrece. O processo, que pode levar dias, atrai moscas gigantes, que servem de alimento aos assassinos. Aqueles dois nasceram em cativeiro. Agradeça a eles por Tommy ainda estar vivo. Chegamos — o cavaleiro anunciou quando estavam diante da maior jaula, a que encerrava o corredor.

Um som de cortar os tímpanos rasgou o ar, mas não havia nada à vista além de uma toca colossal no interior da gaiola.

— Ele vai aparecer logo.

— Ele quem? — Pedro fez a pergunta.

— O bichano de estimação dos anões — Arnon explicou. Em seguida, apanhou um bastão de madeira, que ficava ao lado da grande gaiola, e bateu na grade da jaula.

O dono do grunhido poderoso apareceu. Um metro de largura e quase a mesma medida de altura, cento e cinquenta quilos, focinho alongado guarnecido de duas poderosas presas. Era um javali selvagem. O animal agressivo era encontrado apenas na região do Catre e era praticamente desconhecido pelas pessoas que não moravam naquele lugar. Predador voraz, o bicho era considerado uma praga natural. Ao contrário dos outros animais, esses javalis do Catre atacavam sem motivo e, se quisessem, conseguiam destruir plantações inteiras num único dia.

Isabel já tinha ouvido falar dos mamíferos, que viviam particularmente nas savanas do Catre e por vezes achou algumas descrições exageradas quanto à aparência repugnante do animal. Mas, vendo a criatura de tão perto, ela percebeu que os livros tinham sido até condescendentes. Os bichos tinham um aspecto monstruoso.

— É melhor ficarem longe da boca — o cavaleiro alertou.

— Isso é um...? — Isabel teve a curiosidade de perguntar.

— Javali selvagem do Catre — Arnon completou.

— Como essa *coisa* veio parar aqui? Quer dizer, como alguém conseguiu capturar esse animal? — Pedro sabia que a caça aos mamíferos destruidores era incentivada pelas autoridades como medida preventiva de controle. Nunca, porém tivera notícia de algum bicho que tivesse sido capturado. Muitas vezes, inclusive, os caçadores acabavam se ferindo gravemente nas

empreitadas.

— A captura foi mérito de Pietro, Diogo e Eduardo. Eles estavam na Academia quando o trouxeram — o cavaleiro esclareceu.

— Mas por que manter um animal desse tipo preso aqui por tantos anos? — Isabel ficou intrigada.

— Semil descobriu que na saliva deles existe uma bactéria rara, capaz de aniquilar o efeito de muitos dos venenos. São muitas aplicações. E algumas delas ainda estavam em fase de testes.

Isabel e Pedro olharam para as presas que despontavam das mandíbulas, tentando ilustrar mentalmente o que Arnon havia explicado.

— O que você está fazendo? — Isabel falou num rompante quando notou o cavaleiro escalando as grades da jaula.

— Vamos entrar. Eu não estava brincando quando disse para ficarem longe da boca.

— Já fez isso antes?! — Isabel se mostrou surpresa com a naturalidade com que ele informou que iriam pular para dentro do cercado.

— Algumas vezes — Arnon respondeu com uma tranquilidade que contrastava radicalmente com o momento. — O que estão esperando? E tragam as cordas. — Ele apontou para o amarrado circular dependurado em ganchos que ficavam ao lado das grades.

Isabel e Pedro seguiram o cavaleiro numa pequena escalada de três metros.

— Apenas uma gota da saliva é suficiente — o guardião falou.

— Que nojo! — Isabel comentou encarando a boca repugnante do animal. — Já vi antídotos feitos com coisas melhores que isso. Mas, em todo caso...

— E fazemos como? Pedimos para ele cuspir?

— É um pouco mais complicado, Pedro. Ele não costuma obedecer a ordens. E não pode receber sedativo para não danificar as bactérias. Então, a gente improvisa. Eu vou pular para distrai-lo. Vocês dois lacem a corda no pescoço do animal e prendam na grade.

— Ele só pode ser maluco — Isabel constatou, incrédula.

— Você vem? — Pedro perguntou, preparando-se para saltar.

A fera estava longe do que se pode definir por criatura sociável. Não gostou da companhia. Tão logo Arnon pousou no terreno, os caninos homicidas avançaram sobre ele. O cavaleiro utilizou seu bastão para se projetar para cima. Manteve-se no ar segurando-se na grade de contenção. Ainda com ajuda da haste longa de madeira, Arnon saltou, voando por cima do bicho, indo pousar sobre o abrigo de pedra no interior do cercado. Nesse mesmo momento, Pedro e Isabel atiraram os laços na enorme cabeça da fera.

Talvez tenha sido o conhecimento para enlaçar cavalos. Ou a adrenalina. O fato é que acertaram o alvo na primeira tentativa e antes que o javali percebesse, Pedro e Isabel amarraram a corda no metal.

Assim que se deu conta de que estava preso, o bicho travou as mandíbulas nas cordas grossas. Arnon desceu da toca, aproximou-se do animal e segurou firme uma das presas pontiagudas. Sacou do bolso um vidro pequeno e delgado. Com o recipiente, colheu a amostra de que precisavam.

Os três pularam nas grades da gaiola quando o material estava em segurança. Não foi preciso desamarrar o javali porque, segundos depois que eles pousaram do outro lado da jaula, o bicho já havia mastigado as amarras. Tão logo se viu livre, o monstro, ainda mais enlouquecido, investiu várias vezes contra o cercado na tentativa de atingir os hóspedes indesejados.

Guardião, escolhido e defensora refizeram o caminho de volta numa corrida ininterrupta. O primeiro item do antídoto para Eloise estava garantido. Mas tão essencial quanto ele, eram também os outros. Por isso, Arnon tomou o trajeto para a horta medicinal.

A distribuição espacial do lugar remetia a um pequeno labirinto. Os canteiros ovais, meticulosamente organizados, abrigavam muitas espécies de plantas, entre elas, a flor de tísia.

Não era difícil, no entanto, descobrir o nome das outros vegetais terapêuticos. Havia plaquetas identificadoras em cada canteiro. Os nomes eram tão estranhos quanto a aparência das ervas medicinais. Espinha de peixe parecia uma espécie parasita, era verde-musgo e pendia de um tronco num formato semelhante às vértebras de um peixe. Cavalinha, nome e forma não se assemelhavam. O vegetal era denso e espinhoso. Estrela amarga e estrela doce, plantas rasteiras cujas flores remetiam ao formato de estrelas. A primeira tinha coloração amarelo intenso e a segunda era lilás-claro. Anel de sangue, unha de gato... Não havia tempo para ler todas as denominações específicas ou reparar a diversidade das plantas.

Arnon recolheu cinco espécies diferentes em menos de cinco minutos: algas de mel, rosa da noite, canela, sinos da paz e despertar. Mal houve tempo para Pedro e Isabel lerem os nomes enquanto o cavaleiro fazia a colheita.

## Capítulo LI

A enfermaria estava estranhamente silenciosa. Eloise permanecia no sono velado, branca e inerte como uma escultura de mármore. Tommy dormia sob o efeito de uma dose dupla de um sonífero potente. A enfermeira colocara uma calça larga no jovem e o tinha coberto com um lençol até a altura da cintura. O peito estava exposto. Não fossem os pontos arroxeados no local onde as mãos de Arnon pressionaram para fazer a massagem cardíaca, era possível dizer que ele estava apenas descansando.

Said, o médico, aguardava com ansiedade os ingredientes da fórmula experimental. E tão logo recebeu o material, ele e uma das enfermeiras começaram a trabalhar no preparo do antídoto. Ambos seguiam anotações escritas, em dialeto anão, em um papel amarelado acomodado a um canto da pia. Parecia uma lista de nomes e medidas que haviam sido diversas vezes alteradas. Em alguns pontos a folha estava manchada de tinta borrada, mas era no final da receita que estava escrito o que fez Rash hesitar na opção do tratamento: versão experimental pronta para a primeira fase de testes.

A conclusão fora escrita pelo médico anão assassinado pela rainha. Desde então paralisada, a pesquisa nunca pudera ser testada. Apenas se sabia a dosagem necessária para combater o veneno. Porém, não se conheciam os efeitos reais da droga no corpo humano, ou mesmo se o antídoto seria totalmente eficaz.

Pedro estava angustiado e dividia seus olhares entre o trabalho do médico e a observação da irmã. Isabel, prostrada entre os leitos de Tommy e de Eloise, também observava com ansiedade a evolução do preparo medicamentoso.

— É para tirar as marcas roxas — uma auxiliar de enfermagem justificou quando se aproximou do jovem Fernandez para lhe aplicar uma pasta sobre o tórax. Isabel mal havia notado a presença dela.

Arnon, recostado na parede ao lado da cama de Eloise, parecia uma estátua de bronze. Semblante rígido e vincado. Os braços cruzados atrás das costas. As mãos fechadas em punho. E um olhar vazio que disfarçava uma dor brutal.

Para ele, não era apenas a escolhida que estava sobre a cama hospitalar, mas a mulher que ele amava. E amava com toda a força de seu coração.

— Precisam sair agora — o médico falou aos acompanhantes num tom de ordem. — Tomem um banho, descansem um pouco — acrescentou indicando a porta.

Isabel arrastou Pedro para fora do quarto. Porém, nenhum dos dois seguiu o conselho do

médico. Ambos ficaram de vigília no corredor. Próximo à saída da enfermaria havia um divã, os sofás tão comuns em todos os cômodos do palácio. Sentaram-se ali. Seriam horas de uma espera cruel e devastadora.

Arnon se despediu de Isabel e Pedro com um “infelizmente preciso ir para os túneis ajudar Onur a encontrar os Fantasmas fugitivos” e saiu para não mais retornar naquela noite.

Gertrudes despontou no corredor momentos depois de Arnon ter deixado o lugar. As pernas roliças a impeliavam em uma corrida aflita. A expressão, vincada de apreensão e ansiedade. Já não vestia a roupa alegre que usara na festa, estava com uma túnica cinza e calça da mesma cor.

A anã ignorou Pedro e Isabel sentados no sofá e se lançou contra a porta da enfermaria, embora a jovem defensora a tivesse alertado de que o médico dera ordens para não ser incomodado.

Uma enfermeira de expressão extremamente irritada abriu a porta do quarto e saiu para repreender uma Gertrudes visivelmente fora de si.

— Agora fique calada, Gertrudes. — As mãos da chefe de enfermagem sacudiram os braços de dona Gê como se para conter o ataque histérico. — Senão, vou aplicar um sedativo em você — ameaçou, feroz.

À crise de nervoso seguiu-se uma tagarelice quase insuportável. Isabel foi obrigada a descrever os acontecimentos desde o momento em que Eloise havia sido ferida até a obtenção do material para se produzir o antídoto.

— Tommy também se feriu, oh, pelo Criador. Como esses monstros entraram em nossas terras? Mas eles vão ficar bem. Tenho fé que sim.

Dona Gê deixou os jovens somente depois de quase uma hora inteira, contudo voltou no meio da madrugada trazendo uma miniatura de mesa de café em quatro rodas. O atrito giratório da madeira ecoou no corredor vazio, porém não despertou a atenção de Pedro e Isabel, que pareciam duas estátuas de pedra. Frutas, leite, café, chá, biscoitos de aveia, cereal, mel e geleia. Uma refeição substancial.

— Dona Gê, é muita consideração, mas não estamos com fome — Isabel falou por ela e Pedro, que mal dava sinais de estar prestando atenção ao que acontecia à sua frente.

— Você é que pensa, menina — Gertrudes replicou. — Ainda estamos no meio da noite. Se quiserem ficar aqui até amanhecer, precisam se alimentar — acrescentou irredutível, como de hábito.

— Tudo bem, dona Gê. — Isabel decidiu concordar para se livrar da insistência. — Vamos fazer o seguinte, então: a senhora deixa o carrinho aí e, *mais tarde* — ela enfatizou —, comemos alguma coisa. Agradecemos a atenção, mas agora acredito que a senhora precisa descansar — ela completou levantando-se do divã e, com muita gentileza, conduzindo Gertrudes até a saída no

final do corredor. — Vamos ficar bem alimentados. E a poltrona é bastante confortável para mim e para o Pedro.

— Eu... ah... tudo bem... volto ao amanhecer — Gertrudes desistiu por fim.

Isabel voltou e se acomodou novamente ao lado de Pedro.

— Obrigado.

Ela recostou a cabeça no ombro dele antes de responder.

— Não precisa agradecer.

*Eu não sabia o que iria acontecer. Se soubesse, teria arrastado o Pedro dali.*

Quando os gritos começaram, foi impossível não sentir o choque. A expressão de horror que atravessava a porta era de quem estava sendo cruelmente torturado. Uma gritaria ininterrupta, que provocava as piores hipóteses sobre o que estaria acontecendo dentro da enfermaria lacrada.

De novo, Isabel e Pedro estavam revivendo o medo da perda, sentindo a morte os rondando, insaciável. *Não é justo que isso esteja se repetindo. Por quê?* Isabel se perguntava, tomada por um sentimento de revolta, se suas vidas estariam fadadas ao sofrimento e às perdas.

Os sons agudos lancinantes não paravam. Pedro andava de um lado a outro do corredor. Seu rosto era a expressão da agonia e da angústia pela falta de notícias.

*O que significam os gritos? Eloise está nos últimos momentos de vida ou, eles paradoxalmente, indicam melhora?*

Pedro, deitado no colo de Isabel, estava em algum lugar entre o esgotamento emocional e a consciência. Ele já havia chorado, berrado o nome da irmã repetidas vezes. Chutado a parede oposta ao quarto. E por último, havia abraçado Isabel, praticamente se jogado em seus ombros. Dessa maneira, ela conseguiu fazê-lo se acomodar na divã e apoiar a cabeça em uma almofada que ela colocou sobre as próprias pernas. Ela fechou os olhos, mas não dormiu. Seu desejo era ser forte o suficiente para suportar a dor sem perder o controle. Para encarar qualquer desgraça com firmeza o bastante para carregar Pedro e Tommy.

*Se o pior acontecer, parte deles vai embora com Eloise.* Isabel sacudiu a cabeça para enterrar as previsões pessimistas. E no auge da escuridão da sua desesperança, ela fez o que sua mãe havia lhe ensinado desde criança: pediu, rogou, orou suplicando ajuda. Ainda que, cientificamente, um pedido não fosse uma certeza de cura, ela não poderia esquecer sua fé. A fé naquilo que a ciência não explicava. A crença absoluta que um Cavaleiro da Aliança deveria carregar.

Isabel entregou simbolicamente suas angústias em mãos que eram capazes de guiá-la. A decisão final seria do Criador, aquele que conhece todas as criaturas, aquele que sabe a razão de

todos os acontecimentos.

Ela fez desse pensamento seu pilar, sua viga mestra.

## Capítulo LII

*Senti algo que nunca havia experimentado: a vontade de matar*

Eloise estava de pé quando abriu os olhos e isso lhe pareceu estranho. Nunca vira alguém acordar daquela maneira incomum, exceto alguém que fosse sonâmbulo, mas ela não era. Não que soubesse.

O sol brilhava intensamente, uma claridade tão marcante que ela demorou um pouco para ser capaz de enxergar.

Quando seus olhos ficaram menos turvos, percebeu que estava em uma planície. Uma vegetação rasteira e pontiaguda fazia cócegas na sola dos seus pés. Ao longe, ela observou um pequeno bosque com árvores que se erguiam sustentadas por caules esbeltos e altos que se verticalizavam praticamente nus, pois as copas, igualmente elegantes, surgiam apenas no topo dos troncos.

Um vento suave vinha daquela direção. Ela foi envolvida pelo frescor de um sopro que lhe tocava a pele com serenidade, perfumando-a com aroma de cipreste combinado com flores do campo. Ela encheu os pulmões daquele ar tranquilizador, foi tomada por uma sensação de paz e sorriu como se agradecesse o presente.

A oeste, havia um campo escondido, salpicado de flores delicadas, cujas formas lembravam estrelas. Oscilavam numa profusão de cores, curvando-se graciosamente ao ritmo da brisa. Ora para a direita, ora para a esquerda, desempenhando um balé próprio.

Ela olhou para trás, por sobre o ombro, na intenção de descobrir onde estava. Admirou-se com a imagem grandiosa de um monumento e virou-se para contemplá-lo. Era um castelo. A construção pousava no prado macio como se tivesse nascido ali, fruto de alguma semente fantástica e mágica.

Por longos minutos ela contemplou o conjunto de cinco torres que se erguiam harmonicamente, dispostas em meia-lua. A edificação, vestida de branco e adornada com janelas azul-celeste, tomava o espaço só para si, não havendo sinais de outra construção no entorno. Eloise pensou em quem poderia morar em um lugar tão perfeito.

Nesse mesmo instante, em uma das torres apareceram um menino e uma menina com pele de porcelana e cabelos pretos, que reluziam sob a leitosa luz do dia. Segundos depois, na torre ao lado, surgiu outro garoto, um rapazinho cor de ébano que acrescentava um colorido especial à imagem.

— Papai! Mamãe! — as crianças que estavam juntas gritaram de repente.

Eloise se assustou. Não havia notado ninguém se aproximar. Subitamente, ela se preocupou com suas vestimentas. Estaria usando pijamas? Afinal, pelo que constava, ela acordara havia pouco mais de alguns minutos. Então, ela notou que estava usando uma roupa branca de mangas compridas. Uma renda púrpura caía sobre o conjunto e o cabelo estava solto e bem penteado.

Duas pessoas, vindas do bosque, cavalgavam rumo ao castelo. Um homem alto, de cabelos escuros e porte altivo, acompanhado por uma mulher igualmente bonita e elegante. Ambos trotavam combinando perfeição e harmonia ao movimento do cavalo. Eles diminuíram a velocidade à medida que se aproximavam, até pararem a menos de um metro de Eloise.

Os cavaleiros, no entanto, não desmontaram, nem perguntaram quem ela era. Eles apenas cochichavam e riam, ignorando totalmente a presença de Eloise, que interpretou como grosseira a atitude.

Então, o homem retirou uma caixa pequenina de veludo de dentro do bolso da calça de montaria. Ele a entregou à mulher, que Eloise julgou ser a esposa em virtude da aliança no dedo esquerdo dos dois. A mulher sorriu ao abrir o presente: uma gargantilha dourada com um pingente delicado em forma de coração.

O homem retirou o colar da caixa, afastou os cabelos da esposa, colocando-os por sobre um ombro e prendeu a joia em seu pescoço. Em seguida, ele lhe acariciou a base da nuca e beijou com suavidade o ombro parcialmente exposto.

Eloise ficou totalmente desconcertada. Será que não a viram? Que deselegância!

Ela decidiu se apresentar antes de passar por outro constrangimento.

— Oi, desculpe...

Mas sua fala foi interrompida por uma verdadeira algazarra infantil. Ela olhou por cima do ombro. Eram as mesmas crianças que haviam alardeado a chegada do casal. Eloise imaginou que finalmente seria notada, mas os pequenos passaram ao seu lado e sequer a olharam. Simplesmente se jogaram para os pais, que os ergueram para dividir a sela da montaria. Os quatro rumaram para o palácio. Novamente ela foi ignorada.

*Qual é o problema dessa gente?* Eloise pensou. Embora não fosse bem-vinda, o mínimo que poderiam fazer era cumprimentá-la. Ou, talvez, perguntar o que ela estava fazendo ali. Naquele momento, no entanto, ocorreu-lhe que ela mesma não saberia responder por que estava naquele lugar. Eloise seguiu aquelas pessoas tomada por uma necessidade urgente de saber o que estava acontecendo.

Apertou o passo e adentrou a porta aberta, ainda que sem um convite.

— Com licença.

Eloise estava num salão de entrada amplo e iluminado pelos raios solares que entravam através de cinco grandes janelas. A família estava reunida, sentada em um imenso banco

estofado de veludo púrpura. Era o mesmo tom da renda que cobria o vestido de Eloise. Eles não a olharam quando ela falou. De novo, era como se Eloise não fosse nada. Isso a irritou.

— Ei! Será que poderiam, por favor...

Ela não continuou a falar porque a mãe das crianças a interrompeu.

— Arnon, meu querido. Não sabia que estava aqui.

O garoto, que estava no topo de uma longa escadaria, era muito parecido com o Arnon que Eloise conhecia, quase como se a criança fosse uma miniatura do adulto.

— Tia Laura — o menino respondeu, mas não desceu os degraus. Em vez disso, ele escorregou escada abaixo pelo corrimão.

Eloise pensou que ele fosse cair ou que a dona da casa, que tinha o mesmo nome da sua mãe — outra coincidência incrível! — chamaria atenção do garoto pelo feito. Mas não. Ela o abraçou e beijou-lhe a bochecha.

— Quando vou poder fazer isso? — o filho dela perguntou.

— Assim que tiver a idade dele — o pai respondeu.

— Eu também vou poder escorregar? — foi a vez de a pequena perguntar.

— Claro que sim.

— Eloise!

*Finalmente alguém notou minha presença!* A voz não era de ninguém que estava no salão.

Vinha de um pátio que ficava nos fundos daquele ambiente.

— Ah, você está aí.

Eloise quase pulou de alegria quando viu Dona Gê aparecer por entre as plantas decorativas da sala. Sinceramente, ela nunca pensou que ficaria tão feliz ao vê-la e sentiu uma ponta de culpa por isso. Ela foi ao encontro da criada, que se desviou do trajeto.

— Procurei você por todo o palácio — Gertrudes falou com a garota pequena.

Então, veio o choque. O golpe, duro como uma pedrada na cabeça. Laura, Arnon, Eloise... Não eram coincidências.

*Por que eu só reconheci dona Gertrudes?* Eloise olhou atentamente para o rosto da mulher e encontrou os traços da sua mãe. A diferença era que essa Laura não tinha a expressão melancólica da outra. Essa era feliz.

— Ah, senhor Pietro, por favor, convença a menina de que ela precisa tomar banho, cortar as unhas e enfeitar os cabelos. O jantar será em poucas horas. E eu ainda tenho que arrumar Pedro e Arnon.

— Estou bonita assim, diga a ela papai — a garotinha falou.

Eloise ouviu as últimas frases como se as palavras lhe causassem ferimentos. *O que está acontecendo? Onde eu estou?* O pânico a invadiu no momento em que considerou a hipótese que

lhe pareceu a mais correta: ela estava morta.

Um tremor súbito fez suas pernas cederem. Ela soltou um grito de pavor quando seus joelhos bateram no chão. Mais uma vez ninguém notou. Eloise tentou lembrar o que a teria matado. Vasculhou a mente diversas vezes e nada. Sem lembranças.

Ela abraçou os joelhos e recostou na parede, pensando estar enlouquecendo. *É isso. Morri e fiquei louca.* Eloise levantou o rosto para ver o pai. Pietro estava com a filha nos braços e ambos sorriam. *Eles me tiraram o meu pai. Roubaram a felicidade da minha mãe. Destruíram a minha família.*

Quando Eloise percebeu que estava diante do carinho, da felicidade e do amor que lhe foram tomados, o desespero a invadiu por completo. As lágrimas vieram descontroladas, castigando-a como fazem as ondas com os barcos em dias de tempestade.

Diante dela, a vida que era sua por direito.

De repente, ela sentiu uma raiva insana lhe tomar o corpo e a mente. Um ódio feroz ardeu em suas entranhas e Eloise sentiu algo que nunca havia experimentado: a vontade de matar. O desejo de vingança explodiu dentro de si, tendo a fúria como mola propulsora.

Então, seus olhos foram perdendo o foco. Lentamente sua visão ficou nublada, como se estivesse desmaiando. Eloise lutou contra a tontura, mas o torpor foi mais forte. Tudo ficou escuro e frio como uma noite de inverno.

### Capítulo LIII

— Ela ainda não acordou? — Isabel perguntou ao entrar no quarto.

Já haviam se passado quinze horas desde que o antídoto fora administrado. Os gritos que torturaram Isabel e Pedro pararam ao amanhecer. Foi quando o médico permitiu a entrada dos dois. Desde então, Eloise estivera como uma bela mulher adormecida. A respiração era um fio

estreito de ar que mal produzia movimentos no diafragma. O rosto, uma porcelana branca que se destacava da moldura escura do cabelo.

Pedro não respondeu à pergunta com palavras, apenas sinalizou em negativa.

— Ela vai se recuperar. Você ouviu o que o médico disse. As horas mais críticas já passaram. Agora, só precisamos esperar — Isabel afirmou em tom baixo, porém forte.

Já estavam perto do crepúsculo. De acordo com as instruções médicas, o despertar estaria próximo.

— Eu queria ter essa certeza. — Essas foram as poucas palavras que Pedro conseguiu esboçar.

No início daquela tarde, Tommy acordara, mas por vários minutos permanecera inerte, com os olhos fixos em algum ponto do teto branco, sem entender o que estava acontecendo. A mente confusa o manteve imobilizado pelo torpor de quem acorda de uma experiência de quase morte.

Depois de um quarto de hora em que Tommy variou entre a pré-consciência e a consciência, a memória foi sendo reativada. A festa, a dança, o sorriso de Eloise, a explosão, o ataque, os Fantasmas, a luta, o fogo, a fumaça. Eloise desfalecendo, o vestido branco coberto de sangue, a enfermaria e então, um ponto cego.

— Eloise — Tommy murmurou. — Eloise... — sua voz soou como um apelo.

Isabel se aproximou dele com urgência.

— O que aconteceu? Ela está viva? — Tommy ainda não havia tomado consciência de onde estava naquele momento.

— Calma, Elô vai ficar bem. — Isabel afagou-lhe o rosto com suavidade e o abraçou com ternura. — Graças ao Pai vocês estão vivos — ela desabafou enquanto indicava a cama ao lado.

— Como ela está?

— Dormindo da mesma maneira que você esteve até agora.

Isabel optou por uma versão menos dolorosa, porque a verdade era que não havia certezas sobre o estado de Eloise.

— Tommy, cara, muito obrigado — Pedro o abraçou. — Se não fosse por você...

— Se não fosse por mim, ela não estaria aqui. Se ela estivesse com Arnon, ele teria impedindo que fosse atingida.

— Eu não acredito, Tomás. Você acabou de acordar e já está falando bobagens — Isabel o repreendeu.

— Deve ser efeito colateral do sedativo — Pedro endossou.

— Efeito colateral? Sedativo? O que aconteceu comigo?

E Isabel e Pedro lhe explicaram o que havia ficado confuso em suas lembranças.

— Não me lembro de ter sido atingido — ele disse tocando a ranhura no braço.

— Mas foi só de raspão. Caso contrário, Arnon disse que não teria sobrevivido — Pedro

esclareceu.

— Então, foi ele quem me salvou. — A frase não saiu como uma interjeição de alegria. Foi uma constatação séria.

Era certo que Tommy já havia resolvido suas ressalvas com o cavaleiro, mas daí a ficar devendo a vida a ele era uma situação com a qual Tommy não gostaria de lidar.

— Já sabem o que aconteceu, quero dizer, descobriram por que os Fantasmas atacaram?

— Bom, eu tive uma conversa rápida com Arnon...

— Ele estava aqui? — Tommy interrompeu Isabel com a pergunta.

— Na verdade, não. Eu o encontrei na cozinha hoje cedo. Os invasores não vieram por terra. Vieram pelo mar. Parece que escalaram o rochedo...

Os Fantasmas sabiam a localização exata da entrada, camuflada pelo relevo acidentado das montanhas. A rainha havia planejado o ataque meticulosamente durante meses, tendo como alvo Rash e Onur. A motivação, contudo, não era a caça aos Cavaleiros da Aliança, como pareceu a princípio. A questão era política, territorial e racial. Assassinando os líderes dos anões, Elba desestruturaria as bases daquele povo. Dessa maneira, poderia iniciar a empreitada que, segundo o informante, era um dos grandes objetivos da rainha: exterminar a raça anã.

Não se sabia de que forma Elba havia descoberto o local exato onde ficava o portão, oculto no monte íngreme. Rash e Onur, entretanto deduziram que a rainha havia arrancado os dados do médico Semil. Isso, contudo não dava mais pistas acerca do que a monarca poderia ter obtido torturando o fiel amigo dos Amyr.

Enquanto conversavam, no final da tarde, Tommy ficou sabendo que Eloise não estava na praça quando o ataque começou.

— Se Eloise não estava na festa, por que afinal de contas voltou para lá? Arnon poderia tê-la deixado no abrigo.

— Você conhece a Elô — Isabel ponderou. — Ela não deve ter aceitado.

— Então, é para isso que serve um guardião? Para acatar ordens que coloquem a escolhida em risco!

— Você está sendo injusto no julgamento — Isabel replicou.

— Eloise tinha que ter ficado no abrigo, nem que fosse trancada. — Tommy avançou no discurso, ignorando o conselho.

— Você faria isso comigo?

Foi um som inesperado e surpreendente.

— Você seria capaz de me deixar presa contra a minha vontade?

Eloise perguntou novamente num tom que não combinava com a suavidade que era característica de sua voz. Pedro, Isabel e Tommy a encararam perplexos. Eloise despertou como alguém que acorda de um sono tranquilo e falou como se estivesse acompanhado a conversa havia algum tempo. Então, seus olhos se fecharam novamente e permaneceram cerrados por dois longos minutos. Depois, novamente, como se fosse a primeira vez, ela despertou.

— Oi... — Eloise pareceu mais cansada e menos alerta do que quando falara poucos minutos antes.

— Graças ao Criador você acordou — Pedro disse ao mesmo tempo em que abraçava a irmã.

Isabel também a abraçou, deixando escapar algumas lágrimas em silêncio.

— Oi, Elô. — Tommy estava sentado no leito.

Eloise o encarou surpresa, embora sua expressão também estivesse cansada e sonolenta.

— Ele está ótimo — Isabel se apressou em dizer. — Foi apenas um susto.

Naquele momento, o médico entrou seguido pela enfermeira. Tommy, que estava com os pés no ar, pronto para levantar do catre, recebeu uma ordem expressa como boas-vindas.

— Fique na cama — a enfermeira disse num tom severo.

— Boa tarde. — O chefe da equipe médica cumprimentou gentilmente em contraponto.

A especialista em enfermagem se colocou propositadamente entre os leitos de Tommy e de Eloise, sem que o rapaz pudesse ao menos ver a amada enquanto a anã fazia um exame clínico minucioso.

Ao mesmo tempo em que a enfermeira testava os reflexos de Tommy, checava o funcionamento dos órgãos vitais e lhe fazia uma lista de perguntas “padrão”, Eloise também era cercada pelos mesmos cuidados específicos.

Isabel e Pedro se afastaram, cedendo espaço para o trabalho dos profissionais.

O médico se apresentou de maneira simpática a Eloise e, com critério, começou o exame clínico. Onde a pele de Eloise estivera rasgada, agora havia apenas uma linha rósea. Said pressionou de leve a marca.

— Dói?

Eloise moveu a cabeça em negativa.

— Excelente! — o examinador disse animado, mostrando-se ele mesmo surpreendido com o resultado. — Agora só faltam alguns detalhes — ele disse cobrindo a cicatriz. — Pode me dizer o seu nome?

— Eloise — ela respondeu com voz suave, porém um pouco arrastada.

— O nome completo, por favor.

— Eloise Pontes... Belmonte. — Ela hesitou por um momento antes de terminar. Embora não

estivesse com problemas de memória, era a primeira vez que pronunciava em voz alta o sobrenome paterno incluído ao próprio nome.

— Muito bem... Sabe o nome dos seus pais?

— Laura e Pietro.

— Lembra qual é a sua idade?

— Dezessete. Quase dezoito — completou em seguida.

— Sabe onde mora?

— Em Tamísia.

— Você tem irmãos?

— Apenas um, Pedro.

— Muito bem — o médico falou. — Só mais algumas perguntas — acrescentou com olhar especulativo. — Sabe quem são essas pessoas que estão aqui? — ele apontou para os Fernandez.

— Sim. Tommy e Isabel, meus amigos. Também moram em Tamísia. São filhos de Beatriz e Diogo Fernandez — Eloise completou antecipando as questões, mas as frases continuavam sendo pronunciadas lentamente.

— Ótimo. Como se sente agora?

— Ainda estou um pouco confusa. E minha cabeça está dolorida.

— Dolorida...? — Said repetiu a afirmação como um incentivo à descrição mais apurada do sintoma.

— É difícil explicar.

— Tente, minha querida. É importante — o anão disse com a tolerância de um bom investigador.

Eloise ficou quieta por alguns segundos tentando encontrar as palavras certas para descrever a sensação desagradável que sentia.

— É quase como se... meu cérebro tivesse sido golpeado várias vezes. Ela achou ruim a própria descrição. Chegou a sorrir sem graça ao fazê-la.

— Humm... — O médico, no entanto, ficou um pouco perturbado, mas não deixou transparecer sua reação. — Eloise, você dormiu por umas dezoito horas — ele afirmou com ar de mistério. — Você tem alguma lembrança desse período de, digamos, sono?

— Eu deveria me lembrar de algo? — ela devolveu com uma pergunta quase aflita.

— Eu não quis dizer isso, minha jovem, mas talvez tenha tido um sonho que tenha alterado seu estado emocional o suficiente para causar esse sintoma.

Eloise procurou em sua memória alguma lembrança daquelas horas, mas não havia nada. Nenhum vestígio. Nem mesmo o que dissera na primeira vez em que abriu os olhos ela recordou.

— A última cena que tenho na mente é de quando estávamos na praça. A fumaça... uma dor aguda aqui... — Eloise levou a mão ao ferimento acariciando de leve a linha tênue da cicatriz. —

Senti o Tommy me carregando. — Eloise tentou olhar para o namorado, mas a enfermeira ainda estava entre os dois. — A dor foi se tornando mais intensa, como se tivesse ácido sobre a minha pele. Depois disso não me recorde de mais nada.

— Entendo...

— Doutor, o que aconteceu exatamente comigo? Quero dizer, eu sei que fui atingida por alguma arma, mas quais foram os efeitos disso em mim?

Eloise estava angustiada em dar tantas respostas enquanto ela mesma não ouvira do médico a explicação que gostaria de ter escutado antes mesmo de se iniciar o interrogatório.

— Bom, a arma que atingiu você foi uma estrela da morte e estava contaminada com um tipo de veneno raro. Mas, graças a Pedro, Isabel e Arnon pudemos preparar o antídoto a tempo.

— Só isso?

— Quer mais?! Você quase morreu, minha jovem!

Se a afirmação fora feita com o objetivo de desconcertar Eloise, o médico atingiu o objetivo. Que tipo de veneno a havia atingido e quais os efeitos dele no corpo humano, foram duas perguntas importantes que Eloise não fez.

O que passou despercebido pela paciente, no entanto, não ficou oculto para Isabel, que desconfiou da evasiva do médico. Por um momento ela pensou em levantar as questões, porém, no instante seguinte, notando o cansaço da amiga, preferiu guardar a especulação para si mesma.

— Bom, você ficará em observação por hoje. E amanhã, provavelmente, lhe darei alta.

O médico encerrou a consulta de Eloise e dirigiu-se ao leito de Tommy. A enfermeira mostrou ao chefe algumas anotações e os dois trocaram palavras murmuradas no dialeto anão.

— Tomás — o médico disse por fim —, sua saúde está melhor do que a nossa.

Às afirmativas seguiram-se risos inevitáveis.

— Ah, Eloise — o anão acrescentou dirigindo-se à porta — fique deitada. Descanse por hoje. Se sentir sonolência, não se preocupe, é normal. Acredito que só amanhã estará completamente desperta. Quanto a vocês — ele olhou para o restante do grupo — só quero um acompanhante de cada vez.

Mas, antes de sair, o médico, discretamente, com um aceno de cabeça, sinalizou indicando que Pedro o acompanhasse. Um gesto notado somente por Isabel.

— Venha comigo, rapaz — o anão disse na segurança do corredor quando Pedro o alcançou. — Precisamos falar sobre o estado de saúde da sua irmã.

Eram declarações semelhantes àquela que antecederiam uma notícia ruim. Isabel os seguiu à distância e viu quando entraram no escritório dos Amyr.

Tommy sentou-se na cadeira ao lado da cama de Eloise. Deslizou a mão sob o lençol e encontrou os dedos dela. Agarrou-os, esperando que a enfermeira terminasse logo suas atividades e desaparecesse dali.

— Você está bem? — ele perguntou num murmúrio baixo.

— Sim — ela respondeu num meio sorriso. A expressão contrastava com as palavras.

— Tem certeza?

— Absoluta. — Foi mais convincente na segunda resposta.

A anã, que estava manipulando um medicamento, guardou o material de trabalho e se voltou para o leito. Tommy soltou a mão de Eloise e voltou à postura de simples acompanhante.

— Beba isso. — A enfermeira entregou à paciente um líquido de cor amarelo-ouro.

Eloise segurou o copo, mas antes de tomar perguntou:

— O que é?

— Vai aliviar a dor de cabeça. — O tom seco da enfermeira reprimiu novas dúvidas.

Eloise fez o que ela pediu. O preparado tinha um gosto bom, adocicado e o cheiro tinha notas de laranja. A enfermeira saiu do quarto dizendo que pediria a Gertrudes para trazer um lanche e recomendou que os dois comessem.

Dona Gê apareceu na enfermaria com um desjejum simples para os padrões da cozinha do palácio: chá, mel, biscoito de aveia, damasco, uvas secas e pão de centeio. E, para desespero de Tommy, que ansiava por ficar sozinho com Eloise, ela não saiu do quarto sem fazer uma exaustiva preleção dos últimos acontecimentos. A capacidade de Gertrudes de falar rápido e sem pausa era inesgotável e suas palavras saíam, impossíveis de serem detidas, tal qual a uma carruagem desgovernada ladeira abaixo. E como de hábito, ela falou demais.

— O quê...?! Você quase morreu?

Eloise ficou chocada ao saber, com detalhes desnecessários, do ferimento de Tommy. Embora deduzisse que ele havia sofrido algum tipo de lesão, não imaginava que fosse algo tão sério.

— Fui atingido de raspão — ele balançou os ombros. Não foi nada — acrescentou, mecanicamente correndo os dedos sobre o ferimento curado.

— Um *nada* que fez você parar de respirar — Eloise o repreendeu.

— Elô, o que importa é que estou bem. Você mesma ouviu o médico falando. — Tommy queria evitar os detalhes.

Mas Gertrudes mais uma vez emendou um falatório extenso e deslocado.

— Se não fosse Arnon, esse rapaz não estaria aqui. O médico e a enfermeira estavam ocupados com você. Ele agiu depressa e aplicou o antídoto certo. Muito inteligente o sobrinho de Eduardo. E que pessoa maravilhosa. Tão gentil, educado, prestativo... E, além de tudo, bonito.

Você não acha, menina? Vocês fariam um casal lindo... Ah, já ia me esquecendo, a enfermeira deixou o colar que Arnon deu a você comigo, tome.

Gertrudes colocou a joia na palma da mão de Eloise, que sentiu uma estranha sensação ao ver o pingente cravejado de diamantes negros e de repente sentiu sua dor de cabeça aumentar.

— Arnon não me presenteou com o colar, ele apenas me devolveu. A joia era da minha mãe, na verdade.

Tommy se aproximou de Eloise em silêncio. Pouco importava se o cavaleiro tinha ou não dado um presente a ela. O que importava era que ela estava viva. Ele se encurvou sobre o leito para acariciar o rosto de Eloise. Sua pele estava fria como a neve. E naquele instante ele percebeu o quanto era insuportável a possibilidade de perdê-la.

— O que foi? — ela perguntou, acariciando com suavidade as linhas vincadas na testa dele.

— Nunca mais vou deixá-la arriscar a vida novamente — ele murmurou deixando os dedos deslizarem sobre seu rosto, embora soubesse que a afirmativa era mais um alerta para si mesmo do que para ela.

Tommy estava decidido a não deixá-la. Ele seria seu escudo, sua armadura e sua espada. Quem quisesse feri-la teria que matá-lo primeiro, porque estar num mundo em que Eloise não vivesse significava o mesmo que morrer.

— E o que vai fazer para me proibir? — ela o surpreendeu com a pergunta.

— Cheguei a cogitar a possibilidade de prendê-la a ferros. O que acha? — ele sussurrou num tom de brincadeira, embora a possibilidade não lhe parecesse impossível.

— Acho que posso arrumar meios de escapar — ela sorriu.

E o peito se aqueceu como se o próprio sol estivesse brilhando só para ele.

— Seu bobo! — ela acrescentou de maneira doce.

Ele contornou o desenho da maçã do seu rosto e seguiu descendo pelo queixo, terminando o trajeto nos lábios ainda pálidos.

— Eu amo você mais do que a mim mesmo. Você é a minha vida.

Eloise lhe passou a mão nos cabelos, penteando-os para trás. Depois deixou as mãos na sua nuca e o puxou para junto dela. Ela o beijou. Os lábios estavam da mesma forma que Tommy se lembrava: macios, ternos e aconchegantes. Tommy se sentiu inteiro. Ela o completava de todas as maneiras possíveis: amor, amizade, respeito, carinho, esperança.

Ela despertava o melhor que havia nele.

Quando abriram os olhos, Eloise acarinhou-lhe o rosto e Tommy se sentiu como que envolvido por um cobertor macio em dias de inverno.

— Eu também amo você — ela disse.

— E agora, como ficamos?

— Contamos aos outros quando chegarmos a Dravos para o torneio — ela respondeu.

## Capítulo LIV

— Sente-se — o médico sugeriu a Pedro quando os dois entraram no escritório.

— Qual o problema com Eloise?

— Chá? — o médico ofereceu.

A atitude fez Pedro lembrar a primeira vez que pisara naquele cômodo. Rash agira de maneira semelhante. Serviu-se de chá de hortelã e se sentou antes de iniciar a conversa.

— O veneno que atingiu sua irmã é raro. E também um dos mais fortes e cruéis de que temos conhecimento. Eu faço parte de um grupo de médicos pesquisadores que trabalham para encontrar antídotos que neutralizem as drogas manipuladas por Elba. Semil era o coordenador do laboratório que fica aqui mesmo nas proximidades do palácio. Quando ele desapareceu, estava desenvolvendo um antídoto que combatesse exatamente esse veneno. Desde então, eu e Beatriz Fernandez assumimos as pesquisas, mas o fato é que ainda estávamos estacionados na fase experimental.

Pedro se empertigou na poltrona e as linhas de expressão em seu rosto começaram a vincar.

— Eloise foi o primeiro ser humano a receber o antídoto. E fizemos isso em uma medida desesperada, para impedir que ela morresse — o médico explicou em seguida.

— O que o senhor está tentando me dizer exatamente? O remédio experimental deixará algum tipo de seqüela ou coisa parecida?

— Pedro, a complexidade dos efeitos do veneno é inimaginável. Quando ele não mata, provoca danos mentais irreparáveis. Se não agissemos e ela sobrevivesse, perderia o total contato com a realidade. Foi por isso que eu fiz aquela série de perguntas à sua irmã. Para saber se ela tinha voltado ao seu estado normal.

— Ela voltou, não? Quer dizer, ela respondeu a todas as perguntas. — A voz de Pedro era uma súplica por uma resposta positiva.

— Respondeu. Isso, no entanto, não significa que tenha se livrado do problema causado pelo efeito de todas as toxinas presentes no veneno.

— Como assim?

— São quatro as substâncias nocivas que compõem o substrato injetado em Eloise. Uma delas, a pior, é chamada por nós de *droga da loucura*. Em doses baixas provoca danos que podem ser revertidos, mas quando associada aos outros três componentes da fórmula, o dano é irremediável. Até onde sabemos com o resultado das pesquisas, o antídoto consegue neutralizar esse trio que potencializa o efeito da *droga da loucura*. O que não temos certeza ainda é se o soro é capaz de impedir plenamente as ações dessa toxina.

— Quanto tempo para ter essa certeza?

— Um ano.

Pedro sentiu um solavanco como se um bastão golpeasse sua nuca. Não sabia o que pensar. Ficou perdido, por vários minutos, calado, enquanto tentava absorver o impacto da pancada nas costas.

— O que pode acontecer com Eloise se ela não tiver sido totalmente curada? — ele conseguiu, enfim, perguntar.

— O que eu direi pode ser confuso para um leigo — o médico começou. — Portanto, fique à vontade para interromper no momento em que tiver dúvidas.

Pedro aquiesceu.

O que veio a seguir foi uma explicação complicada e difícil sobre o universo da ciência e da mente humana. Enquanto escutava, Pedro sentiu-se sugado por um buraco fundo e escuro como se estivesse num terreno arenoso e movediço.

— A substância de que falei é denominada de *droga da loucura* porque age diretamente no cérebro da vítima. Os gritos que você ouviu foram resultado da ação da toxina, mas não representavam uma dor física e sim um sofrimento psíquico. O tóxico provoca alucinações traumáticas extremamente reais e intensas, de modo que a pessoa que está sob o efeito do veneno acredita que a experiência está realmente acontecendo. É como se fosse um sonho. A alucinação é tão cruel e dolorosa que a pessoa não consegue suportar o impacto sozinha. No momento em que está vivendo esse delírio, a mente pode se dissociar para se proteger. Essa dissociação é uma espécie de estado auxiliar, criado para defesa. Ou seja, sua psiquê, lançando mão de um recurso para se defender de um colapso mental, se partiu.

— Isso é ruim?

— Sim e não. Se o antídoto não tivesse sido administrado, Eloise não seria capaz de se preservar. Morreria. Ou entraria em colapso. Em outras palavras, nunca mais retornaria à realidade. Viveria basicamente como um vegetal.

— Mas ela foi medicada...

— Sim, e por esse motivo acordou em plena consciência.

O médico fez uma pausa em que Pedro notou que a pior parte ainda estava por se dita.

— Quando o organismo utiliza esse tipo de mecanismo de defesa, ele sobrevive, mas pode haver, digamos, um efeito colateral.

— Efeito colateral?

— Algo que deverá ser combatido naturalmente se o antídoto for totalmente eficaz.

— Mas, e se o medicamento não fizer efeito completo?

— Como eu já disse, para sobreviver, a mente de Eloise se dividiu criando uma espécie de

estado auxiliar ou um modo de segurança.

— Seja mais específico, por favor, doutor — Pedro pediu num tom pausado de quem está fazendo um esforço tremendo para entender o que está sendo dito.

— Esse estado auxiliar significa outra personalidade. Outra Eloise capaz de resistir ao trauma tóxico provocado pelo veneno.

— Isso é possível?

— Infelizmente sim. Mas estamos falando de uma situação hipotética. Não estou afirmando que a outra personalidade vai se manifestar.

— O quê? Manifestar...? Como assim...? — Pedro começava a sentir uma pontada aguda no peito como se estivesse sendo lentamente perfurado por uma agulha.

— Dentro da cabeça de Eloise podem existir duas personalidades, como se existissem duas pessoas distintas em um só corpo.

— Como funciona isso? Há uma voz dentro da cabeça dela falando coisas?

— Não. Quando uma está consciente, a outra está adormecida. E vice-versa. Elas não se encontram. Mais uma vez devo lembrá-lo que estamos conversando a respeito de uma possibilidade, não uma certeza. A boa notícia é que a pessoa acordada naquele leito é a Eloise que vocês conhecem.

— E a má notícia? — Pedro sabia muito bem que um anúncio de boa notícia vinha invariavelmente seguido de uma novidade desagradável.

— Bom... Você já sabe, temos que aguardar um período de doze meses para ter certeza da eficácia do antídoto. Se nesse intervalo de tempo a segunda personalidade for suprimida, não haverá mais riscos.

— Então, se a outra Eloise não se manifestar nesse espaço de tempo, a verdadeira estará curada? — Pedro repetiu a explicação para ter certeza de que havia compreendido.

— Sim.

— E se o pior acontecer? Se a segunda personalidade se manifestar, o senhor pode curá-la?

— Ainda não. Mas encontraremos um meio.

Pedro ficou arrasado e desnordeado. O bastão que o acertara nas costas no início da conversa agora fizera o trabalho completo. Surrou cada músculo do seu corpo, deixando-o com uma sensação de esgotamento combinada com impotência.

— Devo adverti-lo, no entanto —, o anão continuou o massacre — de que sua irmã não pode ter conhecimento desses fatos. Aja com naturalidade. Sigam a rotina de vocês. É fundamental que nada mude. Quanto mais forte a Eloise verdadeira estiver, menos chance haverá para a manifestação da impostora.

— Por que o senhor se referiu à outra dessa maneira desdenhosa? — Pedro notou o tom de desprezo disfarçado na voz do médico.

— Se a segunda personalidade realmente existir, e entenda Pedro que estamos trabalhando com hipóteses, ela vai querer se libertar. Vai querer o controle. Não aceitará ser subordinada. E lutará para vencer.

— O senhor tem ideia de como seria a falsa Eloise?

— Parecida com a verdadeira. A memória seria a mesma, por exemplo. A diferença basicamente estaria nos gostos, modo de agir, conduta moral. Não existe uma regra.

— A outra poderia ser uma pessoa ruim? — Pedro perguntou, embora temesse ouvir a resposta.

— Talvez. Como falei, não há um padrão definido.

— O senhor mencionou um ano de observação...

— Sim, observação cautelosa. Sem alardes.

— O que vai acontecer nesse período. Quer dizer, vamos ficar aqui?

— De maneira alguma! Tudo seguirá da forma mais natural possível. Pelo que sei, participarão do Torneio de Bravura nos próximos dias, certo?

— É, mas...

— Por enquanto não há nada de errado com sua irmã. Aparentemente está ótima. E se tudo correr bem, continuará assim. Não se preocupe. Acompanharemos o caso dela de perto.

— Como farão isso, se partirmos em dois dias?

— Beatriz será encarregada de monitorar a saúde de Eloise.

— Mas no próximo ano estaremos na Academia — Pedro estava apavorado com a revelação.

— Fique tranquilo. Arnon cuidará dela.

Pedro deixou o escritório sem conseguir reunir forças suficientes para encarar a irmã. Esgotado emocionalmente foi para o quarto, tomou um banho, desabou na cama e apagou por doze horas.

## Capítulo LV

A enfermaria não foi o primeiro destino de Pedro na manhã do dia seguinte. Ainda atordoado com a possibilidade de Eloise estar ou ficar doente — ele não sabia se esse era o termo correto, mas decidiu usá-lo na falta de uma descrição mais específica — foi procurar por Rash.

Encontrou o anão no jardim de inverno do palácio. Pensativo, ele estava acomodado em um divã de estofado verde-musgo.

— Olá, Pedro. — Ele sorriu com expressão serena. — Já tomou o seu café da manhã?

— Ainda não.

— A refeição matinal é a mais importante do dia. Não é bom ficar sem ela.

Pedro não estava inclinado a ouvir instruções nutricionais, por isso ignorou a recomendação e foi direto ao assunto que o levava ali.

— Estou preocupado com Eloise. Não acho que seja uma boa ideia que ela vá para o torneio.

— Por quê? — O anão fez uma pausa que levou o tempo de uma respiração profunda. Depois fez nova pergunta. — O médico a proibiu?

— Não, mas...

— Sente-se. — Rash interrompeu-lhe a fala com o oferecimento.

Pedro tomou lugar no estofado macio, mas não se sentiu acomodado.

— Sua irmã está ótima. — A afirmação destoava brutalmente do quadro clínico descrito pelo médico.

— Eloise não está bem — Pedro discordou com veemência.

— Não foi o que me pareceu. Faz apenas alguns minutos que a deixei com Isabel e ela demonstrou estar bem disposta.

— De que maneira Eloise pode estar bem se a qualquer momento há o risco de ficar doente? — Pedro insistiu.

— Se algum problema tiver que se manifestar, não há maneiras de impedir, estando ela no torneio ou na Academia, não importa.

— Mas, se ela estiver aqui, vai estar mais segura.

— Sabe, Pedro — Rash contemplava as plantas do jardim enquanto dialogava —, quanto mais tememos uma coisa, mais ela se torna real. Quando nossas ações são guiadas pelo temor de um acontecimento, em vez de evitá-lo, acabamos por atraí-lo. O que diria a Eloise para mantê-la no Gândara?

— Não sei. Poderíamos encontrar uma justificativa convincente.

— E acredita que sua irmã acharia natural que você, Tommy e Isabel partissem e ela

ficasse? — O tom de Rash era brando e paciente.

— Para dizer a verdade, não sei o que pensar disso tudo. — Pedro confessou-se perdido. — Eu só queria poder fazer alguma coisa para ajudá-la. Queria ser capaz de impedir que qualquer mal acontecesse a ela.

— Não podemos combater algo que nem sequer sabemos se existe ou não. No momento, nossa melhor escolha é esperar — Rash assegurou com o respaldo de mais de um século de vida. Em seguida fez uma pergunta inusitada: — você já esteve no deserto, Pedro?

— Não — o jovem respondeu, sem entender o sentido do questionamento.

— Imagine que estivesse agora em Raphia, em pleno deserto, e visse uma tempestade de areia se formando a uma distância média. O que você faria?

— Fugiria dela.

A resposta pareceu um pouco óbvia para um rapaz ainda inexperiente. Rash sorriu de canto como se soubesse que ele diria aquilo.

— Ninguém foge de um temporal de areia. Se fugir, será engolido por ele. Se enfrentar, morrerá antes que possa entender o erro que cometeu. Mas se você compreender que o poder de uma tormenta é infinitamente maior que sua força física, verá uma terceira alternativa. E é essa que vai salvar a sua vida. Quando estamos frente a uma tempestade no deserto, nós simplesmente nos abrigamos. Deitamos e deixamos a tormenta passar. Depois nos levantamos e arrumamos o estrago. Então, Pedro, façamos como no deserto. Sejamos cautelosos diante do que possa acontecer com a saúde de Eloise. Não sabemos se haverá danos. Mas, se houver, conseguiremos meios de revertê-los.

Pedro ficou calado. Rash estava certo, como sempre.

Aquele dia e o seguinte giraram em torno da recuperação de Eloise. O médico fora hospedado no palácio especialmente para acompanhar as setenta e duas horas que antecederam a partida para Dravos. Exames detalhados, escondidos sob o véu de conversas informais, foram feitos numa frequência superior ao que se pode considerar rotineiro.

Eloise já começava a pensar que o anão era a cópia masculina de dona Gertrudes, com a diferença de que, em vez de falar continuamente, ele fazia perguntas. E a paciente não conseguia escapar daquela verdadeira invasão de privacidade, porque estranhamente o próprio irmão incentivava os diálogos.

A cada nova sessão de conversa, Eloise dava provas materiais de que continuava a mesma. Vinte e quatro horas depois a contar do momento em que a irmã de Pedro acordara, os temas dos debates foram se diversificando e Rash passou a compor o grupo. O objetivo era testá-la diante de assuntos delicados.

Começaram pela política, o que os levou a um passeio difícil por questões que envolviam principalmente campos de refugiados e intolerância étnica. Temas sobre os quais Eloise tinha posicionamento definido. Passaram pelo Torneio de Bravura, que aconteceria em breve, e pela Academia. As conversas, aparentemente despreziosas, duravam mais de horas e eram interrompidas apenas nos horários das refeições.

Durante todo o período de teste, Eloise não demonstrou nada além de um senso de justiça apurado. Não havia marcas de raiva, mas sinais de tristeza diante do sofrimento de tantas pessoas inocentes. Não foram vistas sombras de ódio no olhar, mas uma vontade sincera de se comprometer na mudança da realidade hostil daquelas pessoas.

Os assuntos mais delicados, porém, ficaram para as últimas horas de recuperação.

Eloise quis saber sobre o ataque dos Fantasmas e Rash lhe contou a verdade. Não havia razão para esconder o motivo da invasão.

A jovem escolhida também perguntou sobre sua mãe. *Laura continua em Zaah, sob a proteção de Fernanda. Depois do torneio, Arnon os levará até ela*, Rash explicou.

A Arca da Aliança também foi motivo de debates. E dessa conversa participaram Pedro, Eloise, Tommy, Isabel, Arnon e Onur. Foi uma reunião de horas, que aconteceu na última noite dos jovens naquela terra que os acolhera de maneira tão generosa.

Rash e Onur disseram a eles que, para encontrar a Arca, seria necessário reunir as doze partes do mapa original feito pelos primeiros cavaleiros. Uma empreitada longa que seria realizada nos períodos de dispensa da Academia. Nos próximos anos, a Ordem se dividiria para se infiltrar na política a fim de conseguir aliados contra o rei. Apresentar os herdeiros do trono não era uma garantia de que a sucessão legítima seria mantida. Edgar não entregaria o poder facilmente.

Se haveria um conflito ou não, ainda era uma incógnita. Tudo dependeria da habilidade diplomática de Eduardo, que ainda contava algum prestígio com algumas lideranças, e de outros homens importantes e influentes, cujo caráter não era compatível com a forma ditatorial com que Edgar vinha conduzindo o Reino Unido.

Com os veteranos envolvidos diretamente no estratagema político, Tommy, Isabel, Eloise, Pedro e Arnon ficariam encarregados de viajar aos Reinos distantes em busca das nove peças que faltavam para remontar a relíquia que dava a localização da Arca da Aliança.

Além disso, Rash ressaltou a importância de Pedro e Eloise continuariam incógnitos sob a égide de mestiços. O momento de revelar à Petra quem eram chegaria, mas não nos próximos anos. Primeiro, eles precisavam se tornar legalmente cavaleiros.

## Capítulo LVI

Na noite que antecedeu a partida da Terra dos Anões, Eloise teve alta médica. Rash e o doutor Said estavam confiantes de que a saúde dela estava perfeita, mas Pedro estava com medo. Medo do que poderia acontecer à sua irmã nos próximos doze meses. Seu estômago se contorcia, feito uma minhoca que cava a terra, e ele passou dois dias com ânsias de vômito.

Por sorte, Isabel estivera ocupada, ora cercando Tommy de cuidados, ora na enfermaria fazendo companhia à Eloise. Por isso, e só por isso, ela não prestou atenção nele o suficiente para notar seu mal-estar físico e seu desgaste emocional.

O óleo do último candeeiro aceso no quarto de Pedro já estava no fim. Era madrugada e ele ainda não havia conseguido pregar os olhos. De novo. No meio da penumbra, o véu que recobria a janela tremulava, comandado pela brisa oceânica. E sua cabeça balançava ao mesmo ritmo. Como o pêndulo de um relógio, ela fazia um tique-taque ensurdecedor.

*O que eu estou fazendo? Uma contagem regressiva para o ano seguinte?* Pedro levantou da cama tentando se livrar daquela tortura. Abriu as cortinas da janela e se recostou no parapeito. A lua cintilava como uma imensa bola branca, iluminando o oceano de águas enegrecidas pela noite. Ao norte, a grande estrela Dara exibia seu esplendor para guiar os navegantes perdidos. Foi dali, da janela do quarto que um dia fora do seu pai, que Pedro pediu ao Criador que lhe desse a sabedoria necessária para lidar com os dias difíceis que, ele sabia, estavam por vir.

Pedro olhou para a mesa, que ficava ao lado da cabeceira da enorme cama. Sobre o móvel havia um bilhete pequeno.

Na manhã daquele dia, um casal de pombos-correio havia chegado à península. O primeiro trazia duas mensagens, uma endereçada a ele e outra a Eloise. O segundo, que chegara com a diferença de algumas horas do anterior, trouxe também duas cartas, de Beatriz e Diogo para Isabel e Tommy.

Pedro abriu o papel que havia lido e relido diversas vezes.

*Pedro, meu filho querido,*

*Perdoe-me por ocultar-lhe a verdade durante tantos anos.*

*Perdoe-me por ter saído de casa sem lhe dizer adeus.*

*Perdoe-me por um dia ter apagado suas lembranças.*

*Agora que Rash lhe contou toda a verdade, existem algumas coisas que eu gostaria de dizer.*

*No dia em que contei a Pietro que estava grávida, ele me disse que, se tivéssemos um menino, gostaria que se chamasse Pedro. Pois bem, dei a você o nome escolhido por seu pai. Todos os dias, quando eu o observava, meu filho, eu via Pietro. O mesmo cabelo. Os mesmos olhos. O mesmo sorriso. A mesma garra. O mesmo caráter.. Estou orgulhosa de você, Pedro. Estou orgulhosa de você ter seguido o caminho que Pietro gostaria que tivesse tomado.*

*Gostaria de estar aí, nesse momento, para nos abraçarmos. Gostaria de arrumar a sua mala para o torneio. Gostaria de beijar seu rosto, pentear seus cabelos rebeldes. E de dizer, pessoalmente, o quanto eu o amo. Embora meu coração esteja temeroso sobre o seu futuro. Embora as lágrimas estejam me atrapalhando a escrever, eu abençoo a sua escolha.*

*Eu só peço que tenha cuidado. Aja com cautela. Fique próximo a Arnon. E escute, sempre, os conselhos de Rash e Onur.*

*Saudades,*

*Sua mãe Laura Belmonte.*

— Quando irão voltar? — Dona Gê perguntou em lágrimas.

A hora da despedida se aproximava, afinal. Pedro, Eloise, Tommy e Isabel estavam no pátio do palácio. Quatro enormes bolsas de viagem estavam pousadas no chão de arabescos ao lado deles. Claro que a bagagem não era a mesma que haviam levado para aquela terra.

Gertrudes se encarregara pessoalmente de selecionar novas roupas para os jovens. Nada extravagante, mas também nada tão velho e desgastado quanto o que costumavam vestir em Tamísia.

Alvorada, Filha do Vento, Geada e Valente aguardavam na superfície, ansiosos por seus cavaleiros, preparados para servi-los.

Pouco menos de quatro semanas se passaram desde o dia em que Eloise, Tommy, Pedro e Isabel pisaram na desconhecida Terra dos Anões. Chegaram buscando uma verdade. Saíam levando uma missão. Ali, naquela cidade, em alguns dias, eles amadureceram décadas.

Não eram mais jovens impetuosos e ingênuos em busca de desvendar um segredo, mas homens e mulheres comprometidos com um ideal que transcendia aspirações pessoais ou vaidades.

Os escolhidos traçaram seus destinos: derrotar Elba e restaurar a justiça.

Os defensores igualmente decidiram seu caminho: proteger a Arca e defender a Ordem da

Aliança.

Com eles estaria Arnon, o guardião, que há muito já havia selado sua escolha: proteger os escolhidos.

## Epilogo

A estalagem onde se hospedaram ficava na parte baixa da cidade de Dravos. O estabelecimento escondia-se por entre construções tão velhas e gastas pelo tempo quanto a hospedaria. Encimando uma porta de madeira carcomida pela umidade, uma placa de latão onde se lia: Pedregulho. Não havia luxo, apenas o mínimo de conforto. O salão que recebia os hóspedes era o mesmo que abrigava os clientes da pequena taberna que funcionava no mesmo local. Quatro mesas quadradas ocupavam o ambiente de chegada. Ao fundo, uma escada levava ao segundo andar, onde ficavam os oito quartos que recebiam as pessoas que pernoitavam ali.

No andar superior, em um hall de proporções mínimas, um sofá velho, de três lugares, e cinco bancos, redondos, ficava em frente a uma lareira. No chão um tapete gasto, porém limpo. Todas as portas dos dormitórios davam para a saleta que, embora denunciasse a pobreza do ambiente, era aconchegante.

Dravos era uma cidade de temperaturas baixas no inverno. E como estivessem no meio do outono, o frio já se anunciava.

O lugar havia sido criteriosamente escolhido por Eduardo. Ele conhecia o dono da estalagem e tinha certeza de que o proprietário seria discreto quanto ao fato de Arnon, um cavaleiro, estar acompanhando quatro jovens mestiços que viriam de Gazara para o torneio.

Não havia outros hóspedes, pois o próprio Eduardo pagara antecipadamente as reservas de todos os quartos, para o período integral da competição.

O guardião estava acomodado no sofá velho, concentrado no crepitar suave da madeira que alimentava o fogo. Vigilante, sempre. Pedro, Eloise, Tommy e Isabel estavam dormindo havia algum tempo.

No dia seguinte começaria a maior de todas as competições do Reino Unido de Petra: o Torneio de Bravura! E aquele seria, de fato, o maior de todos os eventos. O grande soberano de Petra estava ali, em Dravos, para prestigiar a famosa seleção para a Academia de Cavaleiros. E isso não era tudo. O rei Edgar, quebrando todos os protocolos da escola militar, ofereceria um baile em homenagem aos campeões do magnífico torneio.

Por que o monarca faria isso? Era o que todos se perguntavam, principalmente, Arnon...